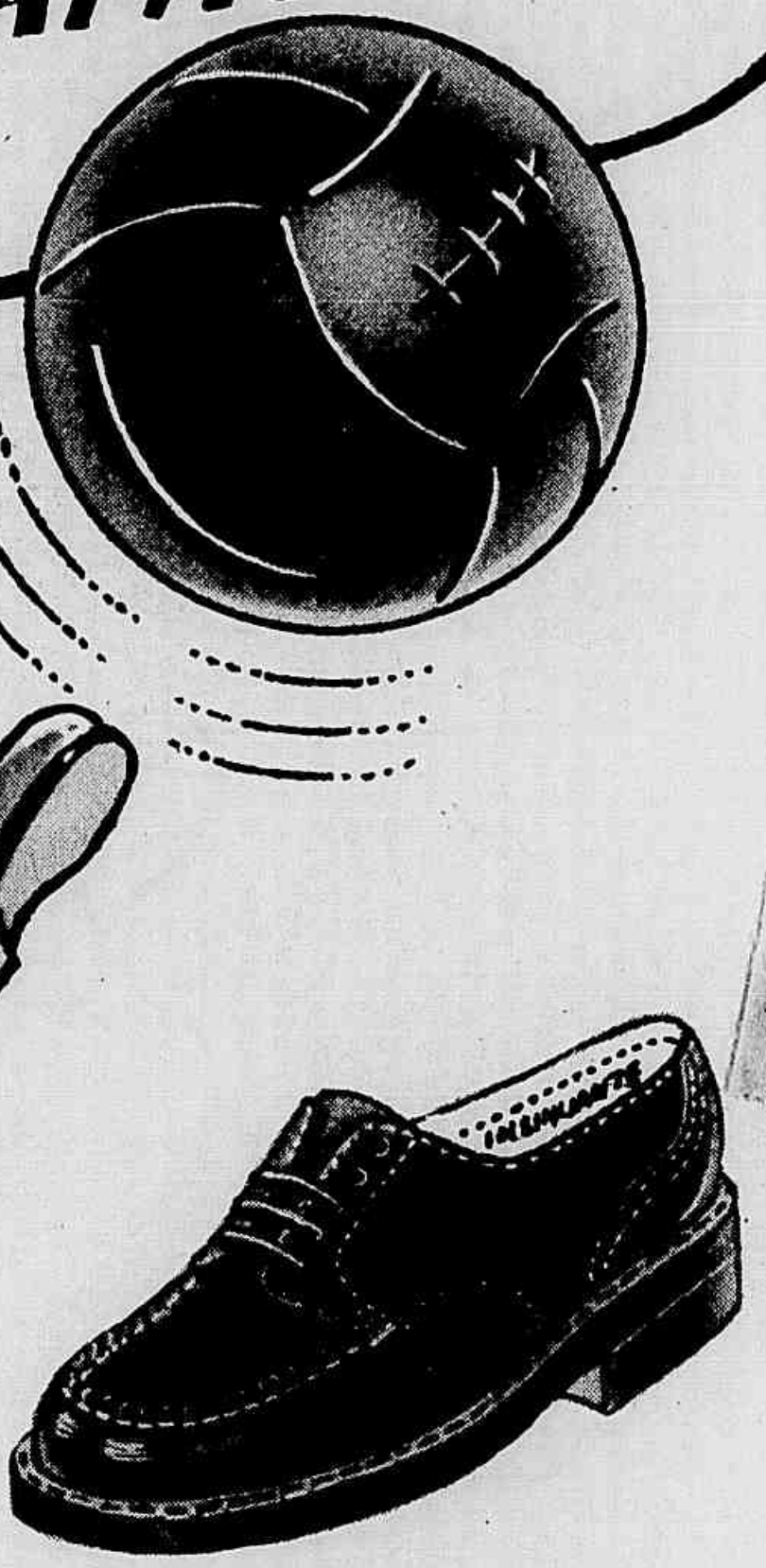
1955

AGOSTO - N.459

EU SEI TUDO

Bom chute, só com um bom SAPATO



e Bons SAPATOS só os da

lee

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG/.

CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO do ESPORTE ilustrado

1955 1955

TUDO SÔBRE O FUTEBOL CARIOCA
(CARLOS ARÊAS)

TODOS OS ESPORTES AMADORISTAS

TUDO SÔBRE O FUTEBOL PAULISTA
(OLIMPICUS)

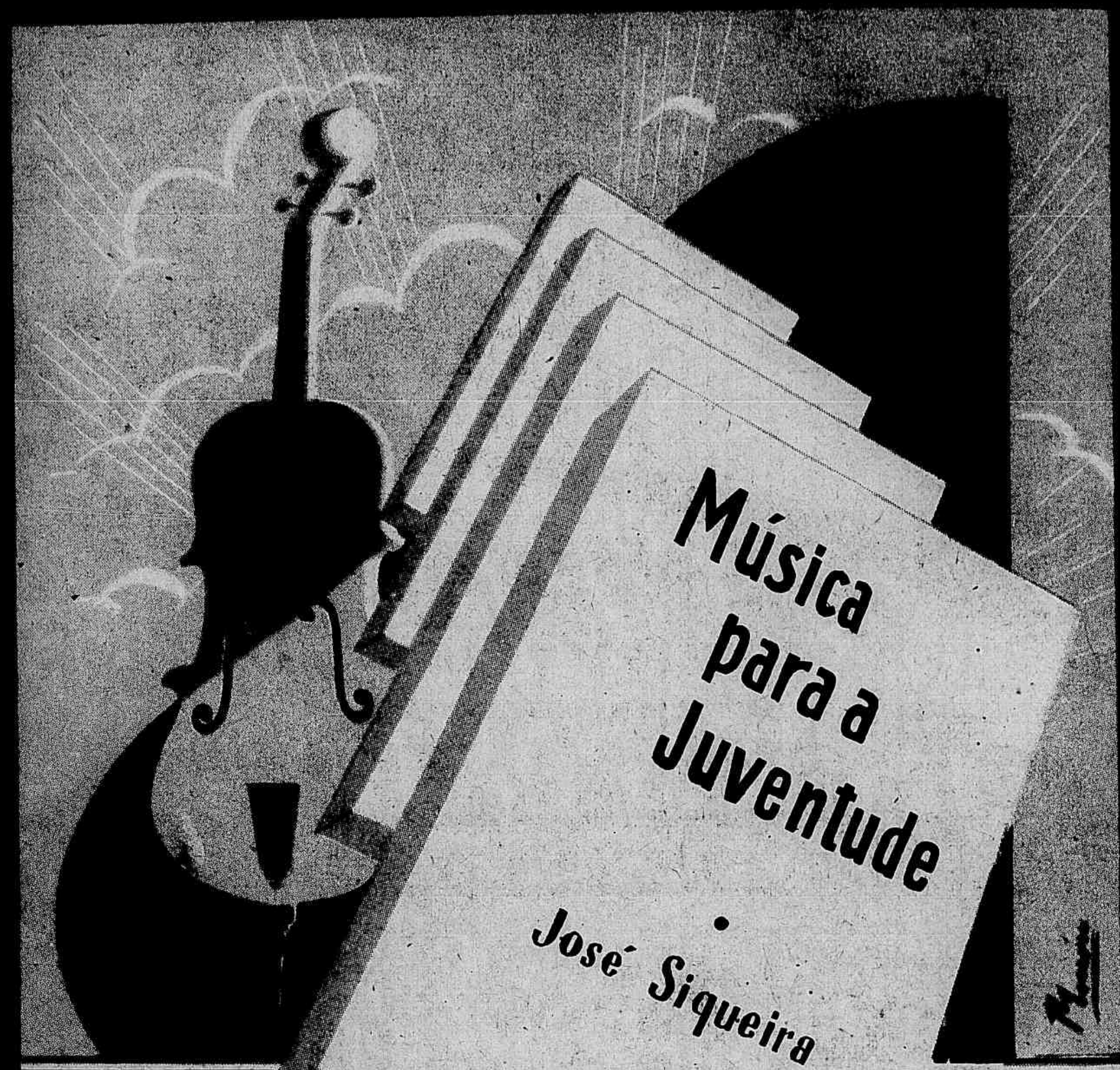
12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA

Em CÔRES

Cr$ 20,00 EM TODO BRASIL

BREVE BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO



JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia"**, **"Canto Dado em XIV Lições"**, **"Curso de Instrumentação"**, **"Modulação Passageira"**, **"Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração** e **Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 210,00

Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO HISTÓRICO E LITERÁRIO FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Telegr.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Em São Paulo: Distribuição: Agência Polano, Rua João Bricola, 46 — Publicidade: Organização Paulista Ltd. (ORPAL) à rua Sete de Abril, 374 — Tel.: 36-4725 — Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Av. 9108, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil: Cr$ 7,00. Número atrasado: Cr$ 8,50. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 90,00, para o estrangeiro: Cr$ 120,00.

Um só bastava

"Um policial na família já é o bastante!" — gritou Joe Crandall para o filho. — Mas, ao surgir uma dificuldade, o garôto soube o que devia fazer...

Conto de **WALTER C. BROWN**

QUANDO meu filho Bud achou aquela chapa de metal, tinha um pouco mais de dez anos de idade. Eu julgava que Bud fôsse o menino mais peralta do mundo, e Bud, por sua vez, pensava que o seu pai fôsse um homem realmente maravilhoso, não querendo outra coisa da vida senão poder seguir seus passos. Porém, eu era, decididamente, contra tal idéia.

— Você deve sentir-se orgulhoso, Joe — dizia Ellen, minha espôsa. — É uma grande coisa o fato de um filho querer seguir a mesma profissão do pai.

— Mas não permitirei que isto aconteça! — tornava eu.

O fato é que, quando Bud tinha apenas cinco anos e eu lhe perguntava o que queria ser, ao tornar-se grande, êle respondia, prontamente:

— Quero ser da Polícia, como o papai!

— Ellen! Por favor tira essas idéias da cabeça desta criança! — dizia eu, irritado; porém minha mulher movia a cabeça, discordando:

— Não; deixa o menino com o seu modo de pensar... — falava ela, afagando Bud.

— Você se recorda do último natal, Joe, quando êle apontava para uma estrêla, dizendo ser um distintivo de policial?

Isto fêz com que ríssemos muito. De um modo geral, as crianças são sempre assim: numa semana querem ser policiais, já na outra, bombeiros, e assim por diante. Mas, Bud nunca mudava. Era de comover, essa sua mania! Conhecia todos os segredos da gíria policial, e sempre que eu voltava das diligências, punha-me sob insistente interrogatório acêrca do meu trabalho.

Porém o que lhe proporcionava mais orgulho era o fato dêle próprio cuidar do meu distintivo de metal. E o fazia com tamanho ardor que, após limpá-lo mil vêzes, ficava olhando-o, fascinado. E sentia-se profundamente compenetrado quando eu permitia que êle o usasse por dez minutos.

Um homem em geral fica orgulhoso ao ser visto como um herói pelo próprio filho; mas, naquele época, Bud podia ter um pouco mais de nove anos e aquelas brincadeiras me pareciam apenas engraçadas. Entretanto, muita coisa aconteceu nestes últimos anos.

Quando Bud tinha cinco anos, eu era sargento, fisicamente muito forte, e já com uma boa soma de serviços prestados, sendo o n. 1 na ordem de promoção. E a garotada da vizinhança apelidara-me de o "grande Joe Crandall".

Bud ainda não atingira os nove anos, e eu pertencia aos "quadros", já como oficial. Repentinamente, tomaram-me as divisas e perdi tôdas as esperanças de reavê-las, a não ser que acontecesse **um milagre**! E tudo isto ocorreu porque consegui prender Big Mike Gannon, em Rockhill Pen. Mas é melhor contar tudo, detalhadamente.

Mike Gannon havia assassinado um homem da maneira mais cruel possível; êste homem, Steve Scott, era um de meus melhores amigos, antigo colega de escola. E só porque arrebatei de suas mãos um grande revólver, calibre 45, adquiri boa fama, nos círculos policiais.

Mas Big Mike tinha muito dinheiro, além de tôdas as espécies de "relações". De um certo modo, a marcha do processo foi entravada e, por detrás dos tribunais, a pressão se fêz sentir. Um dia, recebi um telefonema anônimo. A voz disse-me: **"Crandall; se você é realmente um policial esperto, trate de perder a memória, por algum tempo, no momento em que certa pessoa fôr levada a julgamento. Senão...!"**

Êste foi o primeiro de uma série de telefonemas dessa espécie. E só telefonavam quando sabiam que eu me encontrava de serviço; então, falavam com Ellen, tentando por todos os meios, amedrontá-la. Porém, Ellen não lhes dava importância.

— Mike Gannon é um criminoso, Joe — dizia ela. — Continue a procurá-lo, e não se incomode com as suas ameaças.

Bud não sabia de nada disso. Tudo o que lhe interessava era saber como havia eu tomado a arma de Big Mike. O garôto exultava quando via a minha fotografia nos jornais.

Pois bem; Big Mike possuía ótimos advogados, que fizeram tudo para fraudar o processo, porém não puderam anular o meu conhecimento dos fatos. E como resultado Mike Gannon foi condenado a prisão perpétua.

A Ellen parecia que tudo havia terminado, que aquêle era o fim natural dos acontecimentos. Mas eu não estava certo disso. Ainda recordava a maneira como Gannon a mim se dirigira, no tribunal:

— Você está marcado por mim, Crandall! Tenha cuidado!

Na verdade, fiquei muito amedrontado com isso. Não por mim, mas por causa de Ellen e do garôto. E eu não desconhecia os métodos de Mike Gannon — sabia de que era êle capaz de fazer, caso empenhasse sua palavra.

E teria êle vontade de me fazer algum mal? Não poderia saber, e a incerteza da vigilância e da espera, tornaram-me nervoso e agitado.

Morávamos fora da cidade, bem no fim da estrada de rodagem de Saddler, e um belo dia vi um homem entre os arbustos, espionando a nossa casa. Depois, Ellen ia dirigindo um velho automóvel que tínhamos e quase foi lançada numa vala por outro veículo que fugiu em louca velocidade. Todos êsses fatos levaram-me a comprar um enorme cão, um cão de fila... que desapareceu misteriosamente. Fiquei atordoado: eu não podia saber se tudo aquilo era apenas coincidência ou se era mesmo

A voz do menino tremia, mas seu relatório foi tão bom como o de um veterano

a mão criminosa de Mike Gannon a perseguir-me.

Então, fiz uma grita terrível; e foi assim que perdi minhas divisas de sargento. O meu capitão, Tom Rodgers, era um velho rabujento, sempre às voltas com bagatelas, e um dia explodi com êle; não era mais possível suportar aquela arenga constante.

Êsse conflito custou-me trinta dias de suspensão — e as divisas! É certo que a culpa não foi de Rodgers. Eu estava errado e se tivesse tido um pouco mais de senso, eu lhe teria falado dos motivos daquela irritação. Rodgers se enervava com as menores coisas, porém, se se tratasse de coisa justa e importante, êle agiria como amigo e com sensatez.

Agora, eu estava naquela situação; sem as divisas, o ordenado reduzido, e, sobretudo, perseguido pelo capitão Rodgers! O que me alegrava era o fato de saber que Mike Gannon estava jogado na prisão de Rockhill, em Lifers' Row.

E com isto chegamos ao dia em que Bud pregou seu distintivo de metal na minha roupa, o dia em que Mike Gannon fugiu da prisão! As notícias da fuga de Gannon chegaram pelo telégrafo, enquanto eu me encontrava de serviço. E todos os jornais da noite noticiaram em manchete.

Dirigi-me para casa profundamente abatido e inquieto. Nem sequer tinha disposição para dizer a minha mulher o que havia ocorrido. E Bud, certamente, estaria a minha espera, para sairmos depois do jantar, apanharmos Big Mike e algemá-lo, como já o fizera anteriormente.

Quando parei na calçada de casa e buzinei, Ellen apareceu à janela fazendo-me um sinal carinhoso com a mão. Bud veio correndo abrir a porta da garagem.

— Ei, papai! — gritou êle. Estava no auge da felicidade, com seus inquietos olhinhos azuis e os negros e crespos cabelos ao sabor do vento. — Você vai ver o que eu arranjei, papai!

Meteu a pequenina mão no bôlso e mostrou-me uma placa de metal.

— É um distintivo de policial, papai! Um verdadeiro! — disse-me êle, ofegante. — E êste é meu mesmo! Achei-o!

Era um distintivo de oficial, semelhante aos que são usados pelos detetives. Estava velho, enferrujado e encurvado.

— Dê-me isto! — disse eu, e arrebatei-lhe a chapa metálica das mãos. — Já não suporto mais essas histórias! E você não vai usar isto!

Recuei o braço e arremessei a placa tão longe como foi possível.

Ao ver o que eu fazia, Bud fitou-me com os olhos cheios de lágrimas, como se o seu mundo tivesse sido esmagado irremediàvelmente.

— Escute, meu filho — disse eu, com remorso. — É tolice querer ser um policial. Não dá resultado! Acabe com isto; acabe com esta brincadeira — compreende?

As lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces.

— E pare de chorar! — gritei, nervosamente. — Um policial na família já é o bastante!

Então, Bud resolveu voltar, olhando sempre para mim, e caminhando vagarosamente, a princípio, depois mais rápido e, finalmente, saiu correndo como se alguém o perseguisse.

Ao vê-lo correr daquela maneira, fui assaltado por um horrível sentimento de culpa. Porém procurei convencer-me de que mais tarde, quando êle houvesse superado aquela fase, saberia compreender a minha atitude. No momento em que entrei em casa tinha a garganta embaraçada.

— Ellen — olha isto! — disse eu, abrindo o jornal.

— Oh! — disse ela, empalidecendo. — Oh, Joe!

Eu sabia o que ela tinha em mente.

— Não te preocupes, querida. Mike Gannon, a estas horas deve estar cruzando a fronteira. Coisa muito interessante para mim! E meu filho ainda quer ser da Polícia! Por dois centavos eu vendo êste distintivo...

— Oh, Joe! — apressou-se Ellen a dizer. — Se êle escapou, você não é o culpado! Você cumpriu o seu dever, e pronto! (E lançou o jornal em cima da mesa.) Mas o mundo não vai acabar por causa da evasão de Gannon. O jantar está pronto. Chama Bud.

Então saí e olhei em redor, mas Bud não estava a vista. Chamei-o, porém, não obtive resposta. Nesse instante, quando já me

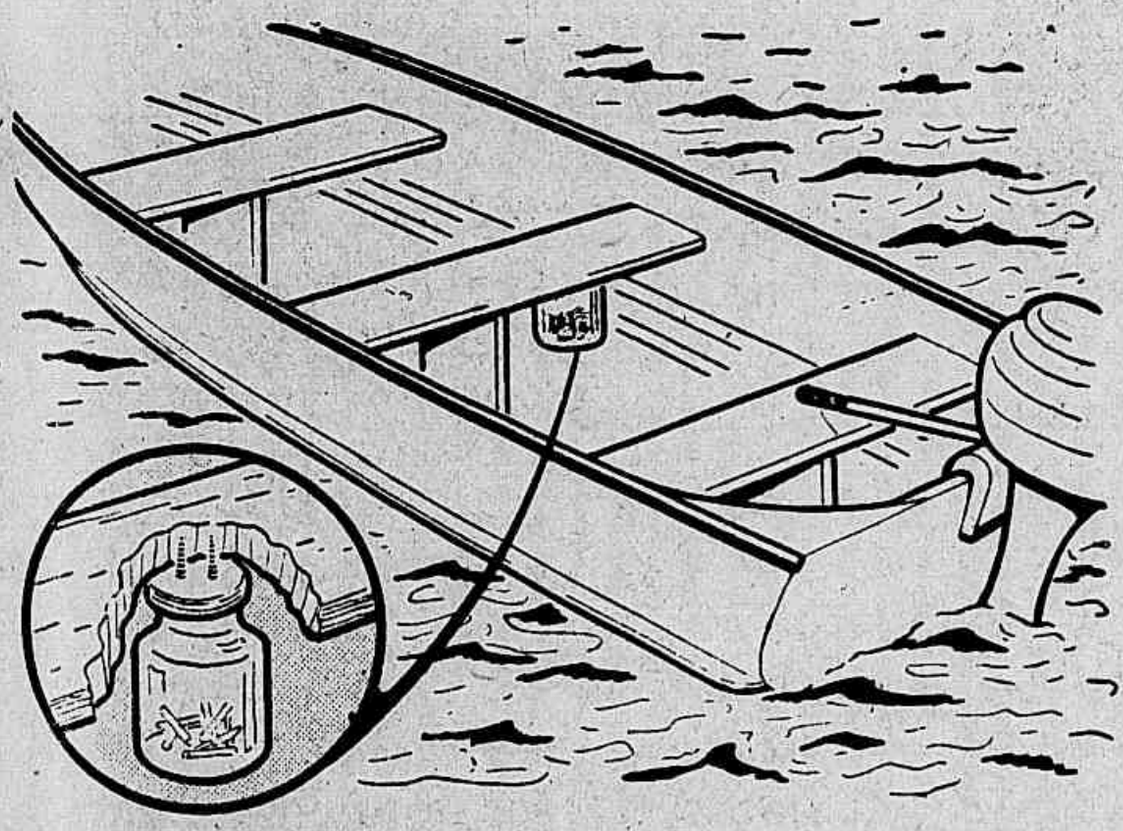
(Continua no fim da revista)

PARA EVITAR DORES NO PESCOÇO

QUANDO se deseja ver um programa de televisão e, ao mesmo tempo, não se quer deixar de se executar algum trabalho é bem indicado colocar um espelho em posição estratégica, quando não se tem a tela de TV diante dos olhos, pois assim se evitarão esforços inúteis e dôres futuras.

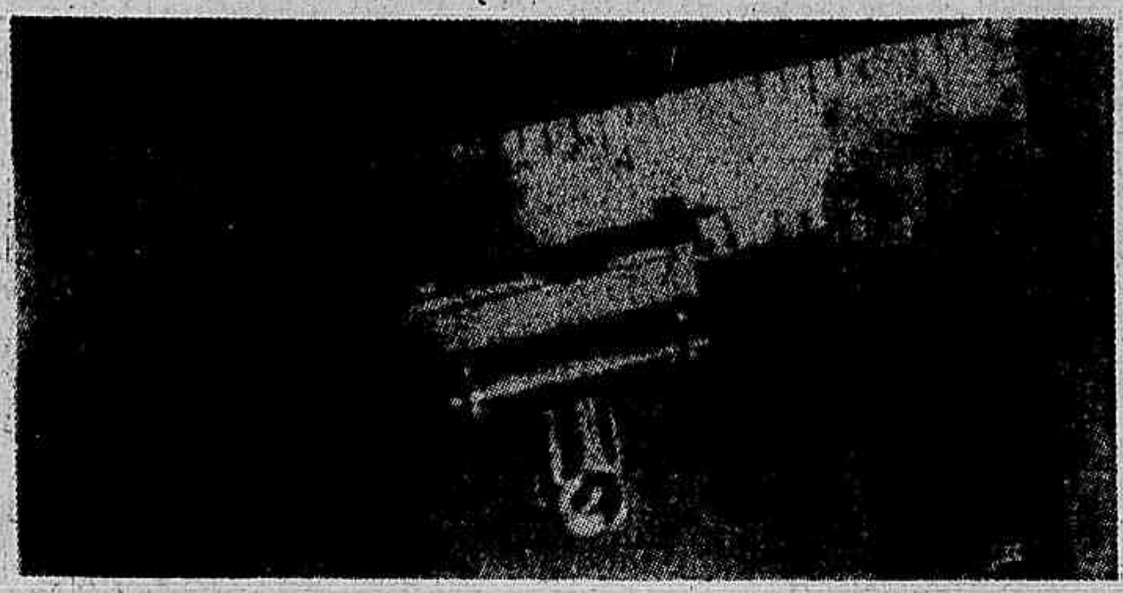
★

DEPÓSITO À PROVA D'ÁGUA EM BARCO ABERTO



CERTAS coisas indispensáveis ao pescador, como cigarros e fósforos, tem que conservar-se sêcas, mesmo num barco aberto. Para isso aconselhamos usar um vidro com tampa de rôsca, o qual deve ser prêso sob o banco, conforme indica o clichê.

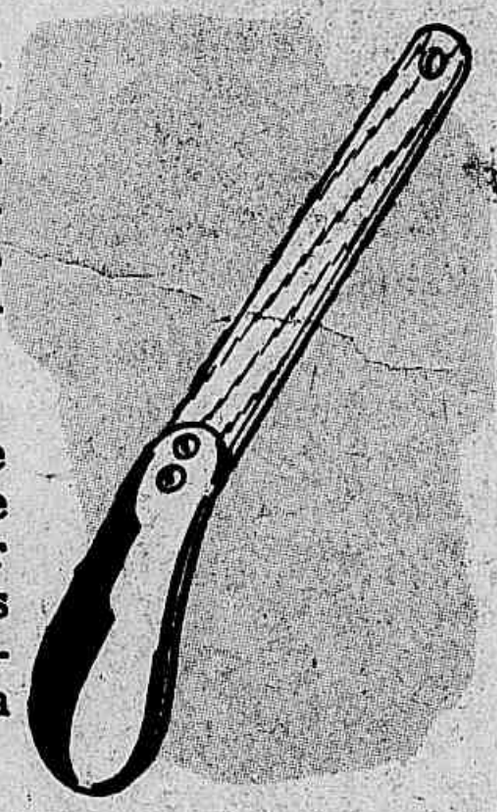
QUANDO UM "NÍVEL" TAMBÉM SERVE DE "PRUMO"



COM um pegador comum, de papéis, prendam um pequeno "nível" na margem interna de um esquadro e assim terão, com um simples olhar, uma informação segura sôbre se o trabalho que executam está no bom nível ou no perfeito prumo. É preciso, sim, que o nível esteja perfeitamente paralelo com o bordo do esquadro.

★

PARA OS VELHOS E REUMÁTICOS



AS pessoas de idade ou as que, por falta de exercício, sentem dificuldade para certos movimentos, muito apreciarão essa extensão para "calçadeiras".

Uma simples haste de madeira forte, depois de bem lixada, é prêsa por meio de rebites ou cravos à parte superior da calçadeira, segundo mostra a gravura.

★

CURIOSIDADES

JUSTAMENTE por que os filmes fotográficos podem ser destruídos pela simples presença de certas substâncias químicas, é que os empregados na sua fabricação e embalagem não podem usar tônicos para cabelo, **shampoos**, loções, esmaltes para unhas e cremes faciais.

▭

Embora a população do Canadá não seja maior do que a da área metropolitana da cidade de New York, a indústria americana tem cêrca de 4.000.000.000 de dólares investidos naquele país e controla, aproximadamente, duas mil de suas companhias industrias.

CUIDADO COM OS QUE CAMINHAM

A medicina muito interessada em conhecer o maior número possível de casos verídicos. Um mal que tem causas variadas e pode ser seguramente curado.

POR assim dizer, todos nós temos um caso assim para contar, relativo a alguém da nossa família ou a pessoa conhecida. Longe do que muitos pensam, o sonambulismo não é coisa rara; ao contrário, são inúmeros os que podem ser classificados entre os sonâmbulos, variando apenas o tipo de sonambulismo, havendo os que se levantam, caminham, executam tarefas, viagens, escrevem cartas, usam a fôrça muscular a tal extremo que ficam, durante dias, com os músculos doloridos ou arroxeados, como também há os que apenas falam, fazem gestos, gritam, assustam seus acompanhantes com gargalhadas intempestivas, etc.

Os jornais também se encarregam de divulgar os casos de sonambulismo, porém sòmente aquêles que chegam a extremos e causam espanto.

DORMINDO!

Ainda recentemente, um telegrama vindo de Garmisch-Partenkirshen, Alta Baviera (Alemanha) anunciava mais um dêsses casos surpreendentes:

"No dia 3 de março último, Bernard Marhemke, de doze anos de idade, adormeceu na cama com uma novela policial entre as mãos. Quando despertou dois dias depois, encontrava-se num hospital, com comoção cerebral, fratura de ambas as pernas e de um braço. Alguns transeuntes o haviam apanhado, caído, na calçada, justamente sob a janela do seu dormitório."

Bernard, segundo concluía o telegrama, havia sonhado que perseguia um ladrão — o mesmo da novela — e, sem saber como, abriu a janela e atirou-se da mesma à rua.

NÃO há muito tempo, o professor A. E. Heath, que então ocupava a cadeira de filosofia na Universidade de Swansee, referiu-se, numa de suas conferências, a um menino de onze anos que havia cometido uma série de roubos enquanto dormia.

Êsse caso emocionou profundamente a opinião pública e a emoção chegou ao auge quando os detetives, encarregados de desvendar a autoria dos furtos sucessivos praticados na localidade, chegaram à escola onde o menino estudava, numa derradeira tentativa para esclarecer o mistério e saber de alguns meninos se, por acaso conheciam algum detalhe capaz de facilitar o progresso das diligências policiais. Já desistiam de conseguir qualquer informação, quando um dos meninos levantou um braço e anunciou:

— Sonhei tudo isso que os senhores contaram!

A descrição feita pelo menino coincidia de tal forma com os dados técnicos colhidos pela Polícia que os detetives acabaram desconfiando da verdade e como existiam impressões digitais do autor de todos os roubos praticados nas redondezas, resolveram compará-las com as do próprio colegial.

Justamente. Suas marcas datiloscópicas coincidiam exatamente com as encontradas nos locais assaltados. Mas, da mesma forma, também houve prova indiscutível de que o menino era sonâmbulo e, por outra parte, os objetos roubados não tinham para êle qualquer valor.

Tratava-se, portanto, de um caso claro e no qual se necessitava da intervenção de um médico e não dos tribunais.

HÁ, de fato, idéias extravagantes e equívocas relativamente ao sonambulismo. Acredita-se, em geral, que os sonâmbulos não correm qualquer risco. Nada mais falso, porém. São incontáveis as pessoas que, adormecidas, se lançaram ao mar, existindo mesmo pelo menos um caso de suicídio inconsciente, isto é: estando o indivíduo em estado de sonambulismo.

A razão pela qual há pessoas que caminham dormindo sôbre estreito beiral de telhado e a uma grande altura, sem a menor preocupação, está em que não vêem com os olhos da cara, mas com os da mente; além do mais, seus nervos estão tranqüilos e seus membros relaxados.

O sonambulismo está estreitamente relacionado com a soniloqüência, que é o que sofrem os que falam dormindo, pois nos dois estados há um movimento ativo do corpo, que passa despercebido para o paciente.

Infelizmente, pouco sabemos, ainda hoje, sôbre o funcionamento do cérebro durante tais estados; porém, tanto o sonâmbulo como o que fala dormindo têm as pálpebras cerradas — e tão apertadas que resulta mais difícil abri-las que a outro qualquer adormecido normal. No entanto, de algum modo o sonâmbulo vê com mais clareza do que uma pessoa acordada. Entretanto não sabemos por quê!

Não obstante, há uma dúvida quanto a afirmar-se que o sonambulismo, a sonilòqüência e a hipnose têm muito que ver entre si. O fato do indivíduo andar dormindo é, talvez, uma forma de auto-hipnose produzida pelos problemas que preocupem o paciente e que se hajam fixado no seu subconsciente e venham à superfície sòmente quando o corpo está em repouso.

Algumas vêzes, o sonâmbulo se mostra dotado de um sentido de clarividência misterioso. Ninguém penetrou ainda nas profundidades do cérebro e ainda resta muito que explorar, cientìficamente, nesse desconhecido terreno.

Segundo relata Harvey Day, médico e escritor norte-americano, quando menino, viveu com seus pais nos trópicos, onde sofreu repetidos acessos de malária. Muitas vêzes, durante o dia, sentia-se tão fraco, que mal podia ficar sentado no leito para ingerir os medicamentos. No entanto, segundo seus pais lhe diziam, durante a noite, levantava-se do leito e dançava pelo quarto. O mistério de como conseguia aquela fôrça perdura até hoje.

SOB a influência do sono foram praticadas as coisas mais surpreendentes. Está demonstrado, por exemplo, que quase todos os sonâmbulos se esquecem dos que os rodeiam. Também ficou absolutamente comprovado que enquanto se acham nesse estado não têm audição nem olfato.

Recentemente foi registrado no Canadá o caso de um homem que se levantou, numa noite de inverno, e, descalço, foi passear num campo coberto de gêlo. Assim o encontraram os vizinhos, tratando logo de levar o sonâmbulo para casa, ficando, como é lógico, bastante apreensivos quanto ao seu estado de saúde. Entretanto, na manhã seguinte, ao levantar-se, o sonâmbulo estava perfeitamente, sem que aquela aventura da véspera, que por certo teria levado para o hospital qualquer indivíduo normal, tivesse causado o mínimo efeito, sôbre êle. Nem um resfriado, nem um espirro, nem nada! Quanto aos pés, que deveriam ter ficado gelados e, portanto, sujeitos a amputação, estavam absolutamente normais! E o indivíduo de nada tinha qualquer lembrança.

Se o tivessem despertado, quando se achava caminhando pelo gêlo, com certeza teria apanhado um bom resfriado — pelo menos!

Na América do Norte, há um autor — dos mais renomados — que trabalha... adormecido! Senta-se diante de sua máquina de escrever e, mediante grande fôrça de vontade, concentra-se e incita a si próprio a sonhar. Imediatamente se vê rodeado de seus personagens, que representam tôda classe de cenas dramáticas. Depois, quando desperta, encontra sôbre a mesa uma grande quantidade de laudas de papel, escritas corretamente à máquina. Coloca-as dentro de um envelope, que imediatamente envia para seu editor.

Quem não gostaria de ter sonhos, assim, tão lucrativos?

Antes de poder curar o sonambulismo, os médicos têm que estudar as causas do sonho.

Até hoje, porém, saber apenas que o processo do metabolismo produz ácidos para acumular no sangue, e com êles amortizar a irritabilidade do sistema nervoso, induzindo o indivíduo a dormir. Êste, naturalmente, é um método de reduzir a

...êrmos simples a explicação científica, ...ôsto que, se a fôssemos explicar tècnica...ente, necessitaríamos de espaço muito ...aior. Segundo a Enciclopédia Britânica, "a ...tividade é um predomínio de inibição".

Justamente, assim como algumas partes ...o cérebro permanecem inativas durante ...alquer operação mental, certas porções ...e mantêm ativas mesmo durante o sono. ...e tais áreas, locais, estão superexcitadas ...ela má saúde, preocupações e por um ...tado de tensão excessiva, ocorre que an...amos ou falamos dormindo. E nesse estado ...e acentuado desequilíbrio, sôbre o qual, ...té hoje, não temos nenhum contrôle, o ...omem mais calmo e mais cordato é capaz ...e mentir, roubar, praticar assassinatos ou ...ometer, irresponsàvelmente, os atos mais condenáveis, por mais tranqüilo e sensato se mostre ao despertar. Por isso, repetimos: **Cuidado com os que caminham dormindo!**

Levem êsses sonâmbulos, quanto antes, ao exame médico.

▭

DE uma maneira geral, os filmes, quando lançados para o público, contêm sòmente oito por cento do total de celulóide gasto em sua rodagem. Os outros 92 por cento, embora sejam jogados fora pelo editor, não são absolutamente imprestáveis do ponto de vista técnico, pois nêles estão muitos trechos em que foram gravadas belas canções e cenas inteiras, cujo custo se eleva a grandes quantias e podem ser aproveitados em outros **scripts**, tais como cenas de desastres, gritos de terror, capotagens, etc.

▭ ▭

PARA se livrar de ratos e camondongos em sua casa, não confie num gato! A maioria dos gatos de cidade, alimenta-se de restos de comida.

Os roedores representam apenas um pequeno item no cardápio dos gatos.

O dr. William B. Jackson, da Universidade John Hopkins, chegou a essa conclusão depois de inúmeras pesquisas sôbre a alimentação dos gatos de duas áreas residenciais da cidade de Baltimore.

Talvez os gatos devorassem mais ratos se lhes dessem menos restos de comida, porém "haveria necessidade de estudos mais avançados para provar tal afirmativa"!

Nas áreas da cidade, onde os aludidos estudos foram levados a efeito, verificou-se que os gatos comeram cêrca de vinte por cento dos ratos que deveriam morrer durante o ano a fim de que a população de roedores não aumentasse. Contudo, isto não quer dizer que êsses ratos não morreriam de outras causas se os gatos não estivessem presentes.

O CASO DO Sr. WALDEMAR

Conto de
EDGARD ALLAN POE

CLARO que não pretendo estar **surpreendido** com as discussões que suscitou o extraordinário caso de Ernesto Waldemar. Mesmo que tivesse sido um milagre, as coisas não teriam corrido dessa maneira, naturalmente, considerando-se as circunstâncias. E, justamente, pelo fato de tôdas as pessoas interessadas desejarem evitar a publicidade do asunto, até que tivéssemos oportunidade de fazer novas investigações, começou a espalhar-se entre o povo uma versão retorcida e exagerada, que, mais tarde, deu origem às mais desagradáveis invencionices.

Vejo-me, agora, na contingência de narrar êsses fatos... pelo menos até ao ponto em que comigo compreendê-los. O que aconteceu foi o seguinte:

Durante os últimos três anos interessei-me, muito particularmente, pelo hipnotismo. E, há cêrca de nove meses, ocorreu-me, de repente, o pensamento de que na série de experiências realizadas até então havia uma notória e inexplicável omissão: nunca se hipnotizou uma pessoa "in articulo mortis". A primeira coisa que me interessava era saber se, em tal condição, existia no paciente alguma susceptibilidade à influência magnética; em segundo lugar, se, no caso afirmativo, a condição do enfêrmo diminuía ou aumentava tal susceptibilidade; finalmente, desejava saber **até que ponto** e **durante quanto tempo** o processo da morte poderia ser detido mediante a aplicação da hipnose. É certo que outros pontos teriam que ser investigados, porém, êstes três eram os que mais excitavam a minha curiosidade: especialmente o último, dado o seu caráter extraordinário, e a importância das suas conseqüências. Procurando um paciente que se prestasse a tais experiências, não sei como pensei em meu amigo Ernesto Waldemar, o conhecidíssimo compilador da "Biblioteca Forensica" e autor (sob o pseudônimo de Issachar Marx) das versões, em língua polonesa, de "Wallenstein" e de "Gargantua". O senhor Waldemar, que residiu, desde 1839, principalmente, no Harlem, em New York, era particularmente notável pela sua pequeníssima estatura. E também pela brancura de sua barba, que contrastava violentamente com o negro de seus cabelos. Possuía um temperamento extremamente nervoso, o que o tornava um ótimo paciente para experiências hipnóticas. Em duas ou três ocasiões consegui adormecê-lo com pouca dificuldade, mas outros resultados deixaram-me desiludido. Sua vontade nunca se submeteu completamente ao meu domínio, e, com relação à clarividência, nunca obtive com êle coisa digna de crédito. A verdade é que sempre atribuí meu fracasso nesses pontos à precariedade de sua saúde. Já algum tempo antes de conhecê-lo, os médicos haviam declarado que Ernesto Waldemar se achava tuberculoso. Na realidade, êle próprio costumava falar tranqüilamente de sua morte próxima como de uma coisa que nem era possível evitar, nem lamentar.

QUANDO, pela primeira vez, as idéias a que aludi me passaram pela

Aproximei-me do leito, que estava cercado pelos médicos.

cabeça, era muito natural que eu pensasse logo no sr. Waldemar. E conhecia suficientemente a serena filosofia daquele homem, para temer vacilações de sua parte. Não tinha, na América, parentes que pudessem intervir no assunto. Falei francamente com êle, e, para grande surprêsa minha, o projeto pareceu excitar profundamente o seu interêsse. Digo: **para surprêsa minha**, porque, mesmo que se tivesse prestado sempre dòcilmente às minhas experiências, nunca havia demonstrado simpatia alguma pelo que estava fazendo.

Sua doença era do tipo que admite cálculo exato com relação à época da morte: finalmente, concordamos em que mandaria alguém buscar-me vinte e quatro horas antes do período anunciado por seus médicos para o seu passamento.

Estamos agora a uns sete meses do dia em que recebi, escrita pela mão do sr. Waldemar, a seguinte nota:

"Meu caro P... — Você pode vir imediatamente. D... e F... estão de acôrdo em que não chegarei até amanhã, à meia-noite; e parece que estão certos com respeito ao tempo que ainda tenho de vida. — Waldemar."

Recebi o bilhete meia hora depois de escrito, e quinze minutos mais tarde já me encontrava no quarto do moribundo. Dez dias tinham passado, depois que o vira pela última vez, e por isso mesmo surpreendeu-me a grande alteração que nêle se havia operado, durante êsse curto intervalo. Tinha o rosto acinzentado; os olhos haviam perdido completamente o brilho, e sua magreza chegava a tal extremo que os ossos do rosto pareciam prestes a perfurar a pele. A tosse era convulsiva, o pulso apenas perceptível. Todavia, conservava, de modo surpreendente, a sua fôrça mental e também uma certa porção da fôrça física. Falava com clareza, ingeria alguns calmantes usando a própria mão, e quando entrei no quarto fazia anotações com lápis numa caderneta. Encontrava-se sentado na cama, apoiado em almofadas. Os doutôres D... e F... o atendiam.

Depois de apertar a mão de Waldemar, sentei-me ao lado dos médicos, que me expuseram detalhadamente o estado do paciente. O pulmão esquerdo encontrava-se em estado semi-ósseo e cartilaginoso; qualquer tentativa revitalizadora seria inútil. O direito, na parte superior, também estava parcial, senão completamente ossificado, e a região inferior era uma simples massa de tubérculos enredados uns nos

outros; existiam várias e grandes perfurações e, em um ponto, efetivara-se uma permanente adesão às costelas. Êstes fenômenos no lóbulo direito eram relativamente recentes. A ossificação se processara com incrível rapidez. E, independentemente da tuberculose, havia suspeita de que o enfêrmo também sofria de um aneurisma da aorta; mas, com relação a êste problema, os sintomas ósseos tornavam impossível um diagnóstico certo. Na opinião de ambos os médicos, o sr. Waldemar morreria antes da meia-noite do dia seguinte (domingo). E eram sete horas da noite de sábado.

Ao apartarem-se do leito do enfêrmo para falar comigo, os drs. D... e F... despediram-se definitivamente do sr. Waudemar. Não tinham intenção de voltar; mas, em vista da minha insistência, consentiram em visitar novamente o paciente, às dez horas da noite seguinte.

Quando saíram, falei francamente com o sr. Waldemar sôbre a sua morte próxima, e mais particularmente a respeito da experiência proposta. Repetiu que estava disposto e até impaciente para submeter-se à prova; chegou mesmo a rogar que começássemos imediatamente. Atendiam-no um enfermeiro e uma enfermeira; mas não me sentia autorizado a empreender tarefa de tal natureza sem a presença de testemunhas de confiança. Dêsse modo, prorroguei os trabalhos até às oito da noite seguinte, quando a chegada de um estudante de medicina (o sr. Teodoro L...), tirou-me do apuro em que me encontrava.

A princípio, achei que devia esperar pela chegada dos médicos; porém, logo, decidi iniciar imediatamente; primeiro por causa da insistência do sr. Waldemar; e, segundo, dada a minha convicção pessoal de que não havia tempo a perder, porque, evidentemente, o homem estava às portas da morte.

Amàvelmente, o sr. Teodoro L... acedeu ao meu desejo de que tomasse nota de tudo quanto fôsse ocorrendo. E de seu memorando tirei, em sua maior parte, o que

E, sôbre o leito, o corpo do sr. Waldemar transformou-se numa massa quase líquida...

agora vou relatar, ou melhor, traduzir literalmente.

FALTAVAM uns cinco minutos para as oito quando, tomando a mão do paciente, pedi que êle manifestasse claramente ao sr. Teodoro L... sua firme vontade e pleno consentimento para que eu o hipnotizasse em sua presente condição.

Respondeu com voz débil, porém audível:

— Sim; desejo ser hipnotizado — e acrescentou, a seguir: — Receio que o senhor já esteja demasiadamente atrasado!

Enquanto assim falava, iniciei os lances que haviam proporcionado melhores resultados em outras ocasiões; o objetivo era adormecê-lo. Evidentemente, sentiu a influência do primeiro **passe** de minha mão pela sua fronte; não obstante haver empregado tôda minha fôrça, nada de positivo consegui antes das dez horas, quando chegaram os drs. D... e F... Em poucas palavras, expliquei aos recém-chegados o que pretendia fazer; não opuseram objeção alguma, e acrescentaram que o paciente já se encontrava em estado agônico. Continuei sem vacilação, trocando os lances laterais por outros frontais, sempre dirigindo o olhar para o ôlho esquerdo do paciente.

O pulso já estava quase imperceptível e a respiração estertórica. Tal estado se prolongou, sem alteração, por cêrca de um quarto de hora.

Entretanto, passado êste período, uma respiração natural, porém m u i t o profunda, escapou dos lábios do moribundo, fazendo cessar o estertor; os intervalos da respiração não diminuíram, porém, apesar de que as extremidades ficassem frias como gêlo.

Eram onze horas quando notei a presença de sinais inequívocos da influência hipnótica. Os olhos mudaram seus movimentos inquietos por aquela expressão de profundo exame interior que só pode ser observado nos casos de sono hipnótico e que é quase inconfundiível. Mediante outros rápidos passes laterais fiz tremer-lhe as pálpebras como no sono incipiente, e com mais alguns esforços o obriguei a cerrá-las completamente. Não fiquei satisfeito com isto, e assim continuei os passes, agindo enèrgicamente, e com a maior fôrça possível, até que os membros do moribundo ficaram completamente rígidos depois de colocado por mim numa posição aparentemente cômoda. As pernas inteiramente estiradas; os braços descansando sôbre o leito; a cabeça ligeiramente sustentada por um magro travesseiro.

Conseguido isto, verifiquei que os relógios já marcavam meia-noite; então, pedi aos cavalheiros que estavam presentes que examinassem o estado do sr. Waldemar. A curiosidade dos médicos estava altamente excitada. O dr. D... decidiu permanecer tôda a noite ao lado do enfêrmo, enquanto o dr. F... saiu, prometendo estar de volta ao romper do dia. Teodoro L... e os enfermeiros ficaram.

Deixamos o sr. Waldemar em paz até às três horas da madrugada; e, exatamente a esta hora, aproximei-me e o encontrei na mesma posição em que se encontrava quando da saída do dr. F...; não havia dúvida de que se achava tal como eu o havia deixado; o pulso era imperceptível; a respiração suave (sòmente podia ser notada aproximando-se um espelho dos lábios); os olhos estavam fechados com naturalidade e os membros rígidos e frios como o mármore. Contudo, **a aparência geral não era a da morte**.

Ao aproximar-me, o sr. Waldemar fêz um certo esfôrço para que seu braço direito acompanhasse o movimento do meu, que se movia de cima para baixo ao longo do seu corpo. Em tais experiências com êste paciente, eu nunca conseguira resultados perfeitos, e, certamente, não alimentava grandes es-

(Continua no fim da revista)

CURIOSIDADES DA NOSSA TERRA

O "BOI MARREQUEIRO"

Por JOSÉ LOUZEIRO

O pobre e desamparado caboclo do nordeste brasileiro, esquecido nas brenhas dos sertões despovoados, possui a sua cabana coberta com pindobas, o cão magri- pequena e limitadíssima fortuna: uma celo e a espingarda que o acompanham nas excursões pelas matas, um novilho de raça vulgar isolado no curral de pau-a-pique.

O boi manso, criado desde pequeno como se fôsse um descendente do sertanejo, faz parte da sua vida. E agora que se passou o inverno, e com êle a época das tariras e jejus gordos, que abundavam nos rios e lagos, o homem vale-se do animal de estimação para a caça de marrecos, aves da família dos palmípedes, por demais ariscas, que vivem em bandos e se alimentam de pequenos peixes nas regiões alagadiças.

Principiado o dia, deixa o caboclo a sua palhoça e parte em busca dos marrecos. Pés descalços, camisa de riscado aberta ao peito, espingarda no ombro, charavasca (*) na cintura, leva consigo o boi amestrado.

No local conveniente, a um sinal ou gesto do caçador, inicia o bovino o seu trabalho. Lento, abanando a cauda displicentemente, vai, passo a passo, olhar perdido numa touceira de capim mais verde, aproximando-se do bando de aves que marisca. De repente, um marreco mais avisado denuncia o perigo iminente. O boi estaca, o caçador que o acompanha por trás das ancas, pára, aconchega-se à traseira do animal que agora rumina maquinalmente algumas fôlhas de grama.

Refeitas do susto, pois trata-se de um simples boi, inofensivo boi, que não traz nenhum pedaço de corda pendente dos chifres ou pescoço, voltam as aves ao marisco.

Mas o boi, traiçoeiro e frio, vai avançando sempre. Cauteloso, sorrateiro, evitando o menor ruído, vira-se ligeiramente de lado para o lugar onde estão pousados os marrecos. Está concluído o seu trabalho.

Agora é a vez do caboclo, que coloca o cano da espingarda por baixo da barriga do animal imóvel, e atira.

O disparo sêco da arma confunde-se com o alarido das aves, que são tomadas de surprêsa. O bando espavorido alça vôo em qualquer direção, foge. Cinco ou seis marrecos, porém, ficaram caídos no chão, sangrando, debatendo-se inùtilmente.

(*) Espécie de facão usado no nordeste.

TODO HOMEM É CEGO DURANTE A METADE DA SUA VIDA

OS MISTÉRIOS

Por S. HARLEY

Em seu "Tratado das Sensações", Condilac escreveu: **A memória não é mais que a sensação transformada. É uma série de idéias que formam uma espécie de cadeia.** É certo que esta teoria, elaborada por um homem que morreu em 1780, inspirou os trabalhos dos sábios, que, hoje, estudam a natureza e o funcionamento da memória. As conclusões a que chegaram êsses investigadores especializados, possuidores de conhecimentos e meios de investigação científica desconhecidos para Condilac, coincidem perfeitamente com as dêste filósofo.

Pelo menos é o que demonstra a recente obra do especialista norte-americano John Pfeiffer, intitulada "O Cérebro Humano".

Para que haja memória é preciso que haja sensação. A sensação altera os nervos, e êstes nervos levam a sensação ao cérebro. No próprio cérebro, a sensação, transformada em "sinais", viaja de célula em célula, levada por uma corrente elétrica ao longo dos nervos, até à célula que assinala e na qual deixa sua impressão. Mais tarde, bastará que uma corrente elétrica reforce esta impressão para que recordemos a sensação — acontecimento, sensação pura ou idéia — que criou a impressão. Calcula-se que oitenta e cinco por cento de nossas recordações puramente sensuais têm por origem sensações visuais. O resto provém das sensações de nosso ouvido, olfato, tato, gustação... O mecanismo do registro das sensações visuais são bastante conhecidas dos especialistas. O ôlho começa por captar a imagem invertida de um objeto contemplado, um livro, por exemplo, ou algumas letras de um livro. Ao inscrever-se na tela de células sensíveis à luz, a imagem invertida produz nela mutações químicas.

Estas liberam sinais elétricos que correspondem, ponto por ponto, aos pontos da imagem — o mesmo que acontece na televisão.

Estas imagens são transmitidas ao cérebro (exatamente ao centro visual, que se encontra atrás do córtex) através das fibras do nervo ótico. Ali, a imagem se amplifica; mas, de uma

São muitos os estudos concernentes ao cérebro, que não teriam sido possíveis sem os descobrimentos de Ramón y Cajol.

DA MEMÓRIA

maneira confusa, converte-se em um conjunto de sinais.

O cérebro ignora não só as formas, mas também o movimento. Conhece sòmente a imagem instantânea; porém aceita, registra e transmite tão ràpidamente as imagens sucessivas de um objeto, em movimento, que nos dá a impressão de velocidade, como no cinema.

Na realidade, passamos metade de nossa existência... cegos. Cada fração de completa cegueira, ambas tão rápidas que, graças à persistência das imagens na retina e à ação da memória, nossas frações de segundo de cegueira passam inadvertidas.

Alguns mistérios da memória foram esclarecidos graças aos aparelhos de contrôle do cérebro.

O GÊNIO E A MEMÓRIA

Para que possamos realizar os atos mais simples e sutis precisamos de numerosos registros. É necessário que uma impressão profunda marque nossas células cerebrais. É necessário, também, que o córtex efetue, entre os sinais que lhe são transmitidos pelos nervos, uma eleição e, ao mesmo tempo, tire as conclusões para enviar aos músculos. Quando esta eleição foi repetida centenas de vêzes, torna-se automática; a memória se desinteressa dela e a confia a outros centros cerebrais.

Só então os caracteres adquiridos formam parte integrante de nossa personalidade até à morte. Mas não podemos transmitir êstes caracteres a nossos filhos. Transmitimos apenas determinada forma de memória que lhes permite adquirir e desenvolver certas aptidões e certos talentos. Assim se explica a extraordinária continuidade do gênio musical na família Bach. Esta família é realmente uma das coletividades humanas em que se pode comprovar o rigor das leis descobertas por Gregório Mendel, referente à herança biológica. Porém, êstes problemas não interessaram a mr. Pfeiffer, o que não impede que sôbre tal tema possa ser escrito um livro muito apaixonante.

Na velhice existe um terceiro tipo de memória. Os velhos, de fato, não conseguem criar novas impressões. Conservam grande parte das antigas e assim é que recordam muito bem o passado, mas, em troca, esquecem quase imediatamente os fatos mais recentes. E isto **porque "remoinhos elétricos" se formam em seu cérebro.** Os sinais, em lugar de **viajar de célula em célula**, deixando impressões, **giram circularmente entre algumas células**. Uma vez esgotado o "remoinho", não resta impressão alguma da sensação que a desencadeou.

Há indivíduos que possuem o dom de recordar números, datas as mais distantes, enquanto outros parecem mais aptos a recordar formas, côres, melodias, etc.

O leitor, por exemplo, quanto tempo levará para indicar o dia da semana em que foi assinado o armistício que encerrou a luta de 1914 a 1918? Que dia da semana foi o 24 de agôsto de 1346? Quanto tempo será necessário para extrair a raiz quadrada de 28.987.786? E para extrair a raiz, na vigésima potência do mesmo número? Isso, mesmo tendo à mão uma máquina de

calcular! É normal que um ser qualquer, suficientemente instruído, e mesmo especializado, gaste várias semanas para efetuar um dêsses cálculos.

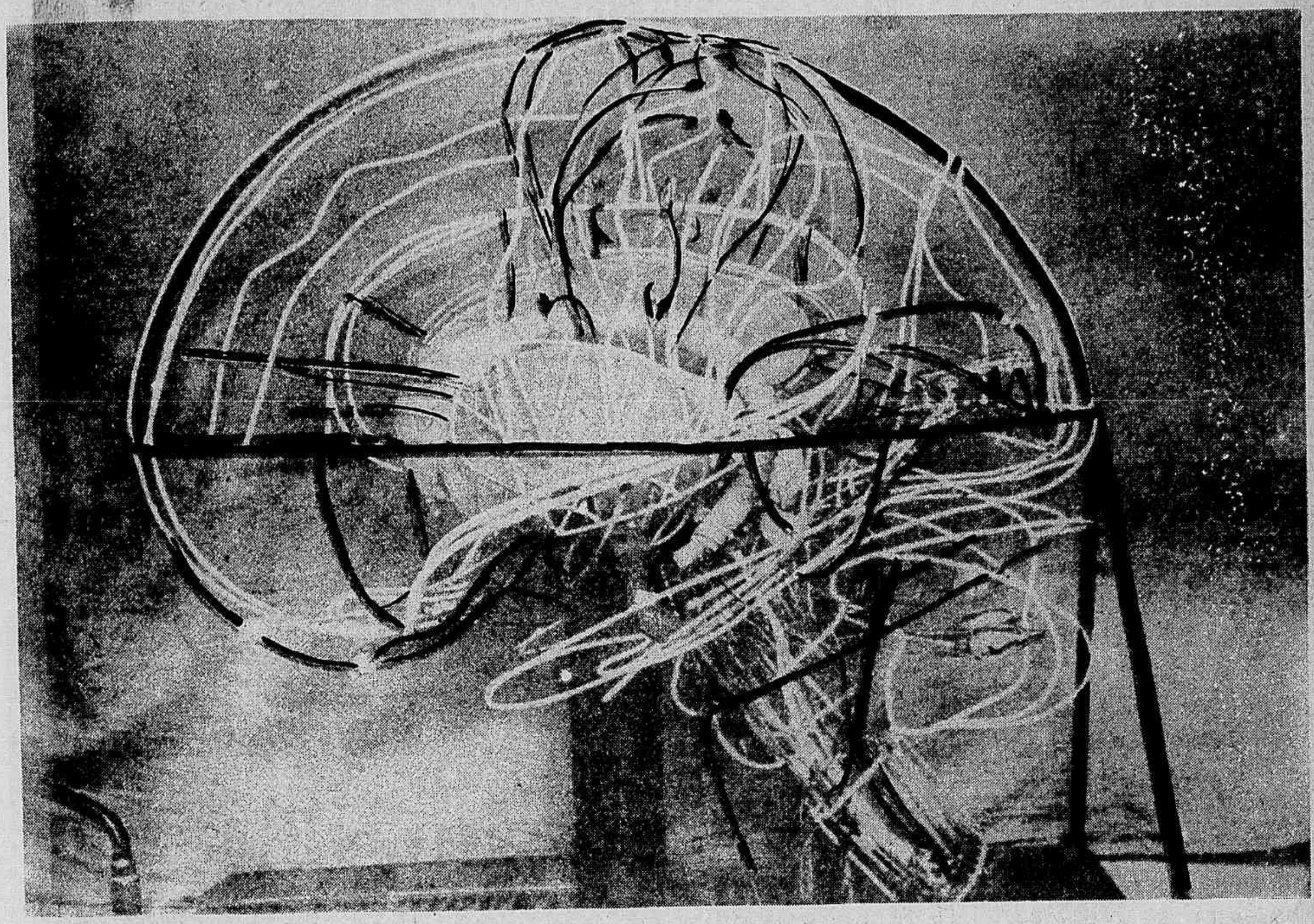
O que é anormal, espantoso mesmo, é que qualquer dessas questões tenha resposta exata em poucos segundos, sem ajuda de um lápis, uma fôlha de papel ou máquina de calcular.

Isso, porém, é o que consegue realizar Shakuntala Devi, jovem indiana do Sul. E realiza todos êsses cálculos sem hesitar. Simplesmente, espontâneamente, sem outro esfôrço além de uma instantânea concentração, responde a essas perguntas e a tôdas as outras, similares, que lhe são feitas.

Especialistas de diversos países, matemáticos, psicólogos, conjugaram seus esforços, para explicar como e por que Shakuntala Devi realiza êsse prodígio. Suas conjecturas sublinham apenas o caráter espantoso dêsse cérebro privilegiado. **Shakuntala Devi tem um cérebro como** um quadro negro, em que escreve, mentalmente todos os números, executa todos os cálculos e ficam todos os detalhes da operação gravados em sua memória prodigiosa sem falha, absolutamente nítidos. E essa memória é que lhe permite realizar êsses prodígios. Mas seu caso não é único. Já em 1710 e em 1790, um escravo negro e analfabeto, Tom Fuller, surpreendeu o mundo com suas somas de sete e oito números em cada carreira. Também efetuava multiplicações e divisões e chegara mesmo a extrair raízes cúbicas.

Outro ser prodigioso, um menino inglês, George Bidder, também surpreendeu o mundo por seus dons de memória... que desapareceram quando atingiu a idade madura. Na Itália, um Siciliano iletrado, Vitto Mangimli, provocou geral curiosidade por suas faculdades análogas, podendo recitar um sonêto, mal acabado de ouvir pela primeira vez, descrever um quadro, em seus mínimos detalhes, após nêle pousar os

UM FENÔMENO QUE ENCHEU DE ESPANTO AOS NOSSOS AVÓS — JACQUES Inaudi, como a jovem indiana Shakuntala Devi, que atualmente assombra o mundo com sua espantosa memória, explorou seu misterioso dom em espetáculos, tendo percorrido o mundo. Também êle desafiou a máquina de calcular (a primeira que apareceu no mercado) e durante várias horas anunciou os resultados muito antes do que ela. Esta só começava a ganhar avanço sôbre Inaudi quando a multiplicação passava de cinco cifras. Inaudi precisava apenas de um minuto para encontrar a raiz sétima de um número de vinte e uma cifras. Interrogado sôbre seus métodos, Inaudi declarava que fazia apêlo principalmente à sua memória... auditiva! Fora de suas "acrobacias" intelectuais, não dava mostras nem de uma inteligência muito viva, nem de uma capacidade de atenção assaz sustentada. Seu cérebro registrava — dizia êle — as impressões auditivas e as cifras nêle se gravavam à proporção e à medida que as ouvia. Sua maneira de trabalhar vinha em apoio dessas afirmativas: Inaudi ficava de costas para o quadro negro, enquanto um auxiliar escrevia e um espectador "cantava" os números dos problemas. Jamais olhava para o quadro negro, ao contrário da memória de Shakuntala Devi, que parece ser visual.



No estudo das enfermidades mentais dos mistérios da memória, o "cérebro de cristal", de Keenipereym e Exnes, tem sido uma das peças mais úteis aos cientistas que dêle faz uso sistemático.

olhos por alguns segundos, etc. Outro caso de memória fabulosa foi o de Jackes Inaudi, sôbre o qual nos referimos noutro trecho dêste artigo, sendo também de recordar os prodigiosos campeões de xadrez que conseguem jogar partidas inteiras... sem olhar para o tabuleiro.

PARA ONDE VÃO NOSSAS RECORDAÇÕES

São tantas as recordações contidas em um cérebro, que segundo cálculos dos estudiosos do assunto, as de um só indivíduo encheriam mais de oitenta milhões de volumes.

Marcel Proust, que já muito tarde começou a escrever "Em Busca do Tempo Perdido", encheu dezoito volumes procurando descrever com algum detalhe um pequenísimo número de suas recordações.

Para onde vão tantas recordações?

Acredita-se que elas se armazenam nas células proteínicas, que formam o tecido nervoso do cérebro, as quais possuem vários caracteres distintivos: são as maiores e mais complexas combinações de átomos que se conhece; podem ser modificadas pela passagem de um influxo nervoso e, finalmente, conservam suas impressões. Em resumo e em outros têrmos: a corrente elétrica, ao cruzar essas células, modifica definitivamente sua estrutura; entretanto vivem apenas vinte e quatro horas.

Como, pois, as recordações são conservadas por anos e anos, se as células onde se armaze-

Ramón y Cajol, sábio espanhol, que consagrou sua vida à "medicina da pessoa" e ao estudo do cérebre e seus mistérios.

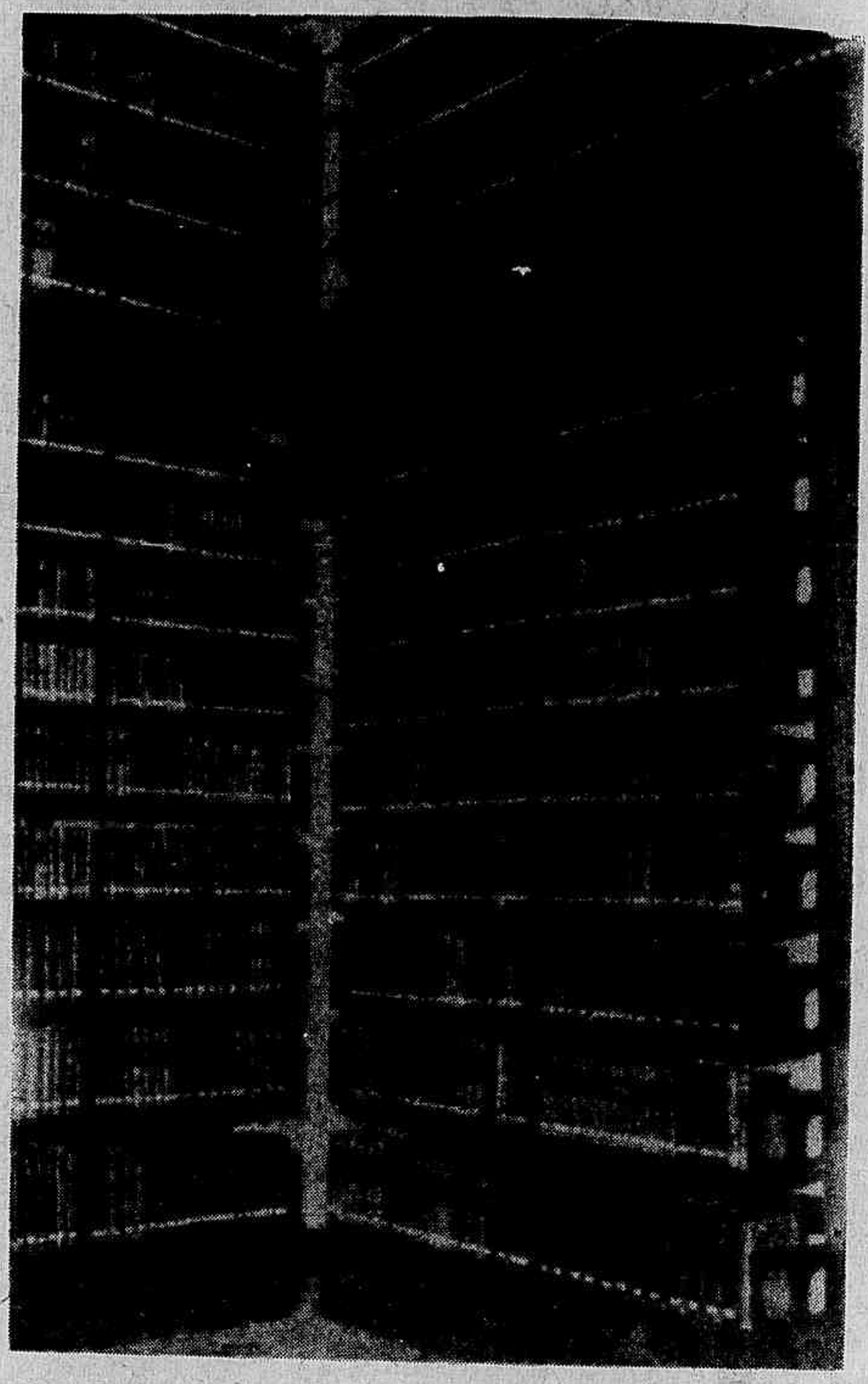
naram todos os dias? As moléculas proteínicas têm a propriedade de reprodução, e acredita-se que elas se reproduzam sob sua última forma, isto é, **já modificadas pela impressão que constitui a recordação**. Infelizmente, os cientistas ainda não têm provas diretas desta teoria, embora sejam numerosas as exposições que a valorizam.

Se fôr acertada, tal teoria permitirá estabelecer uma semelhança, um **parentesco** entre as células acumuladoras da memória e os trinta mil genes (também moléculas proteínicas), que, se reproduzindo, transmitem os caracteres hereditários de geração em geração.

A esta categoria pertence também o vírus da paralisia infantil e, segundo as conclusões da moderna ciência, **os primeiros grupos da matéria viva que apareceram na Terra**. Estas moléculas proteínicas de **reprodução espontânea** seriam, pois, "os veículos da vida, da enfermidade, da memória e da hereditariedade".

O certo é que todos os atos de nossa existência, tôdas as idéias que expressamos, todos os sentimentos que nos animam, se baseiam na memória, isto é: **no passado**! E não só no **nosso** passado, como também no de nossos pais.

Sua vida e o **seu** passado continuam em nós!



Nessas recordações, se pudéssemos conservar tôdas elas, e escrevê-las, não caberiam, sem dúvida alguma, em oitenta milhões de volumes.

★ ★

NOVAS ESPERANÇAS PARA OS LOUCOS...

HÁ muitos séculos que as plantas da família das Rauwolfia ocupam um lugar de honra na medicina popular da Índia. Os médicos hindus prescreviam Rauwolfia e seus extratos para doenças variadas tais como envenenamento por mordida de cobra, insônia e distúrbios mentais.

Há algum tempo, um psiquiatra hindu submeteu a Rauwolfia a ensaios rígidos a fim de comprovar sua ação curativa diante da medicina moderna. Numa experiência rigorosamente controlada, administrou a erva a um grupo de pacientes com doenças mentais graves.

Os resultados foram surpreendentes — impressionaram de tal forma que os seus colegas em todo o mundo passaram a investigar as drogas extraídas da Rauwolfia e seus efeitos nas doenças mentais.

Recentemente, foram anunciados os primeiros frutos desta pesquisa: médicos norte-americanos informam que um derivado da Rauwolfia, conhecido sob a denominação de **reserpina**, trouxe melhoras espetaculares em casos de pacientes que sofriam de doenças mentais graves.

Como conseqüência do tratamento com **reserpina**, pacientes que se enfureciam fàcilmente, mostrando-se combativos e insociáveis, tornaram-se cooperativos, afáveis e alegres. A droga, na realidade, produziu uma completa transformação de personalidade nos doentes que os médicos descrevem como **"assombrosa e, ao mesmo tempo, rápida!**

Êsses resultados preliminares são considerados de tal forma animadores que os médicos acreditam vir a reserpina a revolucionar o tratamento na psiquiatria moderna.

▭

Entre certas tribos da Índia, o homem que toma uma espôsa deve recompensar a família desta, entregando-lhe como **presente**, sua própria irmã. Na África, entre algumas tribos, a morte de uma mulher casada obriga sua irmã mais moça a desposar o marido sobrevivente, mesmo abandonando seu marido e filhos.

RESOLVA SEUS PROBLEMAS

DURANTE as sessões de certo cinema, numa grande cidade da França, muitas das senhoras teimavam em conservar os chapéus na cabeça, com o que prejudicavam a visão dos

que lhes ficavam atrás. As discussões eram constante e, no final, quem levava a pior era o gerente da casa, acusado por gregos e troianos, que o responsabilizavam pelo tumulto que interrompia, infalìvelmente, tôdas as sessões. Certo dia, o gerente apareceu no palco e suplicou às senhoras que retirassem o chapéu, porém explicou que seu pedido não era dirigido às senhoras de idade, que, estas, poderiam continuar com a cabeça coberta.

Não houve uma só que ficasse com o chapéu na cabeça.

A velha máxima, segundo a qual é preciso apelar para o interêsse pessoal do indivíduo quando se deseja que êle execute determinado serviço deu magníficos resultados no caso de um médico cujo consultório estava situado numa rua com grande trânsito de

veículos. Tinha que fazer, constantemente, visitas urgentes a seus enfermos e precisava, por isso mesmo, que a entrada e saída de seu automóvel, da garagem onde o guardava, estivesse livre de veículos estacionados, o que era coisa mais ou menos impossível. Um dia decidiu colocar um cartaz com êstes dizeres: "Roga-se não estacionar neste local. Minha próxima visita urgente poderá ser para algum membro da sua famílía". Desde então nenhum automóvel estacionou diante de sua porta, podendo entrar e sair livremente com seu veículo.

APROVADO, ENFIM

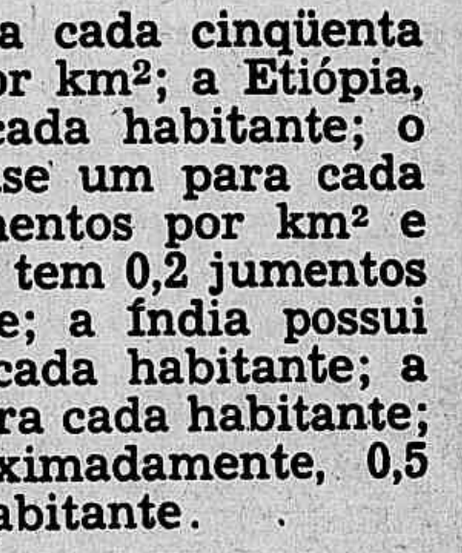
RECENTEMENTE, foi efetuado o primeiro vôo do protótipo do "Comet III", nova versão do avião contra o qual a sorte se mostrou particularmente ingrata. Foi pilotado nos céus de Hatfield, Inglaterra, pelo comandante Cunningham (apelidado "Ôlho de Gato"), que, ao terminar a prova (seguida de terra com compreensível emoção), declarou que o avião funcionava perfeitamente. O novo modêlo é cêrca de cinco metros mais longo que o precedente e poderá transportar, a velocidade de 800 quilômetros horários, de cinqüenta e oito a sessenta passageiros.

OS GRANDES PRODUTORES DE GADO ASININO

O país do mundo que possui mais jumentos (gado asinino) é a China, com 8.561.000; a seguir vem a Etiópia, com 3.500.000; o México, com 2.636.000; a Turquia, com 1.713.000; o Brasil, com 1.612.130; a índia, com 1.239.000; a Itália, com 760.000; a Bolívia, com 519.000.

A China tem, pois, um gerico para cada cinqüenta habitantes e 0,9 (quase um) jerico por km²; a Etiópia, 0,3 jumentos por km² e 0,23 para cada habitante; o México, 1,3 jumentos por km² e quase um para cada cinco habitantes; a Turquia, 2,2 jumentos por km² e 0,38 para cada habitante; o nosso país tem 0,2 jumentos por km² e 0,032 para cada habitante; a índia possui 0,24 jumentos por km² e 0,03 para cada habitante; a Itália, 2,5 jumentos por km² e 0,017 para cada habitante; e, finalmente, a Bolívia tem, aproximadamente, 0,5 jumentos por km² e 0,15 para cada habitante.

Em relação à superfície, a Itália é o maior produtor de gado asinino do mundo.



NA maioría das lojas das pequenas cidades do interior costumam cobrar uma pequena porcentagem por cada cheque que pagam, dos muitos que comerciantes, instituições, programas de rádio, etc., mandam para seus clientes ou decifradores de concursos. Certa vez, um farmacêutico de larga visão anunciou que, em lugar de cobrar uma porcentagem para descontar cheques, o seu estabelecimento comercial pagaria 5 cruzeiros por cada um que descontasse "e pelo grande prazer de atender e prestar serviço aos seus amigos e clientes". Logo no fim da primeira semana as vendas da farmácia haviam duplicado.

O REI DA FUMAÇA

COMO quase todos os fumantes, Bert Pichell, de Cincinnati (Ohio) gostava de recostar-se numa poltrona e deixar escapar halos de fumaça do seu charuto. Com os anos (vinte) acabou gostando de praticar e começou a tentar algumas proezas com a fumaça, só para distrair os amigos.

Hoje é êle uma figura conhecidíssima em tôda a cidade, sendo convidado para fazer exibições em todos os palcos, clubes, associações, hospitais e até mesmo no palácio do governador do seu Estado. Porque o homem é realmente espantoso, podendo mesmo ser cognominado, como já o fizeram os jornais de Cincinatti, como «O Rei da Fumaça».

Bert fuma cêrca de vinte charutos por dia e afirma que o segrêdo do seu êxito está no exercício. Tôdas as manhãs, depois do primeiro almôço, dedica-se a fazer halos de fumaça.

Depois, durante o dia, trabalhando no seu escritório de advogado ou mesmo em sua própria residência, continua praticando com grande empenho.

Bert pode fazer coisas incríveis com a fumaça do seu charuto, conforme os leitores poderão verificar pelas gravuras desta página.

Pode fazer halos duas vêzes maior que os bordos do seu chapéu; pode deter no ar um halo e, a seguir, fazer outro, aproximando um do outro, até trançá-los como os anéis de uma corrente.

Pode expandir um halo ou, ao contrário, contraí-lo. Pode enviá-lo, em linha reta, a distâncias que vão até quatro metros, colocando-os onde muito bem entender, mesmo sôbre a própria cabeça, como se fôsse uma auréola de santo.

O bramanismo exaltou a imaginação hindu e exteriorizou seus sentimentos em templos e ídolos, que se contam aos milhares na Índia, desde as edificações rústicas aos mais espantosos monumentos. Em Negapatan encontramos esta suntuosa edificação, destinada exclusivamente aos cerimoniais de abluções e que se encontra situada na região de Tanjore.

AS PETRIFICAÇÕES SOCIAIS DA INTOCABILIDADE

EMERGINDO DO BRAMANISMO E AVANÇANDO SÔBRE O INDUSTRIALISMO.

DE MATTOS PINTO

AS instituições sociais nascem, evoluem e deformam-se como os indivíduos nas encruzilhadas da vida. Com o espírito ariano, melódico e pastoril, cujo lirismo sedimenta a origem da Índia, os costumes bramânicos saltam como o mais incrível dos contrastes, baseados. todos êles em nefastos preceitos, removendo qualquer idéia de progresso social. Sôbre as ruínas das civilizações perdidas, o bramanismo prevalece como instituição monolítica e deformante, destinada a comover e sobressaltar a visão mundial. Trimurti, a imemorial trindade das plagas gangéticas, cuja mitologia reina desde o Himalaia até aos Montes Vindhya, desde o Mar de Oman até ao Gôlfo de Bengala, nutre e sustenta a arquitetura social de Brahma.

Há mais de dois milênios que o seu neto sagrado, o fantasmagórico Manú, impôs a lei das castas, pintou o ritual das cerimônias, descreveu o monumento da vida civil e até na era atual a sua enorme sombra paira vaga e monstruosa sôbre a terra dos rajás. As idades sucederam-se umas às outras, as gerações renovaram-se centenas de vêzes, sem que se moderasse a sua influência e as petrificações sociais da intocabilidade hindu.

METAFÍSICA E PANTEÍSMO NA CORRENTEZA DO GANGES — Os colossais templos da Índia, onde artistas búdicos e bramânicos inscreveram a opulência dos seus mitos, representam o encantamento religioso, que fascinou o coração hindu e insuflou-lhe arrôjo e magia. Pelas suas difusas ornamentações, contemplamos em linhas visíveis o descomunal e luxuriante misticismo, que já exaltou a sensibilidade de um povo, desafiando a extravagância de tôdas as artes. A riqueza da mitologia gangética rivaliza com a

sua arquitetura de penhascos. À sombra de Parabrama, o supremo e universal ser, que tudo concebeu e de onde tudo provém, se desenvolveram as figuras de Trimurti, a trindade de Brahma, Vishnú e Siva, símbolos da energia criadora, da vitalidade reparadora e da energia transformatriz. Metafísicos e panteísticos, os hindus idealizaram a entidade de Parabrama fora de tôda narrativa fabulosa, sem encarná-lo e deixando-o no estado de pureza universal.

Mas a fértil imaginação, que atribuiu ao ser excelso e infinito, qualidades imateriais, soube extrair da sua vaga concepção, três outros deuses mais próximos da humanidade. Brahma — o primeiro e o mais onipotente dêles, não recebe culto do povo, vivendo na alma das coisas, palpitando através das criaturas e da Natureza, difundido pelo mundo inteiro. Princípio impalpável da verdade, espírito de Parabrama, luz sagaz da onisciência, absorvido na sua própria grandeza, a primeira divindade de Trimurti nasceu de um esplêndido ôvo, flutuando sôbre as águas universais e com o fulgor de mil sóis radiantes.

A lenda visualiza Brahma, além de primeiro autor do "Rig-Véda", o pai dos legisladores da índia. Nenhuma adoração popular lhe pertence e só os sacerdotes bramânicos, cuja espiritualidade encarna a sua potência visível, oram tôdas as manhãs rogando-lhe as graças da infinita sabedoria. O único templo de Brahma ficava em Pokhar, na província de Radjputana. A segunda figura de Trimurti, cuja finalidade mitológico se concentra em reparar as transformações do mundo, resume em si os eternos sentimentos do amor e da bondade. Espiritual e conciliador — Vishnú seduziu a instintiva alma da índia, que se abandonou no seu culto apaixonado atribuindo-lhe os sonhos e os arroubos, as torturas e as esperanças da emotividade humana. Para melhor encarnar os anseios do coração e da vida, a imaginação gangética multiplicou Vishnú, desdobrando-o em outros símbolos divinos.

Saijanalaya, o deus Shiva ou Civa, a terceira pessoa da mitologia de Trimurti, cuja onipotência e onisciência se manifesta pela destruição e recriação de tôdas as coisas. Na Índia, os civaístas lhe tributam grandes reverências e sacrifícios.

Assim, três mil e quinhentos anos antes da nossa era, a lenda fêz Vishnú se encarnar no filho da virgem Devanaguy, cujo sentido mítico expressa em sânscrito "formada por Parabrama".

O mirífico acontecimento transcorreu no palácio do rajá de Madura e encontra-se imortalizado em obras de poesia, em monumentos de estatuária. Outro desdobramento de Vishnú, que muito entusiasmou a tradição ariana, depara-se em Roma, o conquistador védico do Ceilão e da índia.

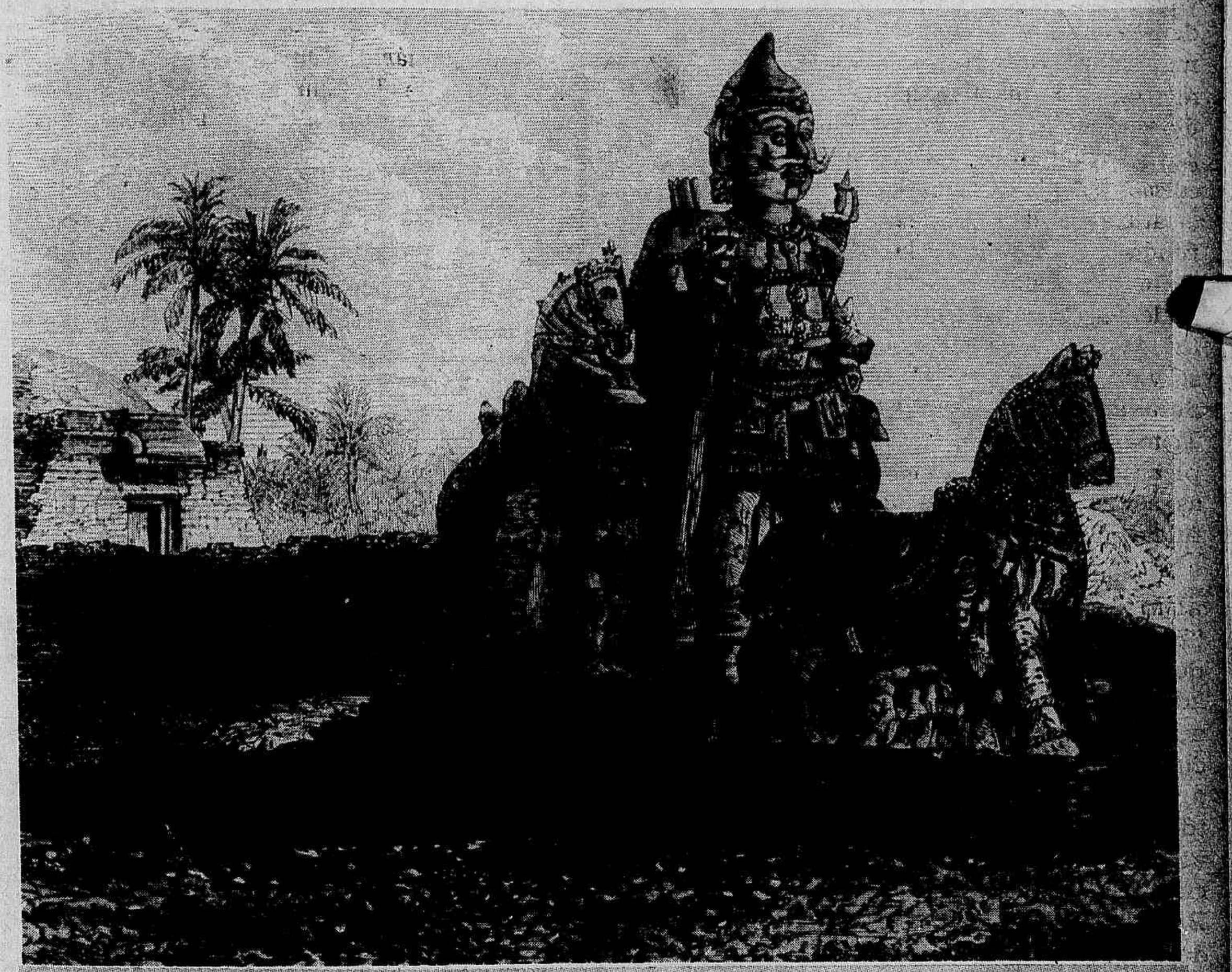
O sentimento popular exalta Vishnú como o mais amável dos deuses, cuja radiação ilumina a mitologia do Ganges.

A terceira pessoa de Trimurti preenche no edifício religioso o impulso transformador das fôrças naturais. A imaginação hindu desconhece o aniquilamento físico e a morte exprime transformação, mudança de estado e renascimento de outra existência, jamais completa ruína. Transformista por excelência, o misticismo védico ornou Shiva — com os atributos do ciclone e do fogo, que alteram e transformam o equilíbrio do mundo. Os sivaístas lhe dedicam extravagantes e monstruosos sacrifícios. Shiva supera as outras divindades como um deus essencialmente cósmico, na trindade de Trimurti e dispõe de enorme popularidade. Entre Brahma e Siva, simbolizando a alma esparsa do mundo e o gênio ciclópico da Natureza, Vishnú expande a moderação do amor e

da bondade, mantendo a harmonia do Universo. A fantasia arquitetural, o desenfreado misticismo e o devaneio sensualista imperam na alma hindu. Para Benarés, antiga capital da Índia, situada à margem do Ganges, com mais de quinhentos mil habitantes, convergem os peregrinos de tôdas as províncias da Índia, que anualmente vão se banhar nas águas do rio sagrado, bem como venerar a cidade dos Bramanes. Concentra tôdas as ansiedades do espiritualismo védico e bramânico, existindo uma lenda sôbre a libertação de tôda pessoa morta em Benarés, que fica livre de novas reencarnações.

Centenas de sacerdotes animam o êxtase dos peregrinos em Benarés, onde os crentes dizem existir três mil templos, edificações tôscas e sombrias onde se ocultam qualquer ídolo. Exclusivamente para executar ablu-ções religiosas na correnteza do Ganges, milhares de peregrinos emigram em romaria das mais afastadas aldeias, marchando centenas de quilômetros para visitar Benarés, onde realmente se podem admirar maravilhas artísticas, palácios e templos, o Pagode de Visvicho e a Mesquita de Aureng-Zeyb. Cêrca de cento e cinqüenta mil peregrinos avançam sôbre Benarés, todos os anos o número crescendo com o aumento da população da Índia.

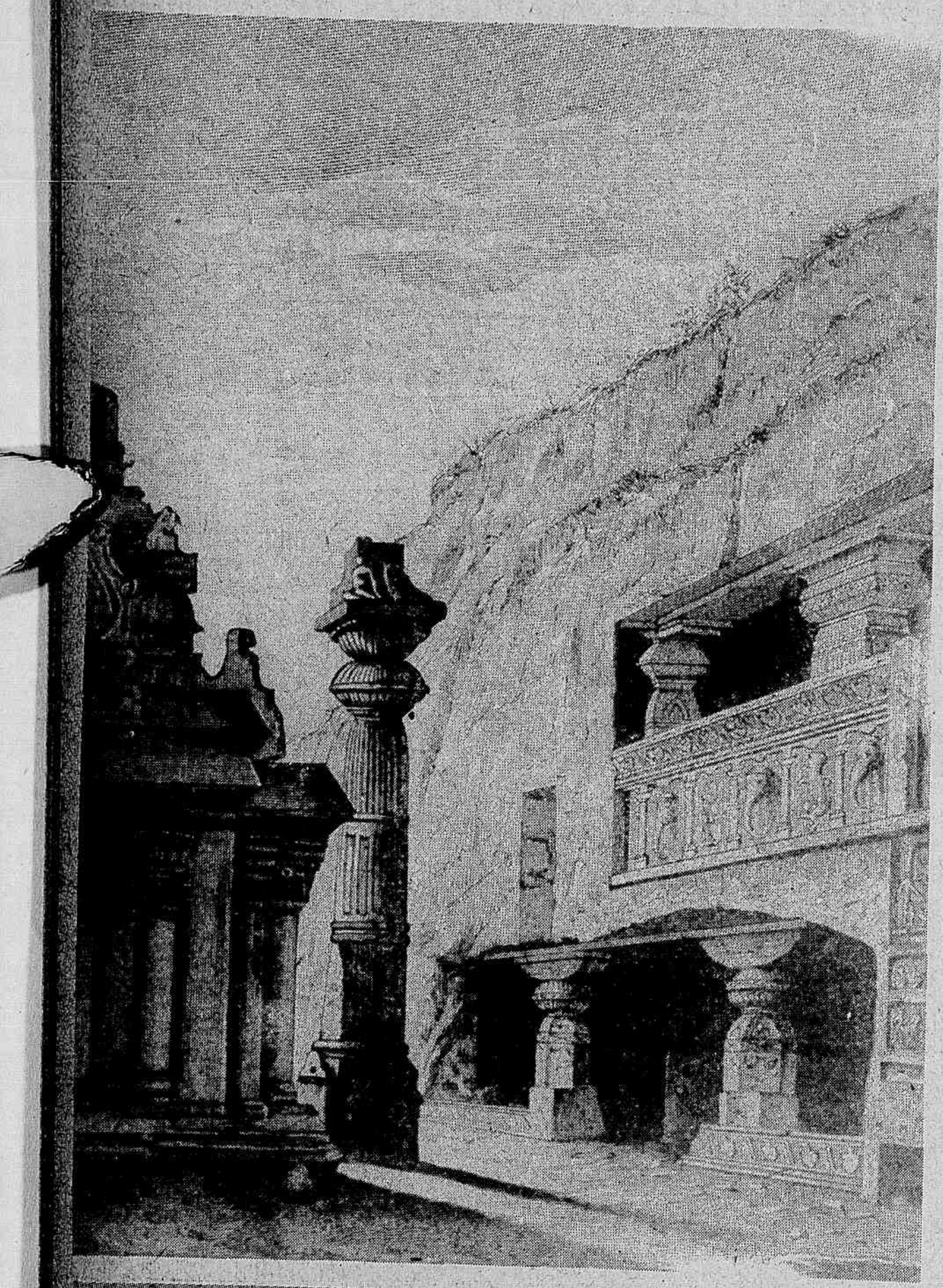
TODOS OS SÊRES MARCHAM PARA SEU DESTINO — A estrutura social do bramanismo, que ainda hoje rege a vida espiritual e quase tôdas as instituições civis



A divindade patronal de Parenthalagendy é um grupo gigantesco, que caracteriza muito bem o estilo empregado para a escultura colossal. O personagem com bigodes retorcidos, que ocupa o centro da composição é um dos heróis sectários de Siva, e os cavalos, luxuosamente encouraçados, que o acompanhavam, parecerem aludir a alguma incarnação divina.

da índia, repousa sôbre o Manava — Dharma — Sastra, código duas vêzes milenar.

A mesma fantasia que imobilizou e compôs os personagens de Trimurti, também



Para exaltar a grandeza de Vishnu, Shiva e outras divindades, os hindus talharam grandes pedreiras e transformaram rochas em templos fantásticos, cuja edificação consumiu algumas gerações de crentes do bramanismo.

ilustrou com os ornamentos da lenda, a aparição das leis sânscritas.

A tradição védica pinta Brahma, o espírito infinito e mestre de tudo, em cujo seio tôdas as criaturas se precipitam e se dissolvem, para renascerem depois, segundo a lei do karma. Brahma, porém, não é um deus, mas o princípio de tudo, a alma universal, a essência de todos os seres. Dêle emanam os deuses, os homens, os animais, as plantas, os minerais, a matéria e o espírito. Brahma é o princípio e o fim de tudo. Dêle nasceu Virat, o ser primordial, que se manifestou em dois princípios: Purucha e Prakriti. Êstes se fundem gerando duas novas entidades: — Purucha e Virady.

Dêste último nasceu, em tempos imemoriais, Manú Svayambhuva, que os Vedas designam como o pai da humanidade, a luz dos legisladores sagrados. O Manava — Dharma — Sastra, o mais antigo tratado de leis da índia, cuja origem permanece como insolúvel hipótese, traz o nome do Código de Manú e abrange o ritual religioso e o rumo da vida civil, trata de inumeráveis questões como dívidas e emprêsas comerciais, pagamentos de salários e depósitos, injúrias e ofensas, furtos e jogos, heranças e inimizades, distribuição das castas e intocabilidade dos párias.

Além disso, fala de política, desenvolve preceitos de moral, expõe aforismos metafísicos e contém doutrinas cosmogônicas.

De Manu, saíram os Pradjapatis, chefes dos legisladores. A lenda védica envolve o filho de Virady, o neto de Brahma, com uma pitoresca fantasia:

"Manú estava sentado, meditando com o pensamento fixo num só objeto, quando se aproximaram uns Maharchis, que lhe dirigiram a palavra saudando-o respeitosamente:

— Ser onipotente! Dignai-vos revelar, conforme a ordem, como se devem cumprir as obrigações e deveres das quatro castas primitivas, bem como das mistas, pois só vós, ó primeiro dos entes nascidos, conheceis o verdadeiro sentido dos deveres, que constam dos Vedas e são de universal obrigação, de natureza divina e inacessíveis em tôdas as suas partes, à razão humana."

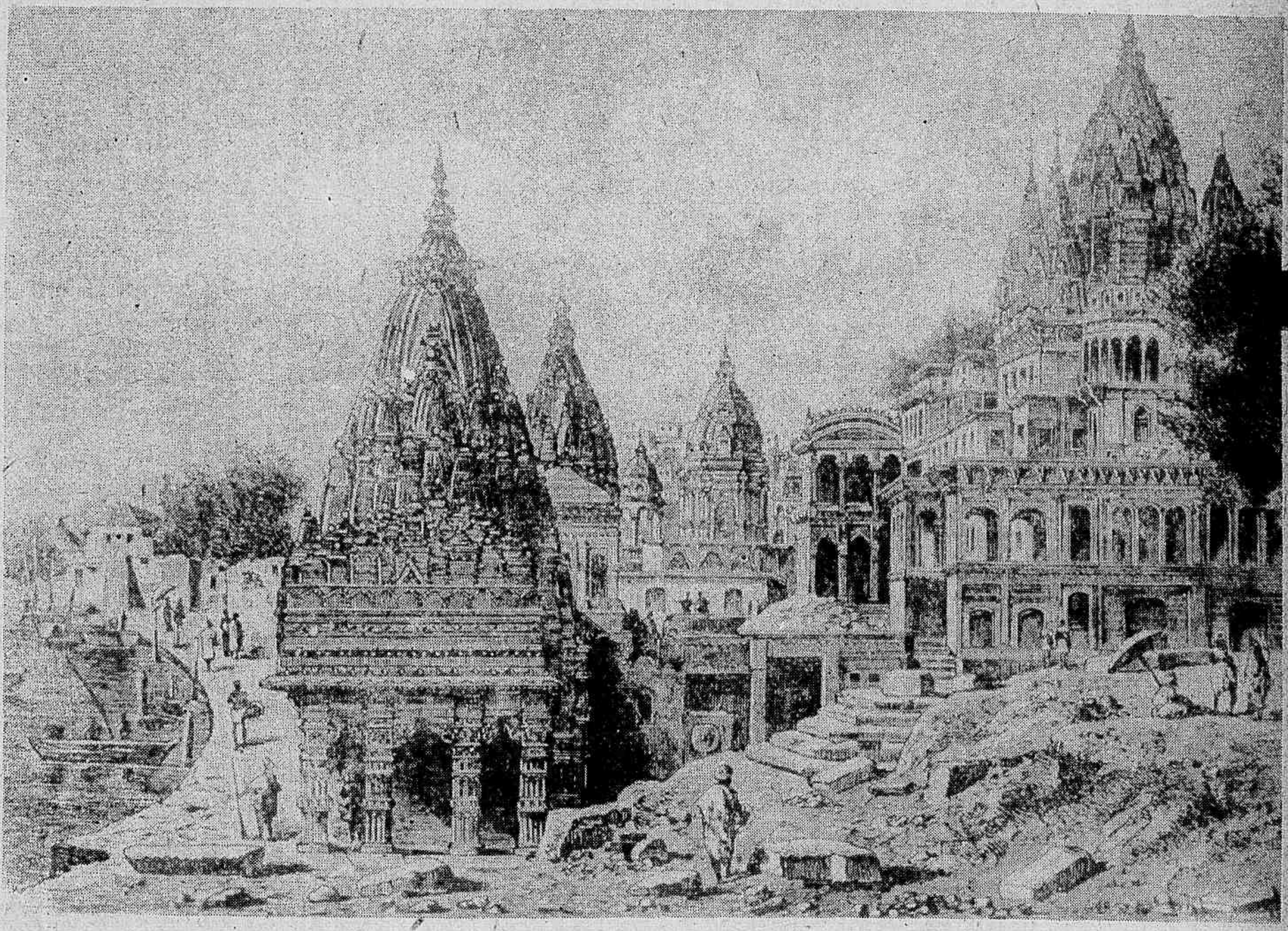
Assim interpelado pelos Maharchis, fala

proféticamente Manú e lança os fundamentos sociais e jurídicos, que constituem a base da sociedade bramânica, ensinando como todos os sêres marcham para seu destino a partir de Parabrama, até à última das plantas.

As leis do Manava — Dharma — Sastra classificam e separam os delitos da vida com uma minuciosidade que fatiga e que maravilha, deixando a impressão de uma obra exaustiva, para ser modelada por uma só geração e por um só homem. Manú interdiz o direito de herança à mulher leviana, à mulher estéril, ao eunuco, ao imbecil, ao banido da casta, ao cego e ao surdo de nascença, ao mudo e ao leproso.

A metempsicose, a doutrina da transfiguração da alma através dos animais, mereceu também do jurisconsulto legendário importantes penas. Quem matar tigre, urso e serpente, receberá castigo em certa quantia. E quem matar cavalo e boi, cabra e camelo, sofrerá mutilações no pé ou na mão. Antes de pisar a terra, o sacerdote bramânico areja o lugar com um pano e ora dêste modo a Brahma: "Se fiz descer a minha benevolência até à formiga, espero que farás descer a tua até mim".

Depois de proclamar o falso testemunho como um dos mais repugnantes crimes, o Código de Manu admite algumas vêzes, a mentira como sendo preferível à verdade. Na parte geral, onde trata da administração da justiça, nos artigos 84, 85, 86 e 87, há coisas deveras interessantes: "Em certos casos, quem diz de modo diferente do que sabe, por um motivo piedoso, não é excluído do mundo celeste. Seu depoimento é chamado palavra dos deuses. Tôdas as vêzes que a declaração da verdade possa causar a morte de um sudra, de um visya, de um kachatria, ou de um bramane, quando se trata de falta cometida num momento de alucinação e não crime premeditado como roubo, como arrombamento, é preciso dizer uma mentira. E



Templo hindu situado à margem do rio Ganges, que é considerado sagrado para os bramanista; é ainda êste rio o local onde se praticam as purificações religiosas pelos crentes.

nesse caso, é preferível a verdade. Que as testemunhas que assim mentiram por um louvável motivo, ofereçam à Sarasvvati bolos de arroz e leite consagrados à deusa da eloqüência, para perfeita expiação do pecado de falso testemunho. Ou então, que a testemunha faça no fogo, conforme a regra, uma oblação de manteiga clarificada dirigida à deusa das súplicas, recitando orações do Yadir — Veda, ou o hino de varuna, que começa por Ud, ou ainda as três invocações às divindades das águas".

Todo o Manava — Dharma — Sastra encontra-se repleto de extravagâncias e há admiráveis idéias, preceitos absurdos e penas ridículas, fantásticas exigências e doutrinas tocantes, punições hediondas e infamantes postulados. As mutilações do corpo freqüentam a penalogia do Código de Manú, como se a dignidade devesse ceder diante dos estigmas religiosos. Por séculos, o preconceito da intocabilidade imobilizou tôda a índia, isolando-a dos surtos revolucionários da política e das refundições econômicas da democracia.

A PUGNA DO INDUSTRIALISMO CONTRA O IMPÉRIO DAS LENDAS — Quanto mais examinamos e revemos o Código de Manú, mais ficamos atônitos com a variedade dos motivos julgados, das coisas previstas e condenáveis, que só uma imaginação fabulosa poderia conceber. Ao lado dos comentários equitáveis e místicos saltam parágrafos de singular rudeza, contemporâneos dessas idades barbarescas em que a consciência mal distingue entre os homens e a humanidade.

Sôbre o espírito de justiça, assim discorre o neto sagrado de Brahma: "Por tôda a parte em que a justiça é destruída pela iniqüidade, a verdade pela falsidade sob os olhos dos juízes, êles também serão destruídos. A justiça fere quando a ferem, preserva quando a protegem. Por conseqüência, guardemo-nos de ofender a justiça com mêdo que se nós a ferirmos, ela nos castigue. Tal é a linguagem dos juízes ao presidente quando o vêem disposto a violar a justiça". O extremo amor pela eqüidade e pela retidão, que anima a sabedoria de Manú, leva-o a legislar sôbre os temas mais exóticos e mais paradoxais:

"Uma mulher estéril deve ser substituída no oitavo ano, aquela cujos filhos morreram no décimo, aquela que só põe no mundo filhos no undécimo e aquela que fala com azedume imediatamente".

Admira-se a meticulosidade e a previdência, a exatidão e o rigor do jurista bramânico vendo os fatos mais diversos. Se Manú manda substituir imediatamente a mulher que fala com acrimonia, obriga a jamais tratar com desprêzo a mulher boa e virtuosa, que mesmo enfêrma só pode ser substituída pelo seu consentimento. As penas abjetas e sanguinárias muito contrastam com a melodiosa ternura do Rig-Veda. Sôbre as ofensas físicas, estatui o Manava — Dharma — Sastra: "De qualquer membro que se sirva o homem de baixo sentimento para ferir um superior, êsse membro deve ser mutilado. Se levantou a mão ou o bastão sôbre o superior deve ter cortada a mão e se num movimento de cólera lhe deu pontapé, que seja decepado o seu pé. O homem de baixa classe que resolve tomar lugar ao lado de uma classe mais elevada, deve ser marcado abaixo do quadril e banido, ou deve ordenar o soberano que lhe façam um talho sôbre as nádegas". A intocabilidade petrificou, durante séculos, a sociedade hindu, modelando-a com uma rigidez que removeu as fermentações ideológicas indispensáveis à evolução dos povos. William Jones atribui ao Manava — Dharma — Sastra uma idade de oito séculos antes de Cristo.

O tratado de leis designado como "Código de Manú", que a poesia védica evoca como o neto de Brahma, perpetuou-se pela tradição oral, até ao momento onde os doutôres bramânicos recolheram-no e impuseram a sua tirania mítica sôbre tôda a índia, cuja vida civil mergulhou nas trevas da informe civilização das castas. O mais espantoso dos legisladores sagrados deformou e ainda deforma o destino de milhões de criaturas humanas, que vivem à margem do Indo e do Ganges. O misticismo enfureceu a imaginação dêsse povo asiático, cujo êxtase se exteriorizou em colossais templos e nos mais estonteantes ídolos. Além das castas, separam as populações da índia oposições de línguas e dialetos, indumentárias e costumes religiosos. A ostentação pública

AS PETRIFICAÇÕES SOCIAIS DA INTOCABILIDADE

Pagodes e templos hindus em Benarés, à margem esquerda do rio Ganges. Antiga capital da Índia, Benarés passou a ser a sua metrópole sagrada, para onde convergem todos os anos, em colossal romaria, mais de cento e cinqüenta mil peregrinos. Dizem os crentes que há mais de 3.000 templos na cidade de Benarés para atender aos milhares de romeiros.

do luxo dos marajás contrasta com a rusticidade da enorme massa de humildes hindus, que vegetam em milenar rotina civil.

Milhões de vítimas da intocabilidade bramânica nunca contemplaram uma lâmpada elétrica e metade da população ignora o cinema, o rádio e o confôrto eletrotécnico dos europeus. Nas grandes cidades cosmopolitas e nos centros industriais, o rigorismo das castas vai cedendo ao avanço das intimidações imperialistas dos negócios mundiais e dos trustes vorazes. Nas províncias ainda virgens das inovações mecânicas, o regime da casta ainda impera, não obstante os exemplos reformadores de Mohandas Karamchand Gandhi, cujo nacionalismo batalhou pelo extermínio do ódio aos párias. Por todos êsses contrastes, Winston Churchill batizou sarcàsticamente a Gandhi de — faquir sedicioso. Quando europeus e norte-americanos falam das superstições reinantes na Índia, o estadista hindu Jawaharlal Nehrú critica desdenhosamente o progresso industrial do Ocidente, como uma civilização de lojistas onde todo mundo só pensa em negociar mercadorias.

Não obstante a sobrevivência das castas, a Índia moderna coloca-se na frente da política da Ásia, com as suas minas de ferro e de hulha, de magnésio e de mica, classificada como a oitava potência industrial do mundo, fabricando mais aço do que o Japão e a China.

O industrialismo da Índia, orientado pela argúcia política de Jawaharlal Nehrú tenta libertar seu povo do império letárgico das lendas milenares, para as conquistas modernas do asianismo com as suas trepidantes siderúrgicas e suas crescentes indústrias mecânicas.

AGORA JÁ FIZERAM isto!

PARA trocar a roda de um automóvel há, agora, um novo "acessório" que, aplicado à roda a ser retirada facilita a retirada das cabeças de porcas e da própria roda como ainda torna trabalho rápido a colocação da roda sobressalente, conservando-a na altura apropriada e com tôdas as demais peças miúdas, prontas para ser ajustadas.

NOVO termômetro clínico com mostrador como o dos relógios, permitindo ler com

facilidade o grau da temperatura acusado. O vidro que cobre o mostrador é de lente e qualquer indivíduo poderá ler a um metro de distância.

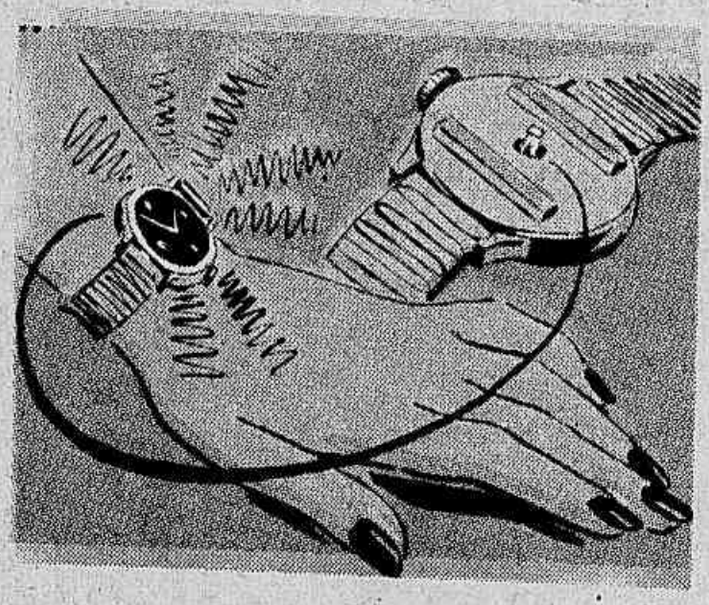
ESTANTE-escrivaninha encaixada na série de armários de aço para a cozinha e no qual podem não apenas ser guardados os livros de receitas, como ainda a dona da casa, que precisa vigiar o fogão ou o forno, poderá escrever cartas, copiar receitas ou distrair-se com a leitura de revistas.

RECIPIENTES próprios para "banho-maria" e que economizam gás. Feitos com aço especial, conservam considerável calor e, dessa forma, mantêm a água quente bastante para, por sua vez, manter bem aquecida a comida que nela se depositou.

PARA limpeza dos móveis, um pulverizador de verniz, que dispensa pincel, pano ou boneca de algodão. Dispensa até mesmo habilidade e proporciona grande economia de tempo. Seca instantâneamente, não deixa riscos, excessos e, finalmente, graças à rapidez com que seca, impede que poeira ou insetos fiquem grudados no verniz. Para limpar é bastante um pano molhado em água pura.

PARA as embarcações há um novo tipo de pintura que vem tirar as eternas dores de cabeça dos iatistas. Trata-se de uma tinta-vidrante, de duração bastante longa e que protege 100 por cento o madeiramento contra a ação do sol, da água salgada, etc., dando total proteção ao barco e às peças mais delicadas do mesmo. O principal, porém é que evita o constante trabalho de pintar, pois que será bastante aplicar nova tinta uma vez cada dois anos.

RELÓGIO para recordar pequenos serviços, que, precisam, porém, ser executados em horas certas (telefonemas, saídas, visitas, qualquer providência, enfim, que exija para sua execução uma hora determinada) serão agora executados corretamente graças a êsse novo relógio de pulso que, em vez da campainha (muitas vêzes



indesejável estando-se em lugar público) dispara um pequeno detetor que com ligeira trepidação nos recorda que é hora de fazer determinada tarefa.

A BARREIRA DA IDADE

QUANDO os aviões se aproximam da velocidade do som — cêrca de 1.200 quilômetros por hora — atingem a chamada "barreira sônica". O vôo a êsse nível de velocidade é tormentoso: os aviões oscilam e tremem, prêsa das enormes vibrações de ar. A velocidades mais altas, contudo, é possível voar de novo serenamente.

Estudos recentes indicam que a "barreira sônica" tem sua contraparte no corpo humano. De acôrdo com um pesquisador, o nosso corpo atinge uma "barreira de idade" quando chegamos aos 60 anos. Entre os 60 e os 75, declara o médico, cessam vários dos processos gradativos do envelhecimento; fica interrompida a desintegração de certos tecidos e órgãos, desintegração essa que é de fato suplantada por um período de crescimento renovado. Em geral, morremos antes de atingida essa "barreira de idade", ou enquanto passamos através da mesma. Mas se conseguimos sobreviver a essa fase, assevera o mesmo médico, defrontamo-nos com outro período de **calma orgânica** e, então, as possibilidades de chegar aos 100 anos são ótimas.

▭

A moda dos cabelos curtos, que ganhou novo incremento com a recente ocupação norte-americana, deixou sem trabalho mais de 16.000 **penteadoras** japonêsas.

▭

É melhor possuir um cérebro de segunda classe que um caráter de segunda classe.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Meus senhores — prosseguiu sùbitamente Gonzaga, em tom diferente — convidou-os a não se preocuparem com o marquês de Chaverny ou com qualquer outro... Têm que fazer... pensem em si próprios!

E passava o olhar em redor, obrigando a baixar os olhos dos que o cercavam.

— Primo — disse Navailles em voz baixa. — Cada uma das suas palavras parece uma ameaça!

— Primo — replicou Gonzaga. — As minhas palavras são muito simples. Não sou eu quem ameaça... é o destino!

— Que há? — perguntaram várias vozes ao mesmo tempo.

— Pouca coisa... Vamos jogar o final de uma partida, tenho necessidade de todos os meus trunfos!

Como o círculo, involuntàriamente, se apertasse, Gonzaga fê-los conservarem-se à distância com um gesto quase real, e colo-

---

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em 1699, em uma estalagem próxima ao castelo Peyrolles, secretários de Gonzaga, reúnem-se sequiosos para assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, junto às muralhas e vê o secretário dizer ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Êsopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, a primeira anuncia, que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao enderêço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assustava Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam Cocordasse e Passepoil. Na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se

cou-se de costas para o fogão, numa atitude de orador, dizendo:

— O tribunal de família se reúne hoje sob a presidência de Sua Alteza.

— Já o sabemos, Monsenhor — disse Taranne — e por isso ficamos surpreendidos com o traje que nos pediu para vestirmos. Não é assim que nos devemos apresentar diante de uma assembléia dessas.

— Exatamente — disse Gonzaga — tanto mais que não tenho necessidade da vossa presença no tribunal...

Um grito de espanto saiu de todos o peitos. Entreolharam-se, e Navailles perguntou:

— Trata-se de mais algumas espadeiradas?...

— Talvez — respondeu Gonzaga.

— Monsenhor — pronunciou Navailles resolutamente — eu falo apenas por mim...

— Nem por si deve falar, primo — interrompeu Gonzaga. — Já pôs o pé em cima de uma ponte escorregadia e nem sequer é preciso empurrá-lo... previno-o!... Basta

---

intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepail e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiram o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga tendo ao lado a princesa de Gonzaga, ouve junto de si uma voz anunciar: **«Aqui estou».** Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz da palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém. Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora no correr da festa do regente. Mas, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha. Tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepail ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère. Pouco depois prendem Lagardère e os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue ao Regente. Lagardère é levado à presença do Regente e da princesa de Gonzaga. Esta não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, é interceptado por Gonzaga, que lhe diz que Aurora já está em seu poder... e, também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda a sôldo de Gonzaga anuncia que matou Lagardère. Porém, o corpo desaparece e surge o corcunda anunciando que o cavalheiro fôra atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, cuida de suas chagas. No dia seguinte, no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agoira acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Na mesma tarde Gonzaga afirma aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo do qual no fundo também temia: Chaverny! Logo o corcunda aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva. Flores envenenadas, que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flôres. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe. O corcunda arranca os ramos de sua mão, dizendo que só o noivo tem o direito de ofertar flores à noiva. Depois é o trabalho de convencer a noiva a aceitá-lo. Pede que todos se afastem e fala em voz baixa com Aurora. Esta parece adormecer e acaba consentindo, com assombro de todos, que acusam o corcunda de posuir artes mágicas. Gonzaga manda entrar o notário, para realizar o casamento. No final o notário pede que os noivos assinem o documento nupcial...

O corcunda assina... Lagardère! Segue-se luta, sendo os acólitos de Gonzaga batidos pelo herói, secundado por Passepoil e Cocardasse, até que são interrompidos por uma voz, que se anuncia «Em nome do rei». Lagardère é conduzido prêso e Gonzaga, cínico apresenta Aurora à viúva de Nevers e mais o envelope contendo o documento que atestava ser sua filha. Ela, que agora tudo compreendia, tenta defender o cavalheiro de Lagardère e o regente, embora desconfiando de Gonzaga nada pode fazer. Gonzaga relata ao Regente tôda a velha história da morte de Nevers e a infância e adolescência de Aurora, ao seu modo e favor, embora por vêzes o Regente se mostre incrédulo e não esconda a sua desconfiança. No calabouço, Lagardère teve por vizinhos Cocardasse, Passepoil e Chaverny, pois o marquês tinha sido renegado por Gonzaga, por haver tomado a defesa de Aurora e de Lagardère. Os três não tardam a reunir-se, passando Chaverny por um buraco aberto no chão de sua cela para a dos dois espadachins. Eis que surge Peyrolles e Chaverny se esconde, enquanto o corcunda aliado de Gonzaga penetra na prisão. Dominar o factótum, fazer o mesmo com dois guardas, atraídos de propósito e fugir do velho presídio foi coisa fácil, embora marcada por episódios de luta e de riso. Livres, Chaverny, Cocardasse e Passepoil agiriam em favor de Lagardère. No Palácio da princesa de Gonzaga, esta aprendia a melhor conhecer a filha e a Lagardère, ouvindo o que sôbre ambos contavam Bernichon e a boa Francisca.

E ali decide tudo fazer para salvar Lagardère. Pouco depois surge Chaverny, disfarçado para fugir dos guardas de Gonzaga e entrega à princesa a mensagem em que Lagardère suplica que o deixem ver Aurora, antes de morrer. Juntas a princesa e Aurora partem para a sessão do Tribunal de Justiça, onde o prisioneiro ouviria a sentença fatal. Isso é obtido pela princesa de Gonzaga e a entrevista entre ela, Lagardère e Aurora é emocionante. Lagardère pede apenas que na parada, antes do cadafalso, quando diante do túmulo de Nevers deverá ter a mão direita cortada, concedam que êle case religiosamente, perante um padre com Aurora, vestida de noiva. É uma reabilitação ao seu nome, que deseja. Aurora vai procurar o Regente porém um palaciano traz a recusa sêca de Orleans. Isto porque Peyrolles comprara o esbirro para impedir qualquer entrevista entre o Regente e a princesa. Mas Peyrolles treme ao ver Gonzaga cercado de seus espadachins e como se temesse um ataque. Se Lagardère estava prêso... Porém Gonzaga ainda temia a fôrça de Lagardère e o prestígio da viúva Nevers.

que largue a mão!... No entanto, se quiser falar, Navailles, espere que eu explique claramente a nossa situação a todos...

— Esperarei que Monsenhor se explique — murmurou o jovem fidalgo — mas previno-o de que desde ontem temos refletido muito!

Gonzaga olhou-o primeiro com ar de compaixão e em seguida pareceu concentrar-se.

— Não necessito de ninguém no tribunal, meus senhores — disse pela segunda vez — porque preciso da vossa presença noutro lado. O traje de Côrte e as espadas de parada, nada valiam para o que temos a fazer. Pronunciou-se uma condenação à morte, mas com certeza não ignoram o provérbio espanhol: "Do copo aos lábios"... Do machado ao pescoço... Ora, o carrasco está a espera de um homem...

— Do cavaleiro de Lagardère? — interrompeu Nocé.

— Ou de mim — pronunciou friamente o príncipe.

— De Monsenhor?... — exclamaram de todos os lados.

Peyrolles ergueu-se apavorado.

— Não tremam! — prosseguiu o príncipe, sorrindo cada vez com maior orgulho. — Não é o carrasco quem escolhe! Mas, com semelhante demônio, refiro-me a Lagardère, que mesmo no fundo do calabouço conseguiu arranjar fortes e poderosos aliados, só conheço uma segurança: seis pés de terra sôbre um cadáver! Enquanto êle viver, mesmo de mãos amarradas, o espírito não está livre; enquanto a bôca puder abrir-se parar a língua falar, todos devemos ter uma espada na mão, o pé no estribo e muito cuidado com as nossas cabeças!

— As nossas cabeças? — repetiu Nocé, endireitando-se.

— Céus! — exclamou Navailles. — Isso é de mais, Monsenhor! Enquanto falava só por si...

— Palavra de honra! — resmungou Oriol. — A brincadeira já vai muito adiantada!

E deu um passo para a porta que se encontrava aberta de par em par. No vestíbulo que precedia o salão nobre de Nevers, viam-se os guardas franceses.

Oriol recuou. Taranne fechou a porta.

— Aquilo não é conosco, meus senhores — disse Gonzaga. — Tranqüilizem-se, aquêles homens estão ali em honra do Regente e para saírem daqui não é preciso atravessar o vestíbulo... Ora, eu disse **nossas cabeças** e isso pareceu ofender-vos!

— Monsenhor — respondeu Navailles — parece-me que ultrapassa os limites. Não é com ameaças que se podem deter pessoas como nós. Fomos sempre seus fiéis amigos enquanto se tratou de seguir um caminho que fidalgos podiam trilhar. Agora, porém, o caso deve ser da alçada de Gauthier Gendry e dos seus homens. Adeus, Monsenhor!

— Adeus, Monsenhor! — repetiram todos ao mesmo tempo.

Gonzaga principiou a rir com amargura.

— E tu também, meu querido Peyrolles! — disse ao ver o **factotum** deslizar por entre os fugitivos. — Oh! como eu os julguei bem, meus senhores! Escutem, **fiéis amigos**, como disse o senhor de Navailles, só mais uma palavra: onde vão? Será preciso dizer-lhes que essa porta dá para um caminho que vai direito à Bastilha?

Navailles tinha já a mão no puxador. Parou e levou-a à espada. Gonzaga ria, de braços cruzados sôbre o peito; era o único que demonstrava calma no meio de tantos rostos onde se lia o terror.

— Não vêem — prosseguiu olhando-os a todos com um olhar desdenhoso — que eu os esperava, honestos fidalgos?... Não lhes disseram que estive com o Regente desde as oito ao meio-dia?... Não lhes

★

— José costuma guardar também a carteira!

disseram que o vento sopra a favor do meu lado e para mim, forte como uma tempestade? Tão forte que talvez me derrube, mas antes de mim, serão derrubados os meus fiéis amigos, juro! Se hoje fôr o meu último dia de poder, acreditem que empreguei muito bem êsse dia! Todos os vossos nomes formam uma lista e essa lista encontra-se em cima da secretária do senhor de Machault. Uma palavra minha e essa lista conterá apenas o nome de vários fidalgos... mas também uma palavra minha essa lista será composta por nome de proscritos!

— Corremos o risco! — disse Navailles.

Isto, porém, foi dito em voz fraca e os outros conservaram-se silenciosos.

— "Segui-lo-emos, Monsenhor! Segui-lo-emos!" — prosseguiu Gonzaga, repetindo as palavras que êles tinham pronunciado dias antes — "Segui-lo-emos dòcilmente, cegamente! Formaremos à sua volta um batalhão sagrado!" Quem cantava êste estribilho que todos os traidores conhecem?... Eu ou os meus **fiéis amigos**?... No entanto, ao primeiro sôpro de tempestade é em vão que procuro um soldado, um único soldado dessa falange sagrada! Onde estão os meus fiéis servidores?... Em fuga? Ainda não... eu estou aqui e tenho uma espada que poderei meter no corpo dos cobardes!...

"Silêncio! — gritou para Navailles, que nesse momento abria a bôca para responder. — Não tenho neste instante o sangue-frio necessário para ouvir as suas fanfarronadas!... Todos se entregaram a mim completamente, livremente: recebi-os, são meus! Pertencem-me!...

"Ah! Ah!... Dizem que é demasiado?... É preciso então escolher os caminhos para os senhores pisarem, meus amigos? Ah! Mandam-me para Gendry!... Navailles, que vive à minha custa; Taranne, que foi acumulado de benefícios. Oriol, que graças a mim passa por um homem de bem; todos, enfim, meus clientes, meus escravos, porque se venderam e eu os comprei!...

E dominava todos enquanto os olhos despediam relâmpagos.

— O assunto não lhes diz respeito?... — continuou com voz penetrante. — Querem que eu fale?... Ah! Pois juro-lhes, meus virtuosos amigos, que o assunto é vosso também, e é o mais grave, o mais importante e o único que os deve preocupar neste momento!

"Dei-lhes a vossa parte do bôlo... trincaram-no àvidamente, tanto pior se estava envenenado... O vosso quinhão não há de ser menos amargo do que o meu! Isto é que representa a verdadeira moral, não é assim, barão de Batz, rígido filósofo?

"Agarraram-se a mim... por quê?... Aparentemente para subirem à mesma altura! Então... subam! Subam!... Sentem vertigens?... Subam, subam até ao cadafalso!

Houve um estremecimento geral. Todos os olhos estavam fixos no rosto horrível de Gonzaga.

Oriol, cujas pernas tremiam, repetiu, quase sem querer, a última palavra do príncipe:

— O cadafalso!

Gonzaga fulminou-o com um olhar de indizível desprêzo:

— Para ti, vilão, a fôrca!

Em seguida, voltando-se para Navailles, Choisy e os restantes, a quem saudou irônicamente, prosseguiu:

— Quanto aos senhores que são fidalgos... nobres...

Não terminou a frase. Calou-se enquanto os contemplava. Depois, como se o desprêzo tivesse repentinamente transbordado:

— Fidalgo, tu, Nocé, filho de soldado!... Fidalgo, Choisy... Montaubert! Fidalgos também Navailles e êsse barão de Batz!...

— Diabo! — resmungou o último.

— Cala-te, palhaço! Fidalgos: desafio-os a olharem uns para os outros sem terem de corar até ao branco dos olhos!... Nobres?... Fidalgos?... Não... apenas hábeis financeiros, mais prontos para pegar na pena do que na espada... Esta noite...

O rosto modificou-se... Caminhou lentamente para êles e nem um único retrocedeu.

— ... esta noite — pronunciou, baixando a voz — a escuridão ainda não é suficiente para esconder a vossa palidez! Olhem uns para os outros, trêmulos, inquietos, como que apanhados numa armadilha, entre a minha vitória e a minha derrota! A minha vitória que seria vossa e a minha derrota que vos esmagaria!...

O príncipe chegara junto da porta que conduzia ao vestííbulo e onde se encontravam os guardas do Regente. Por sua vez, pegou no puxador.

— Tenho dito! — pronúnciou friamente. — O arrependimento tudo redime e agora parece-me que estão cheios de bons pensamentos... podem fazer-se mártires transpondo o limiar desta porta. Querem que eu a abra?

Só o silêncio respondeu a esta pergunta.

— Que é necessário fazer, Monsenhor? — perguntou Montaubert.

Gonzaga mediu-os a todos com o olhar.

— E meu primo Navailles também deseja saber?

— Monsenhor manda — replicou o interpelado pálido e de olhos no chão.

O príncipe estendeu-lhe a mão e em tom de pai que censura forçadamente o procedimento dos filhos, disse:

— Que loucos eram!... Estavam no pôrto e iam soçobrar! Escutem-me e arrependam-se. Qualquer que seja o resultado da batalha, salvaguardei os vossos interêsses antecipadamente. Amanhã serão as primeiras personagens de Paris, ou seguirão a caminho de Espanha, carregados de ouro!

"No momento em que estou a falar-lhes — continuou consultando o relógio — Lagardère sai da prisão do Châtelet para se dirigir à Bastilha, onde deve desenrolar-se o último ato do drama. No entanto, não irá para aí diretamente, porque a sentença reza que êle dará uma satisfação pública junto do túmulo de Nevers...

O príncipe percorria com o olhar todo o seu auditório; ia analisando o efeito que as suas palavras produziam naqueles homens...

— ... Ora, temos contra nós uma liga composta de duas mulheres e de um padre; contra isso as vossas espadas nada valem, não. Uma terceira mulher... Dona Cruz... segundo creio, hesita... Quer ser uma grande dama, mas não gostava que acontecesse qualquer infelicidade à amiga. Pobre instrumento que se pode esmagar de um instante para o outro! As duas mulheres são a princesa Gonzaga e a sua pretensa filha Aurora. Eu necessitava de Aurora, por isso deixei seguir o **complot** que nô-la há de entregar. O **complot** é o seguinte: mãe, filha e padre aguardam Lagardère na igreja de Saint-Magloire; a filha leva o vestido de casamento. Adivinhei e todos o fariam no meu lugar, que se tratava de qualquer comédia para despertar a clemência do Regente, um casamento **in-extremis.** e depois a virgem-viúva iria lançar-se aos pés de Sua Alteza... Ora, é preciso que isto não se dê... Primeira metade da nossa tarefa...

— É fácil — disse Montaubert — basta impedir que a comédia se desempenhe.

— Vão para lá e defendam a porta da igreja... segunda metade do trabalho. Suponhamos, porém, que a sorte nos é adversa e somos obrigados a fugir; tenho oiro bastante para todos e quanto a isso, dou-lhes a minha palavra de honra que tenho na mão uma ordem do rei que nos abrirá tôdas as barreiras.

Desdobrou um documento e mostrou a assinatura de Voyer-d'Argenson.

— No entanto, preciso de qualquer coisa mais — continuou — é preciso levarmos reféns vivos!

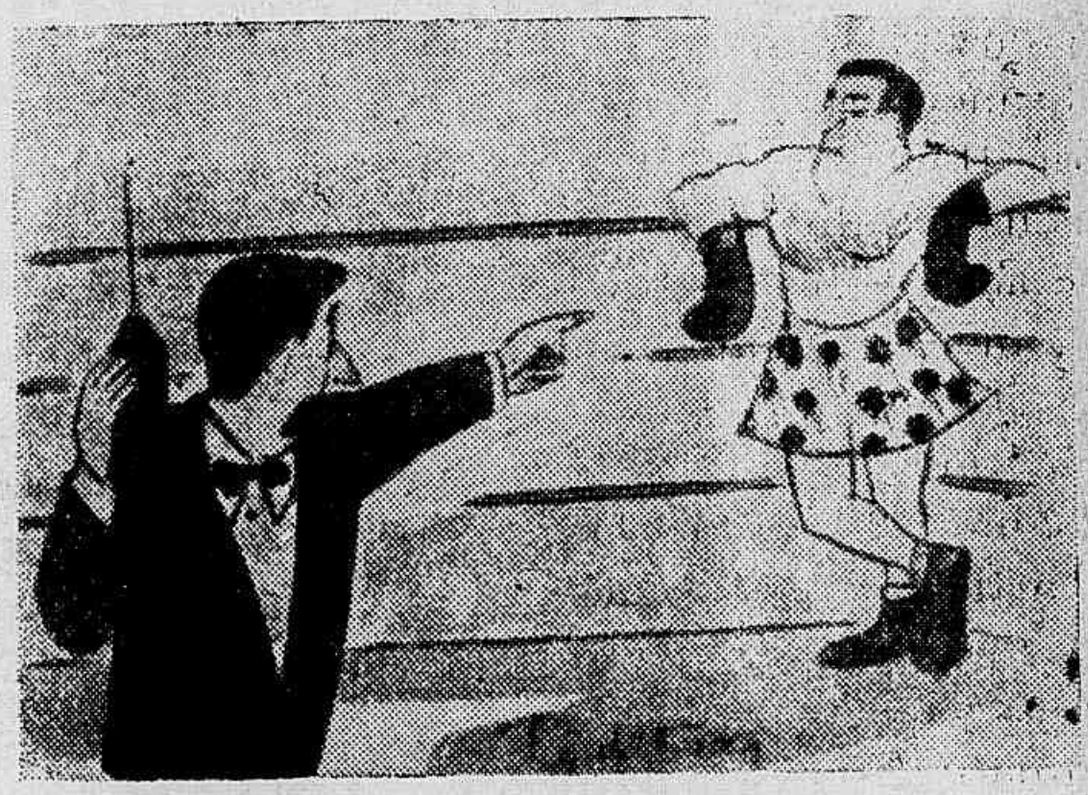
— Aurora de Nevers? — perguntaram várias vozes.

— Entre ela e vós haverá apenas a porta de uma igreja!

— Mas por detrás dessa porta — observou Montaubert — se a sorte nos fôr adversa, pode lá estar Lagardère!

— E eu diante de Legardère! — pronunciou Gonzaga, solenemente, tocando na espada com um gesto violento. — Chegou o momento de nos servirmos disto! A minha

★



— E, neste canto, com cuecas de pintinhas...

lâmina vale tanto como a dêle, meus senhores! Já mergulhou no sangue de Nevers!...

Peyrolles desviou a cara. Aquela confissão feita em voz alta provava em demasia que o amo jogava as últimas cartadas. Ouviu-se um grande barulho do lado do vestíbulo e os guardas gritarem:

— O Regente!... O Regente!...

Gonzaga abriu a porta da biblioteca.

— Meus senhores — disse, apertando as mãos dos que o cercavam — sangue frio! Daqui a meia hora tudo estará terminado. Se as coisas caminharem bem, basta impedirem que a escolta suba os degraus da igreja. Se necessário fôr chamem a multidão em vosso auxílio e gritem: "Sacrilégio"! É uma das palavras que produz sempre efeito... Se as coisas correrem mal, prestem atenção ao seguinte; do cemitério onde me vão esperar, avistam-se as janelas do meu salão. Quando virem uma luz erguer-se e baixar três vêzes, forcem as portas e ataquem! Um minuto depois de o sinal ser dado estarei junto de vós. Combinado?

— Combinado! — responderam.

— Meus senhores, sigam Peyrolles, que sabe o caminho, e dirijam-se ao cemitério pelos jardins do palácio.

Saíram todos. Gonzaga, ao ficar sòzinho, enxugou a fronte.

— Homem ao diabo! — resmungou. — Aquêle Lagardère há de ser vencido!

Atravessou a sala e dirigiu-se para o vestíbulo.

.....

Por detrás da porta fechada da igreja de Saint-Magloire, a senhora princesa de Gonzaga amparava a filha vestida de branco, com o véu de noiva e a grinalda de flôres de laranjeira. O padre tinha os seus hábitos sacerdotais. Dona Cruz ajoelhada, rezava. Na sombra, viam-se três homens armados...

Deram oito horas no relógio da igreja e no mesmo instante ouviu-se o sino de Sainte-Chapelle dobrando, para anunciar a partida do condenado.

A princesa sentia o coração dilacerar-se. Olhou para Aurora, mais branca do que uma estátua de mármore. No entanto, sua filha sorria e disse:

— Está chegada a hora, minha mãe!

A princesa beijou-lhe a fronte.

— Bem sei que é preciso separar-nos — murmurou ela — e parecia-me que estavas em segurança enquanto a tua mão estivesse na minha!

— Minha senhora — disse dona Cruz — nós velaremos por ela. O senhor marquês de Chaverny prometeu morrer, defendendo-a!

— Que bonito! — exclamou um dos três homens. — Calcula que nem sequer falou em nós!...

A princesa, em vez de se dirigir imediatamente para a porta, caminhou em direção do grupo formado pelos três homens: Chaverny, Cocardasse e Passepoil.

— Ah! — exclamou o gascão, sem lhe dar tempo a falar. — Êste fidalgo é um verdadeiro demônio quando quer... além disso combaterá sob as vistas da sua amada. Quanto a nós, deixar-nos-íamos matar por Lagardère. Pode ir descansada!

O MORTO FALA

O salão nobre do palácio de Gonzaga resplandecia de luzes.

Ouvia-se no pátio o barulho dos cavalos dos hússares de Sabóia; o vestíbulo estava cheio de guardas franceses; o marquês de Bonnivet guardava as portas.

Notava-se que o Regente quisera dar àquela solenidade de famílíía todo o brilho e tôda a gravidade possíveis.

Os lugares em cima do estrado eram ocupados como na antevéspera; os mesmos altos dignatários, os mesmos magistrados, os mesmos grandes senhores. Apenas por detrás de cadeira de Lamoignon estava sentado o Regente sôbre uma espécie de trono. Le Blanc, Voyer-d'Argenson e o conde de Toulouse, governador da Bretanha, estavam sentados em volta dêle.

A posição dos partidos modificara-se. Quando a princesa entrou, colocaram-na ao lado do cardeal de Bissy, sentado agora à direita do presidente. O príncipe de Gonzaga, pelo contrário, sentou-se diante de uma mesa iluminada por dois archotes, precisamente no sítio onde dois dias antes estivera a cadeira onde se sentara a princesa. Assim colocado, Gonzaga voltava as costas à tapeçaria que ocultava a porta

por detrás da qual o corcunda estivera, ficando exatamente diante das janelas que deitavam para o cemitério de Saint-Magloire. A porta oculta, cuja existência era desconhecida dos organizadores da cerimônia, não tinha guardas.

Desnecessário será dizer que os alojamentos comerciais, que desonravam aquêle vasto e nobre recinto, tinham desaparecido por completo. Graças às tapeçarias, não se viam vestígios por parte alguma.

O príncipe de Gonzaga, que entrara antes da espôsa, cumprimentou respeitosamente o presidente e todos os presentes. Notou-se que Sua Alteza lhe correspondeu com um sinal de cabeça muito amigável.

Foi o conde de Toulouse, filho de Luís XIV, quem foi receber a princesa à porta, isto a uma ordem do Regente, que deu uns passos para ir ao seu encontro e lhe beijou a mão.

— Vossa Alteza — disse a princesa — não se dignou receber-me hoje...

Aurora de Caylus calou-se ao ver o olhar de surprêsa que o duque de Orléans lhe dirigia. Gonzaga espreitava-os de soslaio e fingia dedicar-se inteiramente à classificação dos documentos que tinha na sua frente. Entre êsses papéis havia um grande pergaminho com três selos pendentes.

— Vossa Alteza — disse ainda a princesa — tão pouco se dignou tomar em consideração a minha mensagem...

— Que mensagem? — perguntou em voz baixa Filipe de Orléans.

Instintivamente, o olhar da princesa dirigiu-se para o sítio onde se encontrava o marido, e depois, a meia voz, continuou:

— A minha carta deve ter sido interceptada...

— Minha senhora — interrompeu o Regente — ainda nada se fêz; tudo se encontra no mesmo estado. Proceda sem receio, segundo a dignidade da sua consciência. Entre nós, doravante, ninguém se poderá colocar!

Depois, elevando a voz, disse:

— Hoje é um grande dia para nós, e por isso quisemos assistir a esta reunião de família, não só por causa do nosso primo de Gonzaga, como também por ter soado a hora da vingança de Nevers: o seu assassino vai morrer!

— Ah! Monsenhor — quis interromper a princesa — se Vossa Alteza tivesse recebido a minha mensagem!...

O Regente conduziu-a ao seu lugar.

— Tudo quanto me pedir, será concedido — murmurou ràpidamente. — Meus senhores, queiram tomar os seus lugares — acrescentou em voz alta.

Entretanto, dirigiu-se para a sua cadeira. O presidente Lamoignon disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

— As praxes — respondeu Sua Alteza — sou muito amigo das praxes... tudo se passará de acôrdo com elas e espero que vamos cumprimentar, enfim, a verdadeira herdeira de Nevers.

Dizendo isto sentou-se, deixando a direção dos debates ao primeiro presidente que deu a palavra ao príncipe de Gonzaga.

Havia uma coisa estranha... o vento soprava do sul. De tempos a tempos, o sino que tocava na Sainte-Chapelle chegava até ali como num queixume dolorido e parecia tanger na antecâmara.

Ouvia-se também uma espécie de vago rumor lá fora. O sino chamara a multidão e a multidão estava a seus postos, nas ruas. Quando o principe de Gonzaga se ergueu para falar, o sino voltou a tanger com uma tal violência que houve um silêncio forçado durante alguns segundos.

— Monsenhor... meus senhores — disse Gonzaga — a minha vida e os meus atos são conhecidos de tôda a gente. Desconheço em absoluto os hábeis ardis e os caminhos tortuosos, porque me falta o mais necessá-

★

rio dos sentidos para lutar na sombra: a astúcia!

"Todos me viram recentemente procurar a verdade com uma espécie de paixão e êsse ardor arrefeceu um pouco. As acusações que se levantaram contra mim, na sombra, fatigaram-me. Estou cansado de encontrar sempre no meu caminho a suspeita cega ou a calúnia abjecta e cobarde. Apresentei aqui quem afirmava e afirmo ainda e cada vez com maior convicção, ser a filha e verdadeira herdeira de Nevers. Em vão a procuro no lugar onde devia estar sentada...

"Sua Alteza sabe que me demiti esta manhã do cargo da sua tutela. Que esteja aqui, ou não, pouco interessa! Tenho uma única preocupação: a de demonstrar a todos quantos aqui se encontram de que lado estava a boa-fé, a honra e a grandeza de alma e a verdade!

Tirou de cima da mesa o pergaminho e acrescentou, conservando-o na mão:

— Trouxe a prova indicada pela senhora princesa: a fôlha arrancada ao livro dos assentos da capela do Castelo de Caylus. Encontra-se sob êstes três selos. Como apresento as minhas provas, espero que a senhora princesa apresente as suas...

E depois de saudar a assembléia pela segunda vez, sentou-se.

Ouviram-se alguns murmúrios por entre a assistência. Gonzaga não tinha ali, nessa noite, os partidários da sessão anterior. No entanto, que falta lhe faziam?... Gonzaga pedia apenas que lhe reconhecessem a sua lealdade e esta estava comprovada com documentos insofismáveis: tinha a prova em cima da mesa e ninguém podia duvidar!

— Aguardemos — disse o Regente — a resposta da senhora Princesa.

— Se a senhora Princesa quiser confiar-me as provas que possui, eu a defenderei... — disse o cardeal de Bissy.

Aurora de Caylus ergueu-se.

— Monsenhor — disse ela — tenho minha filha e as provas do seu nascimento. Olhe para mim, olhem-me todos quantos viram as minhas lágrimas e compreenderão que tornei a encontrar a minha filha!

— As provas de que falou... — principiou o presidente de Lamoignon.

— Essas provas serão submetidas ao Conselho — interrompeu a princesa — logo que Sua Alteza aceda à petição que humildemente lhe dirigiu a viúva de Nevers!

A princesa voltou o seu olhar firme para o lado onde se encontrava Gonzaga.

— É uma coisa grande e linda, a amizade! — prosseguiu Aurora de Caylus. — Há dois dias que todos quantos se interessam por mim, repetem: "Não acuse seu marido, não acuse seu marido!" Isto significa, sem dúvida, que uma alta e ilustre amizade coloca o príncipe dentro de uma cidadela impenetrável!... Não acusarei, portanto, mas direi a Sua Alteza que lhe dirigi uma súplica humilde, mas que a mão de alguém... não sei de quem!... desviou a minha mensagem...

— Que nos pedia, minha senhora? — perguntou o Regente.

— Invocava, Monsenhor — replicou a princesa — uma outra amizade... Não acusava, implorava. Dizia a Vossa Alteza que a satisfação pública junto do túmulo de Nevers não era bastante...

A expressão do rosto de Gonzaga alterou-se.

— Dizia a Vossa Alteza — prosseguiu a princesa — que havia uma outra satisfação pública maior, mais digna, mais completa à memória de Nevers: a do réu ouvir a sua sentença de joelhos, aqui mesmo, neste palácio de Nevers, diante do Chefe do Estado e da ilustre assembléia!

Gonzaga foi obrigado a semicerrar os olhos para esconder o brilho das suas pupilas. A princesa mentia, pois a carta estava no seu próprio bôlso, a carta escrita ao Regente e por êle interceptada. Nessa carta a princesa afirmava a inocência de Lagardère. Por que mentia?... Que se ocultava por detrás daquele audacioso estratagema?... Pela primeira vez na sua vida, Gonzaga sentiu nas veias o frio que dá o perigo terrível e desconhecido. Sentia que por baixo dos pés lhe ia estalar uma bomba formidável; não sabia, porém, onde ela estava a fim de evitar a explosão. O abismo estava próximo, mas... onde? Adivinhava que todos os olhares estavam fixos nêle. Com um esfôrço poderoso conseguiu mostrar-se calmo. Esperava...

— Isso é uma coisa pouco usada... — disse o presidente Lamoignon.

(Continua no próximo número)

UM MAU VERÃO

PERGUNTARAM recentemente a uma publicação médica britânica que efeito a falta de luz solar, no correr do verão, pode ter sôbre uma pessoa, durante o resto do ano. "Se não se expõe à luz solar, no verão, o indivíduo — no resto do ano — tenderá a sofrer de uma deficiência de vitaminas e a resfriar-se? Não! — respondeu a publicação. — Nem resfriados, nem deficiências em vitaminas, nem quaisquer outros efeitos adversos podem advir como conseqüência de um verão sem sol. A ocorrência de resfriados, influenza e outras afecções respiratórias durante os meses de inverno depende principalmente do tempo que predomina no inverno — se é suave ou severo, frio ou nublado. A presença de epidemias durante os meses de inverno também podem provocar ou não um resfriado. Êsses fatôres — segundo salienta a publicação — são consideràvelmente mais importantes que a falta de sol durante o verão.

▭

CÊRCA de mil e quatrocentas padarias americanas, produzindo mais de um bilhão de pães por ano, estão atualmente usando um ingrediente que retarda o aparecimento do môfo, até que o pão se deteriore completamente.

▭

COMO os incêndios provocados destróem dez vêzes mais do que os incêndios acidentais (e, geralmente, matam metade dos bombeiros que morrem em ação) os investigadores são implacáveis na perseguição dos incendiários. Num recente caso, em New York, examinaram 10.000 registros de 17 companhias de dez Estados, e indeferiram 'in limine" as defesas de diferentes advogados, antes de que pudessem mandar cinco incendiários para a prisão.

ELE... DENTRO E FORA DE CASA

GRANDE CONTROVÉRSIA PROVOCADA POR UM LIVRO — UM COMETA ROÇOU COM A TERRA NOS DIAS BÍBLICOS? — RELACIONANDO A CIÊNCIA COM RELIGIÃO — AS MAIORES AUTORIDADES DISCUTEM A NOVA TEORIA.

JÁ a esta altura, muitos de nossos leitores terão lido ou ouvido falar de um dos livros mais sensacionais e discutidos dos últimos tempos: "Worlds in Collision", e das atrevidas teorias do seu autor, o dr. Immanuel Velikovsky.

Mesmo antes da publicação dêsse livro pela "The Macmillan Company" (uma editôra de New York), já se tornara êle um motivo para tempestuosa controvérsia em tôda a nação norte-americana.

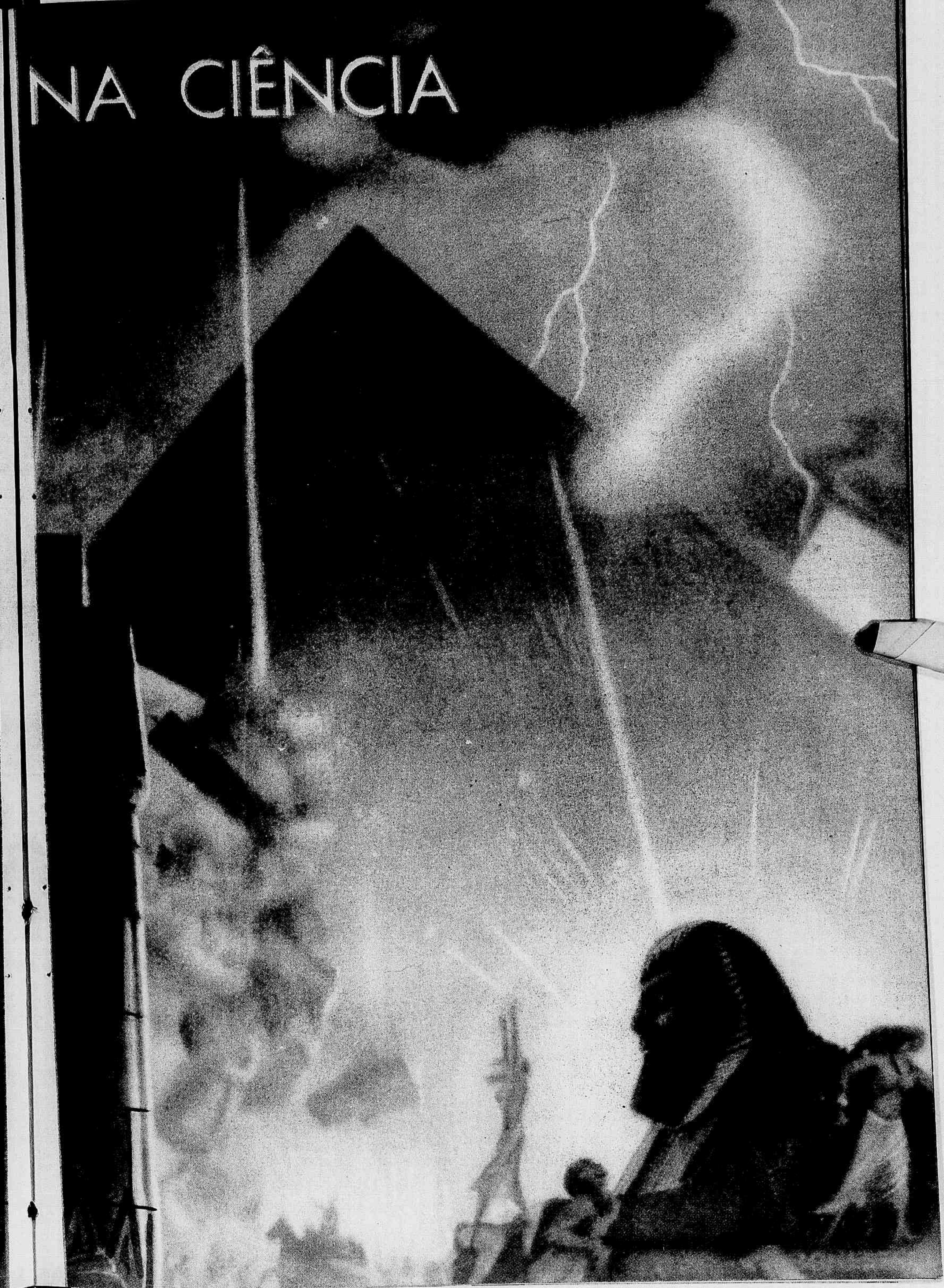
Inúmeras autoridades não hesitaram em declarar que **a astronomia do dr. Velikovsky era ingênua, a sua geologia absolutamente maluca e sua história simplesmente ridícula.**

E isso é o que ouviremos ainda por muito tempo, à proporção que o livro fôr sendo traduzido para as diferentes línguas e seu conteúdo pôsto ao alcance de todos.

Não pretendemos afirmar que a teoria do dr. Velikovsky seja correta ou, ao contrário, que não passa de uma sucessão de erros e más interpretações. Se, de fato,

"O EGITO FOI LACERADO DO CÉU POR UM COMETA, DURANTE O ÊXODO" — Eis um dos acontecimentos básicos na controvérsia criada por um novo livro, intitulado "Mundos em Colisão".

NA CIÊNCIA



não aceitamos inicialmente as suas idéias, cumpre-nos, de qualquer maneira, apresentá-las aos nossos leitores, deixando que decidam entre apoiá-las ou refutá-las.

A verdade é que, realmente, estudada de qualquer ângulo, essa teoria tem como resultado imediato ligar a ciência à religião, com isso provocando verdadeira explosão no mundo da ciência.

O maior valor de "Worlds In Collision" é que consegue uma inesperada aproximação para alguns dos maiores problemas que o mundo conhece. E, embora essa tentativa do dr. Velikovsky não constitua uma novidade, a sua tentativa para aplicar sua teoria de acôrdo com os rumos e conhecimentos da moderna ciência é de fato revolucionária, apesar de que, para muitos cientistas, êsses seus esforços não passem de "presunção, pura e simples".

Acontece, porém, como sempre ocorre, quando surgem novas afirmativas no campo científico, que enquanto grande número de sábios condenou "Worlds In Collision", outro grupo, não menos numeroso, recebeu com aplausos o livro de Velikovsky, apontando-o imediatamente como "de revolucionária influência nos campos da ciência, da religião e da filosofia".

Devemos, antes de tudo, ressaltar que, se a mesma obra tende a estabelecer **uma ponte capaz de vencer o atual abismo entre a ciência e a religião** — abismo que os modernos cientistas não têm procurado galgar com grande empenho — é apenas de maneira **acidental.**

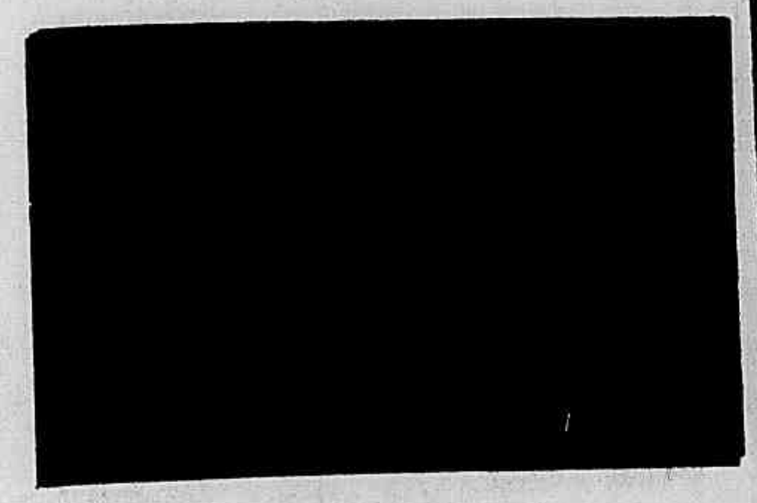
"Worlds In Collision" é o resultado de teimosas e laboriosas pesquisas em diferentes campos. Durante anos o seu autor estudou velhos manuscritos, obras de variadas procedências, sondou os alicerces de muitas religiões, antes de se considerar apto a reunir tôdas essas informações, numa nova e revolucionária teoria, que afinal pôs num livro.

Originalmente, a Terra foi o **segundo** planêta do Sol, embora seja hoje o **terceiro**. Não existia, então, o planêta Vênus.

Naquela época, cêrca de 1500 anos antes de Jesus Cristo, um grande e maciço cometa penetrou, veloz e ameaçador, pelo Sistema Solar, e, após causar inumeráveis e indescritíveis distúrbios acabou sendo o nosso atual planêta Vênus.

Segundo a teoria do dr. Velikovsky, êsse cometa foi uma parte de Júpiter e do mesmo expelida por meio de violenta explosão. Êsse é, aliás, o primeiro ponto pôsto em dúvida. E isso porque, **no caso de se tratar de um cometa — e apenas um cometa, é muito mais provável que tenha vindo dos mais distantes espaços — possìvelmente de muito além de Júpiter.**

Acresce notar que, segundo as mais acuradas observações astronômicas de muitos cometas, nenhum dêles apresentou,



jamais, uma massa como a de nosso planêta Vênus atual — embora êsse pudesse ser realmente um cometa de gigantescas proporções.

A cauda incendiada dêsse colossal cometa envolveu todo o Sistema Solar, com as conseqüências que fàcilmente podemos imaginar.

Além dos mais espantosos dramas no seio do próprio espaço com o desvio de inúmeras massas, o desequilíbrio momentâneo de estrêlas e seus satélites, muitos dêles levados no fluxo da marcha do "intruso", outros inumeráveis cataclismos foram registrados na face dos mundos então existentes.

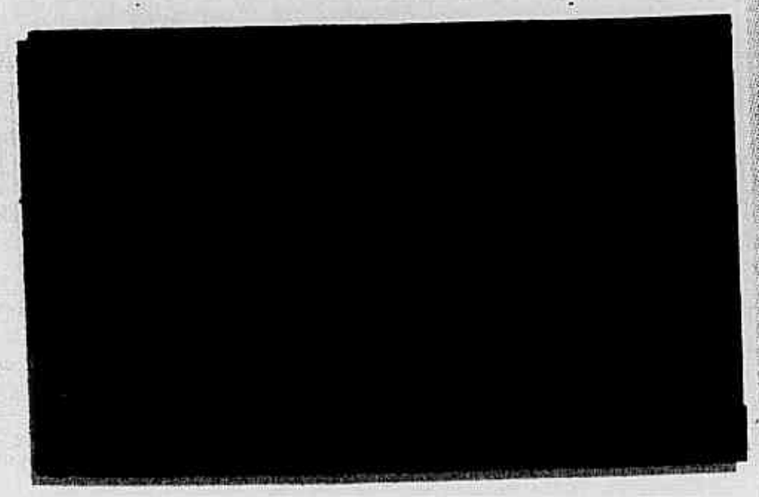
Na Terra, por exemplo, a atmosfera ficou abrasada e convulsionada por fenômenos elétricos da maior potência.

Na China, segundo se sabe com absoluta segurança, meteóritos choveram quando a cabeça do cometa se aproximou da Terra. A seguir, terríveis tempestades revolveram e arrasaram a superfície terrestre, causando medonho caos.

No México, por sua vez, as águas subiram a muitas dezenas de metros, e em trombas irresistíveis invadiram a terra, formando ondas nunca imaginadas. Muitas e velhas pirâmides foram engolfadas pela torrente e seus templos atingidos e assolados. Também a Palestina sofreu convulsões nunca igualadas, desaparecendo muitas cidades, completamente, enquanto outras sofriam danos de maior ou menor severidade.

Jericó, por exemplo, teve as suas poderosas muralhas arrasadas num abrir e fechar de olhos e diante dos exércitos de Josué, que ali esperaram um milagre, durante cêrca de cinqüenta e dois anos!

Outro fato básico para o livro de Velikovsky é o ocorrido no Egito, "que foi



lacerado do céu por um cometa, durante o Êxodo"...

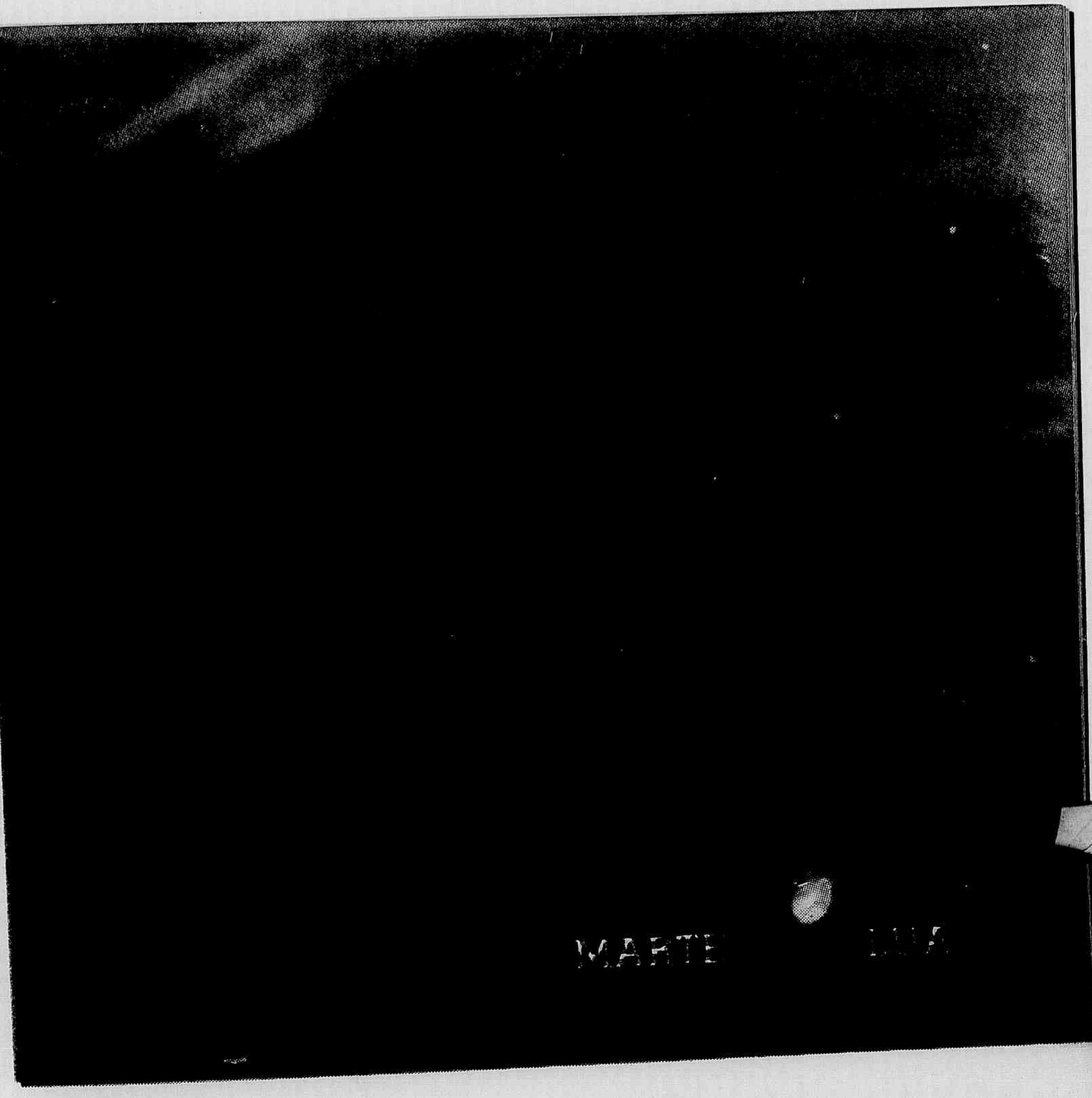
De todos êsses acontecimentos os sobreviventes conservaram confusa memória, as mesmas dos que **desde o primeiro minuto fecharam os olhos,** cheios de terror **e apenas ouviram e sentiram mais com a imaginação**. Uma lembrança povoada de horrores, tumultos, abismos negros, que se abriam sob seus pés de águas espumando muito acima de suas cabeças; de monumentos errasados, florestas incendiadas, etc.

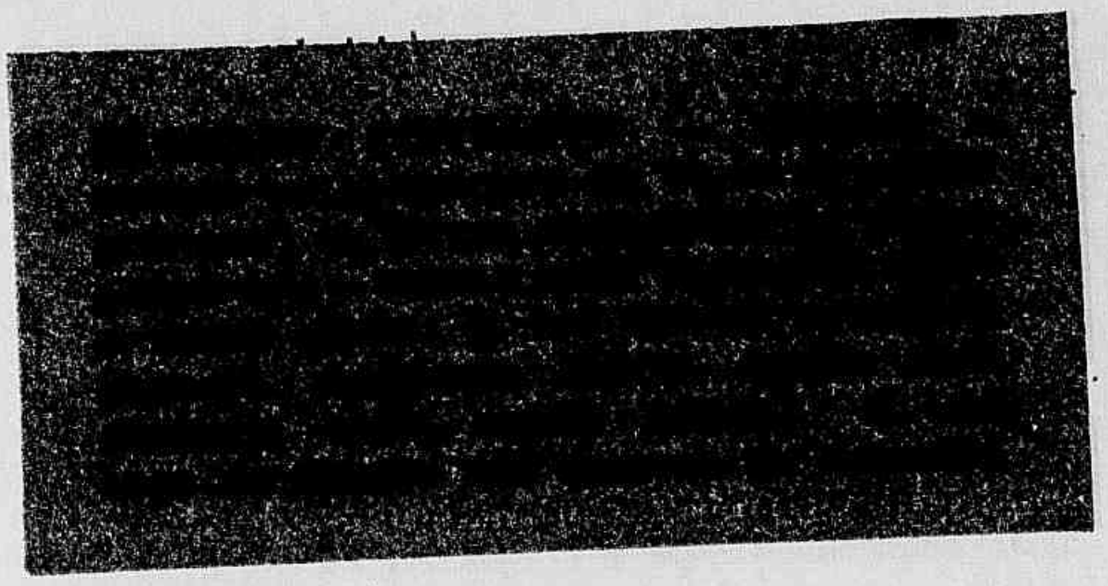
Essa impressão foi transmitida a seus descendentes, os quais, de geração em geração, cuidaram de conservá-la e até perpetuá-la em papiros e em pedras, em tábuas e tabletes

DE todos os cantos do mundo conhecemos histórias semelhantes, relatando o que aconteceu e tudo perpetuado em documentos de todos os tipos, que continuam sendo desenterrados e decifrados, em tábuas, em mitos e em folclore, desde o México ao Peru, da China à Filândia... e, naturalmente, nos relatos que encontramos nas Escrituras.

E foram tôdas essas histórias, mitos, lendas, narrativas e folclores que o dr. Velikovsky, num esfôrço tremendo, conseguiu reunir e entrelaçar.

Foram elas que permitiram ao autor de "Worlds In Collision" reunir, na sua obra, surpreendente manancial de informações, que cita com grande habilidade em favor de sua teoria. Reunindo tais provas, o





dr. Velikovsky mergulhou de cabeça em cêrca de doze diferentes ciências, pesquisando profundamente em suas raízes. Êsse foi um trabalho sòmente possível de ser realizado graças a um grande empenho e uma incrível teimosia.

Para se ter uma idéia do que teve pela frente, como obstáculo, e quanto de energia e fôrça de vontade teve que dispender, é bastante que se saiba que, freqüentemente, resolveu ignorar as maiores autoridades modernas e os processos convencionais, desdenhando os trabalhos dos mesmos, que são frutos de longos anos de pesquisas para, êle próprio, investigar... **desde o comêço**!

Da mesma forma, na ânsia de conhecer a inteira verdade e a real opinião dos estudiosos de várias nacionalidades, recusou aceitar as traduções de suas obras, procurando ler tôdas elas, nos originais, sempre que procuravam relatar acontecimentos bíblicos. Assim, caminhou sempre para trás, até os mais antigos documentos, aos quais deu a sua própria e sincera interpretação. Nesse seu esfôrço, levou suas pesquisas, por assim dizer, por todo o

vasto mundo, sempre procurando, encontrando e decifrando elementos nos campos das tradições, das lendas, da mitologia, do material arqueológico, das **tablettes** astronômicas e nos monumentos de todos os povos do mundo.

Eis como encontrou **Zeus,** dos gregos, **Odin,** dos islandeses, **Ukko**, dos finlandeses, como **Mazda,** dos persas, **Marduk**, dos babilônios, **Shiva**, dos hindus... todos êles tendo na mão **"o símbolo da divindade: um raio... "que lançavam sôbre o mundo assolado e destruído pela água e pelo fogo..."**

Todos êles, segundo afirma o dr. Immanuel Velikovsky, inspirados pelo cometa!

E devemos salientar que, entre outros pontos importantes que serão forçosamente alterados, caso essa e outras teorias venham a obter apoio, o atual calendário — que está baseado na regularidade dos movimentos da Terra, terá que ser alterado de 687 A.C. para trás, pois de então para cá houve sensível alteração na maneira de agir do nosso planêta, em razão do tremendo choque sofrido.

O dr. Immanuel Velikovsky, compreendendo o impacto violento de sua teoria, tem procurado explicá-la com a maior nitidez possível, dela e dos seus mínimos detalhes procurando extrair conclusões. Porém, ao mesmo tempo, ansioso por atingir a evidência, solicita que outros procurem examinar a sua idéia e concluam por sua aceitação, modificação ou anulação.

Para ter uma idéia do que vem a ser o seu método, é bastante saber que as enchentes, o furacão e o terremoto são os seus "**instrumentos de pesquisa**".

Pela natureza da descrição dos acontecimentos associados, e mediante a magnitude de um dêsses acontecimentos, êle ajusta o tempo da ocorrência cataclísmica, relatada, a descrições semelhantes, colhidas em outras partes do mundo.

Êle próprio declara estar sempre dotado de boa receptividade com relação às novas idéias. Se uma nova contribuição existir de fato nesta massa de evidência, êle próprio será o primeiro a acreditar nela.

Não obstante o impacto provocado por esta teoria — dada a sua natureza sensacional — a verdade é que foi ela recebida inicialmente com protestos e hostilidade flagrante.

★ ★

ECONOMIA DOMÉSTICA

ÓTIMO LÍQUIDO para tirar manchas pode ser preparado do seguinte modo: dissolver 150 gramas de raspas de sabão e 35 de carbonato de soda em 1 litro d'água ao qual se juntará 35 gramas de fel de vaca. Aplica-se com pequena escôva.

PARA LIMPAR sapatos brancos há um processo muito simples. Colocar os sapatos em fôrmas ou recheá-los com bolas de papel amarrotado e esfregá-los com um pedaço de flanela impregnado em álcool metílico, até que fiquem bem limpos. Secar, em seguida com um trapo suave e limpo.

MANCHAS DE UVAS, em toalhas e guardanapos, podem ser apagadas sem grande trabalho quando tratadas com uma solução de ácido oxálico, que se deixará repousar pouco tempo sôbre a mancha, para impedir que prejudique o tecido, o que, aliás, poderá ser neutralizado, deitando-se amônea no tecido, antes de lavá-lo com água pura.

PARA CONSERVAR o linóleo, fazer uma mistura de cêra de carnaúba (100 partes), parafina (50 partes) e essência de terebentina (800 partes). Derreter, primeiro, a cêra e a parafina; juntar (longe do fogo) a essência de terebentina e, depois, estender sôbre o linóleo. Esperar que seque ligeiramente e, finalmente, dar-lhe brilho.

PARA ENXOTAR as môscas de uma casa é bastante colocar um pedaço de cânfora num pequeno prato e queimá-lo — ou simplesmente aplicar sôbre êle um ferro quente. A fumaça que se desprende não é suportada pelas môscas, que logo abandonarão a casa.

PARA CONCERSAR a manteiga, guardá-la em latas com uma pequena quantidade de água à qual se adicionará ácido tartárico (3 gramas) e bicarbonato de sódio (6 gramas) para cada litro d'água. O ácido carbônico que assim se desenvolve assegura a conservação da manteiga.

POR QUE DÓEM AS QUEIMADURAS?

Os médicos já têm observado muitas vêzes que uma queimadura sem gravidade dói e provoca mais sofrimento do que se poderia explicar pela pequena parcela de tecido destruído. Um grupo de médicos de Londres acredita agora haver encontrado a explicação. Examinando o processo químico por que passa a pele ao ser queimada, êsse grupo conseguiu isolar uma substância que se escapa dos pequenos vasos sanguíneos da região afetada.

A substância parece ter apenas uma função — **a de provocar dor**!

Segundo informam os mesmos médicos, tem uma ação ativa que dura aproximadamente 15 minutos. Infelizmente, os pesquisadores ainda não descobriram um meio eficaz para anular os efeitos dolorosos da substância.

Até que encontrem, recomendam os médicos um remédio consagrado pelo tempo para atenuar as dores que uma queimadura provoca nos primeiros 15 minutos: **água fria**.

COMO DESENVOLVER MÚSCULO...

DE acôrdo com uma antiga lenda, o atleta grego Milo levantava um bezerro todo dia, e assim continuou fazendo mesmo quando o bezerro se transformou em touro. Se o objetivo de Milo era desenvolver músculos grandes e fortes, fêz muito bem. O levantamento de pesos gradativamente maiores continua a ser a melhor forma de se conseguir fôrça muscular.

Segundo um especialista britânico, os tradicionais alteres são mais eficazes no desenvolvimento de músculos que invenções modernas tais como molas helicoidais, máquinas de pedalar, molas para as mãos, barras de torsão e muitas outras. Seu estudo, divulgado através de uma publicação médica, baseou-se numa revisão de livros, pesquisas originais e um questionário enviado aos vencedores de um concurso para o título de "Mister Grã-Bretanha".

E' A LEI! Por DICK HYMAN

É proibido guardar vacas em **andar térreo,** no Estado de Kentucky, EE UU . (E nos outros andares? A lei não diz.)

Em Norte Andover, Estado de Massachussetts — Estados Unidos — é proibido o uso de "armas interplanetárias".

Carregar um rôlo de cordas, desembrulhado, em plena rua é coisa absolutamente proibida em Cumberland, na Inglaterra.

É coisa proibida por lei, no Estado de Ohio (Estados Unidos da América do Norte) cortar a cauda dos cavalos.

LUÍS XIV estava jogando as cartas com alguns fidalgos e houve uma jogada duvidosa. Ninguém se atreveu a opinar, quando entrou o conde de Grammont (o mesmo de quem Hamilton escreveu as célebres memórias).

— Conde — exclamou o rei. — Venha decidir êste assunto.

— Senhor! Vossa Majestade perdeu.

— Conde! Como pode afirmar, se nem sequer tomou conhecimento do que se trata?

— Senhor! Se a razão estivesse do lado de Vossa Majestade, não ficariam calados êstes senhores, que assistiram ou tomaram parte na jogada.

DÊ MAIS ENCANTO AO SEU LAR . . .

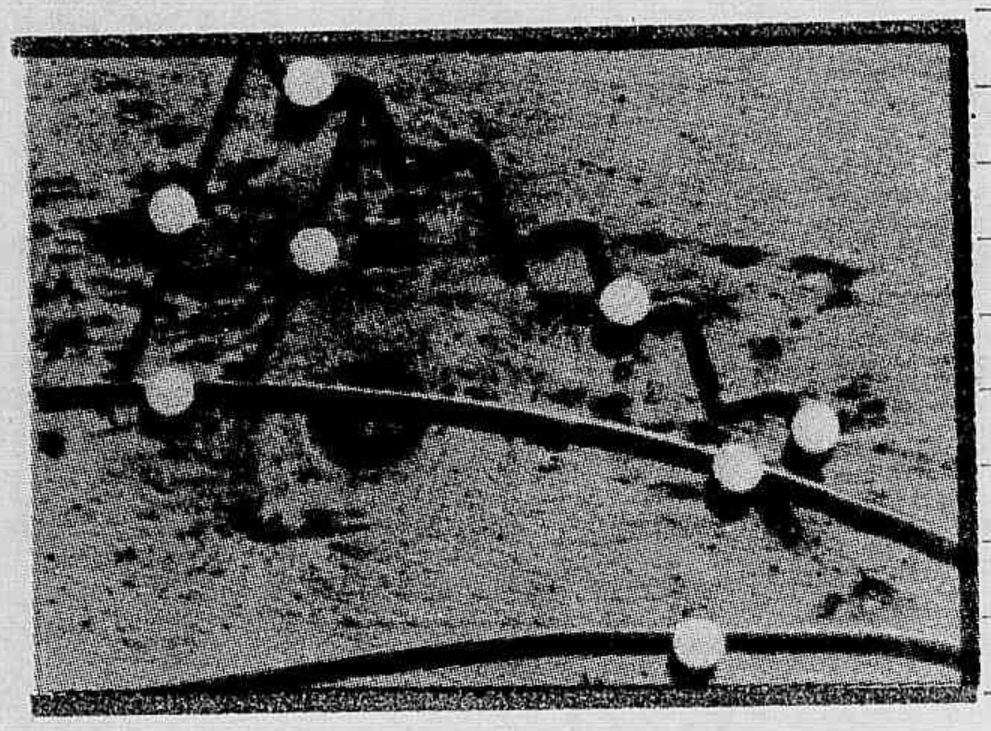
4 SUGESTÕES PARA AS SUAS PAREDES

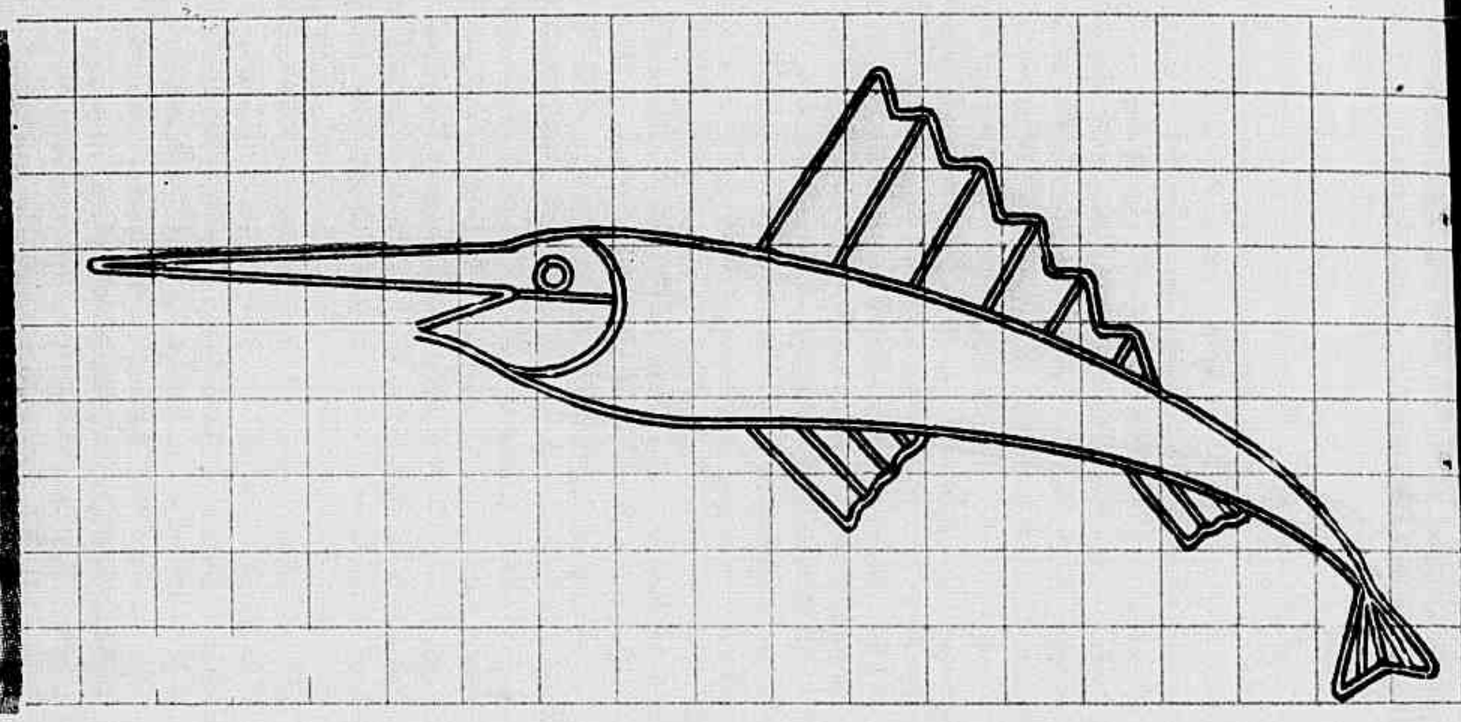
FACILMENTE o leitor **pescará** êsses peixes e os colocará na parede. Deverá escolher arame apropriado (prêto ou dourado, conforme prefira) e dar-lhe a forma desejada.

Para executar o trabalho deverá conseguir um bloco de madeira e cobri-lo de quadrados, conforme o modêlo que apresentamos e seguir as indicações e medidas (em polegadas) apresentadas no desenho.

Para facilitar a dobragem e ajustamento do arame deverá usar alicates de ponta longa e fina, assim como pregos ou taxas bem fortes.

Observem as gravuras que publicamos abaixo e terão bom auxílio.





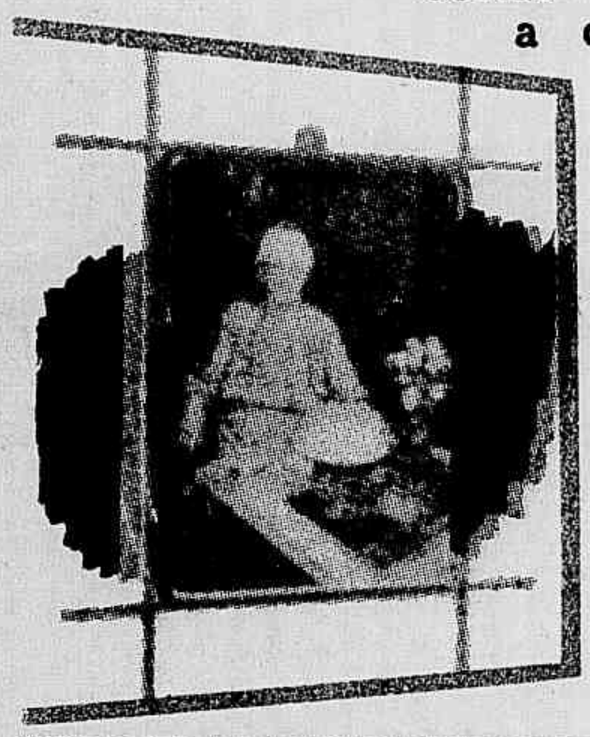
PORTA-RETRATOS de bom uso e grande efeito, numa parede, pode ser feito com uma placa de vidro, outra de papelão grosso, que devem ser cortados exatamente do mesmo tamanho e formato da fotografia.

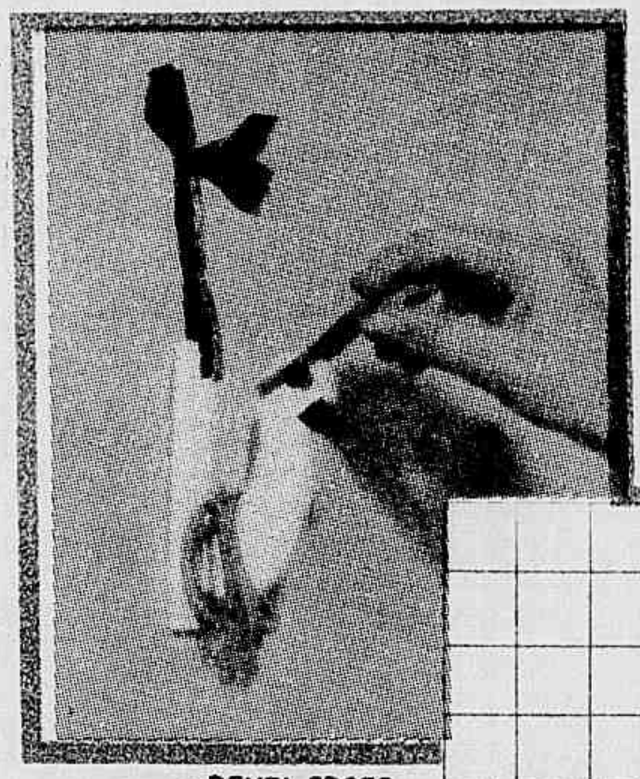
A seguir, com fita colante (azul, branca, verde, etc., segundo o gôsto), unir as três peças, reforçando nos cantos.

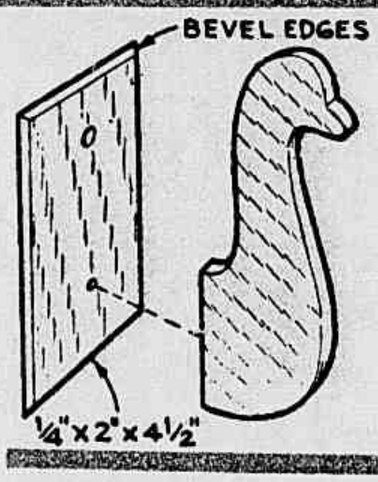
Cortar quatro fios de arame, de forma a que cruzando nos quatro cantos, deixem boa sobra (cêrca de três a quatro centímetros) soldando sòlidamente as quatro juntas.

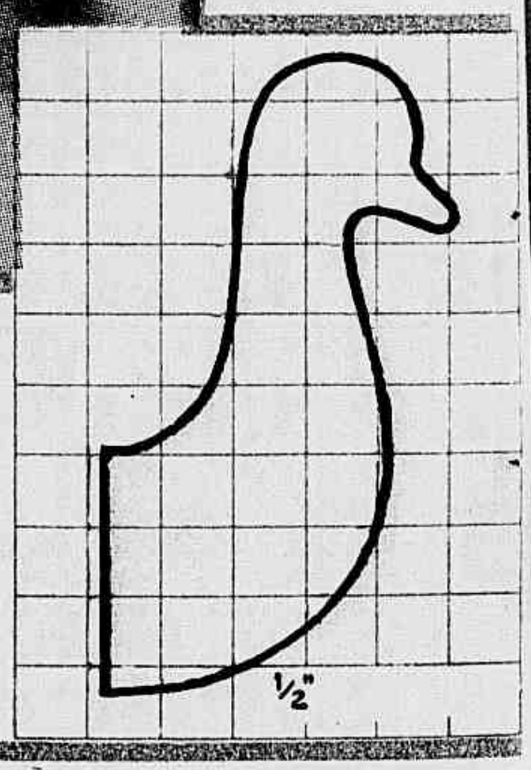
Pintar o arame, para maior beleza e harmonia da peça, da mesma côr da fita colante que empregou para a confecção da mesma.

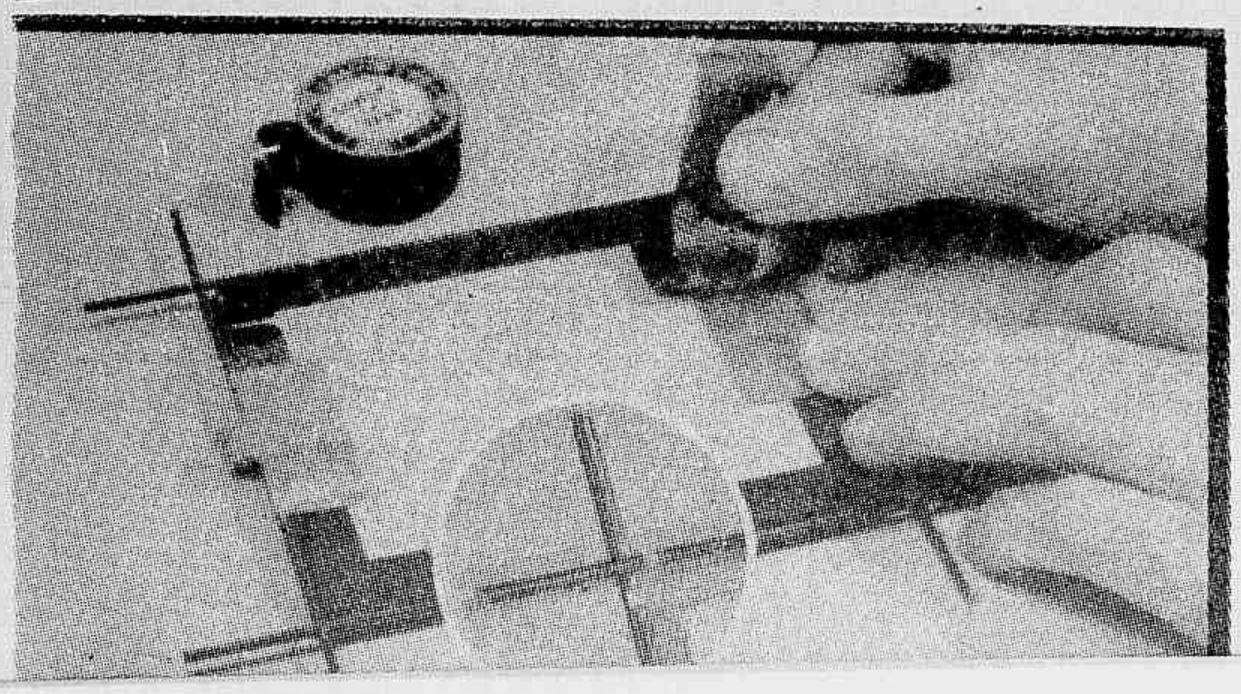
O leitor poderá fazê-lo com real facilidade tomando por modêlo os desenhos publicados.





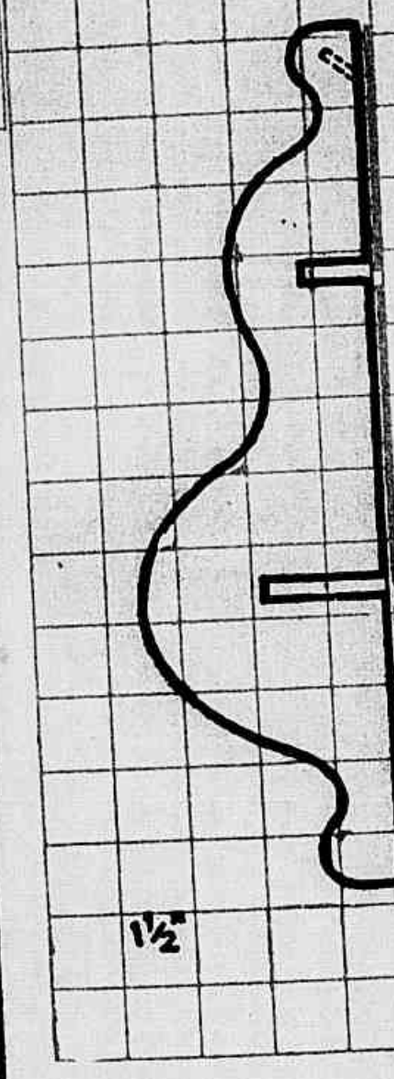






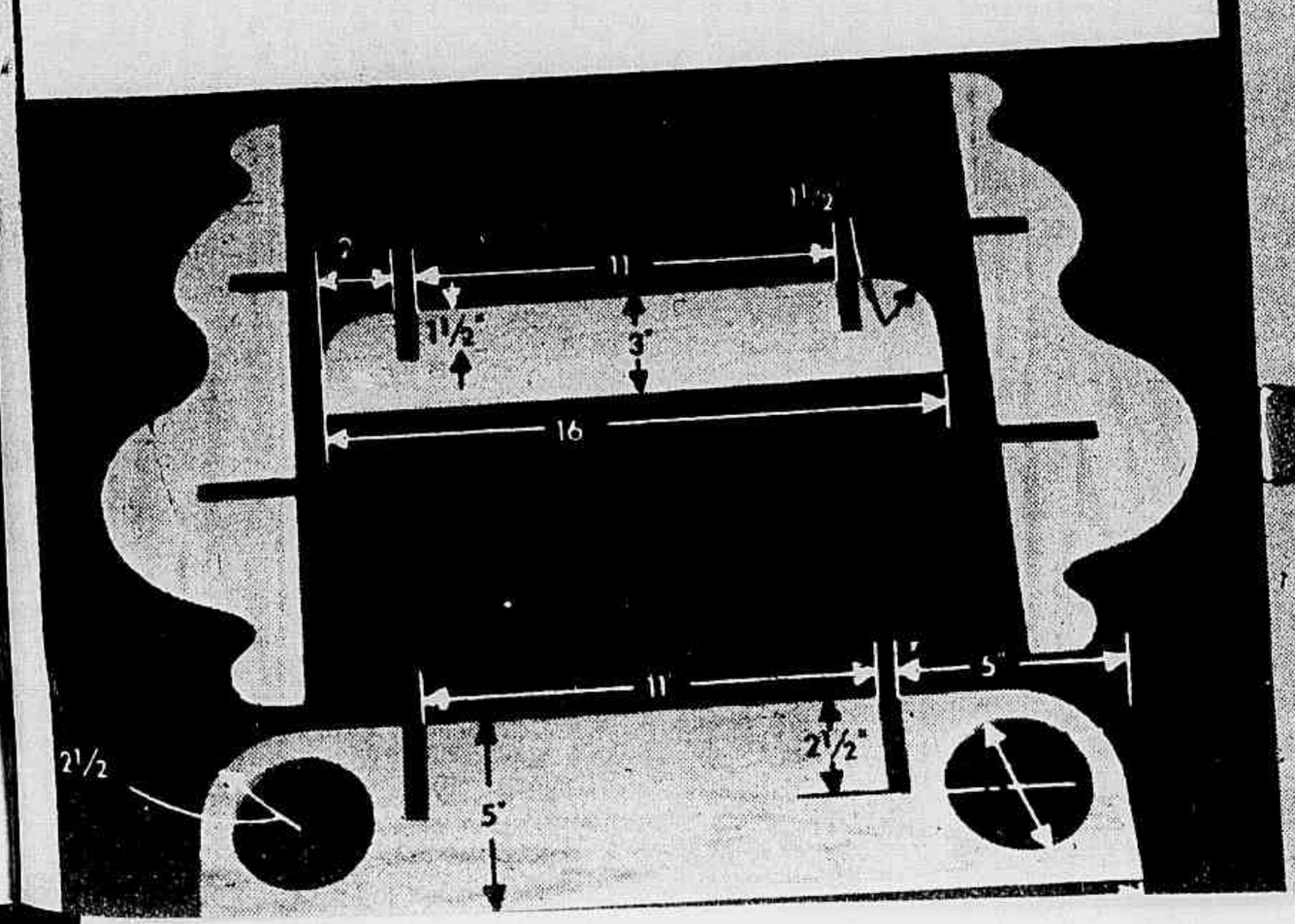
EIS um porta-elásticos (coisa que perdemos fàcilmente dentro de casa e nunca possuímos, quando desejamos). Recortar o pescoço e a cabeça do pato em madeira com 1 centímetro de espessura. Uni-la por meio de cola de peixe e mais um pequeno e fino parafuso ao suporte.

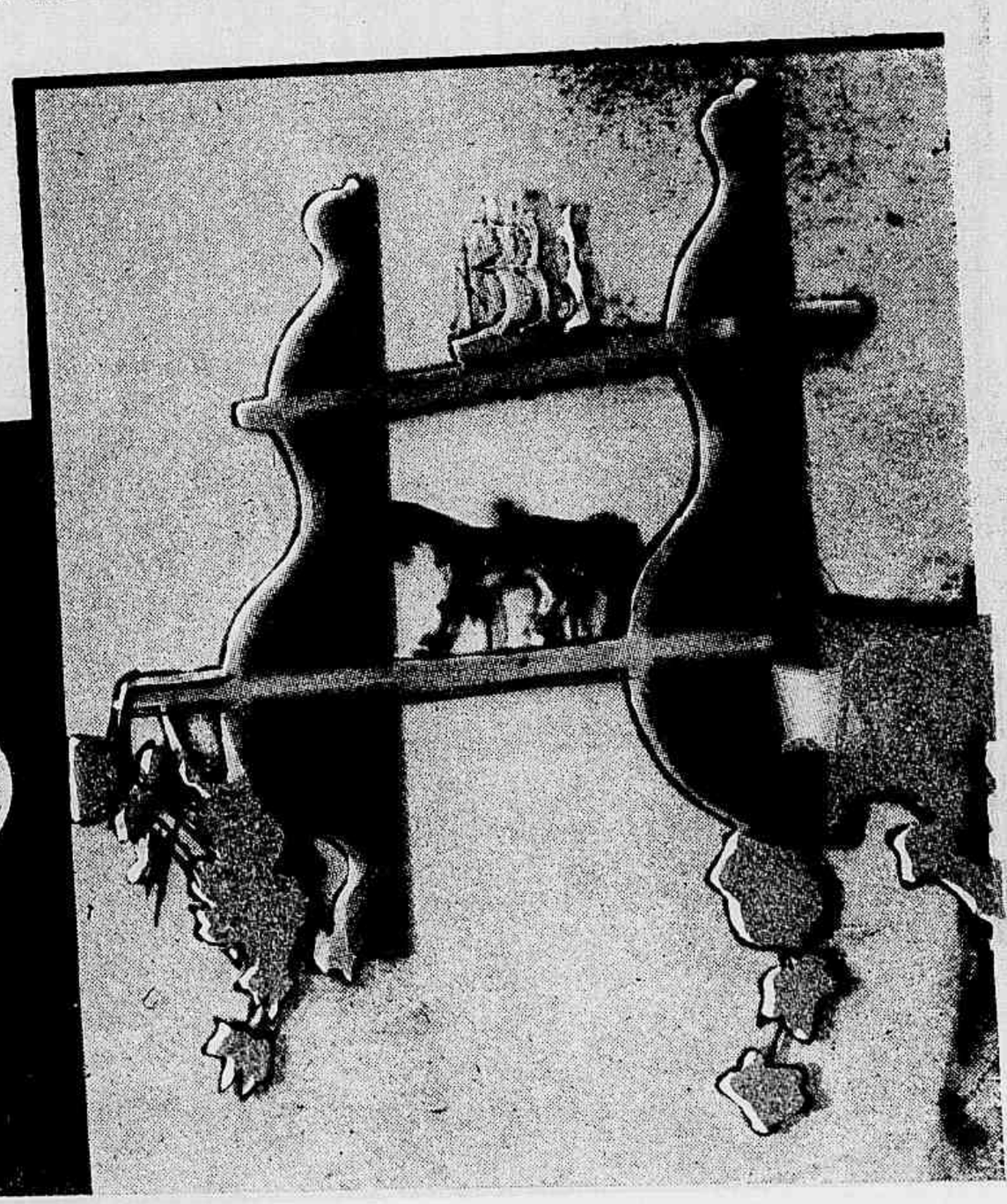
Finalmente, pintar de branco ou amarelo, com os olhos vermelhos ou pretos.



EIS uma linda prateleira que enfeitará qualquer parede e poderá ser usada para plantas, bibelots, etc. Consiste, entretanto, de quatro peças simples, ajustadas umas às outras, como as peças de uma caixa de ovos. Tôdas as peças devem ter meia polegada de espessura. A madeira sólida é preferível à compensada, porque apresenta contornos mais perfeitos. Usando uma serra de boa qualidade, poderá cortar os dois lados de uma só vez. Ter o cuidado de fazer os cortes justamente da espessura da madeira.

Comprar os potes de plantas antes de executar o trabalho, a fim de que os orifícios para os mesmos tenham o tamanho justo e que os sustente na melhor posição (um pouco acima do meio). Um pouco de cola tornará sólido o ajuste das peças. O acabamento será feito com verniz, cêra ou tinta, conforme o gôsto.





QUANDO UM PREGO ou parafuso fica frouxo num orifício feito na madeira, o melhor recurso é o seguinte: corta-se um pedaço de arame-de-solda (dos usados para soldagens de rádio e telefone) e introduz-se o mesmo pelo orifício de onde se retirou o prego velho. A seguir, pelo interior do arame, bate-se outro prego, que assim ficará sòlidamente ajustado.

▭

PARA POUPAR ELETRICIDADE quando se cozinha com panelas ou frigideiras elétricas é conveniente desligá-las antes mesmo que os pratos estejam totalmente preparados, pois que tais recipientes conservam bastante calor e por bastante tempo para permitir que termine a cocção ou fritura.

▭

PARA LIMPAR BEM e sem grande esfôrço um forno engordurado (trabalho desagradável e cansativo) tratem apenas de encher pela metade uma lata com amônia, deixando-a, depois por muitas horas (tôda uma noite, de preferência), fechada no forno apagado. A gordura e a sujeira se desprenderão com tôda a facilidade, quando se iniciar a limpeza do forno, livrando a dona da casa de canseiras e esforços redobrados, esfregando e raspando.

▭

PARA LIMPAR JÓIAS DE FANTASIA usem um pincel ou escôva suave e esfreguem com água e sabão, muito espêssa, secando-se primeiro com um pano suave e depois com migalha de pão ou camurça sêca.

▭

MODO DE LAVAR ESTEIRAS DE PALHA — Essas esteiras, tão vistosas e úteis para as casas-de-campo, não devem ser sacudidas para tirar o pó, pois quebram e arruinam com facilidade. Depois de varridas com escôva de crina, devem ser lavadas com um trapo suave umedecido com leite. Êste tem a propriedade de limpar perfeitamente tôda classe de palha, desenvolvendo-lhe também a flexibilidade e impedindo, assim, que venha a quebrar ao menor roçamento. Finalmente, devem ser enxaguadas com água pura, quente.

▭

MANCHAS DE TINTA, NAS ALMOFADAS dos móveis devem ser combatidas imediatamente depois de produzidas. Coloca-se sôbre a mancha, o mais depressa que fôr possível, um pedaço de papel, absorvendo com cuidado o excesso do líquido derramado. Quando não restar senão a própria mancha, aplica-se sôbre ela uma mistura de leite e suco de limão. Quando essa mistura tiver ganhado um colorido quase negro deve ser substituída por nova aplicação. Dessa maneira a mancha desaparecerá pouco a pouco.

▭

PARA LAVAR OS TECIDOS DE ALGODÃO — Deixa-se ferver um quilo de arroz em 8 litros de água, até que apareça gelatinosa e então deverá ser coada e deitada numa vasilha. Quando tiver esfriado o suficiente para nela deitar as mãos sem risco de queimadura, nela submergir as peças de algodão, que deverão ser lavadas naturalmente, com sabão. Deita-se nova água no arroz, deixando-se ferver meia hora. Filtra-se a cocção para livrá-la de qualquer grão de arroz, junta-se igual quantidade de água pura, empregando-se tudo para enxaguar as peças de roupa.

▭

SE LíQUIDOS COMUNS ou alcoóis respingaram sôbre a superfície de um móvel no mesmo deixando uma feia marca, tratem de esfregar a nódoa com simples cinza de cigarro e uma flanela. Se a mancha não fôr muito antiga e, portanto, não tiver penetrado bem fundo, desaparecerá completamente.

▭

PARA EVITAR MANCHAS feias, feitas pelo constante emprêgo das mãos em redor dos comutadores da luz elétrica, das maçanetas das portas, dos trincos das geladeiras, etc., tratem de aplicar sôbre essas partes mais castigadas, celofanes transparente ou mesmo colorido, desde, é claro, que o colorido venha enfeitar e não afeiar.

O CÊSTO DE PÊSSEGOS

AQUÊLES QUE ENCADEIAM A EXPLICAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS, PRECEDENDO-OS NOS FIOS TENUÍSSIMOS DO SISTEMA DE CAUSAS FÚTEIS, ENCONTRARÃO NO ARTIGO SEGUINTE, EM QUE SE DESCREVE A MORTE DE UM PAPA CÉLEBRE E A QUEDA DE PODEROSA FAMÍLIA ITALIANA, APÓS UMA SÉRIE DE FATOS TRÁGICOS E DA INTERFERÊNCIA DE UM CÊSTO DE EXCELENTES PÊSSEGOS, ESQUECIDOS NA COPA DO VATICANO, UMA CONFIRMAÇÃO PARA SEU MODO PARTICULAR DE VER. É OUTRO CAPÍTULO MISTERIOSO OD LONGO DRAMA VIVIDO POR ALEXANDRE SEXTO, O BÓRBIA QUE FOI ELEVADO À CADEIRA DE SÃO PEDRO, E DE SEU CÉLEBRE FILHO CÉSAR.

DURANTE dez anos, Rodrigo Bórgia, conhecido na história como papa Alexandre VI, tinha sido o terror da Itália e da Europa. Seu filho, César, duque de Romagna, indivíduo perverso e impulsivo, a quem o próprio pai temia, havia — para lhes herdar as posições e haveres — mandado matar, uns após outros, quase todos os príncipes do território papal e estava, assim, prestes a proclamar-se rei da Itália. Por sua vez, seu pai, negociando com as potências e com os cardeais, conquistara o mando no Vaticano, sendo nessa eleição poderosa e eficazmente auxiliado pela influência de D. Jorge da Costa, o nosso conhecido cardeal de Alpedrinha, ilustre pelo seu saber e talentos e que tanta interferência teve na política européia daquela época. Ao mesmo tempo, foi acumulando, por meios inconfessáveis, enormes riquezas com o fim de auxiliar as ambições do filho. São conhecidos os amôres de Alexandre com Rosa Vanozzo, de quem teve quatro filhos e uma filha, que foi a célebre Lucrécia, sendo César o segundo e o predileto dos quatro.[1]

A principal fonte de onde lhe corriam quantias imensas era a das heranças. O papa estabelecera um regulamento, proibindo aos cardeais dispor dos seus domínios por testamento. Em virtude dessa ordem, mortos os cardeais, tôda a riqueza do Sacro Colégio reverteria, naturalmente, para o papa, como herdeiro universal.

Como fàcilmente se compreende, Alexandre VI tirou dêsse estado de coisa o máximo proveito. Os cardeais passaram a morrer com maior freqüência, durante todo o seu pontificado.

---

1 «A Providência reservara à Santa Sé Apostólica esta grande humilhação, permitindo que fôsse eleito Rodrigo Bórgia, cujos adultérios, perfídia e crueza bem conhecidos, não recuando perante o perjúrio, o assassínio e o veneno para -inU ɔıɥıʇsıH) «sɐdoxɐd sɐus ɹɐzɐʇsıʇɐs versal da Igreja, pelo dr. Alzog, obra aprovada pelo arcebispo de Freyburg e pelo bispo de Beatwais.)

Entretanto, conquanto morressem com essa assustadora freqüência, logo surgiram outros, prontos a substitui-los e a pagar generosamente essa eleição e os privilégios correspondentes.

Arcebispos opulentos, como o de Toledo, que cobrada rendas de um reino, entesou-

O cardeal fêz uma profunda reverência.

ravam por longos anos o dinheiro para poder enfim comprar a perigosa honra de usar ao menos o barrete vermelho na côrte de Roma. Assim, o papa aproveitava dolosamente de cada vacatura e lucrava tanto com a morte quanto com a vida.

Em 1503, no dia da festa de S. Pedro, Alexandre VI tinha, justamente, nomeado nove cardeais, de uma vez, estando assim os lugares do Sacro Colégio excepcionalmente preenchidos; nessas condições, podia, sem inconveniente, dar-se a perda de um ou dois dos seus membros. Roma inteira estava à espera, aliás, numa espécie de curioso terror, a fim de saber a quem caberia a sorte.

O mais rico membro do Sacro Colégio, naquela conjuntura, era sua eminência, Adriano Castelense, mais conhecido como cardeal de Corneto.

Tinha êle uma "vila" fora das portas de Roma, não muito longe do Vaticano. A "vila" estava situada numa elevação do terreno e era famosa pelo delicioso panorama que dela se desfrutava. Alexandre VI mostrara muitas vêzes desejos de conhecer a esplêndida residência, mas sem nunca deixar fixar dia certo para a visitar.

Numa manhã (9 de agôsto) em que alguns cardeais tinham comparecido a uma recepção no Vaticano, sua santidade fêz sinal ao cardeal de Corneto para que se aproximasse.

— Cardeal — disse êle, com o seu mais brando e doce sorriso, aquêle sorriso que enganara, para os perder, tantos adversários dos Bórgias. — Disseram-me que a sua vila tem lindo aspecto nesta época do ano...

O cardeal fêz uma grande reverência:

— Êste elogio de sua santidade honra muito a minha pobre casa...

— Tenho a intenção de ir conhecê-la e julgar pelos meus próprios olhos tão renomadas belezas. Será conveniente a sua eminência receber-nos ali, amanhã, de tarde?

Tal pergunta, vinda de um soberano, era de certo uma ordem. O cardeal Corneto expressou sòmente o seu agradecimento pelo favor que lhe era concedido. Alexandre percorreu com o olhar todo o salão e avistou dois outros membros da oprimida côrte.

— Desejo que nos acompanhem um ou dois amigos — acrescentou. — Espero que o cardeal Copis e o cardeal de Casanova sejam meus convivas da ceia.

Os dois cardeais agradeceram, aceitando o convite.

— O duque de Romagna também deverá comparecer — acrescentou o papa, olhando intencionalmente para o filho.

Nesse instante, os três cardeais trocaram entre si significativos olhares, manifestando, sem querer, um ligeiro nervosismo.

— Está assim combinado — continùou o papa. — O meu mordomo para lá seguirá, pela manhã, a fim de fazer os preparativos necessários.

— Se sua santidade permitisse deixar isso aos cuidados dos meus criados... — lembrou o cardeal de Corneto, com certa ansiedade na voz.

— De nenhum modo — replicou Alexandre VI com urbanidade, mas decidido. — Dais a casa, eu os mantimentos.

O cardeal empalideceu. Os outros dois cardeais, que também tinham sido convidados, levantaram-se simultâneamente, como se tivessem sido movidos por algum secreto impulso. Todavia, semelhante combinação proposta por sua santidade nada tinha de extraordinário, e condizia com os hábitos daquela época.

— O meu despenseiro recebeu, justamente agora, um casco de muito bom vinho das Ilhas Afortunadas — continuou Alexandre. — Dar-lhe-ei ordem de encher algumas garrafas para nós.

Os três cardeais cravaram o olhar no chão, silenciosamente, resignadamente, como homens que tivessem ouvido a própria sentença de morte. Era hábito dos Bórgias usar dêste sistema para liquidar suas vítimas. Divertiam-se inspirando verdadeiro terror naqueles que assim condenavam e também nos assistentes.

O duque de Romagna sorria sardônicamente, enquanto espreitava o estremecimento dos cardeais, os quais saíram do salão a passos vagarosos, pálidos e com o semblante desfigurado.

Acabada a audiência o papa chamou o despenseiro, no qual depositava inteira confiança. O lugar era, sem dúvida, um dos de maior importância na administração da casa dos Bórgias.

Quando o despenseiro entrou o duque de Romagna já se retirara; êste detalhe da narrativa é significativo para o seu bom seguimento.

— Trazei-me duas garrafas cheias de vinho das Canárias — ordenou Alexandre.

O despenseiro, que compreendia seu senhor muito bem, foi à adega e logo voltou com o vinho em dois frascos de vidro, que colocou sôbre a mesa, retirando-se. A êsse tempo, César Borgia voltara ao aposento. No fim de curto espaço de tempo, o despenseiro foi novamente chamado.

— Êste vinho é muito escolhido — disse gravemente o papa — e haveis de tomar grande cuidado com êle. Amanhã deverá ser levado nestas duas garrafas para a Vila Corneto, onde hei de ir cear. Haveis de separá-las do outro vinho e oferecer sòmente às pessoas que eu designar.

O criado inclinou a cabeça, respeitosamente, retirando-se. Porém, mal chegou aos próprios aposentos levantou contra a luz os dois frascos, para os examinar e descobriu, no fundo de ambos um levé sedimento, que não havia quando enchera as garrafas. Não era esta a primeira vez que descobrira igual aspecto em vinhos que tinham sido deixados nos aposentos de seu amo ou nos do duque de Romagna.

No dia seguinte, os criados do papa chegaram muito cedo à vila do cardeal para os preparativos da ceia. O dono da casa estava ausente. Tinha passado a noite no

Haveis de levar estas duas garrafas...

seu palácio de Roma, o qual estava situado não distante dos de seus irmãos do Sacro Colégio.

Durante o dia chegou inesperadamente ao Vaticano um presente para o santo padre, um cêsto de formosos pêssegos. Devido, talvez, à ausência de outro criado, o despenseiro foi encarregado de cuidar de que os frutos fôssem levados para a Vila Corneto, para fazer parte da refeição. Mais tarde, depois do meio-dia, o despenseiro

partiu do Vaticano levando por suas próprias mãos os dois frascos de vinho, sôbre os quais seu senhor lhe tinha dado tão particulares instruções. Entretanto, o cardeal de Corneto chegava da cidade à vila onde numerosos criados estavam já incumbidos de preparar a ceia.

O despenseiro colocou cuidadosamente os preciosos frascos num aparador isolado.

... levantara-se um triste catafalco...

Sùbitamente, recordou-se dos pêssegos, que êle próprio estava encarregado de trazer, mas dos quais se esquecera. Êste esquecimento nada de extraordinário encerra em si próprio, porém o resultado dêle foi algum tanto surpreendente. Poderia mandar um seu subordinado buscar a deliciosa e apetecida fruta. Não o fêz, porém, preferindo voltar êle próprio ao Vaticano pela hora mais forte do sol, sob um calor ardente, a fim de buscar o cêsto dos pêssegos, forçando uma ausência que o obrigava a entregar as duas garrafas — as importantíssimas garrafas — ao cuidado dos subalternos.

Chamando o seu ajudante, recomendou-lhe muita atenção para as garrafas que estavam sôbre o aparador, dizendo-lhes que eram para ficar reservadas para uso do Papa. Aparentemente, em certo sentido, estas ordens eram perfeitamente exatas, mas a impressão que deixaram no espírito do encarregado foi de certo a de que o vinho reservado era sòmente para o papa beber.

Tomada essa medida o despenseiro saiu. Em caminho para o Vaticano, como fàcilmente se calcula, cruzou com o próprio Alexandre VI. Estando uma tarde muito límpida, sua santidade decidiu ir a pé até a vila. A distância não era grande e o Bórgia não era nenhum velho trôpego; ao contrário, tinha sessenta e dois anos e parecia ter saúde e vigor que o conservariam ainda por longos anos neste mundo.

A subida para o alto da montanha era um tanto arrebatada e o calor era ainda intenso, apesar do adiantado do dia. O papa subiu vagarosamente ao cume, apoiando-se no braço do cardeal Caraffa, enquanto o filho caminhava a seu lado. Caraffa era empregado na administração papal e muito dedicado aos interêsses dos Bórgias.

Ao chegar às terras da vila, Alexandre parou um momento para tomar fôlego. Meteu, por acaso, a mão no peito e tirou-a, logo, apressadamente, com um ligeiro grito de perturbação.

— O meu talismã! — exclamou, empalidcendo. Explicou, a seguir, aos companheiros de jornada que o medalhão que costumava trazer, numa corrente, em redor do pescoço, fôra inexplicàvelmente esquecido.

Ora, o medalhão continha a hóstia consagrada, e um astrólogo havia afirmado que, enquantó usasse o mesmo talismã pendurado ao pescoço jamais morreria por violência ou veneno. Os talismãs, em geral, eram usados pelos déspotas italianos na Idade-Média, e o seu uso nem sempre provava superstição da parte do portador; usava-se mais para aproveitar a superstição dos outros do que para servir à própria. Quando se sabia que um Sforza ou um Médicis possuía um "feitiço" contra os seus assassinos, poucos seriam os que se atrevessem a atentar contra a vida dos mesmos. O primeiro cuidado dos que conspiravam

era privá-los, por meio de algum ardil, do talismã temido, antes de dar o golpe que não queriam falhar. Assim cumpria-se a profecia dos astrólogos e a reputação dêsses objetos de superstição era mantida intacta.

Que Alexandre VI se encontrasse sem o medalhão naquele momento seria provável mais uma simples coincidência, como a do presente dos pêssegos e a ausência do despenseiro?

O criado de quarto de sua santidade seria talvez o culpado de um lapso de memória igual ao do seu companheiro?

Alexandre, ansiosamente, suplicou ao cardeal Caraffa que voltasse ao Vaticano e lhe trouxesse o famoso talismã.

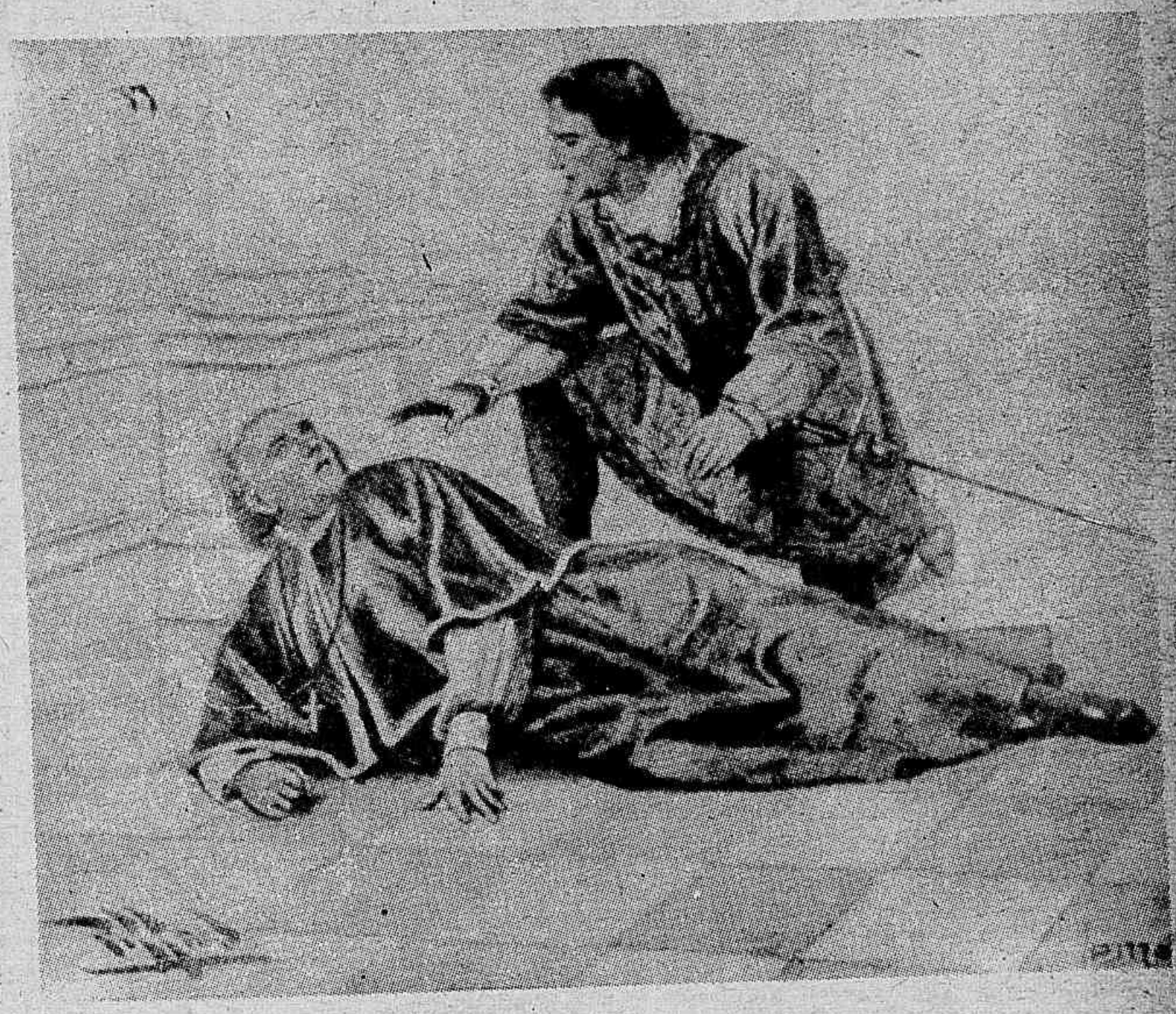
— Deveis encontrá-lo sôbre a mesa, ao lado da minha cama. Trazei-o nas vossas mãos; rogo a vossa eminência que volte o mais depressa possível.

Caraffa acedeu imediatamente e dirigiu-se ao Vaticano: Alexandre e seu filho entraram nos jardins da vila.

Desaparecia o sol no horizonte, quando o cardeal Caraffa descia a colina e atravessava as ruas da cidade leonina. Quando chegou ao Vaticano achou-o quase deserto, visto que a maior parte dos criados tinham sido mandados para o festim da Vila Corneto. Mas o cardeal conhecia os aposentos particulares do papa e podia seguir o caminho sem guia. Acendeu uma vela e encaminhou-se para o quarto de dormir de Alexandre VI. Quando atravessava um corredor, uma corrente de ar apagou a vela, que o cardeal trazia na mão. Contudo continuou, apalpando o caminho e abriu a porta do quarto de dormir. Tinha apenas transposto o limiar quando sentiu o coração parar de surprêsa. Levantara-se diante dos seus olhos uma visão terrível.

No centro do imenso quarto, entre êle e a mesa para onde se dirigia levantara-se um triste catafalco iluminado em cada canto pela luz mortiça de archotes. O ataúde estava coberto com um pano negro, e sôbre êle estava estendido um cadáver amortalhado. O cardeal, horrorizado, reconheceu o vulto ali estendido.

Era o do homem que êle acabara de deixar, a quem há pouco prestara o auxílio do seu braço, era o de Alexandre VI, a cabeça espiritual da cristandade, que ali jazia, morto! Tempo houve — e não remoto — em que esta visão do cardeal Caraffa teria sido levada, como o foi na crítica histórica, à conta de alucinação extravagante, sem significação positiva. Hoje, porém, segundo o estado da moderna ciência, aquela visão do dedicado amigo do Bórgia, naquele momento, é informação ponderável e sugere graves suspeitás sôbre a conjura que vitimou Alexandre VI.



César Bórgia correu para junto de seu pai..

Teria o cardeal Caraffa a presciência do crime? O seu espírito, sobressaltado, no pavor dos vastos aposentos desertos, cuja decoração constitui os melhores primores do célebre Pinturicchio e de sua escola, evocaria o espectro?

Nesta hipótese, dificilmente o cardeal se aventuraria a contar o caso, como fêz; portanto, melhor será atribuir a aparição do fantasma vivo aos olhos do cardeal à categoria de fenômenos que hoje se deno-

minam alucinações verídicas (embora pareça estranho ou paradoxal a aproximação dêsses dois vocábulos) as antigas coincidências que as próprias leis do acaso, pelo cálculo de probabilidades, recusam admitir e que exigem explicação diversa. O cardeal Caraffa, acreditando que a visão tremenda era obra do espírito maligno, fêz o sinal da cruz quando a mesma desapareceu de sua vista. Em seguida atravessou agitadamente o quarto, apanhou o talismã, que achou no lugar indicado por sua santidade, e fugiu, aterrorizado, através dos corredores então desertos e escuros do palácio, apressando-se para assistir ao banquete, com bem tristes presságios no coração.

Nem na ida, nem na volta, nem mesmo dentro do palácio, sua eminência encontrou o despenseiro, que o precedera na saída da Vila Corneto. Êsse homem, em tôrno do qual girava o govêrno de tôdas as coisas domésticas, tinha saído em busca dos pêssegos, antes da chegada do papa Alexandre e, assim, antes da saída de Caraffa. Não podemos fàcilmente imaginar um criado levando mais tempo do que um príncipe da igreja a percorrer a mesma distância, nem é racional supor-se que o despenseiro gastasse mais tempo a achar os pêssegos, sabendo onde os deixara, do que o cardeal Caraffa a encontrar o medalhão pelas indicações do papa. Contudo, apesar do despenseiro ter deixado a vila antes de Caraffa, ainda dela estava ausente quando o cardeal voltou. E veremos, um pouco mais adiante, a importância capital do fato.

Ao entrar nos jardins da vila, os dois Bórgias, pai e filho, sentindo-se afogueados e sequiosos pelo passeio, chamaram um criado para que lhes trouxesse vinho. Não estando presente o despenseiro, por uma **singular fatalidade**, como explica um escritor francês, o criado levou a ordem ao substituto daquele, o qual se lembrou das duas garrafas separadas das demais para as quais tinha sido particularmente chamada a sua atenção, como estando postas assim para uso exclusivo do papa. Encheu dois copos de vinho das garrafas reservadas e colocando-os numa bandeja de prata, entregou-os ao criado para que os levasse a seu amo.

Corrige-se aqui um pequeno êrro da narrativa dos autores antigos, que descrevem o fatal frasco de vinho colocado na própria salva e levado ao papa. Semelhante asserção é inacreditável, pois seria atribuir imprevidência demasiada e incompatível com a habitual precaução de dois dos mais astuciosos homens que têm existido, supor que êles não reconhecessem, por qualquer particularidade de forma ou de marca, a garrafa cujo conteúdo tinham deliberadamente preparado horas antes. O que não previram — e anulou todo o fio de sua trama — foi a ausência do despenseiro. **E esta ausência é, com efeito, a chave de todo êste enigma histórico.**

O criado apresentou a bandeja com os dois copos a Alexandre e seu filho.

Momento culminante do drama, situação profundamente teatral.

O cruel, desumano e ambicioso papa, cujo simples nome fazia blasfemar e tremer, e o altivo, perverso e feroz César, que arrancava vidas tão fàcilmente como qualquer cortaria f l o r e s — aquêles dois homens em que se fixavam com mêdo e horror os olhos da cristandade, estavam, naquela ocasião, num crepúsculo esbraseado de agôsto, debaixo da copa de frondosa árvore do jardim, olhando sinis-

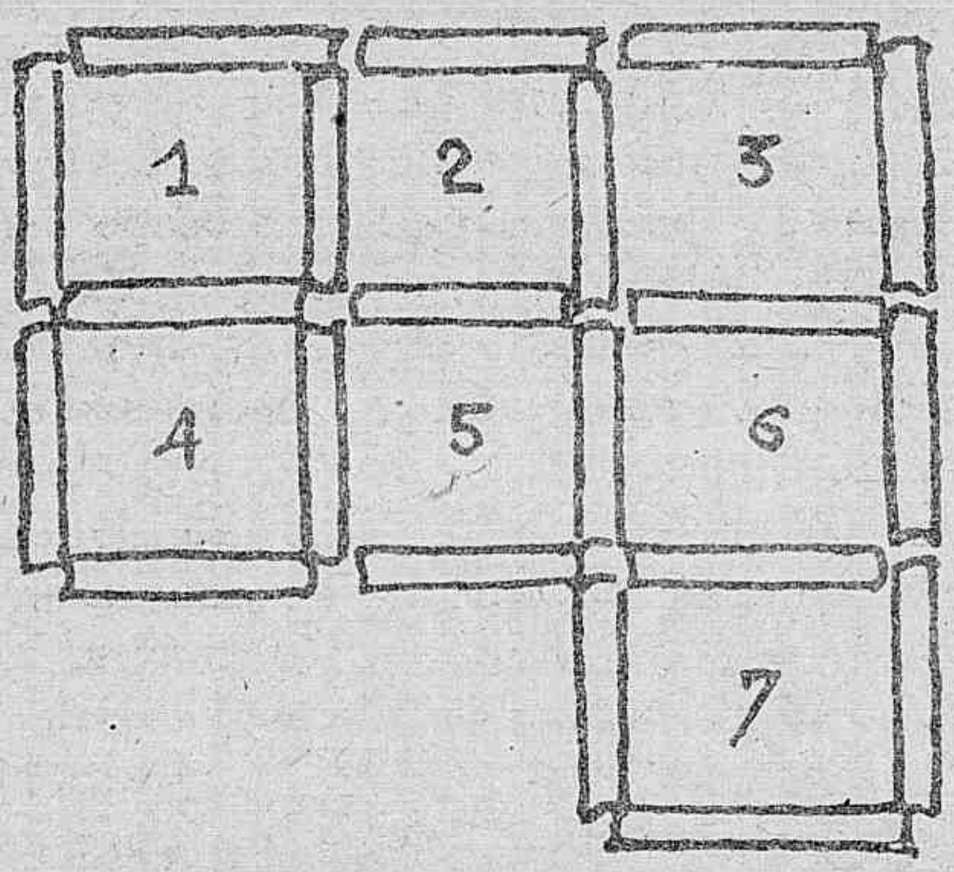
(Cont. no fim da revista)

O seu cadáver foi abandonado

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

O MAÇO DE CIGARROS

NUM maço estão vinte cigarros. O leitor deverá retirar todos êles, dispondo-os sôbre uma mesa, segundo a gravura indica,



de maneira a formar sete quadrados idênticos e ligados entre si.

Trata-se de retirar três cigarros e colocá-los em outra parte, a fim de formar sòmente cinco quadrados, também ligados entre si.

PROBLEMA ESPORTIVO

NOS últimos jogos olímpicos, numa prova de 1.500 metros rasos, vários concorrentes, sentindo ter chegado o momento oportuno, decidiram iniciar a arrancada final. Um dêles, voltando a cabeça, viu dois outros corredores que vinham atrás dêle; outro corredor viu dois competidores que corriam à sua frente. Um outro, finalmente, pôde ver um à sua frente e outro que vinha em sua perseguição. Quantos eram êsses corredores?

IRMÃOS E IRMÃS

QUATRO amigos, Pedro Avelar, Antônio Brandão, Jaime Cavaleiro e João Domingos, ganham trinta e duas garrafas de refrigerantes.

Pedro fica com uma, Antônio com duas, Jaime com três e João com quatro.

O resto é então dividido entre as irmãs dos mesmos amigos, ficando Josefina com duas vêzes mais que seu irmão, Maria também com duas vêzes mais que seu irmão, Julieta idem, e Rosa fica com três vêzes mais que o seu irmão.

Qual o nome de família de cada uma delas?

AS OITO ADIÇÕES

INSCREVAM tôdas as cifras de zero a oito (o zero conta), no lugar dos "X" dispostos abaixo, de tal maneira que as

```
X   X   X
X   X   X
X   X   X
```

adições horizontais, as três verticais e as duas diagonais dêm sempre como total: doze.

QUE HORAS ERAM?

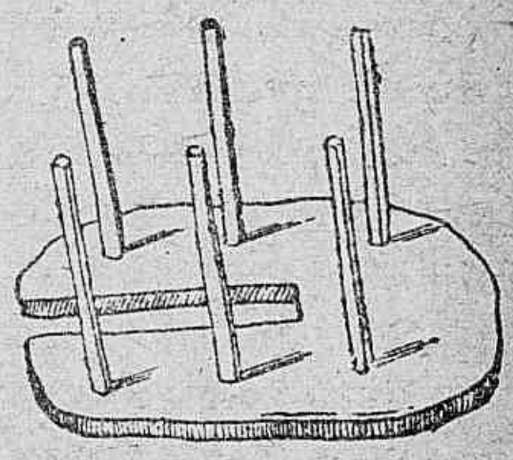
UM transeunte deteve um grande sábio, famoso matemático, a fim de lhe perguntar as horas.

— Muito simples — respondeu o matemático. — Há um quarto de hora, eram exatamente três vêzes o dôbro da metade de quatro horas, mais um quarto de hora.

Sabe o leitor dizer que horas eram, no momento em que o transeunte fêz a pergunta?

OS PEDAÇOS DE BATATA

A figura junta representa uma fatia de batata de feitió especial, na qual se espetaram seis fósforos.



Trata-se de cortá-la de forma a que fique reduzida a seis pedaços, ficando em cada um dêles um fósforo espetado... porém sendo permitido apenas dois cortes, sempre em linha reta.

ADIVINHAR OS DADOS LANÇADOS

EDIR a alguém que lance três dados e anote os 3 números obtidos (por exemplo: 2, 3, 4). A seguir dizer, sucessivamente, que: Multiplique o primeiro por 2 (4). Junte 5(9). Multiplique por 5(45). Junte o segundo número (48). Multiplique por 10(480). Acrescente o terceiro número e anuncie o resultado (484).

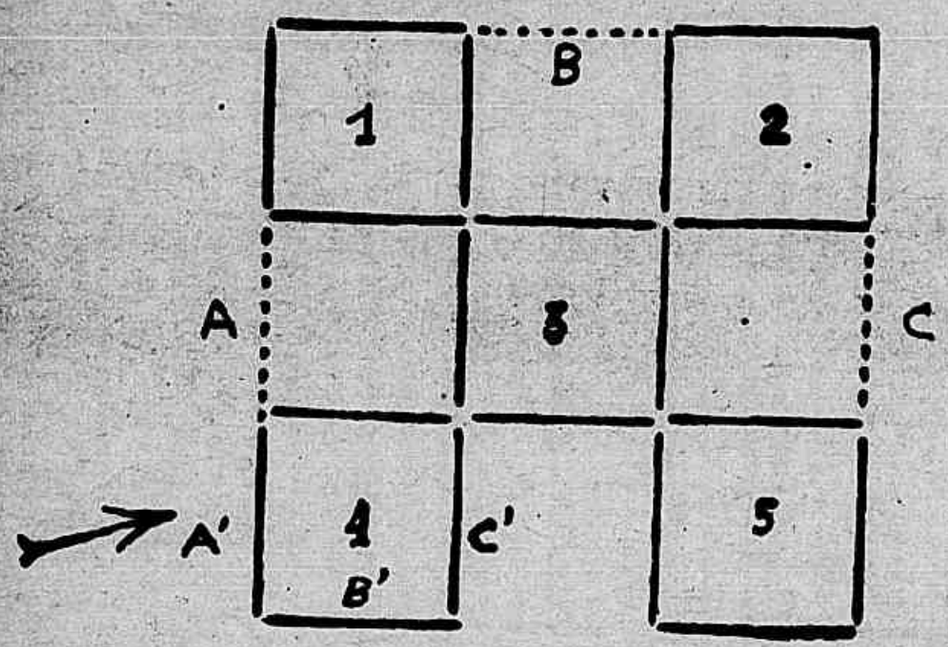
Então, trate de subtrair rápidamente 250 dêsse total. Obterá 234. Anuncie, a seguir, que os dados lançados tiveram os números 2, 3 e 4.

(Respostas na página seguinte)

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO

(Respostas da página anterior)

O MAÇO DE CIGARROS



O desenho acima indica a solução.

PROBLEMA ESPORTIVO

Eram três corredores, em fila, um atrás do outro.

QUE HORAS ERAM ?

Doze e trinta, isto é: meio-dia e meio (3 vêzes 4, igual a 12. 12 mais ¼ igual a 12 h. ¼. 12 h. ¼ mais ¼ igual a 12 h. e 30).

AS OITO ADIÇÕES

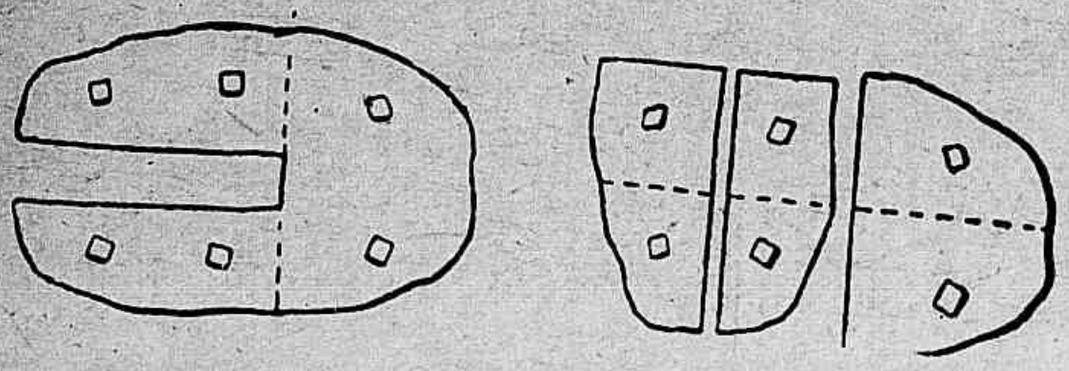
7	0	5
2	4	6
3	8	1

IRMÃOS E IRMÃS

Julieta Avelar (2), Rosa Brandão (6), Josefina Cavaleiro (6) e Maria Domingos (8).

OS PEDAÇOS DE BATATA

A figura abaixo representa como deve ser cortada a batata: uma primeira vez e a segunda (mudando de posição os dois primeiros pedaços separados) sempre pela linha pontilhada.



MEIO SÉCULO DE AMOR

ANNA Cocker, uma dama de 72 anos, residente em Filadélfia, recebeu por carta uma oferta de casamento de um certo Johnny Edgecombe, residente na Nova Zelândia.

— Não havia ainda terminado de ler a carta e já havia aceitado o pedido — declarou a velhota, cheia de entusiasmo.

E com razão, pois que quando o matrimônio fôr realizado, terão coroado uma história de amor que dura, pràticamente, quase cinqüenta anos.

Anna Cocker, pertencente a uma nobre família inglêsa, conheceu Johnny Edgecombe em 1905. Os dois se enamoraram perdidamente e decidiram unir-se matrimonialmente. Porém o pai de Anna se opôs e no ano seguinte, 1906, levou a filha para a América do Norte, para que esquecesse o pobre Johnny Edgecombe. Êste, com o coração sangrando, deixou a Inglaterra, indo residir e trabalhar na Nova Zelândia. Os dois não mais se viram nem trocaram correspondência. Johnny casou, teve três filhos e, em 1934, enviuvou. Há dois meses, já com 74 anos, veio a saber que a sua Anna ainda vivia nos Estados Unidos, sendo ainda solteira. Imediatamente enviou a carta propondo o casamento.

A ASSINATURA DO TRATADO

EM Washington, realizava-se a cerimônia da assinatura de um tratado entre os Estados Unidos e a Noruega. O subsecretário de Estado, James Webb, assinou e levantou-se, a fim de ceder o lugar ao embaixador norueguês Guilherme Munthe Morgenstierne, que se instalou diante do documento. O embaixador apanhou a pena deixada sôbre a escrivaninha e começou a traçar seu comprido nome. De repente, largou a caneta e, levantando a cabeça, declarou:

— Não posso assinar êste tratado.

Em seu redor, todos fizeram, ansiosamente, a mesma pergunta:

— Por quê?

Calmo, o embaixador respondeu:

— Porque a tinta acabou.

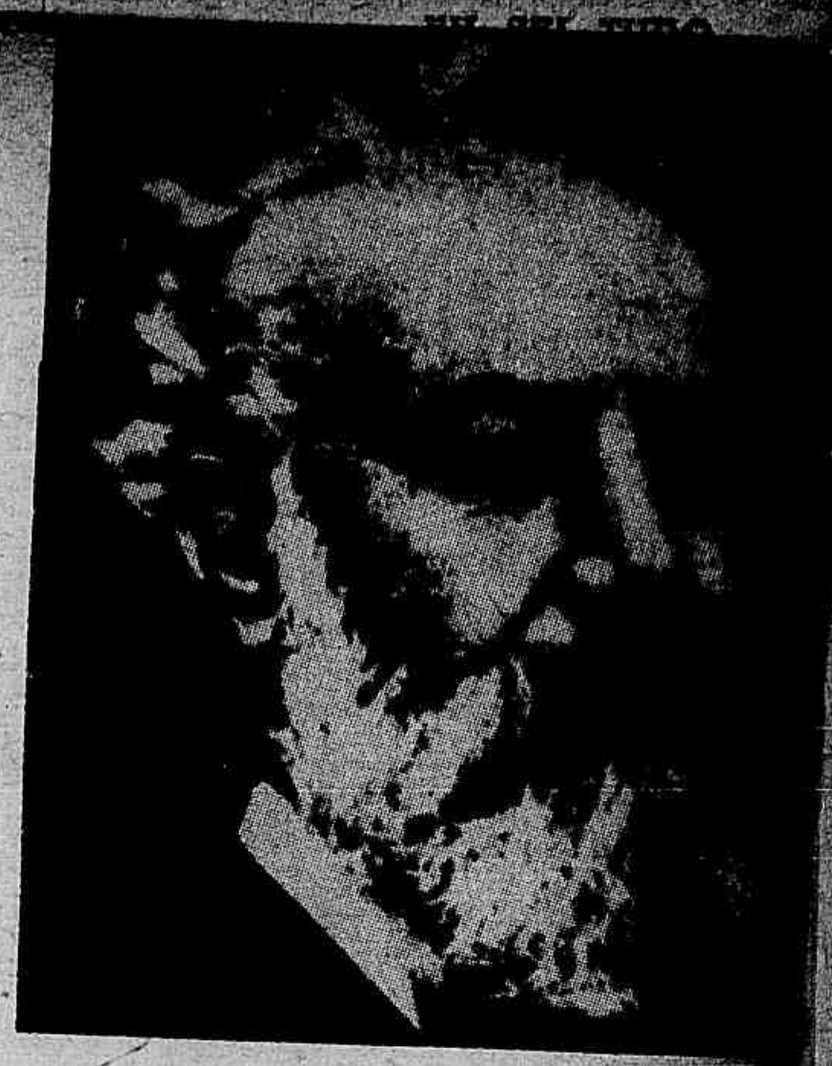
O Brasil produziu, em 1953, 984.000 toneladas de carne bovina, 137.000 de carne suína, 23.000 de ovina e 13.000 de caprina. O total geral se elevou a 1.159.000 toneladas, avaliadas em 15.776.529.000 cruzeiros. Em 1952, as quantidades correspondentes foram: bovina: 974.000 t, ovina: 22.000 t, caprina: 12.000 t., com um valor de 12.930.000.000 de cruzeiros. Não foi divulgado o valor da carne produzida em 53, mas pode afirmar-se que é mais elevado.

39º Ano — Nº 3 — Agôsto — 1955

O MARAVILHOSO JÚLIO VERNE

A FRANÇA E TODOS OS AMIGOS DA CIÊNCIA, EM TODO O MUNDO, RENDERAM UMA AFETUOSA HOMENAGEM AO GRANDE ROMANCISTA JÚLIO VERNE, POR OCASIÃO DO CINQUENTENÁRIO DE SUA MORTE

JÚLIO VERNE — Meio século depois de sua morte, o mundo continua fiel à sua lembrança e também à sua novelesca fantasia.



UMA comemoração não é mais do que um olhar para o passado. Amamos em Júlio Verne o animador, o precusor que anunciou a seus contemporâneos a presença ainda longínqua de um mundo novo. Para nós, como para Verne, o futuro se descortina na magnificência do progresso técnico, da conquista do universo. Mas, enquanto Júlio Verne, literato e profeta de grande intuição, apenas apreendia as colossais perspectivas, nós hoje sabemos que o mundo está em marcha e que, segundo a bela expressão de Jungk, **"o futuro já começou"**.

É maravilhoso pensar que Júlio Verne, precursor genial, que fêz viver para seus contemporâneos as maravilhas da técnica do futuro, estava muito além do seu tempo, inaugurando, diante do progresso, uma

Em todos os seus romances, o gênio de antecipação de Júlio Verne se mostrou fecundo. E o que mais surpreende nessas premunições é o cuidado dos detalhes e o desejo de encontrar uma explicação técnica para tôdas as dificuldades, que caracteriza os romances de Verne.

nova atitude do espírito. A partir do comêço do século, reconquistamos o hábito intelectual — um tanto esquecido desde a Renascença — de pensar com antecedência, mediante gigantescos "saltos" do espírito **removendo os obstáculos.**

Trata-se de uma verdadeira revolução pois a ciência, caracterizada pela longa paciência, num verdadeiro ascetismo espiritual, há muito tempo fêz sonhar o maravilhoso papagaio que Foch, o generalíssimo das fôrças Aliadas da primeira grande guerra, descreveu para seus oficiais, alunos da Escola de Guerra, a fim de simbolizar a progressão de uma unidade militar sôbre um terreno:

— O papagaio é um animal admirável, meus senhores! É preciso vê-lo trepando numa grade. Êle nunca retira um pé sem antes haver agarrado sòlidamente com o outro e mais o bico!

Se Júlio Verne houvesse seguido êsses louváveis métodos, nunca teria escrito "Da Terra à Lua" ou "Vinte Mil Léguas Submarinas"! Em 1865 ou 1867, nem se falava em projéteis interplanetários, nem em motores elétricos para as hélices do "Nautilus". Mas Júlio Verne, como precursor e romancista, pressentiu com grande amplitude que a máquina interplanetária e a fôrça motriz elétrica existiriam algum dia...

Esta projeção do futuro através do presente tende a tornar-se uma das características dominantes da nossa época; o que ontem não passava de um mero jôgo de espírito e de pura fantasia, vai, pouco a pouco, transformando-se numa necessidade vital. Em todos os domínios, esta verdade imperiosa se impõe à nossa civilização.

Os motores atômicos, por exemplo, que pesam várias dezenas de quilos **por HP**, no momento atual não podem ser utilizados na aviação, onde o limite máximo se situa entre 3 e 5 quilos. Entretanto, podemos prever que em 1956 ou 1957 os progressos neste sentido serão suficientes para que os engenheiros disponham de motores bastantes leves. A indústria aeronáutica americana já iniciou a construção de um avião destinado a ser propulsionado por motores atômicos pesando 4 quilos por "HP", o que estará concluído mais ou menos nessa época.

Concebe-se imediatamente a economia de tempo que teremos conquistado. Entretanto, êsse método tende a tornar-se, mais e mais, geral e, naturalmente, permitirá previsões ainda mais antecipadas.

Os países que desdenharem tão primordial tendência de nossa civilização, correrão o risco de um desastre. Não esqueçamos que os engenheiros encarregados de dirigir nossas fábricas nos próximos vinte anos, deverão orientar os seus estudos para as necessidades de 1975 e não para as de hoje; não esqueçamos, também, que pelas ruas que estamos traçando atualmente, transitarão os bizarros veículos do ano 2000!

E essas considerações não são ùnicamente avaliadas com relação às decisões governamentais, pois os grandes conjuntos industriais norte-americanos já levaram em

As três fases capitais da viagem interplanetária estão nos clichês que estampamos nestas duas páginas, a saber, à esquerda, a partida do obus; à direita, em baixo, a corrida pelo espaço, onde todo pêso é anulado (o cão, atirado pela

consideração êsses problemas. É assim, por exemplo, que a "Dupont" instalou, desde algum tempo, um laboratório especializado onde várias dezenas de pesquisadores competentes trabalham ùnicamente estudando os problemas que surgirão para a firma depois de 1970! Assim como no tempo de Júlio Verne era possível prever o aparecimento do submarino, da navegação aérea e, mesmo, astronáutica, do mesmo modo, hoje, êsses cientistas especializados, possuidores dos mais avançados conhecimentos obtidos em todos os laboratórios do mundo, podem fazer previsões com certa segurança. Já têm, por exemplo, uma idéia exata dos produtos que, dentro, de 15 ou 20 anos, serão postos à disposição da indústria ou das necessidades populares.

Observe-se, contudo, que é preciso um período de 10 a 30 anos para que uma descoberta passe da experimentação para o lançamento comercial. Os detergentes, que nos últimos anos conquistaram o mercado doméstico, foram descobertos antes da guerra, o mesmo acontecendo com as primeiras moléculas de "nylon"; da mesma maneira, o avião, cujos esboços estão sendo desenhados presentemente, só farão seu primeiro vôo comercial daqui a uns 15 anos!

A antecipação, que, no passado, caracterizava o estrategista ou o diplomata, torna-se hoje uma necessidade cotidiana para o industrial e o homem de negócios.

Em virtude da crescente complicação das técnicas, da necessidade de produzir em série com instrumentos sempre mais importantes, o homem vê aumentar constantemente o espaço que separa o instante em que toma a decisão e aquêle em que a decisão produzirá seu efeito no mercado mundial. E dia chegará em que o grande industrial, assim como o grande diplomata, trabalhará ùnicamente para o confôrto da geração seguinte. Como suas múltiplas antecipações, o método de pensar de Júlio Verne não levou meio século para ser realidade.

Júlio Verne conhecia o princípio da reação a jato, pôsto que previa travar a queda sôbre a Lua com foguetes e também com êles modificar a trajetória. Não pensou, porém, em empregá-los para o lançamento da astronave, afastando-se, assim, de tôda possibilidade prática da aplicação,

escotilha, não cai e, ao contrário, acompanha o obus na sua corrida); a aproximação da Lua, à direita, ao alto (a qual não será atingida em razão de um desvio da trajetória com a ajuda de foguetes, que a gravura mostra.)

JÚLI VERNE, HOMEM DE TEATRO

JÚLIO Verne nasceu em 1828, em Nantes, e era filho de Pierre Verne, procurador profissional de reputação aventurosa.

O menino cresceu à margem do Loire, na ilha Feydeau; depois viveu em Chantenay, onde ouvia os gritos dos marinheiros, o nostálgico apêlo das sirenes e via balançar os grandes navios, cobertos de velas

O capitão Nemo, a bordo do "Nautilus".

e pavilhões, partindo serenamente para os mares do Sul... Eis o ambiente em que viveu Júlio Verne, empenhado na geografia e na marinhagem. E quantos têrmos marítimos pululam por tôda sua obra! Êles lhe chegaram em abundância, com sua exatidão e sua poesia... Quando Pencroff, em "A Ilha Misteriosa", encontra seu "Boaventura" reamarrado por mão desconhecida, percebe que o nó não é o mesmo: um nó liso em vez de duplo! Eis uma idéia que não passaria pela cabeça de quem jamais tivesse lidado com as coisas do mar!

Originalmente, Verne é autor dramático. E como sabe fazer falar seus personagens! A aparição de Paganel, sôbre o tombadilho do "Duncan", quando acredita estar no do "Scotia", é uma pequena obra-prima. Aos 2. anos, estréia como teatrólogo, protegido por Alexandre Dumas, com uma pequena peça intitulada: "As Palhas Cortadas".

O futuro romancista iniciou, a seguir, a carreira de financista! Ei-lo em 1857 como "agente de câmbio", levantando-se às cinco da madrugada para consagrar a seus estudos literários, o que Alfred de Vigny chamava "a calma adorada das horas negras".

Apareceram então três comédias alegres e, a seguir, um profundo estudo sôbre Edgard Allan Poe, ainda pouco conhecido na França. Júlio Verne publicou igualmente contos fantásticos, que oscilavam entre Hoffmann e Poe. Mais tarde vamos encontrá-lo tomando oficiosamente a pena de Poe para dar uma conclusão — em sua "Esfinge de Gêlo" — às fantasiosas "Aventuras de Arthur Gordon Pym".

CRÍTICA DE UM ROMANCE INTERPLANETÁRIO

TUDO isto, porém, é muito literário, e o leitor poderá perguntar quando a ciência se decidirá, finalmente, a fazer sua entrada na obra de Júlio Verne! Êste acontecimento foi obra do grande editor Hetzel. Êste acolheu festivamente o jovem romancista, que logo revelara ter poderosa originalidade, concedendo-lhe um ótimo contrato: 20.000 francos por ano — o equivalente a 10 milhões de francos hoje.

Adeus ocupações financeiras! Júlio Verne vai agora poder escrever!

Um catálogo completo da obra de Júlio Verne seria fastidioso; mas vai além de 110 volumes! Citaremos alguns do seus romances mais célebres.

Em 1853, "Cinco Semanas Num Balão", romance um pouco desmaiado, mas valioso pelo seu estilo vivo. Em 1855, "As Aventuras do Capitão Hateras" ou "Os Inglêses no Pólo Norte", tema geográfico, caracteres, peripécias, astúcias científicas, revelando um Verne muito cru! Em 1865 foi publicada a "Viagem ao Centro da Terra" (dois espeleólogos descem no **Hekla** e retornam pelo Stromboli!); e a seguir apareceram os dois romances interplanetários: "Da Terra à Lua" e "Ao Redor da Lua".

EU SEI TUDO

"Da Terra à Lua" é, sem dúvida, um dos mais populares entre os romances de Júlio Verne. É também o único cujas predições ainda não foram concretizadas. As gravuras mostram o obus chegando ao vagão plastiforme e uma vista figurativa de seu interior.

Êstes são os únicos sérios da categoria, e assim mesmo, de um modo relativo. Abundam em erros, dos quais alguns são voluntários. Júlio Verne sabia perfeitamente que uma carga de algodão explosivo é incapaz de comunicar a um projétil inerte uma velocidade inicial de 16.000 m por segundo, a fim de que conserve, ao sair da atmosfera, uma velocidade superior à **velocidade de libertação.** Sabia que os "compartimentos d'água", desempenhando o papel de amortecedores de partida e inventados por Barbicana, jamais amorteceriam coisa alguma e que os três infortunados astronautas seriam infàlivelmente triturados e liquefeitos pelo esfôrço da inércia de partida! Mas, sem essas suposições essenciais, o romance tornar-se-ia impossível; pelo menos, assim julgava Júlio Verne.

As nossas concepções astronáuticas são, hoje, mais fundamentais. Sabemos — embora ainda não tenhamos tentado a grande aventura — que o "foguete a reação" é o motor ideal para os astronautas: êle é dirigível, progressivo e não reclama qualquer ponto de apoio. Com o foguete,

nada de catástrofe fisiológica durante a partida, nada de vôo cego no infinito; o aparelho se encontra daqui por diante nas mãos de astropiloto, secundado, é claro, por uma complexa organização automática.

A anomalia de Júlio Verne é tanto mais singular, porquanto êle conhecia o foguete e seu efeito reativo; a melhor prova é, sem dúvida, o fato dêle se servir de um foguete para agir como freio, no momento em que o aparelho retorna à terra. Por outro lado, é evidente que êle não compreendeu as condições de ação dos foguetes lançados por alguns minutos como um gracioso fogo de artifício dotado de propriedades mágicas! Júlio Verne é um pouco sério no que se refere às quantidades de movimento e às equações de massa!

É certo que Júlio Verne não gostava dos matemáticos; êle mesmo se revela no agradável Michel Ardan, que assim definiu a soma:

— **"Um pequeno quebra-cabeça chinês, que permite obter totais indefinidamente variados!"**

Como explicar, pois, que Verne nos haja dado — em "Ao Redor da Lua" — a equação diferencial do projétil e sua integral determinada pelas condições aos limites? A explicação é simples e muito conhecida dos "vernianos". Júlio Verne, como Luís XIV, sabia cercar-se. Sempre confiava os problemas científicos ou a um de seus amigos, o politécnico Badoureau, de Amiens, ou ao seu primo Henri Gascet, professor do liceu "Luís, o Grande".

...O que não impede que Verne se emancipe após recopiar cuidadosamente a equação! É assim que vemos seus astronautas abrindo e fechando ràpidamente uma das portinholas, para lançar fora o cadáver de um pobre cão, vítima do choque provocado pela partida, **e isto com tal habilidade que apenas algumas moléculas de ar poderiam escapar!...** O mais medíocre escritor de ficção científica, no atual estado de coisas, jamais lograria cometer semelhantes heresias técnicas.

H. G. WELLS E JÚLIO VERNE

COMPAREMOS, agora, Júlio Verne a um grande rival estrangeiro: o romancista e ensaísta inglês H. G. Wells. As fôrças não são iguais. Do ponto de vista puramente literário, assim como de uma concepção político-filosófica, Verne "não é da mesma categoria". Mas, em matéria de criação científica, êles se equiparam perfeitamente.

Em Wells, a explicação técnica é inexistente; é assim com a sua máquina de viajar através do tempo, com a esfera sem os pesos, de Cavor, ou mesmo com o homem invisível. Observe-se que isto se opõe ao cuidado pela minúcia que encontramos em Verne, e que constitui um verdadeiro desvêlo pela verossimilhança.

— "Júlio Verne — diz muito bem mr. Guermonprez, fundador da "Sociedade Júlio Verne", da França — é menos um precursor do que um maravilhoso adaptador dos meios de sua época."

As "situações" extraordinárias — homens na Lua, província inglêsa atacada por marcianos, viagens ao grande futuro — são explorados por Wells com um astuto realismo, que, de um certo modo, faz lembrar Dickens. Porém sua imaginação se reveste de uma tonalidade mórbida: o fato de se transportar para o ano 10.000 ou para as cavernas da Lua e ali encontrar matadouros antropofágicos, é uma idéia doentia que jamais ocorreria a Júlio Verne.

Verne supera as dificuldades: seu projétil, desviado pela atração de um corpo celeste inesperado, não atinge à Lua, mas contorna o nosso satélite. E como a lua é cheia, o hemisfério invisível — irritante enigma do mundo planetário — fica mergulhado na sombra... Mas, perdoemos a Júlio Verne esta prudente ocultação, que, de certo, levou o romancista a uma nova antecipação: **não é exatamente um "foguete automático de contôrno", equipado de câmaras, que os americanos querem lançar para o nosso satélite, a fim de tomar fotografias do hemisfério invisível?**

CONDENAÇÃO DO "NAUTILUS"

PASSEMOS, sem nos deter, pelo seu romance "Os Filhos do Capitão Grant", que nada tem de especialmente científico; observemos, antes, com atenção a peça mais importante e mais conhecida da obra verneana: "Vinte Mil Léguas Submarinas". Aqui encontraremos a maestria do autor em matéria náutica e sua desdenhosa desenvoltura nas outras técnicas.

EU SEI TUDO

O "Nautilus" é calculado com exatidão, como expõe o capitão Nemo ao professor Arronax. Com um deslocamento de 1.300 toneladas, êle se equipara aos submarinos de 600 toneladas e à série ilustre dos de "1.500 toneladas". Não obstante, sua capacidade de emersão é menor (1/10 apenas), o que o obriga a ficar no fundo do mar por muito tempo.

O "Nautilus" é um verdadeiro submarino, isto é, um charuto circular, ao contrário de nossos atuais submersíveis, cujas travessas exteriores, em forma de espaldas, os tornam estáveis. Júlio Verne parece não haver percebido uma das dificuldades características da navegação submarina, que é a instabilidade da estrutura no momento do mergulho ou da emersão.

Vejamos a parte elétrica. Para obter uma corrente elétrica, Verne só conhecia um meio: as pilhas. Como tudo o que é empregado a bordo deve vir do próprio mar, é necessário que as pilhas funcionem com sódio; a idéia não é má sob o ponto de vista da fôrça eletromotriz, porém a polarização é roubada.

Resta utilizar esta corrente num aparelho a motor. É aqui que a dificuldade se torna dramática, pois o século XIX, depois de Ampére (1820), não cessou de esperar esta magnífica invenção do motor elétrico, sem, contudo, vê-la concretizada!

— "**A Exposição de 1867** — escreve Louis Figuier (o melhor cronista científico da época) em suas "Maravilhas da Ciência" (tomo 2.º, pág. 403), **"manifestou o descrédito em que caiu o motor elétrico"(!)** Depois da Exposição de 1855, a ciência marchou, e os insucessos repetidos demonstraram o falho fundamento das esperanças que se criaram em tôrno da eletricidade como fôrça motriz. Ela nos anuncia a dissipação dêste sonho, tão longamente alimentado pela maioria dos inventores.(!)"

Em que argumentos se baseou esta condenação do motor elétrico?

Figuier nos explica muito bem:

— "É que o eletromagnetismo não passa de uma **fôrça de contacto**; sua intensidade diminui com a distância numa proporção espantosa. O movimento de vaivém que resulta da atração magnética, sendo de um

"Vinte Mil Léguas Submarinas". Quem jamais pode esquecer as aventuras vividas pela tripulação do "Nautilus"?

curso tão limitado, não pode permitir a construção de qualquer máquina realmente útil (!)"

E a experiência veio confirmar êstes pontos de vista: em Paris, Bourbouze construiu para o lobarotório da Faculdade de Ciências um elegante motor elétrico em forma de... máquina Watt; os cilindros a vapor, da máquina Watt, foram substituídos por electroímãs **'introduzidos" num núcleo móvel**, e a potência desenvolvida foi irrisória! O único motor elétrico a preencher uma finalidade essencialmente industrial, nessa época, parece ter sido o de Froment. A disposição é engenhosa; palhetas de ferro, fixadas em hélices sôbre um fuso vertical, confrontando-se com filas verticais de electroímãs, que alimentavam sucessivamente um distribuidor em contacto. A ação motriz era, assim, contínua. A máquina media 2 metros de altura e desenvolvia... 1 HP. (!)

UM DESMENTIDO DA CIÊNCIA

QUE faltava então a êstes motores arcaicos — apenas conhecidos por Júlio Verne em 1870 — para adquirir potência e conhecer o desenvolvimento universal dos motores modernos? Onde estava o sofisma da demonstração de Figuier?

Estava, fundamentalmente, naquilo que todos os inventores chamavam de electroímãs; isto não era mais do que bobinas atraídas pelo núcleo fixo ou móvel; e palhetas atraídas pelos electroímãs fixos, até provocar atrações e repulsões entre electroímãs móveis. Nessas condições, é verdade que a atração diminui tão ràpidamente como a distância e que a construção de grandes motores passa a ser quase quimérica. Era preciso sonhar com um outro princípio, que não fôsse inteiramente novo, pois Ampére o havia assinalado: o das correntes móveis, que iria permitir o funcionamento.

No mesmo ano em que Júlio Verne publicou seu "Vinte Mil Léguas Submarinas", um modesto operário belga, absolutamente desprovido de conhecimentos matemáticos, chamado Zenobe Gramme, teve a idéia de enrolar um fio de cobre em tôrno de uma barra de ferro. A construção de corrimãos e escadarias familiarizou-se com as barras de ferro, as hélices, etc... Colocado entre dois pólos afunilados de um poderoso ímã, folheado e pôsto em rotação por meio de manivela, esta bizarra "coroa" mostrou poder produzir intensa corrente elétrica, podendo ser recolhida por um "coletor".

Três anos mais tarde — a ciência não marchava de maneira tão acelerada como hoje — Hippolite Fontaine apresentou, no pavilhão francês da Exposição de Viena (1879), a máquina de Gramme, do tipo de **atelier**; como bom administrador, Fontaine previu, com efeito, a máquina de reserva para os casos de **pane**; as duas máquinas deviam funcionar em conexão. Apenas o primeiro dínamo começou a mover a máquina a vapor, um trabalhador correu gritando:

— **"Sr. Fontaine, o segundo dínamo está girando sòzinho!"**

O verdadeiro motor elétrico estava, afinal, descoberto — pela reversibilidade do dínamo — graças a esta mistura de gênio, inocência, observação e acaso, **o que muito compraz ao "deus das descobertas"**.

Como podia Júlio Verne saber? — perguntarão os leitores.

É verdade que êle podia! Quando não, poderia ter tomado conhecimento do "invento de **Gramme** pelo simples fato do mesmo ter sido pré-inventado — se assim podemos dizer — em 1860, por um estudante italiano chamado Paccinotti.

Mas, ainda existem coisas mais interessantes. Tratando-se, por exemplo, do episódio da visita às maquinarias do "Nautilus", vemos o capitão Nemo guardar um profundo silêncio, de modo que o professor Arronax fale sôbre o sistema de alavancas susceptível de multiplicar enormemente a potência, em contradição evidente com os mais clássicos princípios da conservação da energia. A verdade é que Júlio Verne, romancista e profeta da ciência, levou vantagens sôbre os cientistas: dentro de 20 anos, apenas, o motor elétrico de grande potência tornou-se uma realidade!

Uma menção particular deve ser feita agora ao "Albatroz", interessante helicóptero de 74 hélices descrito em "Robur — o Conquistador". Sua estrutura é de matéria-plástica. Júlio Verne achava que as propriedades dos metais clássicos não possuíam grande valor, para a construção de uma

poderosa aeronave; não tendo vislumbrado a possibilidade de metais leves, profetizou novas substâncias análogas à madeira, mas que seriam sintetizadas pelo homem. Isto constitui uma notável antecipação da química atual.

O princípio da sustentação mediante hélices não era mais novidade, pois, já havia sido concebido por Ponton d'Amécourt e Nadar, uns dez anos antes. Porém, tôda possibilidade prática estava excluída, como mais tarde ficou provado.

AS "DESCOBERTAS" MAIS FÁCEIS

JÚLIO Verne viveu muito tempo; chegou a ver o nascimento do automóvel, do cinema, dos raios X, do rádio, da aviação... Que entusiasmo não teriam provocado essas admiráveis descobertas no espírito do jovem Júlio Verne!

Após 1870, em plena euforia do seu talento, Júlio Verne continuou em sua marcha para o futuro. Mas a ciência também progredia. Nos laboratórios os sábios trabalhavam; em Menlo Park, Edison realizava pesquisas, e êste mestre genial não tardaria a revolucionar o mundo. Que acontece com Júlio Verne nesta competição?

Será um pouco vão buscar, como se fêz diversas vêzes, os esboços de nossas modernas invenções nos romances secundários de Júlio Verne. Sem dúvida, pode-se dizer que em "O Castelo dos Karpatos", assistimos a sessões de cinema falado ou de televisão do mesmo modo que vemos a projeção de uma imagem sonorizada numa tela. Mas é preciso reconhecer que uma tal predição é muito fácil e, sobretudo, gratuita, pois, ao contrário do que sucede com outras previsões de Verne, ela não repousa em nenhum embrião de explicação técnica, não possui precisão científica, e é antes um conto de fadas do que **uma criação de Júlio Verne**.

Com efeito, o rádio, pròpriamente dito, não nos dará nenhuma idéia concreta. O que há é uma espécie de "moralidade" da ciência: a sorte sempre sorri à pesquisa desinteressada, e favorece mesmo a apreensão do que se encontra além de tôda esperança.

Os sábios e engenheiros aperfeiçoando a geração e a distribuição da eletricidade, as estradas de ferro e a metalurgia, levaram ao máximo o motor a explosão. Êles examinaram com paixão a misteriosa descarga elétrica nos gases rarefeitos, que os conduziram à descoberta do eléctron e de tôda a eletrônica; ou, ainda, esta singular irradiação produzida pelas células de urânio sôbre as chapas fotográficas e que nos abriu, com suas riquezas e perigos, a era atômica.

A realidade ultrapassou fantàsticamente as previsões!

A "JULIOVERNIZAÇÃO" DOS EE.UU.

SERÁ que a idade de ouro da antecipação está recrudescendo? Sim; e sob a forma mais gratuita e essencialmente literária,

EU SEI TUDO

MARIA FELIX E SEU FILHO

DURANTE a primeira apresentação do filme "A Bela Otero", Maria Felix, que desempenha o papel da famosa bailarina espanhola, deixou que os fotógrafos obtivessem esta surpreendente imagem da atriz mexicana em companhia de seu filho Carlos.

pois, nunca a tal fenômeno revestiu aspecto mais concreto do que atualmente, nos Estados Unidos, onde os romances de antecipação são impregnados de fantasias as mais grotescos. O futuro não é mais o domínio dos utopistas. Está, agora, sob o contrôle de uma categoria de sábios e experimentadores, os chamados "forecasters". Analisando as curvas de aceleração, as parábolas de antecipação, os ciclos de renovação, as estatísticas tendenciais e o cálculo das probabilidades, êstes sábios modernos se esforçam por prever os acontecimentos...

Vimos a indústria anexar a antecipação, pelo fato de equiparar-se a um método. Seguindo os passos de Júlio Verne (cujo espírito não se detinha diante de uma incompatibilidade técnica momentânea que ameaçasse retardar as aplicações práticas de uma descoberta interessante), os laboratórios superam com galhardia qualquer obstáculo.

Que será do indivíduo destinado a ser abalado por êsses tirríveis acontecimentos do futuro? Será preciso que cada um de nós adapte o espírito a essas novas maneiras de pensar, a fim de que não seja surpreendido pela brutalidade de que poderá surgir.

No prefácio de uma obra recente: **"Visa pour Demain"** (Passaporte para o Amanhã), Pierre de Latil assim nos apresenta uma visão do futuro e a aventura de um homem que não se preparou para o amanhã.

"É um mundo estranho, misterioso, êste para o qual estamos de partida: seu nome é **o amanhã**!

Estamos, todos, dentro de um navio que em cada volta nos aproxima de sua hélice, de modo que o tempo corre sempre em tôrno de nós.

Mas partimos de mãos nos bolsos, sem bagagens, sem sequer tentarmos conhecer a terra que nos é prometida. Dir-se-á então que, quem quer que viaje assim pelo espaço, não passará de um estouvado e que nada lucrará de sua viagem ao "estrangeiro", ao desconhecido. Dir-se-á também o mesmo daqueles que se deixam arrastar pelas ondas do tempo sem jamais procurar saber para que margens navegam.

Para qualquer país necessitamos de passaporte, além de incontáveis visas. Para Amanhã, nenhuma formalidade é exigida. Oh! O caminho é fácil. Lá chegaremos mesmo dormindo...

Mas qual será o despertar no Desconhecido? O viajante sem bagagens, o imigrante que ignora a língua, o cavalheiro distraído, que esqueceu seus documentos estarão bem preparados para lutar pela vida?

Não estamos mais num mundo em que o Amanhã continuava a apresentar as plácidas e mornas planícies do Hoje. O Amanhã é um mundo imprevisível, de relêvo atormentado, precipícios sombrios, embora de cimos exaltantes.

O PEIXE TERRÍVEL

OS murenes não se rendem fàcilmente, isso foi mais uma vez provado quando Orazio Occhipinti, de Messina (Itália) e amante da pesca submarina se dispôs a caçar um dêsses peixes. Depois de mergulhar e perseguir o murene foi bastante feliz para assestar um golpe mortal na sua prêsa. Depois, quando se preparava para transportar o belo exemplar para a superfície, o peixe se voltou e ferrou duas fileiras de dentes afiadíssimos na mão esquerda do pescador. Resultado: perdeu a prêsa e ainda teve que recolher-se a um hospital, onde estêve para ter a mão ferida amputada pelos médicos.

UM HOMEM DE RECURSOS

MR. Mac Paddie, editor de um magazine recentemente fundado em Chicago, encontrava-se em seu escritório, envôlto em densas nuvens de fumaça e ocupado em organizar o número seguinte da sua revista.

Sabia muito bem que só teria êxito imediato caso pudesse lançar a l g u m a idéia nova, algo que realmente despertasse o interêsse do público... Porém, essa idéia... essa novidade, onde a iria buscar? De fato, como encontrá-la?

No justo momento em que se dispunha a enviar os originais para a oficina de composição, entrou o "boy" na sua sala diretorial, anunciando um visitante, um senhor, que, pisando quase em seus calcanhares, apareceu no umbral da porta, saudando o editor com um sorriso de triunfo.

— Trago-lhe uma colaboração — anunciou sem rodeios. — E previno ao senhor que o texto deverá sair no próximo número.

— Trago-lhe uma colaboração! — anunciou, sem rodeios.

— Não diga! Aqui estava, justamente, esperando... — respondeu Mac Paddie, em tom e gesto zombeteiros.

— E previno ao senhor que o texto **deverá** sair no próximo número.

— **Deverá**... diz o senhor! E, diga-me, caro senhor, como acredita que isso seja possível?

— Isso é lá com o senhor! Pouco me interessa como vai fazer... A verdade é que, com a maior urgência, os seus leitores deverão decidir se mister Button perdeu ou não perdeu o juízo.

— Hein? Se mr. Button... perdeu o juízo? E a quem pode interessar tal coisa?

— Talvez não possa interessar a muita gente, senão mesmo aos leitores da sua revista.

— Oh... Acha, hein? E, quem é êsse mr. Button? Posso saber?

— Um ilustre desconhecido, sem dúvida. Porém, também isso não tem importância. Aqui tem o texto... Trate de ler imediatamente. Ah! E não deixe de enviar um cheque de mil dólares para o meu enderêço.

Com estas palavras o visitante atirou um cartão sôbre a mesa do editor, e após ligeira saudação desapareceu.

Conto de
PETER MOY

O texto começava assim:

"— Está louco mr. Button?"

Mr. Mac Paddie leu as primeiras páginas e começou a rir; apressadamente apanhou os originais do número já organizado e composto quase cem por cento, eliminou duas crônicas comerciais e mandou inserir no seu lugar o novo trabalho.

Apresentara-se-lhe, assim, de repente, uma idéia luminosa, coisa de fato excelente e que bem valia a pena nela arriscar alguns milhares de dólares. Arrumando novamente os originais, murmurou uma frase que certamente teria enchido de satisfação o estranho visitante, se a tivesse ouvido:

— Diabo de homem! Não está mal...!

E Mac Paddie apresentou a seus leitores — apesar da idéia em si não ser nenhuma novidade — um inquérito: **seu** público decidiria a grave questão, se mr. Button — o absoluta e completamente desconhecido mr. Button, estava louco ou não.

A história de Button, que se relatava ligeiramente, no princípio, não oferecia maior particularidade. Passou dois anos trabalhando em Pottsville, uma pequena cidade entre Pittsburgo e New York, não melhorando sua situação.

No entanto, Button se sentira bastante feliz em Pottsville, tendo conseguido fazer amigos que o ajudavam em quanto podiam.

Um dêstes, chamado Dudenay, era excelente pessoa, homem de negócios e que de boa-vontade teria dado qualquer emprêgo a Button, se êste tivesse demonstrado o mais leve interêsse em consegui-lo.

Button tinha verdadeira amizade por êsses amigos, lamentando verdadeiramente separar-se dêles, ao decidir mudar de residência, transportando-se para New York.

O excelente Dudenay, espontâneamente, ofereceu a Button quinhentos dólares emprestados, para facilitar-lhe os primeiros tempos naquela enorme cidade, acrescentando:

— Pagarás quando puderes... Não te preocupes nem apresses por isso; e no caso de eu morrer, podes considerar saldada a dívida...

Transcorreram três anos; anos cheios de luta tenaz, enervante, própria do jornalista, que deve viver sempre alerta, com o ouvido bem aberto e a pena na mão.

Um certo dia, ocorreu em Pottsville algo realmente extraordinário: um fato inexplicável, pelo qual a imprensa em geral demonstrava o mais vivo interêsse, pois tudo permanecia envôlto em mistério, não tendo sido possível à polícia identificar os autores, nem sequer encontrar o menor indício ou rastro dos mesmos.

E, pela primeira vez em sua vida, a sorte parecia sorrir para Button.

Uma hora mais tarde já êle se encontrava em avião, no rumo de Pottsville, escrevendo entre as nuvens o segundo artigo sensacional sôbre tôdas aquelas probabilidades que poderiam surgir para a captura dos criminosos; e, ao chegar, apresentou-se à polícia, solicitando licença para inspecionar o local do acontecimento. Com isso colheu material para um terceiro artigo.

Ao regressar ao seu hotel, encontrou-se, no caminho, com um dos seus antigos conhecidos, que, reconhecendo-o parou à sua frente.

— Olá, mister Button!

— Olá, mr. Price!

— Há muito tempo que não tinha o prazer...

— E que me diz do falecimento de nosso velho amigo?

— Qual? Não tenho a menor idéia...

— Pois, ao vê-lo, ia jurar que tinha vindo para o entêrro...

— Não. Vim apenas para tratar de assuntos relacionados com meus negócios.

— Era, realmente, excelente criatura...

— Sim, sim...

— Nunca deixou um amigo em apêrto. Creio que também a você emprestou dinheiro...?

Button assentiu:

— Oh, sim! Quando parti desta cidade, emprestou-me... ofereceu-me quinhentos dólares.

Mr. Price piscou um ôlho.

— E você devolveu o dinheiro?

— Não...

E Button, repentinamente, julgou recordar tudo perfeitamente, sentindo-se um tanto envergonhado. Esquecera completamente o generoso amigo... que se mostrara mais uma vez de rara nobreza, nunca recordando a dívida contraída... Céus! E não havia dito, também, que a dívida ficaria

liquidada no caso de sua morte? Button resolveu permanecer ainda aquêle dia em Pottsville, para acompanhar à última morada o seu excelente amigo.

E foi durante o enterramento que ocorreu aquêle encontro inconcebível... incompreensível.

Estando Button juntamente com muitos outros cidadãos de Pottsville no cemitério, rodeando o ataúde do morto, viu novamente abrir-se o círculo de amigos para dar passagem a Holloway, que passou totalmente inadvertido pelos demais.

Holloway, o morto em pessoa! Button o reconheceu imediatamente, embora estivesse muito pálido.

Button o contemplava aterrorizado e como tentando fugir.

— Suponho que veio trazer os quinhentos dólares que lhe emprestei... — disse Holloway.

Um estremecimento de horror sacudiu todo o corpo de Button.

Aquilo era uma alucinação... Era o delírio! Enquanto estavam enterrando Holloway, êste, em pessoa, apresentava-se ao seu lado, com sorriso de espectro, comparecendo ao seu próprio entêrro...

Como continuaram desenvolvendo-se tais acontecimentos, nem mesmo Button pôde jamais compreender. Segundo afirmava mr. Price, deixara escapar um grito selvagem, tratando de fugir por entre a multidão e apontando incessantemente para Holloway, até que conseguiram detê-lo e amarrá-lo.

Uma hora mais tarde estava alojado num asilo de alienados.

— Num manicômio... Mas, isto é um êrro!

Mas, apesar de seus protestos, Button foi conduzido para uma pequena cela, muito limpa, onde ficou encerrado. O médico que o atendia foi encarregado de resolver o problema e responder se mr. Button estava louco ou não.

E a idéia de Mac Paddie consistia em que, agora, o público teria que resolver o mesmo problema. O editor não se enganara a respeito da psicologia das massas. O

inquérito aberto pelo jornal foi recebido com entusiasmo, em New York como em San Francisco; na Flórida, como no Alaska, em tôda parte, enfim, onde o magazine aparecia logo as edições se esgotavam com a rapidez do raio. E em tôda parte perguntavam:

— Que acha você? Button está louco ou não?

A pergunta estava em tôdas as bôcas. Tornara-se o assunto da atualidade e muito mais importante que a crise internacional, a conferência dos quatro grandes, o último ensaio atômico na Rússia, mais emocionante que todos os assassinatos, todos os roubos... Formavam-se partidos pró e contra. Eram feitas apostas... Enfim: o sr. Button se convertera, da noite para o dia, no homem mais popular dos Estados Unidos.

Mac Paddie lhe enviou três caixotes contendo a correspondência de um só dia, conjurando a que lhe enviasse imediatamente a continuação da história. Os Estados Unidos ansiavam e impacientavam por conhecer a solução do enigma, por saber o que êle próprio pensava de si mesmo.

O sr. Button teve a gentileza de responder:

"Caro senhor.

Agradecendo infinitamente suas sucessivas remessas, posso informar que a minha permanência no manicômio chega ao seu fim. Não tardei a verificar que no meu caso não se tratava de nenhuma alucinação, mas simplesmente de um engano, baseado numa falsa hipótese sôbre a qual se construiu tôda a minha fantasmagoria ou desvario. Positivamente, confundi dois de meus amigos: o sr. Holloway com o sr. Dudenay. Passados quinze dias, morreu também êste último e ao meu médico ocorreu curar-me por meio do que êle denominava **por surprêsa**; conduziu-me à casa do sr. Dudenay e obrigou-me a ver o morto... E então foi descoberto todo o engano.

Ao senhor, prezado amigo Mac Paddie, devo o ser hoje o mais popular e mais célebre repórter em tôda a nação; principalmente quando souberem, agora, que nunca estive atacado de loucura. E assim o senhor mesmo poderá afirmar aos seus leitores que Button não está louco.

Sem outro assunto, subscrevo-me, atenciosamente, Button."

Assim era a carta. E jamais, em sua vida, Mac Paddie se sentira mais furibundo, nem jamais tinha proferido tantas pragas e maldições como fêz nessa ocasião. Uma solução tão trivial não podia ser apresentada aos leitores... A redação seria assaltada! O endemoniado Button havia roçado com sua história um problema muito mais profundo que o plantado com a pergunta de se um morto podia ou não assistir a seu próprio entêrro. Havia refletido algo do espírito da época moderna, em que todos os limites se encontravam desviados... Onde encontrar a mentira? Onde a verdade? Que os demônios o levassem! Mas... Não! Não! Mac Paddie teve uma idéia luminosa e imediatamente telegrafou para Button:

"Ofereço emprêgo redator magazine com mil dólares mensais. — Mac Paddie."

Ao qual Button respondeu, de Pottsville:

"Lamento não poder aceitar. Grande diário de New York acaba de oferecer mesmo pôsto com quarenta mil anuais. — Button."

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

GRACIELA ELIZALDE

HÁ dias, em casa de um casal amigo, tive ocasião de discutir a respeito do café e tanto eu, como um conhecido que acabava de regressar de uma viagem à América do Sul, afirmamos que, nesse setor, qualquer dona de casa latino-americana pode dar lições aos norte-americanos.

A discussão surgiu porque o casal amigo estava estreando uma nova cafeteira automática e, embora, para o meu gôsto, o café servido estivesse muito fraco, não pude deixar de elogiar a beleza e comodidade da nova cafeteira, que pode preparar de duas a nove xícaras de café de cada vez. E graças ao dispositivo de "reaquecimento", o café pode ser requentado sem perigo de perder o gôsto. Outra vantagem da cafeteira é a facilidade de se servir o café. As duas primeiras xícaras podem ser servidas sem se levantar a cafeteira da mesa.

E, já que estamos falando em cafeteira, vou transmitir às minhas leitoras as receitas de dois deliciosos bolos para se comer com café e que me foi fornecida pelo Departamento de Economia Doméstica da G.E.:

BÔLO RELÂMPAGO

3 tabletes de chocolate; 1 xícara de manteiga; 4 ovos bem batidos; 2 xícaras de açúcar; 1/8 de colherinha de sal; 1 xícara de farinha de trigo; 1 e meia colherinha de fermento inglês; 1 xícara de nozes picadas.

Derrete-se o chocolate, assim como a manteiga, em banho-maria. Deixa-se a mistura esfriar ligeiramente e ajuntam-se os ovos, açúcar e sal. Mistura-se a farinha de trigo com o fermento, ajunta-se essa massa à massa com o chocolate. Bate-se bem. Ajuntam-se as nozes. Põe-se a massa numa fôrma a forno quente durante quarenta e cinco minutos. Para se cobrir o bôlo, prepara-se a seguinte capa: esquenta-se 3 tabletes de chocolate, com 1/4 de xícara de manteiga e 1/2 xícara de chocolate, em fogo brando. Mexe-se até que o chocolate e a manteiga estejam derretidos. Juntam-se 3 xícaras de açúcar, 1 colherinha de essência de baunilha e 1/8 de colherinha de sal. Bate-se até tomar uma consistência espêssa, juntando-se açúcar necessário.

BÔLO LADY BALTIMORE

3 claras de ôvo; 1/2 xícara de manteiga; 1¾ xícaras de açúcar; ½ xícara de água; 1 colherinha de essência de baunilha; ¼ de colherinha de essência de amêndoa; 3 xícaras de farinha de trigo; 3 colherinhas de fermento inglês; ¼ de colherinha de sal; ¾ de xícara de leite.

Coloca-se a clara de ôvo na tijela pequena do batedor e bate-se à velocidade 5, durante um minuto, ou até que a clara fique dura. Ponha-se a manteiga na tijela grande, coloca-se o açúcar, pouco a pouco, enquanto se bate com três batedores, à velocidade 5, durante dois minutos, raspando-se os lados da tijela com a espátula de borracha. Junta-se a água, assim como as essências. Bate-se, durante um minuto, à velocidade 5. Junta-se a farinha de trigo e o leite, alternadamente, enquanto se bate, à velocidade 2, durante dois minutos, raspando-se os lados da tijela, com uma espátula de borracha. Bate-se durante mais um minuto. Retira-se a tijela da base do batedor. Junta-se a clara de ôvo e coloca-se a mistura em duas fôrmas, de 23 centímetros, untadas, levando-se ao forno quente, durante 15 minutos.

CEMITÉRIO VIOLADO

Por B. S. RITTER

(Episódio real)

MAS por que razão — murmurou o chefe de Polícia, Wilhelm Bernhard — violam um sepúlcro, abrem o ataúde, e nada tiram dêle?

Respirou profundamente, enrugou a fronte e recompôs seus pensamentos. Se, ao menos, tivesse sido sòmente **uma** sepultura... Mas não! No espaço de apenas dois meses, violaram uma série delas — e em cinco noites diferentes!

Então, o seu auxiliar imediato, o tenente Ullo von Buelow, replicou serenamente:

— Chefe; isto deve ser obra de lunático!

— Não — contestou Bernhard, com firmeza — você está completamente enganado. Acho que é obra de um hábil e bem organizado grupo, que opera de comum acôrdo. Como seria possível um só homem cavar três ou quatro sepulturas, retirar os ataúdes e deixá-los abertos? Entretanto, ninguém me convence de que um grupo agiria sem um propósito, sem uma finalidade. Não! — repetiu, convencido. — Existe algo por trás disso tudo.

— Mas, que poderá ser? — indagou Buelow.

Enquanto os dois homens assim procuravam desvendar êsse mistério, numa cinzenta e triste manhã de agôsto de 1943, o telefone tocou. A mensagem era sucinta: mais cinco sepulturas haviam sido profanadas no Cemitério Glarus.

Porém, Wilhelm Bernhard e o tenente Buelow não eram as únicas pessoas assaltadas pelos sentimentos de revolta que provocam estas notícias. Tôda a população de Glarus, pequena cidade suíça, situada na fronteira do Liechtenstein, encontrava-se alvoroçada; os restos mortais dos seus parentes estavam sendo bàrbaramente violados — e a polícia tinha conhecimento de tudo, **mas nada fazia**!

Naturalmente, isto não era verdade. A polícia estava fazendo tudo o que era possível. Detetives a paisana freqüentavam diàriamente as vizinhanças do cemitério. Sentinelas montavam guarda em todos os cantos e patrulhas eram colocadas em pontos estratégicos. Tôda pessoa estranha, que aparecia, era imediatamente prêsa e submetida a interrogatório; mas, a seguir, recuperavam a liberdade, por absoluta falta de provas.

— Isto é simplesmente de enlouquecer! — gritava Buelow, desgostoso com os resultados de suas diligências. Quem quer que conhecesse o cemitério de Glarus e não tivesse o espírito predisposto pelo fato de possuir um ente querido ali sepultado, certamente concordaria com êle plenamente. O cemitério não apenas contava cêrca de cinqüenta acres de extensão, como ainda formava uma bela paisagem com suas árvores, arbustos e uma infinita variedade de flores. Na realidade, seria difícil esclarecer o caso num só dia; e, ainda mais, pelo fato de ser uma verdadeira malta de vampiros operando na escuridão!

Para tornar as coisas ainda mais complicadas, o terreno não era plano; sua topografia constituía-se de pequenas colinas e elevações.

Bernhard repôs o fone no gancho e sentou-se, silencioso e pensativo. Depois de algum tempo Buelow falou:

— E agora, chefe?

— Sei lá! — replicou Bernhard, com rispidez. Seus olhos cintilavam. — Nada posso fazer até que encontre uma razão plausível para essa sinistra devastação.

Apanhou sua pasta e pôs-se de pé, abruptamente.

— Vou agora mesmo a Berna. Estarei de volta antes do anoitecer! — anunciou. E saiu sem outra explicação.

Porém Bernhard lá ficou por dois dias. Ninguém sabia o que êle pretendia fazer, pois, a verdade era que havia razão para se pensar que êle não se achava muito confiante em si mesmo. Entretanto, êle se metera na enorme sala dos arquivos do edifício da Polícia Federal. Primeiramente, buscou o nome de cada pessoa cuja sepul-

tura havia sido violada, a fim de fazer o histórico criminal. Mas não obteve resultado animador com isso. Então, decidiu ampliar suas pesquisas, visando abranger todos os túmulos do cemitério. Ainda assim, nada alcançou.

Agora segurava entre os dedos uma pasta de papelão, em cujo frontispício estava escrito: **"O Mistério Glarus"**. Seu rosto tinha um aspecto cansado; porém, num dado momento iluminou-se e Bernhard disse para si mesmo:

— Penso que sei exatamente quais os sepulcros que os vampiros tentarão violar!

Imediatamente após a sua volta, mandou traçar um grande mapa do cemitério, estendeu-o sôbre uma grande mesa e convocou o tenente Buelow e mais dois sargentos de sua inteira confiança.

Enquanto assim examinavam o mapa, Bernhard riscou pequenos círculos em tôrno dos vinte e dois sepulcros violados e escreveu, debaixo de cada um, o nome do defunto e a data do seu enterramento. Finalmente, falou:

— Senhores; quero contar-lhes uma história. Tudo isso faz lembrar um assalto e roubo ocorrido em junho de 1935. A vítima foi o Banco de Crédito de Zurique, e o montante do roubo de 150.000 francos suíços. Os quatro homens que estavam envolvidos no caso foram perseguidos em sua tentativa de fuga para a fronteira da Alemanha, apanhados em Glarus, e condenados a oito anos de prisão.

"Mas o dinheiro nunca foi encontrado — continuou Bernhard — e os arrombadores foram libertados exatamente há dois meses. Agora, já sabem de que se trata...

— Ah! — exclamou Buelow, enquanto olhava para os círculos traçados sôbre o mapa; os dois sargentos, porém, custaram um pouco mais a entender.

— Êstes quatro sepulcros são os únicos que ainda não foram violados — continuou Bernhard, desenhando quatro círculos em pontos separados. Assim, devemos concentrar tôda a nossa vigilância nos mesmos. E, se as conclusões que tiramos estiverem certas, encerraremos o caso muito breve!

Isso foi o que exatamente aconteceu... os 150.000 francos voltaram, finalmente, à luz do dia, depois de oito longos anos!

Isto porque tôdas as sepulturas que haviam sido abertas, durante o último mês tinham uma só coisa em comum: a data de junho de 1935 esculpida na lápide.

Os salteadores, acossados pela polícia, nas vizinhanças do cemitério, haviam escondido o produto do roubo numa sepultura aberta naquele dia e ainda sem lápide de pedra. Mas não recordaram mais qual dela servira de esconderijo para o dinheiro.

O TOURO E SEUS

Em muitas civilizações, o boi foi considerado animal sagrado e como tal respeitado pelos povos e governantes.

A tourada de hoje é apenas um pálido esbôço dos sangrentos e terríveis rituais que, desde o despertar da humanidade, vêm associados à domesticação do touro. Comparada com êsses ritos (muitos dos quais eram marcados por muitas mortes e a depravação mais condenável) a moderna tourada (como é praticada em algumas regiões, com a luta contra o touro e todos os seus lances cruéis, os toureiros, os matadores e os picadores) parece tão suave e inocente como uma partida de tênis ou de gôlfe.

Há uma boa e plausível razão que explica a importância do touro através da história. Desde tempos imemoriais que êste animal simbolizava a fôrça e a predominância masculinas.

Acreditava-se que o matar um touro em combate singular sempre dotava o vencedor de maior poder muscular, tornando o homem mais viril. Da mesma maneira, comer carne crua dêsse animal e beber o seu sangue, ainda quente, segundo pensavam alguns povos antigos, era o suficiente para produzir êsses resultados mágicos.

As lendas sôbre a adoração do touro são muito antigas. Uma das mais temidas entre as antigas divindades era Moloch, em favor de quem os cartagineses sacrificavam muitos recém-nascidos, a fim de assegurar a fertilidade e a fôrça naqueles que eram poupados.

As pobres vítimas eram colocadas nas mãos imensas de um colossal ídolo de bronze, que tinha a cabeça de um touro. Quando as mãos se inclinavam, o recém-nascido escorregava para dentro de uma fornalha monstruosa, onde logo se consumia, enquanto o povo dançava e gritava numa orgia frenética e desenfreada.

O povo de Creta, por sua vez, adorava um deus que era metade homem e metade touro, a que chamavam de Minotauro. A sua representação mitológica é a de um homem com cabeça de touro. O Minotauro habitava uma intrincada mansão que tinha o nome de Labirinto, e para onde, periòdicamente, enviavam moços e moças que logo eram devorados pelo monstro; êste sacrifício, pensavam êles, evitava que o deus saísse da sua dedálica habitação e devorasse tôda a população da ilha. Mas, aquêle que conseguisse sair do Labirinto tinha permissão para viver em paz, enquanto sua fertilidade, sua felicidade conjugal e a prosperidade eram plenamente asseguradas; entretanto, os que falhassem seriam fatalmente devorados pelo Minotauro.

Algumas versões afirmam que o Minotauro devorava suas vítimas, outras diver-

RITUAIS

Nas modernas touradas, o toureiro e o público demonstram respeito pela bravura e fôrça do touro. Em civilizações passadas um homem só podia almejar a mão de uma mulher depois de lutar com um touro e dominá-lo, sem o matar.

gem, dizendo que êle as destruía pelo fogo. Na verdade, parece mais provável que essas vítimas eram queimadas vivas dentro da imagem de um enorme touro de ferro.

Através dos séculos, o impiedoso sacrifício de vítimas aos deuses-touros foram modificados até ser substituídos por combates singulares entre homens e touros; então os jovens, desejosos de conquistar fertilidade, coragem e fôrça, lutavam com tôda a alma.

Uma moeda, encontrada na Tessália e datada de 480 antes de Cristo, mostra um homem em luta com um touro.

Muitas moedas gregas, de períodos mais recentes, trazem gravados motivos semelhantes. Perto de Esparta foram descobertas várias taças de ouro em que não faltavam desenhos representativos de combates de homens com touros. Numa dessas taças está gravada uma cena que bem demonstra o objetivo principal dessas disputas.

Entre alguns povos da antiguidade, um homem para casar tinha, primeiro, que dominar um touro, em combate singular.

Muitas vêzes, o casamento consistia simplesmente na seleção do varão, o que ocorria através de uma demonstração de fôrça lutando cada um dêles contra um touro. Consumava-se, então, a união sem qualquer outra formalidade.

Entre os antigos Tamils do sul da Índia e do Ceilão, por exemplo, as futuras espôsas se reuniam numa plataforma coberta por uma palhoça, e dali viam seus pretendentes lutando para alcançar essa habilitação para o matrimônio.

A um determinado sinal que era dado com uma pancada num tambor, os pretendentes saltavam para a arena e combatiam os animais enfurecidos. Tôda a habilidade consistia em evitar as marradas do touro. Aquêles que venciam, embora saíssem feridos do combate, avançavam triunfalmente para a plataforma, chamavam suas noivas, e com elas desapareciam por entre

as alamêdas sagradas. A história nos fornece muitos testemunhos autênticos sôbre

Nenhum outro animal aparenta mais poder muscular e por isso mesmo o touro tem sido o símbolo da fôrça masculina.

os rituais orgíacos relacionados com a adoração do touro.

Um historiador grego, Aristides, observa, por exemplo, que "ao visitar um grande templo de Diana em Pergamo, assistiu a um monumental espetáculo: uma luta de **touros e de homens**, todos êstes em busca de fôrça e também do direito de escolher noiva."

Na Grécia, a depravada adoração de Dionisus, que era o culto público mais generalizado por volta do século VI, A.C., os adoradores fanáticos comiam a carne crua dos touros.

Os sacerdotes dêsse culto entregavam-se às mais revoltantes práticas, chegando a extremos tais que muitos enlouqueciam ou morriam entre lutas, danças e embriaguês.

Na ilha de Creta, os adoradores de Dionisus massacravam um touro imediatamente após haver êste estraçalhado a chifradas a um jovem despido e desarmado.

Dionisus era o deus da fertilidade, o que explica ter sido êle a divindade preferida para receber tais sacrifícios.

Nos rituais oferecidos ao deus Attis, êsse touro-divindade era sacrificado com o fim de dar maior virilidade aos homens. Um adolescente ornado com uma coroa dourada, era colocado dentro de um poço forrado com serragem.

Sôbre sua cabeça, um touro, adornado com flores, era cerimoniosamente sangrado caindo seu sangue sôbre o corpo do adolescente. Êste ritual, segundo acreditavam, assegurava fôrça e vigor a todos os homens.

É inteiramente errada a idéia de que a tourada é um passatempo próprio dos espanhóis, portuguêses e latino-americanos.

Na realidade, os rituais e cerimoniais relacionados com o touro são tão velhos quanto a própria civilização, tendo sido praticados desde os albores da humanidade entre quase todos os povos do Oriente.

A SENTENÇA

— ROGO ao meritíssimo sr. juiz — começou o advogado da defesa, voltando-se para o magistrado — considerar que o meu constituinte não entrou realmente na residência do queixoso para roubar. Encontrou a janela do andar térreo aberta, introduziu pela mesma um braço e colheu sôbre uma pequena mesa alguns objetos de pouco valor. Ora, um braço não é todo o meu constituinte, pelo que não compreendo como possa êle ser punido por uma falta cometida por apenas um dos seus membros.

— O que alega — respondeu o juiz — é perfeitamente razoável. Nessas condições, atendendo ao arrazoado da defesa, condeno o braço do acusado a um ano de cárcere, deixando ao mesmo a faculdade de fazer ou não companhia ao próprio braço na cela.

N. da R. — O fato acima ocorreu numa cidade do norte da Inglaterra.

UM dos melhores dons da Providência foi o véu com que o futuro nos é ocultado.

PERITO EM MULHERES

MABEL — disse-lhe o chefe naquele memorável dia do ano passado — Mabel, eu sinto muito, mas você não vai gostar...

— De que é que não vou gostar?

Mabel Murphy permanecia de pé, junto da escrivaninha do velho Ben Jameson, ou melhor, apenas "B.J."; esguia e parecendo mais alta com aquêles sapatos de saltos número sete e o incrível chapéu.

— Êstes dados sôbre os encalhes do último número. Não são nada bons.

— Ora! — disse Mabel, com uma certa impaciência. — Isto é coisa passageira..

— Pode ser — disse B.J. — Mas a tinta vermelha, num balancete é sempre angustiante.

— Considerando que a revista tinha uma circulação de oitocentos mil exemplares, quando você me aceitou como redatora, e considerando também que, em três anos, elevei a tiragem para um milhão e meio, não posso compreender o motivo de sua preocupação...

— Um milhão e meio foi em março último — disse B.J., suavemente. — E isto foi devido ao mal tempo; todos eram forçados a ficar e mcasa e por isso procuravam uma leitura. Mas, já em abril, caiu para um milhão e quatrocentos mil. Um milhão e duzentos mil, em maio...

— É coisa natural, na estação! — disse Mabel, com voz um pouco alterada; mas, agora, começava a sentir um certo temor.

— O mês de junho não promete grande coisa — continuou "B.J.".

Seguiu-se uma pausa, que durou cêrca de dez segundos. E, sem dúvida, foram êstes os dez segundos mais prolongados da vida de Mabel Murphy.

— Reconheço em você uma boa redatora — disse, finalmente, "B.J.". — E nem pensaria em fazer de você **redator-chefe** do "Distaff", com a idade

Por ARTHUR GORDON

que tem, se não conhecesse sua capacidade. Entretanto, observo que está demasiadamente preocupada por não poder fazer mais. E tal coisa não me agrada. Por isso decidi chamar um perito. Quero que êle examine o problema e lhe dê algumas sugestões.

— E quais são as... **qualificações** dêsse **perito**? — perguntou Mabel, por entre os dentes.

— Êle ensina psicologia na Universidade — respondeu B.J. — É um perito de nomeada...

— Hein? Um homem... perito — repetiu Mabel, escandalizada.

— Isso mesmo — retrucou "B.J." — Seu nome é...

— Quer dizer — interrompeu Mabel, com incredulidade — que você vai pagar a êste charlatão para dizer-me como dirigir uma revista?

— Não pagarei um centavo — disse "B.J." — a menos que a venda aumente. Se isto acontecer, então, sim, êle receberá. Seu nome é...

— Não quero saber o nome! — gritou Mabel, furiosa.

— Êle estará aqui segunda-feira — disse o velho "B.J.", sem parecer perturbado.

— Não há outro remédio — pensou Mabel no sábado. — Pedirei demissão! Não podem fazer isto comigo. Eu, que tudo sacrifiquei por êste emprêgo! Escravizei-me completamente! E agora, ao primeiro sinal de... É desumano!

— Não; não é possível — pensou ela no domingo — não quero pedir demissão. Êles vão ver! **Explodirei** com êsse sr. Sei Lá o Quê! Não; é melhor ignorá-lo. Também não! Serei, ao contrário, muito terna com êle. Um **perito**! Suponho que nunca tenha olhado para uma mulher. Um imbecil! Eis o que êle deve ser!

O **imbecil** se transformou em um indivíduo de caráter maleável, não muito mais velho do que Mabel e com o nome inofensivo de Philip Garfield. Fumava cachimbo, tinha olhos azuis e modos delicados.

— Como vai, srta. Murphy? — disse êle, ao ser introduzido na sala de Mabel. Ela sorriu para êle, com displicência. — Já sei que isso é um chapéu!

Na realidade, Mabel usava uma das mais extravagantes criações em matéria de chapéu. Imediatamente, percebeu na observação de Garfield alguma intencional zombaria; mas a expressão de seu rosto era tão inocente que desfez as suspeitas.

— Alegra-me que tenha vindo, sr. Garfield — disse ela, com doçura. — Um **especialista em mulheres** é justamente o que nos falta aqui!

— Ahn... — disse Garfiel. — Muito bem...

— Fique como se estivesse em sua casa — continuou Mabel. — Por onde gostaria de começar?

— Oh! Primeiramente, quero **sondar** o ambiente.

— Como preferir... — disse Mabel.

Durante os primeiros dias, Garfield observou o movimento. Algumas vêzes, sentava-se e ficava, por muito tempo, folheando números do "Distaff". E, não raro, perdia-se procurando alguma coisa no teto da sala, virando as páginas de três números da revista, simultâneamente, como costumam fazer os redatores, Mabel não lhe prestava atenção. Estava muito ocupada. Importantes personalidades entravam e saíam. E, todos os dias, ela ia lanchar nos cafés de Manhattan, como era seu costume.

Numa sexta-feira, sentindo pena dêle, ela pediu que Garfield se **aproximasse** mais; que ficassem **mais juntos**. Depois, foram ao "Rose Room", onde, como sempre acontecia, os garções corriam para atender os seus pedidos.

— Bem — disse ela, quando já estavam sentados. — Como vão as coisas? Descobriu em que consistem as nossas dificuldades?

— Penso que sim. Mas tenho como propósito nunca falar sôbre êsses assuntos em cafés, bares... Falemos, antes, de você.

— Sôbre mim? — perguntou Mabel.

— Sim. Você gosta de New York?

— Naturalmente! Gosto **muito** de New York!

— Está aqui há quanto tempo?

— Sete anos. Saí de casa quando tinha apenas oito anos de idade.

— Onde morava?

— Em Kansas. Numa pequena cidade chamada Grovers Corners. Já ouviu falar?

— Não. Você tem voltado lá?

— Não, nos últimos dois anos. Ouça; você acha, sèriamente, que sabe o motivo da queda da circulação da revista?

— Oh! Não falemos nisso...

— Por que não me diz?

— Mais tarde, farei minhas sugestões — disse mr. Garfield, trincando uma torrada, com ar distante.

Às cinco horas êle entrou na sala de Mabel com uma fôlha de papel dobrada, que colocou em cima da escrivaninha e aguardou.

— Não vai ler isto? — perguntou, ao ver que Mabel continuava a escrever.

— Agora não — disse ela. — Estou muito ocupada.

A seguir, apanhou a fôlha de papel e guardou-a dentro de uma gaveta. Garfield respirou profundamente.

— Bem — disse êle. — Adeus.

— Adeus.

— Se precisar de alguma coisa, telefone — disse Garfield.

— Com todo o prazer — retrucou Mabel, sardônicamente. Esperou que êle deixasse a sala. E, passados alguns segundos, abriu a gaveta.

AGORA, um ano mais tarde, abriu-a novamente. O relatório ainda se encontrava no mesmo lugar. Consistia de poucas palavras:

"Mabel; visite Grovers Corners duas vêzes por ano. Precisa de repouso. Só isto. P.S. — E continue a usar chapéu na redação."

Mabel sorriu mansamente. Como custara a compreender que o jovem professor fôra chamado para estudar o seu caso pessoal e não a situação do jornal! A seguir, empilhou os mais recentes balancetes da revista e os guardou na gaveta. Não havia mais **tinta vermelha.** Depois levantou-se, apanhou as luvas e o chapéu. (O chapéu era coisa sensacional) e dirigiu-se à sala contígua, onde sua secretária datilografava as últimas cartas.

— Boa-noite, Jean. Não trabalhe até tarde.

— Boa-noite, sra. Garfield. — disse a secretária.

Às cinco horas, êle entrou na sala de Mabel com uma fôlha de papel dobrada, que colocou sôbre a escrivaninha, e aguardou, de braços cruzados. — Então? Não vai ler isto? — perguntou.

POR QUE NÃO FAZEM...

UM dispositivo para moer café e capaz de ser adaptado às máquinas liquidificadoras, elétricas. Isso facilitaria moer pequenas quantidades, na hora de servir o café, em todos os lares. O café ficaria muito melhor de gôsto — e muito mais perfumado.

UMA lâmina cortadora, adaptável ao pino vertical das máquinas de costura, a fim de facilitar o corte das peças de um vestido com mais fidelidade e obediência ao risco feito sôbre o tecido. Isso seria de grande vantagem, pois a lâmina agiria como serra-vertical e seria recebida de braços abertos pelas costureiras obrigadas a cortar, diàriamente, fazendas muito encorpadas, que deixam os dedos (e a própria mão) doloridos.

transferidos sem esfôrço de um para outro local e, principalmente, mais próprios para as crianças, que não se vejam obrigadas a trepar em cadeiras para alcançar o jato d'água.

EQUIPAR tôdas as geladeiras elétricas com um relógio exterior que recorde à dona da casa a hora de iniciar o almôço, de arrumar a geladeira (para aproveitar o desligamento automático para descongelar) além de outros misteres próprios de um lar?

ALGUM processo novo para identificação das roupas, nas lavanderias. Os atuais processos de impressão de números é horroroso. Também o de grampear deve ser condenado, pois, além de arruinar o tecido, fere os dedos de quem os retira.

UM "nível" de carpinteiro, provido de laterais "luminosos" permitindo ao profissional ou ao amador a coreta observação em locais sombrios?

BEBEDOUROS elétricos mais baixos e mais leves, podendo ser

CONTA-gôtas com escala numerada, indicando as quantidades correspondentes a meia, uma, uma e meia, duas, etc., colheres (de chá, sobremesa, etc.) para facilitar ao bebê a ingestão de medicamentos.

O ÚLTIMO VALENTINO

EM Hyde Park, Londres, num pequenino e bizarro apartamento, vive um certo Leslie Flint, de 42 anos, que tem a mania de ser "o retrato vivo de Rodolfo Valentino" e que, para acentuar a semelhança, usa habitualmente um turbante de "sheik", ornamento que foi típico do célebre ator. No apartamento, ao qual foi dado o nome de Museu Valentino, o sr. Flint conserva 15 mil fotografias do seu ídolo e os filmes de quatro de suas produções. Há três anos "acompanhado de alguns **fiéis**", quase todos aproximando-se dos quarenta anos, o novo Valentino foi "em peregrinação" à celebre "vila" do ator, "The Falcon's Lair", em Hollywood. Interrogado a respeito de sua estranha mania, o sr. Flint declarou: 'Vi os filmes de Valentino ainda rapazinho. Fiquei entusiasmado com o artista e desde então resolvi dedicar tôda a minha vida à perpetuação de sua memória".

Enfim, há outros muito mais **perigosos**.

O consumo de pneumáticos de fabricação nacional no Brasil eleva-se anualmente a dois milhões, avaliados em 56 bilhões de cruzeiros. Êsse fato foi mencionado por motivo da crise que atravessa a indústria de fabricação de pneumáticos, em face da falta de matéria-prima nacional e de importação. A atual produção brasileira de borracha está calculada em 24.000 toneladas e em 44.000 o consumo. O **deficit** anual é portanto de 20.000 toneladas, procedentes do exterior.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACK

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: — nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa-de-campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indício, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou a sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tarda Felix a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam. Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George não sabe nadar. Um acidente, com o barco do sócio de George poderá levar o assassino de Martie desta para melhor... Assim, consegue convencer George a acompanhá-lo num passeio pelo rio e para isso passa a guardar o dia mais «favorável» aos seus planos. Antes de sair com êle, Rattery pede alguns instantes, pois tem alguma coisa que providenciar, antes de sair na canoa. Passam pela reprêsa e já em pleno rio, no lugar mais fundo, quando se prepara para realizar seus planos sinistros, uma discussão surge entre êles. Porém, quando está prestes a realizar seu plano de vingança, descobre que George conhece-o detalhadamente. Lera o seu Diário e, mais ainda, roubara-o, enviando o documento para seus advogados, a fim de que o entregassem à justiça no caso de lhe suceder qualquer coisa. Depois de perigosa discussão, George obriga Felix a regressar e saltando na casa do encarregado da reprêsa, afasta-se, proibindo Felix de tornar a pisar em sua casa. Na mesma noite, George morre, envenenado, e Nigel Strangeways é procurado por Felix para que o defenda, dado que os advogados da vítima tinham enviado o Diário à Polícia. Nigel vai procurar o inspetor Blount, na Chefatura. Com êle discute a situação do seu constituinte, procurando convencer ao policial que Felix é inocente e decidem examinar a casa dos Rattery. Ali pouco mais descobrem além do que já havia conseguido a polícia local. Lena, interrogada, parece inocente de tudo, até ao instante em que lhe é revelado que a polícia sabe ter estado ela ao lado de George, quando êste atropelou um menino, matando-o e fugindo. Nigel, que conhece a situação de Phil, na casa, pede licença para levá-lo para sua companhia e da sua espôsa, no hotel, pretextando ser necessário afastar o menino da casa, antes do entêrro do pai. Lena concorda e também Violeta, agora sentindo-se amparada pela irmã e disposta a lutar contra a sogra, que protesta violentamente, sendo, porém, obrigada a calar por Lena, que a insulta pesadamente.

George e Nigel notam que Felix se esquiva de Lena Lawson, como se temesse estar a sós com ela. O inspetor e Nigel, em vista do laudo pericial que confirma o envenenamento e sabedores, pela leitura do Diário, que havia veneno para ratos na garage, vão a mesma, a fim de falar com Carfax.

Êste revela que conhecia o interêsse de Rattery por sua espôsa, mas que não o matou. Se quisesse vingar-se ou apenas afastar o intruso, simplesmente o expulsaria da sociedade, onde não tinha tostão. A êsse tempo queixando-se do abandono em que Felix a deixára, Lena confessa a George que o amava tanto que, desconfiada de ter sido êle o assassino de Rattery apanhára a garrafa do remédio e a entregara a Phil, recomendando ao menino que a escondesse. Mais tarde, informado pela espôsa Nigel interroga o menino, que, sabendo que o desaparecimento da garrafa prejudicava a defesa de Feliz, logo se prontifica a indicar onde a mesma se encontrava. Mas ao apanhá-la, sôbre o telhado, deixa-a cair ao solo, onde se espatifa. Blount, que quase recebe a garrafa na cabeça acredita que Phil jogou a garrafa de propósito. A seguir, Blount e Nigel decidem fazer uma revisão geral dos suspeitos numa tática de eliminação e redução do campo de exame. Começam por interrogar Ethel Rattery, que continua mais suspeita.

— No mesmo lugar! Ela queria impor a versão do acidente. Depois saltou — com uma pressa exagerada — para a minha insinuação, referente a Carfax. Um dos dois mentiu a respeito da saída dêle, da casa. Mas, espero que tenha sido a velha... Por outro lado, ela recusou nìtidamente comentar as relações de Felix e de Lena... Também recusou falar de Violeta Rattery. E mais: ignorava, sinceramente, a existência do Diário de Felix Lane... E tenho a impressão de que essa ignorância acaba de uma vez com a sua teoria, meu caro. Além disso, a velha está **entulhada** de prestígio familial, coisa que já sabíamos. Suas insinuações contra Carfax podem advir de sua antipatia pessoal pelo infeliz. Não. Se ela matou George não se traiu, pelo menos. E aqui estamos, de volta ao nosso ponto de partida... **que é: Felix Cairnes** — para desgôsto seu!

— Uma coisa merece ainda ser aprofundada...

— A discussão entre George e Violeta?

— Não. Creio que êsse foi um incidente sem interêsse. Violeta pode ter ameaçado o marido, num momento de cólera; mas uma mulher escravizada durante quinze anos não resolve, repentinamente, matar o seu tirano. Seria por demais fantástico! Nada disso... Eu estava pensando no que o inefável Watson teria chamado: **"O Singular Episódio da Velha Dama e da Fotografia"**.

XIII

Blount foi em busca de Violeta Rattery, enquanto Nigel voltou ao hotel, onde encontrou George e Felix Cairnes, tomando chá no terraço.

— Onde está Phil? — perguntou Felix com certa ansiedade.

— Em casa de sua mãe. Violeta Rattery o trará de volta, à noite, creio. A tarde, aliás, foi cheia de novidades...

Nigel relatou a proeza de Phil sôbre o telhado e sua tentativa de destruição da garrafa. Felix ouviu o que o detetive contava com um nervosismo crescente e que explodiu bruscamente.

— Irra! — trovejou. — Não poderiam, vocês todos, deixar o pobre menino tranqüilo, ao menos por um dia? Chega a ser vergonhoso angustiar essa criança dessa maneira, noite e dia, com ou sem pretexto! Não me refiro a você, é claro, que não adota êsses métodos, mas êsse animal de Blount deveria compreender todo o mal que faz a um menino como Phil, de uma sensibilidade exagerada.

Nigel sentiu, pela primeira vez, quanto os nervos de Felix Cairnes estavam abalados. Vira-o passear no jardim, ler em companhia de Phil, trocar idéias sôbre política com Geórgia... Mostrara-se, em geral, homem tranqüilo e amável, cuja reserva natural alternava com impulsos de confiança e um pouquinho de teimosia. Que não era homem de convívio sempre fácil e agradável, compreendia-se; mas, de qualquer maneira, Felix se conservava simpático, mesmo em seus acessos de azedume ou melancolia. Seu movimento de irritação emocionou a Nigel, que, apiedado, disse-lhe com boa dose de carinho:

— Blount é homem de bom coração... até certo ponto, pelo menos. Quanto ao fato, a culpa foi tôda minha. É extraordinàriamente difícil, em certos momentos, imaginar que Phil não passa de uma criança; instintivamente qualquer um tende a tratá-lo como a um indivíduo da mesma idade e, para ser franco, êle mesmo me arrastou até o telhado.

Houve um silêncio, que não parecia poder ser quebrado com facilidade. Geórgia acendeu um cigarro, olhando as abelhas que tôdas as tardes vinham contar laboriosamente as dálias do jardim como se nunca tivessem certeza da sua quantidade. A sereia de uma lancha de passageiros mugiu prolongadamente e sua voz ficou ressoando por muito tempo, enchendo os ouvidos e galgando as elevações distantes até cair completamente vencida pelo exagerado esfôrço. Finalmente, a meia voz, como se evocasse simplesmente sua recordações, Felix falou:

— A última vez em que vi George Rattery, êle atravessava o jardim do guarda da reprêsa, como se tivesse enlouquecido. Esmagava as flores, sem o saber, ou mesmo propositadamente! Naquela hora, creio que teria caminhado até mesmo sôbre o ventre da própria mãe, na raiva que o assaltara.

— Indivíduos assim deveriam ser postos em estado de não poder causar transtornos aos demais — disse Geórgia.

— Realmente... E foi o que aconteceu. Alguém se **encarregou** de Rattery — respondeu Felix, em tom sombrio.

— Está satisfeito, Nigel? — perguntou Geórgia.

A palidez de seu marido, seu ar preocupado, a mecha de cabelo caída e esquecida sôbre a fronte, tudo isso emocionava profundamente Geórgia. **"Êle está extenuado"** — pensou. — **"Foi loucura aceitar tratar dêste caso"**. Ela bem que desejaria ver Blount, os Rattery, Lena, Felix e Phil no fundo do mar. Mas o tom de sua voz não se alterou, permanecendo frio e impessoal; Nigel detestava o tom caridoso e as marcas de atenção exagerada, ao passo que o pobre Felix Cairnes havia perdido a espôsa amada e seu filho único...

— Satisfeito? Não muito... O caso vai assumindo um aspecto desagradável... Ninguém tem alibi e todos parecem ter um móvel. Mas, prosseguimos em nosso inquérito, para falar como Blount. A propósito, Felix, sabe o que descobri? George

Rattery não era, absolutamente, sujeito a vertigem.

Felix Cairnes pareceu não entender.

— Não era sujeito a vertigem? E quem disse o contrário? Oh, sim! Onde tinha eu a cabeça? Sim... O incidente da pedreira... Agora recordo. Mas, por que teria êle mentido? Não compreendo. Tem certeza?

— Tenho. Você pode explicar...?

— Penso que menti em meu diário — respondeu Felix, voltando para Nigel um olhar carregado de circunspecção e de inocência a um só tempo.

— Há outra possibilidade. A seguinte: George já suspeitava, ou começava a suspeitar, das suas intenções e invocou o pretexto da vertigem para manter você à distância, sem trair sua desconfiança.

Felix respondeu, em tom sonhador:

— Essa conversação deve ter sido como hebreu para você — disse êle. — Refere-se a uma ocasião de matar George, ocasião que falhou. Tentei empurrá-lo do alto da pedreira, porém êle conseguiu escapar no último instante. Foi lamentável! Quantos aborrecimentos teriam sido poupados, a todos nós, caso eu o tivesse executado, aquêle dia!

Êsse gênero de gracejo era odioso a Geórgia. Mas desculpou Felix, pensando: **"Pobre rapaz! Tem os nervos à flor da pele e por isso mesmo não pode ser responsabilizado pelo que diz. Também já me senti numa situação tão dramática como difícil... e Nigel salvou-me. Certamente há de salvar Felix, desde que seja humanamente possível."** Olhando para o marido, Geórgia o viu absorvido em profundas reflexões. **"Querido Nigel"** — murmurou ela em voz baixa, envolvendo o marido num olhar cheio de ternura.

— Sabe algum detalhe sôbre o marido de Ethel Rattery? — perguntou bruscamente Nigel a Felix.

— Era oficial e morreu durante a guerra dos Boers. É tudo o que sei. O céu se apiedou do infeliz, ao que parece, roubando-o ao "amor" da espôsa.

— Certamente. Onde eu poderia obter informações a seu respeito? Não conheço nenhum oficial reformado. Mas agora estou pensando! Se me dirigisse a êsse amigo de quem fala, no início do seu diário? Chippenham, Shrivellem, Shrivenham... É isso... O general Shrivenham. Mas, provàvelmente, êle jamais terá ouvido falar em Cyril Rattery.

— Em todo caso não custa indagar.

— Mas, afinal, por que êsse seu interêsse por êsse outro Rattery?

— Tenho a impressão de que a história dessa família merece ser sondada. Gostaria de saber por que a velha sra. Rattery quase desmaiou quando lhe dirigi uma inocente pergunta a respeito do marido.

Felix respondeu em tom pensativo:

— Se faz questão dessas informações, tenho um amigo no Ministério da Guerra, que poderá fornecer os detalhes que deseja.

Nigel acolheu essa amável proposta com satisfação. Mas, logo a seguir, com ar sério, perguntou:

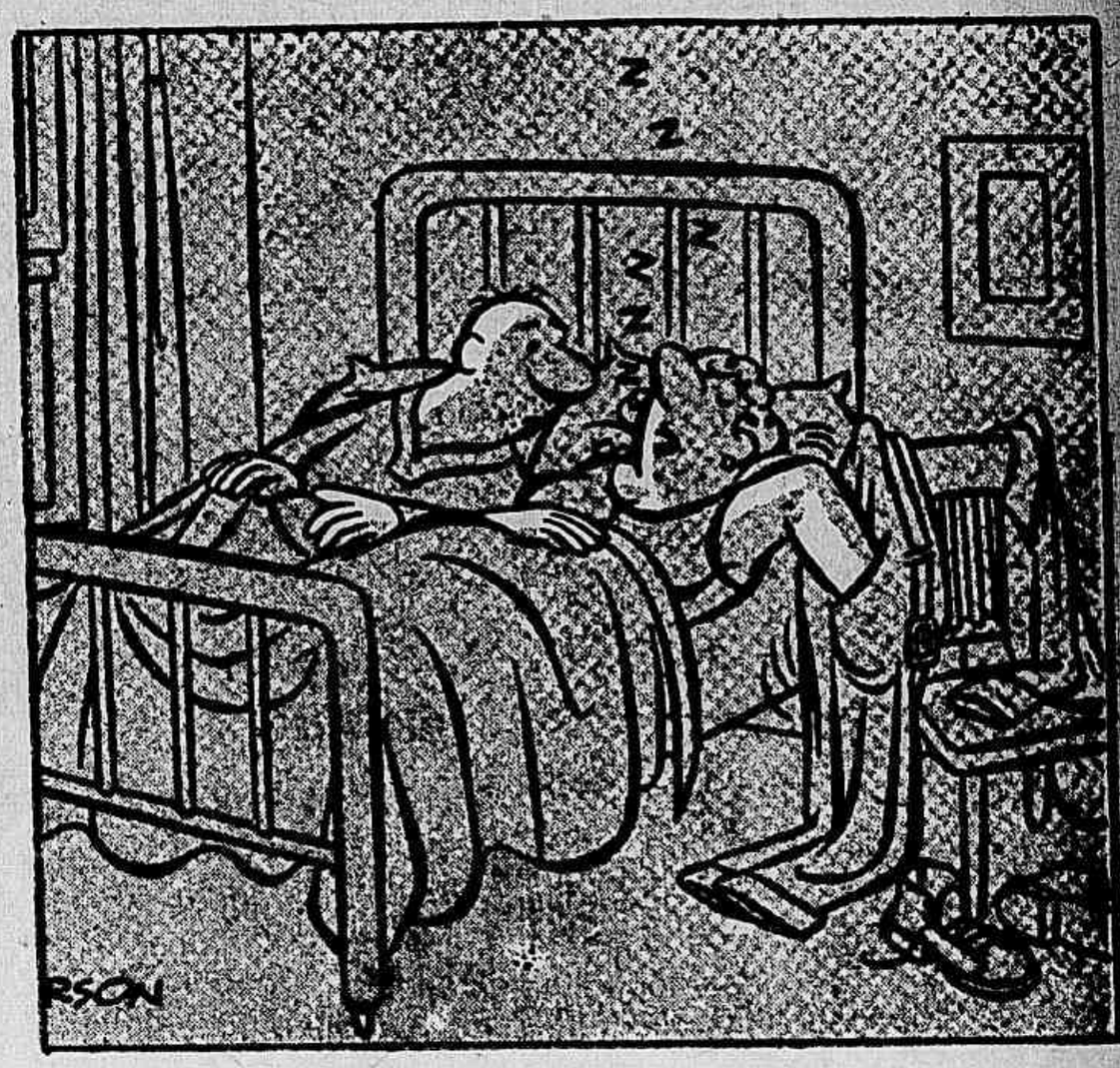
— Por que não quer que eu me aviste com o general Shrivenham, Felix?

— Eu... Que idéia! Não tenho nenhuma objeção a fazer que você conheça o general. Apenas propunha um meio mais simples de obter a informação desejada. Só isso!

— Mudemos de assunto, por favor. E espero que não tenha ficado aborrecido comigo.

No ar planou um silêncio contrafeito. Nigel, porém, persistia em seu primeiro pensamento e sabia que Felix lia abertamente em seu pensamento. Ao fim de um instante, Felix sorriu e disse:

★



— Você tem razão. Para ser absolutamente franco, sempre tive verdadeira admiração e também afeição por êsse velho general. Procurava, inconscientemente, evitar que êle viesse a saber... o que sou na realidade.

Em seu rosto havia amargura, desilusão e dor.

— Um assassino... fracassado! — acrescentou.

— Infelizmente — disse Nigel — receio que o caso venha a cair, brevemente, no domínio público. Em todo caso, se deseja manter Shrivenham ignorante de tudo, o mais tempo possível, poderei interrogá-lo sôbre Cyril Rattery sem citar o caso que temos pela frente e também não mencionando o seu nome... como uma das figuras centrais. Pediria, no entanto, que me favorecesse com um cartão de apresentação para êle.

— Isto sim! Quando pretende visitá-lo?

— Amanhã, qualquer hora na parte da tarde, salvo um imprevisto.

Novo silêncio reinou entre êles. Um silêncio carregado de eletricidade, como êsse silêncio que parece esmagar a natureza, quando uma tempestade passou sem explodir e outra se prepara. Geórgia via Felix tremer da cabeça aos pés. Finalmente, corando de maneira intensa, o escritor disse com voz prêsa, como a de um enamorado que reúne coragem para fazer uma declaração à eleita:

— Blount... espera prender-me? Creia que tudo é preferível a essa incerteza. Seria até capaz de confessar o crime só para acabar quanto antes com essa angústia.

— A idéia é boa — murmurou Nigel. — Confesse... Como você é inocente, Blount poderá reduzir a zero a sua confissão e convencer-se **ipso facto** de que você não é o assassino.

— Nigel! Como pode você levar o seu sarcasmo a êsse ponto? — protestou Geórgia.

— Qual... Seria até uma distração para êle — respondeu Felix, sorrindo. — Deveríamos dar-lhe êsse divertimento.

Felix tornara a sentar, enquanto Nigel, um tanto arrependido, pensava:

"É preciso, decididamente, que eu perca êsse hábito de pensar em voz alta."

— Não penso que Blount tenha a intenção de prender A ou B desde agora — disse, finalmente. — É um homem consciencioso, que gosta de caminhar sôbre terreno firme. Além do mais, a carreira de um policial fica sèriamente comprometida, senão arruinada, no caso de vir a prender um inocente.

— Prometa-me ao menos uma coisa — pediu Felix. — Quando Blount houver tomado uma decisão, previna-me por algum meio, a fim de que raspe esta barba e simule arrastar uma perna, para franquear a barreira de policiais e fugir para a América do Sul... É para lá que sempre fogem os criminosos europeus, como para aqui fogem os criminosos de lá, segundo os romances policiais.

Lágrimas quentes vieram empanar os olhos de Geórgia. Os esforços de Felix para gracejar sôbre assunto tão penoso eram trágicos demais para ela. Felix revelava coragem, sem dúvida, mas revelava também não ter muito tato. Seu sofrimento transparecia francamente sob o seu ar fanfarrão... O infeliz procurava por todos os meios ser tranqüilizado. Por que Nigel lhe recusava êsse socorro indispensável? Custaria tão pouco! Uma associação de idéias fêz Geórgia dizer:

— Por que não pede a Lena que venha esta noite, Felix? Falei com ela hoje, pela manhã. Ela confia em você. Ela o ama e deseja estar ao seu lado. Quer ajudá-lo por todos os meios!

— Seria um indigno se a visse enquanto me encontro sob suspeita de assassinato — respondeu Felix, em tom obstinado.

— Essa sua atitude a desespera — teimou Geórgia. — Mesmo que você tivesse assassinado Rattery, Lena continuaria a mesma, sempre dedicada a você! Só pede uma coisa: estar ao seu lado! Seja razoável, Felix... e tenha pena dela.

Felix ouvira êsse discurso movendo a cabeça de um lado para outro, como se o seu corpo estivesse ligado à poltrona e as palavras de Geórgia o atingissem como pedradas lançadas vigorosamente contra o seu rosto. Mas era bastante orgulhoso para confessar ter sido atingido. Apenas disse, sêcamente:

— Encerremos êste assunto, por favor!

Geórgia lançou um olhar implorante a Nigel. Mas, um ruído de passos, na aléia,

criou uma feliz diversão. Os três voltaram a cabeça. O inspetor Blount e Phil se aproximavam.

Geórgia pensou:

— "Uf! Aí está Phil. É o céu que nos envia êsse jovem David para encantar o mau gênio de nosso Saul, aqui presente..."

Nigel, por sua vez, pensou:

— "Por que é Blount quem traz o jovem Phil? Violeta Rattery ficou de acompanhar o filho... Teria Blount descoberto qualquer coisa sôbre Violeta?"

O próprio Felix raciocinou de maneira diferente:

— "Que faz êsse policial ao lado de Phil? Santo Deus! Terá êle decidido prender o menino? Não... Estou ficando louco! Se assim fôsse não perderia tempo trazendo Phil até cá. Oh, Senhor! Ficarei louco se isso ainda durar mais alguns dias..."

XIV

— Acabo de ter uma conversa muito interessante com a sra. Rattery — anunciou Blount, quando ficou a sós com Nigel.

— Com Violeta? Que disse ela?

— Falou com tôda franqueza... Pelo menos, tive essa impressão, pelo modo como respondeu a tôdas as minhas perguntas referentes à cena violenta que teve com o marido. A discussão estourou a respeito da sra. Carfax. A sra. Rattery pediu ao marido que acabasse com aquêle romance; não por ciúme, segundo afirmou, mas em consideração ao filho, que começava a compreender claramente certas coisas... e a sofrer com isso. Rattery perguntou-lhe, então, sem rodeios, se ela queria divorciar. No dizer de Violeta, ela acabava, justamente, de ler um romance a respeito de dois filhos, cujos pais haviam divorciado, e essa leitura a impressionara fortemente. As crianças, imaginadas pelo autor sofriam horrores pela falta de um lar verdadeiro e um dêles — um rapazola — lembrava extraordinàriamente Phil, pelo tipo e pelo temperamento. Violeta declarou, então, de maneira definitiva, ao seu marido, que jamais consentiria no divórcio, fôsse qual fôsse o pretexto...

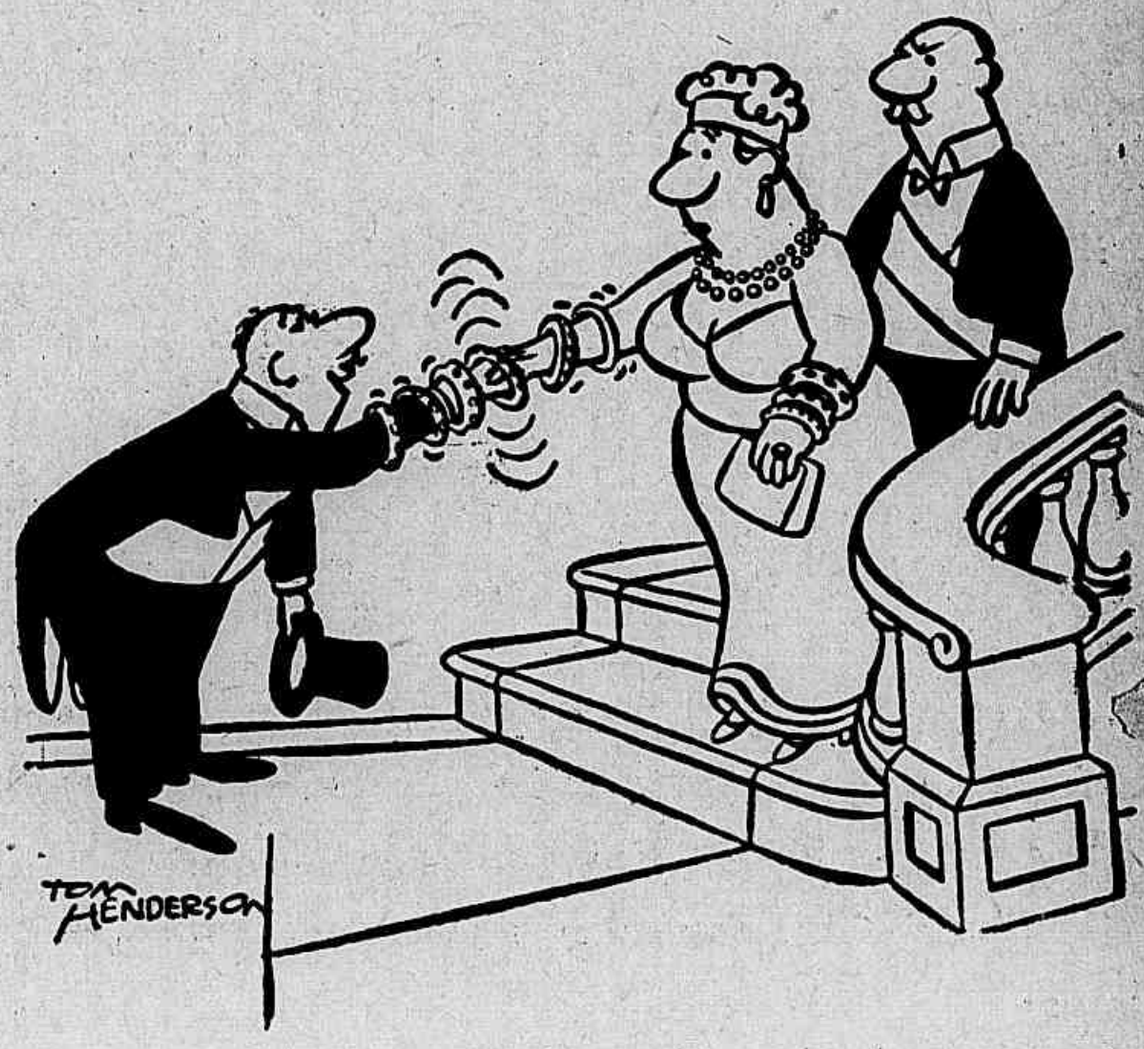
Blount parou para respirar. Nigel esperou pacientemente, pois conhecia muito bem o inspetor e sabia que o mesmo não desprezaria o mínimo detalhe.

— A atitude da mulher exasperou Rattery, que foi assaltado por cólera violenta — prosseguiu Blount. — Sentia um ciúme doentio do afeto do filho pela mãe e creio mesmo que suportava mais dificilmente ainda o fato do menino o estimar tão pouco. Phil, porém, era coisa mais fina do que êle, se assim posso explicar. Rattery queria ferir Violeta e sabia que o menino era o ponto vulnerável. Assim, declarou bruscamente que tinha resolvido mandar Phil para o colégio interno e empregá-lo na garagem tão logo terminasse os estudos primários. Seria sincero? Não sei. Mas sua espôsa tomou essa ameaça pelo lado trágico e a discussão se envenenou perigosamente. Violeta chegou ao extremo de declarar que veria o marido morto, antes de permitir que o mesmo arruinasse a vida de Phil... Foi essa certamente a ameaça ouvida pela mãe de George. Para terminar, fulo de raiva, bateu na mulher. Phil ouviu os gritos de Violeta e correu em seu socorro. Você bem pode imaginar que cena foi!

— Neste caso, Violeta continua suspeita?

— Não. E você vai saber por quê. Depois dêsse drama doméstico, ela apelou para a sogra, que obteve de George a

★



— Como está, lady Dunbar?

promessa de deixar Phil continuar seus estudos. O snobismo da velha dama foi mais forte que a sua antipatia por Violeta e por isso, uma vez ao menos, tomou o partido dela. Interroguei a megera a êsse respeito e ela confirmou que George se comprometera a não interromper os estudos do menino. O móvel de Violeta para assassinar o marido, havia assim desaparecido.

— E se ela tivesse sido levada ao crime por ciúme teria assassinado a sra. Carfax e não seu marido — disse Nigel.

— Provàvelmente, embora não seja possível afirmar. Violeta prestou outra informação importante — prosseguiu Blount. — Interrogada a respeito da tarde de sábado, descobri que ela tinha trocado algumas palavras com Carfax, quando êle se retirava do quarto da velha sra. Rattery e que o acompanhou até à porta de saída. Conclusão: Carfax não teve ocasião para envenenar o tônico, pelo menos naquele momento.

— Neste caso, por que mentiu êle, inùtilmente? Você deve recordar que êle afirmou ter saído do quarto da mãe de George, encaminhando-se diretamente para a rua.

— Não foi bem assim, sr. Strangeways. Eis o que êle disse, se não me falha a memória: "Está assim pretendendo que eu tenha feito um desvio, a fim de envenenar o remédio com estriquinina? A resposta é negativa". Carfax apenas jogou com as palavras...

— Por quê?

— Porque preferia nos deixar ignorar seu rápido encontro e a palestra que então teve com Violeta, provàvelmente.

Nigel se endireitou na cadeira. Seria aquilo uma pista, enfim?

— Qual foi o assunto dessa palestra? — perguntou.

Blount deixou passar algum tempo antes de responder, com gravidade impressionante:

— O bem-estar infantil.

— Hein? Violeta e Carfax falaram de Phil, secretamente? Foi isso realmente?

— Não. Nem sequer se referiram a Phil...

Os olhos do inspetor piscavam. As ocasiões de intrigar a Nigel eram muito raras para que deixasse de tirar delas o melhor partido possível.

— Segundo Violeta Rattery (e não tenho o menor motivo para duvidar dela) pretendem construir, em Severnbridge, um "Home" para crianças desvalidas. A municipalidade consagrou uma certa quantia para a fundação dêsse instituto, quantia que deve ser completada com subscrições privadas. Violeta faz parte da comissão incumbida de levar avante êsse projeto; sábado último, o sr. Carfax anunciou sua intenção de fazer um donativo de vulto e anônimo em favor dessa obra. Carfax gosta, segundo parece, que sua mão esquerda ignore o que faz a direita... Eis porque nada declarou com relação à conversa que tivera com Violeta Rattery.

— Incrível! Em todo caso, como Carfax pecou por excesso de delicadeza, podemos riscar o seu nome da lista negra... A menos que tenha penetrado na sala-de-jantar... **antes** de subir para o quarto de Ethel Rattery. Que diz?

— Essa possibilidade também está eliminada. Conversei com o jovem Phil, em caminho para cá. Êle estava na sala-de-jantar, cuja porta estava aberta quando Carfax chegou e viu o visitante subir a escada.

— Isto significa que a mãe de George permanece como única candidata ao título de assassina — concluiu Nigel.

Os dois homens caminharam pela alamêda que ficava paralela ao rio, nos jardins do hotel. Uma moita de loureiro ficava à esquerda, a uma dúzia de metros diante dêles; um ligeiro tremor das fôlhas chamou a atenção de Nigel, porquanto nenhuma brisa soprava nesse momento. "Um cão ou um gato" — pensou maquinalmente, sem verificar a exatidão de sua suposição. Um gesto de curiosidade banal de sua parte teria, talvez, modificado profundamente o destino de várias pessoas... Mas não o fêz e Blount respondeu, levantando um pouco a voz, no calor da discussão:

— Você é teimoso, Strangeways. Mas não conseguirá convencer a mim e a ninguém que todos os indícios recolhidos até agora não apontem Felix Cairnes. Sua teoria relativa a Ethel Rattery é interes-

sante, concordo. Mas muito forçada, muito fantasiosa para meu gôsto.

— Está, então, decidido a prender Felix Cairnes?

Os dois homens tinham feito meia-volta justamente diante da moita de loureiro. Blount respondeu:

— Não vejo outra solução possível. Cairnes teve a ocasião de cometer o crime. Tinha um móvel muito mais forte que o de Ethel Rattery e, por assim dizer, êle próprio ditou sua condenação. O inquérito, entretanto, não está concluído. Tenho esperança de encontrar uma testemunha que o tenha visto apanhar o veneno na garagem, assim como traços de estriquinina em seu quarto, na residência dos Rattery (embora o exame microscópico nada tenha revelado, devo confessar) ou as marcas digitais nos cacos da garrafa quebrada, embora também neste ponto as circunstâncias sejam desfavoráveis; é, efetivamente, pouco provável que a permanência prolongada na goteira do telhado, não tenha apagado tudo e, além do mais, como autor de romances policiais, Cairnes seria a última pessoa a descuidar-se nesse detalhe. Por certo terá usado luvas. Por essa razão e outras, não prenderei Cairnes imediatamente. Mas será vigiado de perto. Nem preciso lembrar a você que é depois do crime e não antes, que um criminoso comete erros irreparáveis.

— Aceito essa argumentação... momentâneamente. Mas conto visitar um certo gen. Shrivenham, amanhã, e tenho muita esperança de que não regressarei de mãos vazias... Aconselho-o a não cantar vitória desde já. Estou convencido de que a solução do problema deve ser encontrada no Diário de Felix Lane. E essa solução, segundo creio, lá está, muito clara, saltando aos olhos, escapando até agora aos nossos sentidos porque não sabemos como nem onde procurar. Eis por que desejo enriquecer minha documentação sôbre a história familial dos Rattery. Uma voz interior me diz que encontrarei nela uma informação capaz de esclarecer tudo o que está sombrio naquele diário.

Na mesma noite, Geórgia subira para dormir. Conhecia bastante seu marido para deixar que êle ficasse tranqüilo e isolado, quando o via absorvido por algum caso. Mas adormeceu pensando que tinha sido uma verdadeira tôla consentindo que Nigel aceitasse aquêle caso e fizesse uma tal viagem. Êle estava com os nervos doentes e acabaria por sofrer uma crise de depressão nervosa, caso continuasse a trabalhar como vinha fazendo.

Nigel se sentara diante de uma mesa, na seção de correspondência do hotel. Várias folhas de papel de carta se encontravam ao alcance de sua mão. Instintivamente, começou a escrever, lentamente:

"Lena Lawson.

Teve ensejo de conseguir o veneno? Sim.

Ocasião para envenenar o tônico? Sim.

O móvel do crime? (a) Afeição por sua irmã, Violeta, e por seu sobrinho, Phil: desejo de libertar os dois da tirania de George Rattery. Insuficiente, talvez. (b) Ódio pessoal contra George Rattery. Resultado de sua passada ligação e — conjuntamente ou separadamente — choque moral, resultante do acidente mortal de Martie Cairnes. Não. Ridículo: Lena era perfeitamente feliz com Felix. (c) Interêsse. Mas George Rattery legou a metade de sua modesta fortuna à espôsa e a outra metade à própria mãe. Lena Lawson fica definitivamente eliminada.

Violeta Rattery.

Teve ensejo de conseguir o veneno? Sim.

Ocasião para envenenar o tônico? Sim.

O móvel do crime? Exasperação contra o marido, (a) por causa de Rhoda. (b) por

★

causa de Phil. Mas tudo isso se dissipara principalmente com relação ao futuro de Phil, e Violeta tinha suportado o marido durante quinze anos... Por que êsse cordeiro se enraiveceria repentinamente? Se Violeta tinha sido impelida a praticar o crime pelo ciúme, teria antes envenenado sua rival e não Rattery. Violeta fica, pois, riscada da lista dos suspeitos.

James Harrison Carfax.

Teve ensejo de conseguir o veneno? Sim. (Facilidades incomparáveis em relação aos demais personagens.)

Ocasião para envenenar o tônico? Aparentemente, nenhuma. Carfax subiu diretamente para o quarto de Ethel Rattery, no sábado (depoimento de Phil). Falou com Violeta, ao descer e esta o acompanhou até à porta (depoimento de Violeta). Carfax tem um alibi satisfatório para o fim da tarde (relatório de Colesby).

Móvel do crime? Ciúme. Mas sua objeção a Blount é lógica: mantinha Rattery apricionado financeiramente. Se desejasse quebrar o romance com Rhoda, a ameaça de retirar-lhe a posição na garagem teria sido suficiente. Carfax parece eliminado.

Ethel Rattery.

Teve ensejo de conseguir o veneno? Sim. (Embora suas visitas à garagem fôssem muito raras.)

Ocasião para envenenar o tônico? Sim.

O móvel do crime? A idéia fixa — chegando às raias da loucura — referente à honra da família. Abafar um escândalo, mesmo ao preço de um crime. Carfax anunciara-lhe sua intenção de ceder ao desejo de Rhoda, caso esta quisesse divorciar... A atitude de Ethel Rattery com Violeta contra George e com Phil, quase suplicante, prova que ela pode ser desumana em certas ocasiões... A autócrata que confunde a fôrça com o direito.

Nigel releu atentamente suas notas. A seguir, rasgou-as em pequenos pedaços. Nesse instante foi assaltado por uma idéia. Apanhou uma fôlha de papel em branco e recomeçou a escrever...

"Teria escapado a Blount e a mim um romance entre Violeta e Carfax? É curioso notar que um fornece o alibi para o outro! Mais que tudo, ainda: Carfax pode ter apanhado a estriquinina destinada aos ratos, na garagem, enquanto Violeta, por sua vez, teve tôdas as facilidades para envenenar o tônico do marido. Além do mais é justo aceitar a idéia de que dois cônjuges enganados procurassem consolar-se entre si, procurando desforrar-se na mesma moeda e assim criando um romance também entre si. Mas, nesse caso, porque não tinham tratado de divorciar e refazer a vida em comum, longe do outro casal? Violeta não precisava de ser viúva para tanto.

"Respostas possíveis: George teria recusado dar sua liberdade a Violeta, caso esta tivesse solicitado. E Rhoda teria agido da mesma forma com Carfax. Ora, Violeta não podia deixar o domicílio conjugal sem abandonar Phil a George e a Ethel Rattery, o que qualquer mãe teme acima de tudo. Tenho, então, que tirar a resposta das relações reais de Violeta e Carfax. Porém, a menos que o envenenamento não tivesse ocorrido no dia da tentativa criminosa de Felix, por uma coincidência verdadeiramente espantosa (e quase inimaginável), o assassino devia conhecer o projeto de Felix, fôsse por confidência do próprio George, fôsse porque também êle tivesse encontrado e lido o diário; George nada devia ter falado com Violeta nem mesmo com Carfax. Mas a própria Violeta, arrumando a casa, bem poderia ter encontrado o diário.

"Conclusão: a hipótese de uma aliança secreta entre Carfax e Violeta deve ser examinada. A propósito, é interessante notar que jamais vi Carfax na residência dos Rattery. Na qualidade de sócio do defunto e amigo da família, Carfax parecia perfeitamente indicado para prestar um mundo de serviços a Violeta. Sua indiferença aparente faz supor que êle evita as ocasiões de atrair a atenção da polícia sôbre a possibilidade de relações culpadas entre ambos. Por outro lado, as respostas de Carfax e Blount pareceram-me notàvelmente espontâneas e francas; e sua atitude era absolutamente inesperada para inspirar confiança. É mil vêzes mais difícil para um assassino mentir sem hesitação a respeito de suas relações com a vítima que seguir um plano traçado com antecipação: alibi, dissimulação do móvel, etc. Estou inclinado a acreditar, provisòriamente, na inocência de Carfax.

(Continua no próximo número)

OLHANDO O MUNDO HA SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JUNHO DE 1955

1 — QUARTA-FEIRA: — Os Estados Unidos exigem da China a pronta libertação de 52 norte-americanos detidos em território chinês, assim como notícias sôbre 15 outros que se acredita lá estejam igualmente. — Rússia e Japão em vésperas de assinar tratado de linhas idênticas ao assinado entre Rússia e Áustria. — A Bôlsa de Londres registra grande baixa, enquanto várias fábricas fecham as portas, em conseqüência da greve geral ferroviária que ameaça provocar onda de desemprêgo. — Eleito presidente da XXXVIII Conferência Internacional do Trabalho, inaugurada em Genebra. — Calcula-se que, na próxima colheita, o Brasil venderá mais 20 por cento de café que na safra passada. — Presos treze norte-americanos na Tchecoslováquia, acusados de espionagem.

2 — QUINTA-FEIRA: — Sem solução a greve geral ferroviária inglêsa que ameaça infringir dano irreparável à economia inglêsa. — Anunciada a reforma no gabinete alemão ocidental. — Belgrado e Moscou terminam sua conferência fazendo um apêlo ao mundo, a fim de que busque a paz mediante negociações. — O vice-presidente Nixon afirma que a conferência dos Quatro Grandes será a última oportunidade para evitar uma guerra catastrófica. — Entrega credencial o novo embaixador da Iugoslávia no Brasil.

3 — SEXTA-FEIRA: — O comércio e o público da Inglaterra começam a sofrer os primeiros graves efeitos da greve geral ferroviária. — Nos portos de Londres, Liverpool, Manchester, Hull e Rochester 185 navios estão paralisados. — Declara o dr. Salk que sua vacina só é eficaz contra a poliomielite paralisante, prevendo que no ano em curso baixará sensacionalmente o número de casos dêsse terrível mal. — O papa Pio XII exorta os jornalistas a que se consagrem à causa da verdade e dos valores humanos. — Aumenta a importação de café do Brasil na Argentina. — Nehru, "premier" indiano, anuncia que vai visitar Moscou e também o papa. — Falece nesta capital o jornalista Heitor Beltrão, vice-presidente da A.B.I. e antigo deputado pela U.D.N.

4 — SÁBADO: — O govêrno britânico decide comprar caminhões, a fim de asse-

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

à venda nas boas perfumarias

Laboratórios VINDOBONA

R. Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME: .....

RUA: .....

CIDADE: .....

ESTADO: .....

gurar o transporte de carvão durante a greve dos ferroviários. Porém os mineiros de Gales, ameaçam paralisar o trabalho caso o carvão seja transportado por outro meio que não o da estrada de ferro! É gravíssima a crise de carvão e aço em todo o país, ameaçado de verdadeiro caos. — Continuam em Goa os movimentos de resistência passiva dos indianos. — Assinado contrato para instalação de uma fábrica de telefones em São Paulo. — Iniciada a construção de mais 21 navios para o Brasil, no Japão, dos quais 12 cargueiros, de 10.000 toneladas. — Recebido na Academia Brasileira de Letras o Josué Montelo, sucessor de Cláudio de Sousa — Revelam de Viena a ocorrência de sangrentos distúrbios nos campos de prisioneiros na Rússia.

5 — DOMINGO: — Em caminho de Moscou, onde ficará 15 dias, o "premier" visita Praga, na Tchecoslováquia. — Von Bretano nomeado por Adenauer para a pasta dos Estrangeiros e Theodor Blank para a pasta da Defesa Nacional, recém-criada. — Os 3 Grandes ocidentais dirigem convite oficial à Rússia para com êles conferenciar em Genebra, a 18 de julho. — Eden procura uma solução rápida para a greve dos ferroviários, dando seu pleno apoio aos maquinistas e foguistas. — Todos os países árabes estão prontos para lutar contra Israel, segundo o jornal oficioso egípcio Al Gumhuriya.

6 — SEGUNDA-FEIRA: — Washington declara que "não está absolutamente impressionada com a visita do "premier" indiano à Rússia e aos países satélites de Moscou". — A imprensa ocidental alemã considera agora mais forte o govêrno Adenauer, após a reforma do gabinete. — O Partido Democrata Cristão, que obedece ao "premier" Mario Scelba, vence as eleições na Sicília, com maior vantagem sôbre os comunistas que no pleito de 1951. — Reunidos em Quitandinha os representantes das nações amigas nos trabalhos preparatórios das Reuniões Estatísticas Internacionais.

7 — TÊRÇA-FEIRA: — O presidente Eisenhower adverte que "o mundo não poderá esperar curas miraculosas" da próxima conferência dos Quatro Grandes". Mas afirmou que todos os esforços serão feitos em favor da paz. — Entusiástica recepção tem em Moscou o "premier" Nehru, da Índia. — O govêrno de Israel responsabiliza o do Egito pelos recentes incidentes verificados na fronteira entre os dois países. — Sofre ainda a Inglaterra terrível depressão causada pela greve geral dos ferroviários. — A Rússia anuncia seu desejo de manter estreitas e amistosas relações com a Alemanha Ocidental. — Os que fumam morrem mais que os abstinentes, seja de que moléstia venham a ser atacados. É o que afirmam dois peritos em Estatística da Sociedade Norte-americana do Câncer. Cuidado, pois, fumantes!

8 — QUARTA-FEIRA: — Declara o presidente Eisenhower sua absoluta confiança em que Adenauer e a Alemanha Ocidental continuarão fiéis aos Estados Unidos e seus aliados ocidentais. — O govêrno de

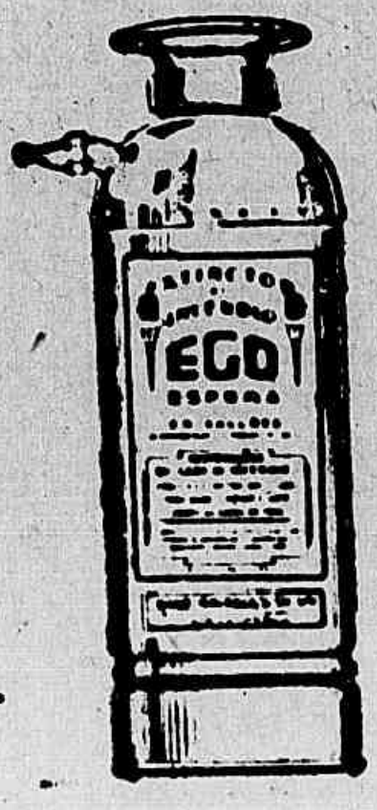
APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



Bonn declara ter recebido com grande satisfação a proposta russa para estabelecimento de relações entre os dois países. — O Brasil prestes a recuperar o nível alcançado em 1953, que foi o melhor de todos os tempos, em suas exportações de café. — Nega o ministro do Interior da Argentina, Borlenghi, que exista qualquer conflito entre a Igreja e o govêrno argentino. — O rádio do govêrno do Egito dirige apêlo a todos os países árabes para que declarem guerra a Israel.

9 — QUINTA-FEIRA: — Inaugurado pela rainha Elizabeth II o novo Parlamento britânico, eleito em maio último. — Continua a luta entre Perón e a Igreja Católica na Argentina, temendo-se para os próximos dias um choque de violência imprevisível. — Pouco amistosas as relações entre a Hungria e a Iugoslávia. — Violenta reação contra Perón em Vila Dolores e Vila Bela, na província de Cordoba, sendo declarada greve geral, além de passeatas e ameaças contra o chefe do govêrno. — Chuvas torrenciais prejudicam as lavouras cearenses. — Preside o sr. Café Filho a sessão preparatória da III Conferência Interamericana de Estatística, em Quitandinha, para a qual é eleito o sr. Elmano Cardim, presidente do I.B.G.E.

10 — SEXTA-FEIRA: — Entra no seu 18.º dia a greve geral dos ferroviários inglêses, para cuja solução não é entrevisto nenhum remédio. Os prejuízos sofridos pela nação são incalculáveis. — A Câmara Alta da Alemanha ocidental considera incompleto e apressado o projeto apresentado no parlamento de Bonn referente ao rearmamento da nação. — A Rússia aceita a data de 18 de julho para a inauguração da Conferência de Genebra. — Naufraga um cargueiro francês no Rio Paraná, nas proximidades de Pôrto Rosário, Argentina. — Dirigidos por Rajaram Patil, líder indiano da região de Masarashtra, novos voluntários penetram em Goa. — A capital francesa é literalmente submergida por uma tromba d'água, que paralisou totalmente o tráfego nas zonas centrais. — A Convenção do P.S.D. homologa o nome do sr. João Goulart para a vice-presidência da República, na chapa do sr. Juscelino Kubitschek.

11 — SÁBADO: — Os Estados Unidos oferecem reatores atômicos aos povos das nações livres que os podem utilizar efetivamente em favor do progresso na utilização pacífica da energia atômica. — A Convenção Nacional do P.S.P., homologa a candidatura do sr. Ademar de Barros à Presidência da República. — O chanceler Adenauer convidado a visitar Moscou. — Na prova automobilística internacional de Le Mans, França, um auto Mercedes, após triplo choque de veículos, explode e é atirado sôbre a multidão, matando seu pilôto e mais de oitenta espectadores, ficando feridos gravemente mais de 150. — Segundo estatística oficial norte-americana, o Brasil é um dos maiores produtores de fumo em todo o mundo. — Embora proibida pelo govêrno a procissão do Corpus Christo, o povo de Buenos Aires encheu as ruas para a cerimônia religiosa.

12 — DOMINGO: — Aceita a Rússia a proposta ocidental para a Conferência dos

Quatro Grandes, embora exigindo um programa. — Gravíssimas ocorrências verificadas em Buenos Aires, em conseqüência da campanha peronista contra os católicos. Grupos de descamisados atacam a Catedral Metropolitana, onde se refugiam três centenas de clericais, tendo incendiar o palácio do Arcebispado. — Estatísticas oficiais revelam que aumenta ràpidamente o consumo do café nos Estados Unidos.

13 — SEGUNDA-FEIRA: — Na instalação do 24.º Congresso do PEN Club, em Viena, seu presidente apela a fim de que não sejam admitidos representantes da Rússia e dos países satélites orientais. — A Inglaterra disposta a discutir em Genebra o plano do desarmamento, "se isso puder favorecer um entendimento imediato com a rússia". — Revela-se que uma bandeira argentina foi queimada na Plaza de Mayo, sendo acusados dêsse ato os comunistas. — Retira-se o Brasil do Convênio Internacional do Açúcar.

14 — TÊRÇA-FEIRA: — Condena a imprensa de todo o mundo a perseguição peronista aos católicos, afirmando-se que Perón enfrenta a maior de suas crises. — Voltam ao trabalho, após 17 dias de greve os ferroviários britânicos. — Revela-se que a atual procura de café brasileiro deverá elevar a mais de um milhão de sacas, em junho corrente, a exportação de café sòmente nos Estados Unidos. — A polícia da Alemanha Oriental empreende campanha contra os trabalhadores democráticos, prendendo numerosos dêles e realizando batidas em suas residências.

15 — QUARTA-FEIRA: — Cresce de violência a campanha anticatólica na Argentina, cometendo o govêrno uma série de arbitrariedades, inclusive exonerando dois ilustres prelados, realizando diligências policiais em diversas e fechando tôdas as sedes da Ação Católica Argentina. — Revela-se que o Vaticano aguarda apenas a confirmação oficial dessas violências para tratar da excomunhão de todos os membros do govêrno argentino. — Preocupa-se a Inglaterra com o litígio árabe-israelita. — Instala-se nesta capital o I Congresso Nacional de Hospitais.

16 — QUINTA-FEIRA: — Ao entardecer e com o bombardeio do palácio do govêrno por aviões do Exército, tem início um movimento revolucionário na Argentina, sendo desencontradas as notícias sôbre o número de mortos, fôrças rebeldes e extensão do movimento. O centro de Buenos Aires apresenta vários edifícios em chamas, havendo muitos mortos entre soldados e civis. — Um submarino inglês **Sidon'** explode e afunda, salvando-se quatro tripulantes. — Tomba, nas imediações de Assunção, Paraguai, um "Constellation" da Panair do Brasil, havendo nove sobreviventes. O aparelho pertencia à linha Londres — Buenos Aires e conduzia 13 passageiros, além de 10 tripulantes. — Aprovada em primeira discussão, na Câmara Fe-

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 174.486.055,30

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

deral, a emenda constitucional que concede autonomia ao Distrito Federal. — Entrega credenciais o novo embaixador da Noruega.

17 — SEXTA-FEIRA: — Incendiadas várias igrejas em Buenos Aires, principalmente a Igreja das Mercês. — Reúnem-se secretamente os ministros do Exterior da França, Inglaterra e Estados Unidos, que trataram da visita anunciada de Adenauer a Moscou, após a conferência dos 4 Grandes em Genebra. — Decreto criando a Comissão Executiva da Rêde Nacional de Armazéns e Silos. — Colossal exercício de defesa atômica nos Estados Unidos. O próprio Eisenhower, seguido de 15.000 funcionários, em Washington, abandona a Casa Branca, refugiando-se nos abrigos. O Serviço de defesa revela que ocorreram mais de cinco milhões de "mortes" e 10 milhões de "feridos", em 61 cidades norte-americanas.

18 — SÁBADO: — Confusa ainda a situação argentina, não parecendo, entretanto, que a revolução tenha dominado o govêrno do general Perón. Aviadores rebeldes refugiam-se com seus aparelhos no Uruguai. — Desencontradas as notícias sôbre a esquadra, cujo paradeiro continua ignorado. Sobem a várias centenas o número de mortos no conflito. — Afunda em Dien, França, uma lancha com turistas, perto do Rio Bela, havendo 20 mortos. — Beatificados no Vaticano 19 mártires católicos, guilhotinados durante a Revolução Francesa, em 1789. — Decreto promovendo a general de Brigada os coronéis Francisco de Lima Figueiredo (nosso antigo companheiro de redação) e Airton Bittencourt Lôbo.

19 — DOMINGO: — Revela-se que o govêrno argentino controla a situação em tôda a República Argentina. — Convidado o "premier" Nehru, da Índia, a visitar a Inglaterra. — Distúrbios comunistas em Nápoles, intervindo a polícia, havendo feridos graves. — Aborrecido o Corpo Diplomático na cidade de Buenos Aires pelo contrôle exercido pela Chancelaria argentina sôbre telegramas diplomáticos em código. — Anuncia-se que o papa receberá o presidente Eisenhower, que pretende estar na Itália dentro de um mês.

20 — SEGUNDA-FEIRA: — Iniciado em Buenos Aires o processo contra os rebeldes, adiantando-sé que ao mesmo responderão mais de 800 pessoas. Revela-se que apenas a infantaria da marinha e a aviação naval participaram da rebelião. — Respondendo a interpelações na Câmara dos Comuns, o "premier" Anthony Eden afirma que a Inglaterra não cogita de fornecer armas atômicas à Alemanha Ocidental. — Os oficiais argentinos refugiados no Uruguai declaram não ter ligação com qualquer partido político e que foram "inspirados por Deus e pela salvação de sua pátria". — Festejado com a presença do presidente Eisenhower o décimo aniversário da O.N.U. — Prosseguem, em Quitandinha, os trabalhos da II Conferência Interamericana de Estatística.

21 — TÊRÇA-FEIRA: — Prevista para "qualquer momento" a queda do atual gabinete italiano, chefiado pelo sr. Mario Scelba. — Discursando sôbre política externa o chanceler Adenauer declara que "os austríacos foram os mais ardentes partidários de Hitler", com isso provocando vivo descontentamento em Viena. — Planeja-se a estabilização do atual preço do café. Dirige-se o papa Pio XII aos cinematografistas, apontando-lhes a conveniência de serem confeccionados filmes que

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado ..... Cr$ 130,00

PEDIDOS À
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

Minha esposa é para mim como uma noiva...

A sua vivacidade... a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tónico ideal para crianças, moços e velhos

EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

prestem serviços à humanidade. — Promovido a general do Exército o sr. general Henrique Teixeira Lott. — Falece nesta capital o sr. João Travassos da Serra Pinto, crítico e escritor teatral.

22 — QUARTA-FEIRA: — Totalmente normalizada a situação na Argentina, tendo regressado aos seus quartéis as tropas que dêles haviam saído para sufocar a rebelião. — Demitem-se o sr. Mario Scelba e todo o seu gabinete, precipitando a Itália numa grave crise, num momento internacional extremamente delicado. — Declaração em prol da Paz mundial assinada em Moscou por Bulganin e Nehru. — Nova onda de terrorismo em Casablanca, visando os militares e residentes franceses.

23 — QUINTA-FEIRA: — O chanceler Pinay discursa em S. Francisco defendendo uma política de paz, conforme também discursa Molotov. — O Partido Democrata Cristão da Itália apela para todos os demais partidos políticos italianos para a formação de uma verdadeira liga governamental anti-comunista. — Renunciam a seus postos todos os membros do govêrno argentino, a fim de não criar dificuldades ao presidente Perón na reorganização do seu ministério. Revela-se ainda que serão modificadas as leis que regulam o exercício da imprensa. — Inaugurada uma exposição de matérias-primas e produtos manufaturados brasileiros, no Escritório Comercial do Brasil em New York. — Por oito a três, numa reunião de notáveis especialistas norte-americanos, é tomada a decisão de recomendar ao govêrno que continue no plano nacional de vacinação. — Encerrados os trabalhos da III Conferência Interamericana de Estatística, em Quitandinha, na qual tomaram parte 21 países americanos.

24 — SEXTA-FEIRA: — O presidente da IV República Francesa, René Coty, denuncia a atitude de certos países que fornecem armas aos rebeldes dos territórios franceses do norte da África. "A seguir afirma que a França "jamais entregará seus territórios ao imperialismo fanático". —

Segundo a Rádio de Montevidéu, o presidente Perón promete uma nova garantia de liberdade na Argentina. — O papa Pio XII cria uma nova prelazia, a "de Nullius" de Parintins, no Estado de Amazonas, subordinada à arquidiocese de Manaus, da qual foi desmembrada. — Sôbre o estreito de Behring, aviões soviéticos derrubam um aparelho "Neptune" de patrulha da Marinha Norte-Americana, em vôo de rotina sôbre o mesmo estreito. A Casa Branca protesta enèrgicamente. — A França lança suas tropas em violenta ofensiva contra os rebeldes da Argélia.

25 — SÁBADO: — Procura o presidente Giovanni Gronchi, da Itália, uma solução para a atual crise ministerial, tendo consultado o ex-"premier", Giuseppe Pella. — Volta à "Casa Rosada" o presidente Juan Perón, que ordena a imediata reconstrução das partes demolidas pelo bombardeio dos aviões rebeldes. O govêrno argentino expulsa Christopher Lucas, correspondente do "Daily Mail", de Londres. — A Rádio de Moscou anuncia que o presidente Eisenhower e a Rainha Elizabeth II foram convidados para o Festival da Juventude, a realizar-se em Varsóvia em agôsto. — Gravíssima a situação da Argélia, onde aumenta a represália dos terroristas ante a ofensiva das tropas francesas. — Termina a greve dos marítimos que paralisava os portos inglêses. — Começam as geadas nos Estados sulinos, sendo mais fortes no R. G. do Sul e no Paraná.

26 — DOMINGO: — Acredita-se em Buenos Aires num possível acôrdo entre o presidente Perón e as autoridades eclesiásticas. — Falece nesta capital o professor gentino desconhece o estado atual de luta entre o Executivo e as autoridades eclesiásticas. — Falece nesta capital o professor Francisco de Paula Achilles, antigo diretor da Imprensa Nacional.

27 — SEGUNDA-FEIRA: — O plano do Instituto Brasileiro do Café contraria a resolução adotada pelo Escritório Internacional do Café, o que levanta críticas nos

círculos cafeeiros de New York e da Colômbia. — Rebela-se o exército Indonésio contra a escolha do general Utoyo para chefe do Estado-Maior. — Comemorado no Itamarati o décimo aniversário da assinatura da Carta das Nações Unidas. — O marechal Tito anuncia que visitará Moscou, retribuindo a visita que lhe fizeram os altos representantes do govêrno russo. — Também em greve os portuários belgas, paralisando o movimento de navios em Antuérpia. — Eleita miss Brasil 1955, a senhorita Emília Barreto Corrêa Lima, miss Ceará.

28 — TÊRÇA-FEIRA: — Violento protesto do episcopado alemão contra as violências peronistas contra os católicos argentinos. — Grande conferência dos bispos latino-americanos será realizada nesta capital, logo após o Congresso Eucarístico e terá como tema a formação dos sacerdotes e o exercício de seu ministério. — Ainda sem solução a crise ministerial italiana. — Revela-se que a grande vitória sôbre a tuberculose, na Holanda, criou para êsse país o problema do "que fazem com os leitos vazios?". — E o Banco Mundial, numa mensagem otimista para todo o mundo, "prevê o mais promissor período do após-guerra".

29 — QUARTA-FEIRA: — Eisenhower afirma estar otimista quanto à conferência de Genebra, a qual, no seu entender, "trará imediato e salutar alívio para a tensão mundial". — Levantado o estado-de-sítio que vigorava na Argentina. — O presidente Perón aceita a renúncia de diversos ministros, inclusive do sr. Borlenghi, que ocupava a pasta do Interior. — O chanceler do Uruguai declara que seu país espera que desapareça o direito de veto, de que gozam algumas nações da O.N.U. — Pretende a Inglaterra enviar belonaves de sua esquadra, a fim de garantir as rotas marítimas para a China Comunista. — Acidentado no palácio, onde sofreu fratura da perna o Rei Haakon VII, da Noruega, assumindo a regência o príncipe-herdeiro, de acôrdo com a Constituição. — Naufraga ao sul de Goa vapor panamenho, perdendo-se treze homens da tripulação entre mortos e desaparecidos.

30 — QUINTA-FEIRA: — Encarregado pelo presidente da República o professor Antônio Sgni, da ala esquerda do Partido Democrata Cristão, procura ativamente organizar o novo gabinete italiano e assim superar a grave crise porque passa o país. — Revela-se que o partido chefiado por Mario Scelba caiu há oito dias em conseqüência de um desentendimento interno do Partido Democrata Cristão. — Adenauer recusa o convite de Moscou para visitar a Rússia. — Revela um cientista dinamarquês que devemos ter muito cuidado com a televisão, pois que as emanações radioativas das telas dos receptores podem estar causando modificações perigosas nas futuras gerações da humanidade! — Suspensas as conversações egípcio-israelita, acusando êstes últimos os primeiros de "falta de cooperação". — Dois tremores de terra, na zona norte da Califórnia, sendo ligeiros os prejuízos materiais. O sismo teve a duração de 60 segundos.

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME.....

RUA..... Nº .....

CIDADE..... ESTADO.....

QUEBRA-CABEÇAS

DR. LAVRUD — DIRETOR
DR. LAVRUDINHO — SECRETÁRIO

ANO XXXIX — N.º 3 — AGOSTO — 1955

DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONARIO DE NOMES PRÓPRIOS — DELIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS

3.º TORNEIO
Julho - Agôsto - Setembro

ENIGMAS

— 53 —

Empregada precavida
Que com casa e com comida,
Tem bom emprêgo e seguro,
Necessita de ser boa
Para ser uma pessoa
Que se vê bem no futuro.

Tonnew (Rio)

— 54 —

Começou com muito ardor
E só no fim foi parar,
Assim é o seu amor:
Impetuoso de pasmar.

Segon (Rio)

— 55 —

Na moda não andava.
E só dizia tolices,
E só riquezas roncava,
Apesar das *macaquices*.

Paulistinha (Rio)

— 56 —

Agradecendo a colega Heron Silpes:

Tenha ou não o TE final,
Não mudo de modo algum,
Sou um *jôgo de parar*
Semelhante ao trinta e um.

El Principe (Uberaba)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

57 — Duas-duas — Esta é a *ocasião própria* do homem *um tanto alcoolizado* fazer *barulho*?

Antomar (J. Pessoa)

58 — Duas-duas — A polícia não é *obstáculo* para que a *quadrilha de ladrões* exerça um *comércio proibido*.

Beatriz Cardoso, CEP (Salvador)

59 — Uma-duas — Pela vontade *férrea descubro* aquêle *que é amigo da paz*.

Fiote (Cuiabá)

60 — Duas-duas — Quando tomo um bom copo de *vinho*, discuto com *ardor* com qualquer *indivíduo valentão*.

Joaquim A. Pimentel

61 — Duas-duas — É interessante! Êste *homem* é *comprido*, porém, odeia tôda *pessoa alta*.

Ismênia (Recife)

62 — Duas-três — Aquêle tipo é um *sujeito mucufa e boçal*.

Oarcim

63 — Uma-duas — Em *casa* aplica *sôco* até nas paredes, mostrando assim ser *teimoso*.

Segon (Rio)

64 — Duas-uma — Tudo *que é ilegítimo*, mesmo sendo um *relicário dos japonêses*, terá um *trágico* fim.

Guilherme Tell (Rio)

65 — Duas-duas — O *curandeiro publica* uma nota sôbre *benzedura*.

Paulistinha (Rio)

66 — Duas-duas — É a *riqueza* do Brasil, onde há *homem que trabalha muito*, a *borracha extraída da seringueira*.

Eva Dio (Rio)

67 — Duas-uma — *Partir em bocadinhos* a dinamite para *arremessar* ao inimigo, é o mesmo que *fazer saltar com petardo* a sua fortaleza.

José Bálsamo (Rio)

68 — Três-uma — O *camponês* sempre *oferece* abrigo à *gauchada*.

Dalwa (Rio)

69 — Duas-duas — Por causa da *ventania*, trabalhamos com *afã* e com *grande pressa*.

Marlene (Rio)

70 — Uma-uma-duas — Pela *educação* e *caráter*, vê-se bem

COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade número 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 55.00 Caixa Postal 649 — São Paulo

À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL — À venda na Livraria Clássica Editôra
Praça dos Restauradores Nº 17 — LISBOA

EU SEI TUDO

que êle não roubou o *pequeno motor* e não mereceu o *peteleco* que levou na polícia.

Iza Abel (Rio)

---

71 — Duas-duas — Do *lado oposto* vem uma mulher que tem *sofrido* com certo *motejo*.

José Bálsamo (Rio)

★

LOGOGRIFOS

— 72 —

Só *chego* lá da cidade — 2-1-5-3
Quando *raia* o amanhecer, — 3-4-5-8
Num trem *cheio* de verdade, — 9-6-7-10
Numa *classe* de moer, — 7-10-9-8
Apressado e com vontade
De dormir e de comer.

Tonnew (Cascadura)

— 73 —

É quando "*Norma*", a bela loura, — 3-2-5-6-9
Escurecida pelo sol, — 8-4-5-3-9
Passa na rua, o povo estoura. — 1-6-2-5-9
É um *frenesi* de deixar fol. — 5-7-8-5-4
Se Norma anda, ou se ela pára,
É *de beleza rara* e clara.

R. Kurban, T.B. (S. Paulo)

— 74 —

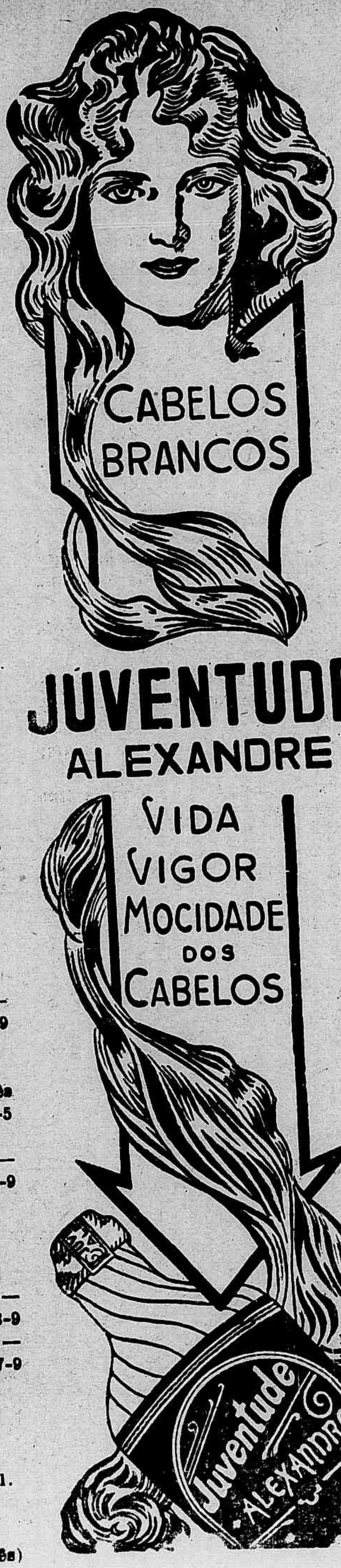
Suco de papoulas é remédio — 4-1-2-9-6-7-9
Que tomado de uma só vez,
Dá sono, preguiça e tédio,
É *assim, assim*, deixa o freguês — 4-1-3-5-4-1-3-5

Enterro no braço do doente — 7-6-3-4-9
Fina agulha numa injeção,
E num milagre, de repente,
Desaparece o mal, fica são.

Mui *inocente*, é o remédio — 7-6-9-8-3-9
Sem *astúcia*, sem maldade — 4-1-6-5-7-9
Dá sono, preguiça e tédio,
Mas tira a dor de verdade.

Poderoso e grande remédio,
Que tanta gente livra do mal.
Com sono, preguiça e tédio,
Êle acaba a dor em *geral*.

Dr. Legnar (Urupês)



CHARADAS SINCOPADAS

75 — Três (duas) — Se *sofro com firmeza, conservo* o sangue frio, a fim de vencer.

Asil, ACCB (Salvador)

---

76 — Três (duas) — O sujeito que passa a vida a *mentir* perde a consideração da sociedade, ao se *descobrir* o seu feio hábito.

Beatriz Cardoso, CEP (S. Paulo)

---

77 — Três (duas) — O espião *alemão é aquêle que trabalha na conservação do leito da estrada de ferro, incumbindo-se da remoção de terra.*

Cysneirense Jr. (Muriaé)

---

78 — Três (duas) — Foi *divulgado* o modo de fabricar o *pão de milho e centeio*.

(Sem assinatura)

---

79 — Três (duas) — Você está *incumbido* de fazer a *declaração*.

H. França (Recife)

---

80 — Três (duas) — Que rapaz tão *irritado* de *focinho* arrebitado!

KTQZ (S. Paulo)

---

81 — Três (duas) — *Produção intelectual* em massa não é boa *prática* literária.

Malba Tantan, P.S. (Santos)

---

82 — Três (duas) — O *raio* fendeu a árvore e caiu na *voragem*.

Mavicaro

---

83 — Três (duas) — Com sujeito *maçante*, não *procure* conversa...

Pompeu Júnior (Botucatu)

---

84 — Três (duas) — Saiba que a *espada larga, de dois gumes* e *sem ponta*, ainda *permanece* em poder do ex-militar.

P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

---

85 — Três (duas):

Grita o cão continuamente
Perseguindo a caça em vão
Dentro da mata *que segue*
Sempre a mesma direção.

Ruvina (Pôrto)

86 — Três (duas) — Quando encontrar o *veio mineral*, não o *toque*.

Seamva (Santos)

---

87 — Três (duas) — Um *maluco* é um *idiota*.

Tartarim (Itajubá)

---

88 — Três (duas) — Esta *corrente* não é de ouro, nunca vi ouro *embaciado*.

Uedath (Niterói)

---

89 — Três (duas) — É o *diabo*? Logo *rezo*.

Segon (Rio)

---

90 — Três (duas) — É *notável* êste meu *fadário*!

José Bálsamo (Rio)

---

91 — Três (duas) — Aproveitei a *boa-fé* do Banco Italiano e consegui grande empréstimo em *moeda italiana*.

Fusinho (Bangu)

★

CHARADAS CASAIS

91-A — Quatro — Esta moça *perita em alguma coisa* só quer casar com um *trabalhador* rural.

Cysneirense Júnior (Muriaé)

---

92 — Três — Aquela mulher *velhaca*, deu-me de trôco um *pataco falso*.

Dr. Legnar (Urupês)

---

93 — Duas — Êle teve muita *sorte*, pois pelo seu crime era para ser levado ao *cavalo de madeira, onde se torturavam os acusados ou condenados*.

Edur G. Monteiro (Cuiabá)

---

94 — Três — Este trecho *musical* é próprio para uma voz *harmoniosa*.

Eva Dio (Rio)

Termas de
LINDOIA
Serra Negra.

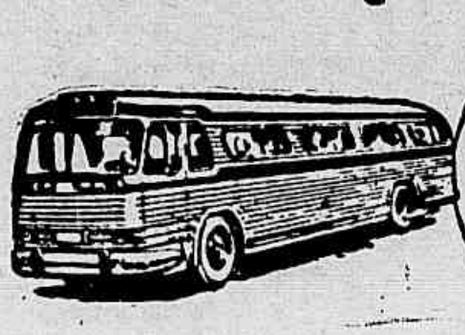
Pelas suas famosas águas radioativas, clima ameno e paisagens deslumbrantes, Lindoia e Serra Negra são ideais para passeio ou tratamento. O Expresso Brasileiro liga São Paulo áquelas cidades com seus modernissimos onibus em diversos horários diários, cobrindo o agradável percurso em pouco mais de 3 horas.

Escalas em: Jaguariuna - Pedreira Arcadas e Amparo

Departamentos de guarda-bagagens

AGENCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395
LINDOIA
Rua Duque de Caxias, 541
SERRA NEGRA
Praça João Zelante, 12 - Fone 43



95 — Quatro — Você não *enlouquece* quando vê uma pessoa atacada de *loucura*?

Flote (Cuiabá)

Ao "monstro" Bereco:

96 — Quatro — No *capão do mato* encontrei um *chocalho grande*.

H. França (Recife)

---

97 — Três —
Trabalha afanosamente
O operário como um bruto,
Para o patrão indolente
Fumar um *grande charuto*.

J. D. Mingo (Senhor do Bonfim)

---

98 — Quatro — O *vaqueiro que ladeia a bolada* vai montado no *lombo* nu do cavalo.

José Coelho Vieira (Maceió)

---

99 — Três — O soldado *ferido* foi levado numa *espécie de rêde*.

KTQZ (S. Paulo)

---

100 — Três — *Resiste* bem ao tempo essa *dança antiga*.

Malba Tantan, P.S. (Santos)

---

101 — Três — A *mulata pequena ainda nova*, fugiu com um tipo *moreno*.

Mavioaro

---

102 — Três — Ela se *irrita* por *despeito*.

Oaroim

---

103 — Três — Não é de *feição especial* qualquer coisa *não figurada*.

Ruvina (Pôrto)

---

104 — Quatro — O *larápio* escondeu-se na *escavação guarnecida de seteiras*.

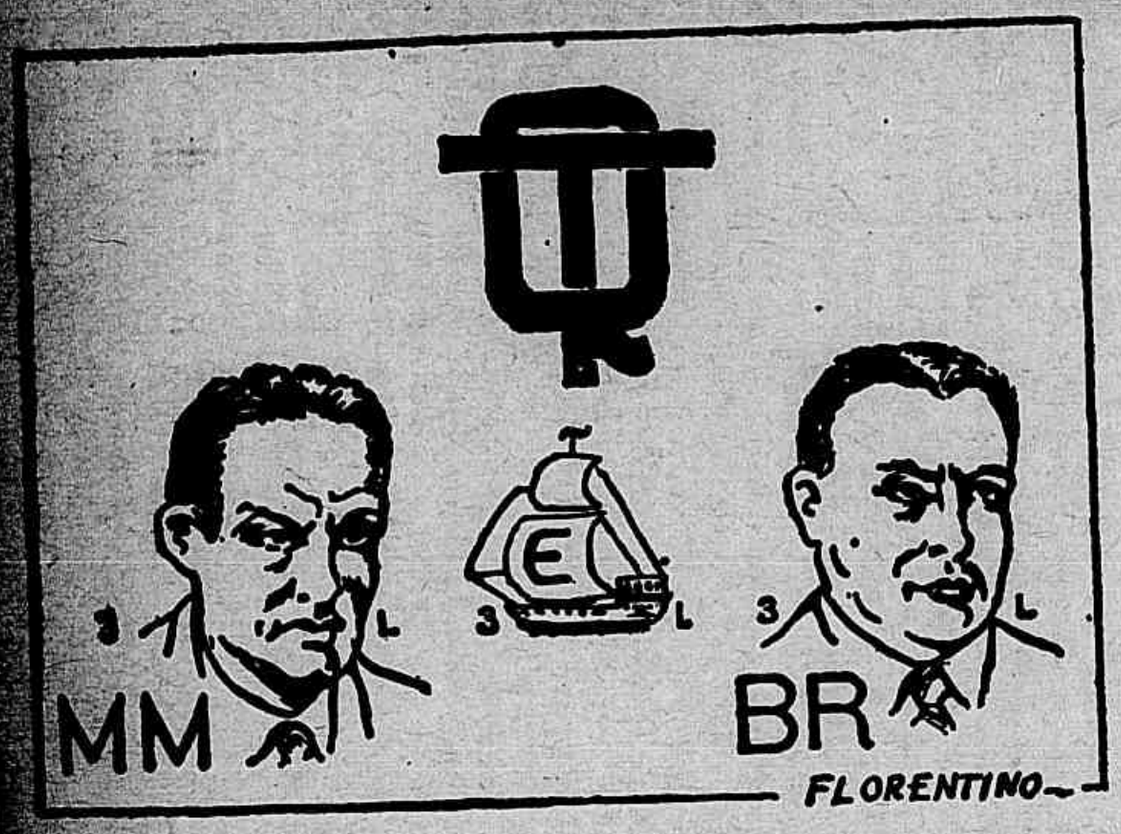
Marlene (Rio)

---

105 — Três — *Encanto extraordinário!*

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

ENIGMA PITORESCO — 106



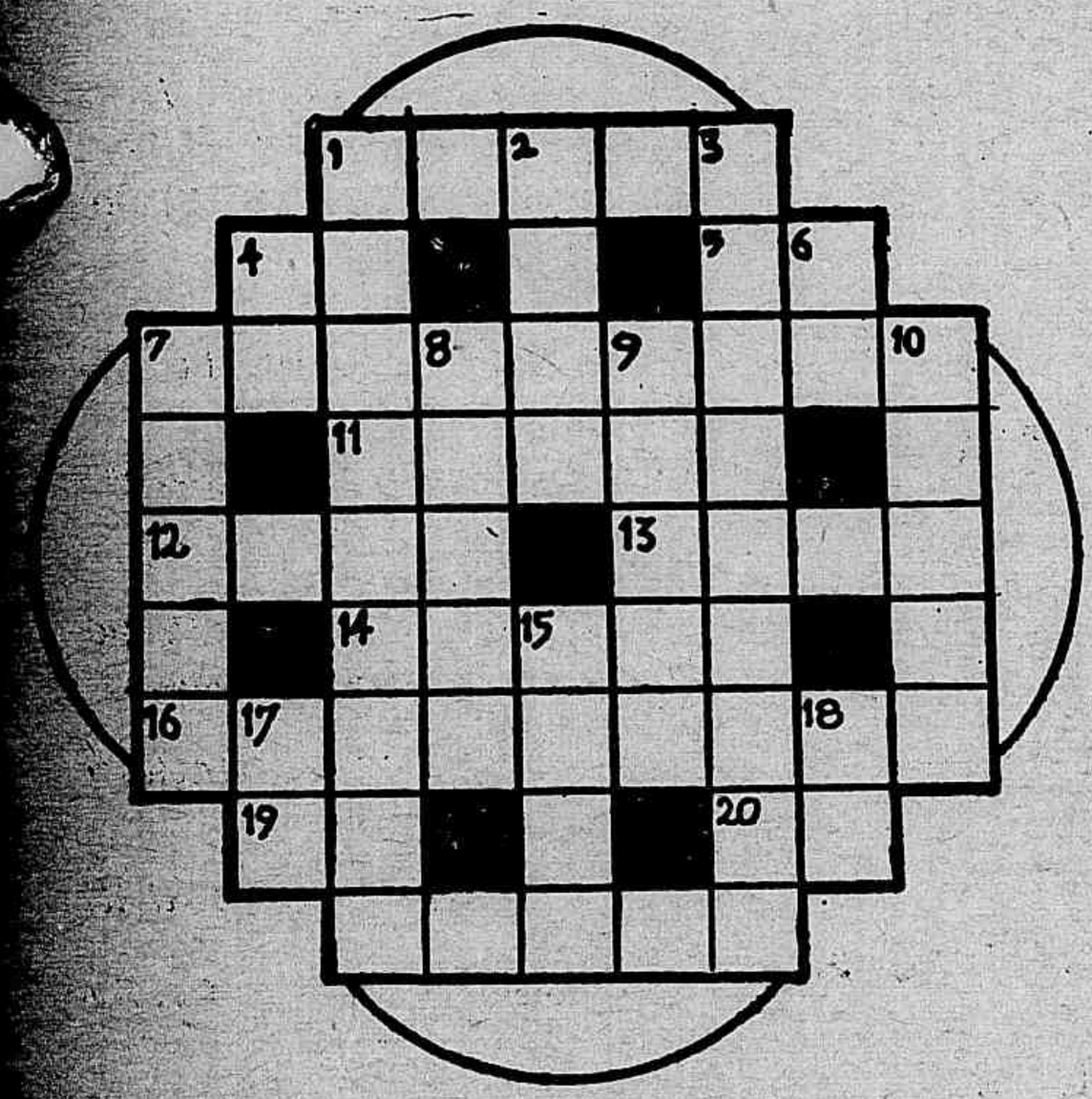
Florentino (João Pessoa)

ENIGMA FIGURADO — 107

Sefton (Rio)

PALAVRAS-CRUZADAS

Problema n. 3



Guilherme Tell

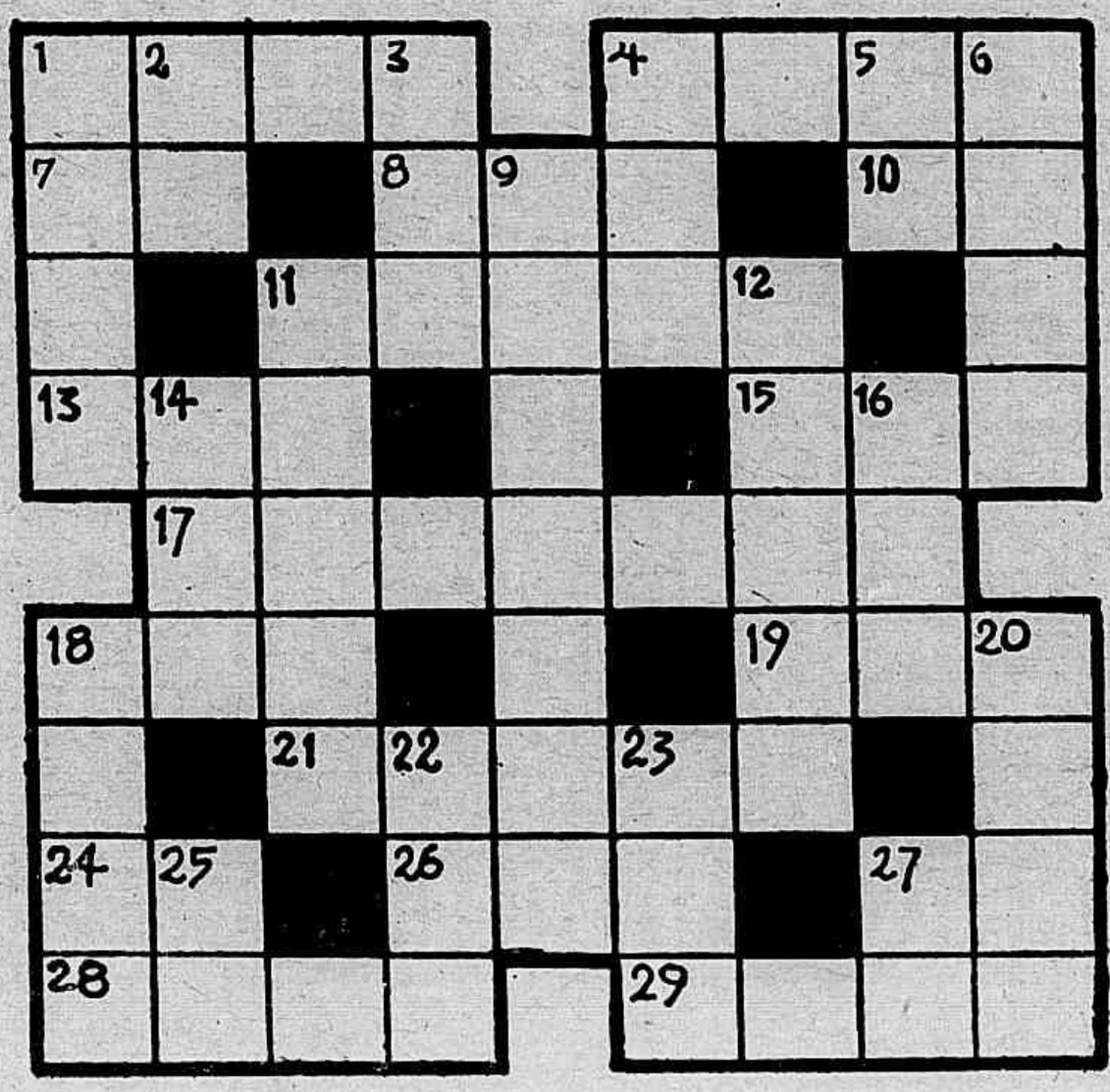
Horizontais: 1 — Cidade da França; 4 — Capa; 7 — Suf. adj. equivalente a *al*; 7 — Linha equidistante de outra em tôda a extensão (pl.); 11 — Planta liliácea; 12 — Unidade de fôrça; 13 — Colher; asneira; 14 — Vivera; 16 — Pândega; 19 — Burro; 20 — Símbolo do irídio; 21 — Comoção.

Verticais: 1 — Cidade do Paraná; 2 — Pouco espêssa; 3 — Cartilha de leitura, em que as palavras estão divididas em sílabas; 4 — Porque; 6 — Afinal; 7 — Cortar; 8 — Comove; 9 — Nome de uma planta leguminosa; 10 — Que custou muito trabalho; 17 — Adv. ant. ainda; 18 — Circular.

Problema n. 4

Horizontais: 1 — Dorna ou balseiro; 4 — Norte, guia; 7 — Aspeto; 8 — Modêlo de vida; 10 — Antiga moeda romana; 11 — Abaixam; 13 — Patrão; 15 — Ligação; 17 — Parque; 18 — Renque; 19 — Eiró; 21 — Malícia; 24 — Entre nós; 26 — Padre; 27 — Gás; 28 — Réptil sáurio; 29 — Regaço.

Verticais: 1 — Família; 2 — Suf. profissão; 3 — Asa de ave; 4 — Lavatório; 5 — Adiante; 6 — Namorada; 11 — Colarinho; 12 — Avaliara; 14 — Desgraça; 16 — Fogão; 18 — Tédio; 20 — Papão, ente fantástico em que se fala para intimidar as crianças; 22 — Traça; 23 — A principal dificuldade de um negócio; 25 — Corifeu; 27 — Coisa diversa.



Segon (Rio)

VISITAS

Estiveram nesta capital no fim do mês de junho, em viagem de turismo, os nossos queridos confrades de Montevidéu, *Democrata* (sra. Matilde Santos) e *Salustiano* (sr. Francisco S. Santos) ambos da diretoria do Centro Enigmístico do Uruguai.

A sua curta estada no Rio não permitiu que os ilustres confrades recebessem as merecidas homenagens dos charadistas brasileiros.

O *Dr. Lavrud*, representando esta seção, teve ocasião de saudar os nossos visitantes.

Calpetus, de Santos (João Dias Martins) o veterano que desde o início desta seção, colabora com seus magistrais trabalhos, deu-nos a satisfação de sua cativante visita.

J. A. P., de Santos Dumont — Minas (José Albino de Paula) — É um novato no charadismo e por isto mesmo cheio de boa-vontade de acertar, para o que não lhe falta inteligência, aqui estêve.

Estiveram ainda os seguintes confrades: *Ueniri, Coringa, Tonnew* e *Trica*. A todos os nossos agradecimentos.

contendo um estudo sôbre Cabala, diversos alfabetos, música, astronomia (sinais e abreviaturas), forma de escudo, tudo ilustrado.

O livro é indispensável a qualquer charadista.

Parabéns ao charadismo que foi règiamente enriquecido e ao *Ed Lirial Jor.*, que tudo fêz para apresentar uma obra completa.

★

HOMENAGEM AO DOUTOR LAVRUD

Ivan Gelista, o incansável confrade que tanto tem feito pelo charadismo, organizou, na "Gazeta do Rádio", um torneio de palavras cruzadas com o nome do *Dr. Lavrud*.

Gratos pela gentileza.

★

ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO

Acaba de aparecer esta obra de autoria do nosso velho amigo e confrade *Ed Lirial Jor.* (Professor Manüel Hildegardo Pereira Franco), de São Paulo. É um alentado volume de mais de 508 páginas, onde Ed Lirial Jor. encaixou o que há sôbre monossílabos e mais, no final da obra há um desenvolvido suplemento

★

CÍRCULO ENIGMÍSTICO CARIOCA

No dia 7 de maio último foi eleito e empossado o novo Conselho Consultivo que regerá o Círculo Enigmístico Carioca durante o triênio 1955-1957, e assim constituído:

Dr. Aloísio Leonel de Rezende (*Alô Tropina*); Lagner Teixeira (*Argos*); Dr. João Hamilton Ferro Costa (*Atenas*); Ten. Oscar Costa (*Cartos*); Nelson Brites Lemos (*K. Brito*); Heitor Lúcio de Oliveira e Silva (*Lutércio*); João Licínio de Miranda (*Tonô*); Lauro Alves da Silveira (*Tutankâmon*).

Suplentes:

Maj. Romário Pôrto de Oliveira Júnior (*Buridan*); Coronel Osmar Fonseca (*Tencel*); Dr. Floriano Brilhante (*Diamante*); Dr. Milton de Miranda e Oliveira (*Ceres*).

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. .....

NOME.....

RUA..... Nº. .....

CIDADE.....

ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr$ 75,00

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 5 de julho:

Camilo C. Brandão (S. Leopoldo, R.G.S.) — Inscrito com muito prazer; o seu problema de palavras-cruzadas foi adaptado ao nosso regulamento e vai sair no Almanaque de 1956. Mande colaboração.

Griwil, Wilgri e *Bastão de Baco* (Pôrto Alegre) — Inscritos para todos os efeitos. Solicitamos colaboração.

Jalbain (Rio) — Mande o seu enderêço.

Bisilva (Manaus) — Realmente a nossa revista tem chegado com grande atraso no Norte. Convém enviar as soluções, pois, pode ser que ainda não tenha sido feita a apuração.

Champollion (Pôrto Alegre) — Inscrito com muito prazer. Pode mandar qualquer número de decifrações; é assim que se começa.

José Maria Batista (João Pessoa). — Inscrito — Mande o seu enderêço.

Tonnew (Rio) — Gratos pela ótima colaboração.

Orlirio Gama (Santos) — Quem foi rei, sempre tem majestade. A sua nova inscrição foi motivo de muita satisfação.

Neo-Rosas (Caruaru — PE.) — Outro ilustre confrade que volta ao aprisco. Gratos por tudo.

Dr. Alcino de Andrade (Souzas, S. Paulo) — Recebemos e agradecemos.

Dr. Kean (S. Paulo) — Já estávamos com saudades do veterano confrade. Gratos.

Conselheiro (S. José de Mipibu, R.G.N.) — Escrevemos pelo correio.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO, Rua Visconde de Maranguape, 15, e endereçada ao diretor desta seção

DR. LAVRUD

Academia de Acordeon

MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS
★ FOLHETOS
★ PROSPECTOS
★ BULAS
★ RÓTULOS
★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRAFICO
TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

ASSASSINATO PREVISTO

(EPISÓDIO REAL)

A polícia desvendou muitos crimes, apelando para a hábil dedução, baseando-se na ciência moderna, e através da infinita paciência e da valiosa ajuda de informantes. Mas quando um crime não tem testemunhas e é esclarecido por um sonho, três anos antes de sua perpetração, merece o espanto de todos.

No fim do século XIX, um magistrado francês, M. Bérard, encontrava-se em gôzo de férias numa pequena vila do sul da França. Um belo dia, quando andava pelos campos foi compelido a passar uma noite numa estalagem próxima da cidade de Sigean.

O juiz Bérard observou, amedrontado, que a estalagem, que tinha o nome de "Au Rendez-vous des Amis", era servida por um homem de aspecto suspeito, quase diabólico, e por uma mulher não menos horrível; porém, o juiz estava muito cansado e a noite avançada o impedia de prosseguir viagem. Deram-lhe um quarto situado por cima do estábulo, que ficava nos fundos da hospedaria. Os quartos da frente, como explicou o estalajadeiro, estavam ocupados por outros hóspedes.

A verdade é que o juiz estava nervoso e apreensivo; talvez pelo fato de haver, recentemente, presidido o julgamento de um assassino, ou então, quem sabe?, tudo não passava de uma certa má impressão causada pelo aspecto sinistro do estalajadeiro e de sua companheira.

De qualquer maneira, resolveu amontoar objetos e móveis pelo lado de dentro da porta. Porém, ainda havia uma outra porta menor, coberta por uma cortina, e que não apresentava qualquer segurança. Contudo, recolheu-se ao leito e mergulhou no sono, um sono inquieto e sobressaltado.

Sobreveio-lhe um pesadelo. Neste tormentoso sonho, êle ainda estava no quarto, porém, escondido; e um homem, um desconhecido jazia na cama, em seu lugar. Nisto, a porta escondida pela cortina abriu-se furtivamente, o estalajadeiro surgiu, aproximou-se do leito, vagarosamente, e desferiu uma profunda punhalada no peito do hóspede adormecido. A seguir, a espôsa do hoteleiro entrou pela mesma porta, e os dois devassaram os bolsos da vítima. Depois, silenciosamente, conduziram o cadáver para fora do quarto.

O juiz Bérard despertou, apavorado e completamente molhado em suor. Passou o resto da noite sentado na cama e decidido a partir tão logo o dia nascesse.

Três anos eram passados. Um certo dia, o magistrado leu com vivo interêsse, num jornal, uma notícia proveniente de Sigean que falava do estranho desaparecimento de Victor Arnaud, um advogado. Êste havia saído da cidade para um passeio e nunca mais voltara.

Um outro telegrama trazia maiores informações. Um viajante afirmava ter visto um homem, cuja descrição correspondia à compleição do advogado, entrando na estalagem, "Au Rendez-vous des Amis", na noite anterior. Ao tomar conhecimento dêsse fato, o juiz Bérard recordou o escabroso sonho que tivera 3 anos antes. Depois de atender às suas tarefas do dia, partiu imediatamente para Sigean.

Ao chegar, o magistrado local permitiu que êle ouvisse o depoimento da senhora Benet, a espôsa do estalajadeiro. A mulher (que não reconheceu no juiz Bérard seu antigo hóspede de uma noite) declarou que o sr. Arnaud havia jantado na estalagem, mas que lá não ficara para dormir, porquanto todos os quartos estavam ocupados. Então, o juiz Bérard interrompeu a depoente.

— E o quarto que fica sôbre o estábulo — um, que tem uma porta secreta, velada por uma cortina? Também êle estava ocupado?

A mulher abriu a bôca, como se lhe faltasse o ar e empalideceu.

— Eu lhe direi tudo o que aconteceu — continuou o juiz Bérard.

Então, contou todo o sonho que tivera, com os menores detalhes. O juiz local ouviu tudo, em silêncio. E quando Bérard concluiu sua história, a mulher gritou, recuando, cheia de mêdo:

— O senhor assistiu! O senhor estava lá no quarto!

E quando o magistrado que dirigia o inquérito repetiu a narração do sonho ao hoteleiro, êste imediatamente confessou, acreditando ter sido traído pela espôsa.

O cadáver de Arnaud foi encontrado sob um montão de lixo, próximo ao estábulo. O hoteleiro e sua espôsa foram presos por homicídio e pagaram na guilhotina por seu nefando crime.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Fale-se e escreva-se sem afetação. Haja naturalidade no falar e naturalidade no escrever. Mas tenha-se na lembrança que a naturalidade do falar, nem sempre se admite no escrever, e que a naturalidade do escrever, transportada ao falar, pode converter-se em afetação ou pedantismo."
(Port. n. 172/42, do Min. da Educ.)

DA CORRELAÇÃO

Em artigo anterior, focalizamos o processo de entrelaçamento de orações, denominado correlação. Velhos livros, entre êles a "Gramática Descritiva", de Maximino Maciel, trataram da correlação, mas cabe ao prof. José Oiticica o mérito de ter mais proficientemente estudado o assunto, no livrinho intitulado "Teoria da Correlação", depois de tê-lo feito, de modo mais geral, no seu "Manual de Análise".

São diversos os processos de correlação, assim entre têrmos como entre orações.

Correlação existe nos trechos que J. B. nos remete.

Ei-los:

"Não sòmente o pai, mas também o filho gostam de futebol".

"Assim dizia o pai, assim fazia o filho".

Na primeira construção, temos correlação de têrmos. O sujeito é **não sòmente o pai, mas também o filho.**

Na segunda construção, há correlação de orações, decorrente do jôgo de advérbios: **assim... assim.**

Vale, aqui, o comentário do professor José Oiticica, a respeito de construção análoga:

"O **assim** da primeira correlata pode ser reforçado por **como: assim como** ditava o mestre; ou esta expressão pode reduzir-se a **como: como** ditava o mestre. O segundo **assim** é reforçado, às vêzes, por **também: assim também** escrevia o discípulo.

Se eu quiser pospor o modêlo, valer-me-ei de outra estrutura:

"O discípulo escrevia **tal, qual** o mestre ditava".

Neste giro, **tal** e **qual** são advérbios de modo equivalentes a do **modo por que** e **dêsse mesmo modo.**" (in "Teoria da Correlação", pág. 33.)

Exemplo de correlação encontramos neste passo de Farias Brito (in "Finalidade do Mundo"):

"E como estamos acostumados a ver que as cousas valem **tanto mais quanto maiores** são os esforços e sacrifícios com que são obtidas, a conseqüência é que o destino da humanidade é **tanto mais** elevado **quanto mais** profundos e dolorosos são os sofrimentos humanos, encontrando-se por esta forma a legítima explicação da verdadeira significação do sofrimento e da dor, e a única interpretação possível da verdadeira significação da morte."

Augusto Elysio
SONHOS, 1955.

O poeta Augusto Elysio reuniu em volume, sob o título SONHOS, os versos escritos de 1952 a 1955.

Mais uma vez se afirma a sensibilidade do autor, através de poesias cuja leitura nos encanta e seduz.

Eis a quadrinha que serve de preâmbulo e justifica o título:

Dizem que esta vida é um sonho
Que nos trata de enganar;
É por isso que eu suponho
Que levo sempre a sonhar.

Aqui fica o registro do que Augusto Elysio apresenta como descrição dos seus sonhos, lembranças do passado, vozes saídas do coração.

Muito obrigado pela oferta.

JOSÉ RICARDO NETO

UM SÓ JÁ CHEGAVA!

(Continuação da pág. 8)

voltava, percebi um movimento nas fôlhas, por trás da cêrca...

Era Mike Gannon que lá estava com seu cabeló raspado de presidiário, um sorriso no canto da bôca, e um revólver, calibre 45, na mão!

— Ora viva! Você com sua honestidade! — rosnou Big Mike. — Está certo, Crandall. Não era isto o que você queria?

Nem sequer tive tempo de saltar sôbre êle. Meus joelhos se dobraram e a vista escureceu...

Quando despertei, percebi que me encontrava deitado em minha cama. O braço esquerdo e o ombro se achavam apertados com ataduras, e Ellen soluçava ao meu lado.

O dr. Kirby estava presente, com o seu rosto de lua cheia.

— Vai tudo bem, Joe — disse êle. — Foi só um ferimento ligeiro. E já extraímos a bala...

— Gannon! — murmurei. — Chame, por favor, o capitão Rodgers!

— Não se preocupe, Joe! — disse uma voz; era o capitão Rodgers que surgia junto do meu leito. — Já cuidamos de Big Mike! Êle tentou fugir, mas os rapazes cumpriram o seu dever.

— Morto? — resmunguei. — Tão rápido...

— Rápido? — tornou Rodgers. — Gannon nem sequer teve tempo de atirar. E foi seu filho, Joe, quem nos entregou Big Mike! Garanto-lhe que êle é um policial mais esperto do que você!

Rodgers, cheio de orgulho, puxou Bud para perto de mim e contou-me como o garôto havia visto Mike Gannon estacionar seu automóvel num esconderijo à beira da estrada. Bud ouviu o tiro. E enquanto Ellen sustentava-me nos seus braços, Bud entrou em casa e telefonou para o doutor Kirby. A seguir ligou para a polícia...

— E como o fêz bem! — exclamou Rodgers. — Qualquer garôto levaria uma hora para narrar os fatos. Mas êste menino é diferente! É verdade que sua voz tremia, porém contou tudo como se fôsse um veterano. Descreveu o tipo do automóvel, disse o número da chapa e acrescentou que Mike tomara a direção de Maple Drive. Mas isto não é tudo...

Rodgers, fazendo uma pausa, virou-se para Bud.

— Vamos, meu filho; conte a seu pai como conseguiu evitar a fuga de Big Mike.

A princípio, Bud se mostrou um tanto perturbado, mas depois falou com desembaraço e até com técnica descritiva.

— Quando Big Mike atirou contra você, papai, eu estava no campo do outro lado da estrada de rodagem. Compreendi que era preciso fazer alguma coisa; assim, meti-me debaixo do automóvel de Mike Gannon e abri uma pequena torneira que há sob o radiador; então começou a escorrer água e o automóvel não saiu do lugar...

— E como você aprendeu isto, garôto? — perguntou Rodgers.

— Foi o papai quem ensinou — respondeu o garôto, orgulhosamente.

— Recebemos a mensagem de Bud por ondas curtas — explicou Rodgers. — Enquanto isto, Big Mike tentava evadir-se com o motor do carro fumegando que nem uma chaminé. Você foi muito inteligente, meu filho!

Bud estava com o rostinho iluminado de satisfação. Com aquela insígnia dourada no peito, o menino parecia haver subido ao seu sétimo céu.

— Bem, Joe; amanhã virei aqui novamente — disse Rodgers. — E não se preocupe que você terá suas divisas de volta.

O milagre acontecera!

Rodgers saiu pouco depois. Ellen comprimia seu rosto no meu, enquanto Bud vinha para junto de mim, trazendo qualquer coisa apertada em suas mãos.

— Papai; posso usar agora o meu distintivo de policial? — pediu. — Você jogou fora, mas eu tornei a encontrar. Estava procurando, na grama, quando Big Mike apareceu. Se não fôsse isto, êle não teria sido apanhado. É um lindo distintivo, não é, papai?

Eu e Ellen trocamos um longo olhar.

— Está bem, meu filho. — Venha cá — falei com certo tremor na voz; e tratei de pregar a placa em sua camisa.

— Sabe de uma coisa, Ellen — disse eu com humor. — Parece que os Crandall vão ter um outro policial na família.

O CASO DO SR. WALDEMAR

(Cont. da página 18)

peranças neste sentido. Mas, para assombro meu, seu braço seguiu imediatamente, embora que com suavidade, tôdas as direções tomadas pelo meu. Resolvi iniciar uma conversação.

— Sr. Waldemar — disse eu. — O senhor está adormecido?

Não ouvi sua resposta, mas percebi um ligeiro tremor em seus lábios; decidi repetir a pergunta mais algumas vêzes. Quando falei pela terceira vez, todo seu corpo se agitou, as pálpebras se entreabriram até deixar ver uma linha branca do globo ocular os lábios se moveram lentamente, e por entre êles, em um murmúrio apenas perceptível, saíram estas palavras:

— Sim; adormecido agora. Não me despertem. Deixem-me morrer assim!

Toquei-lhe os membros; estavam tão rígidos como antes. Mas o braço direito, como anteriormente, obedeceu à direção da minha mão. Então, tornei a perguntar.

— Sente você alguma dor no peito?

A resposta agora foi imediata, porém, ainda menos perceptível do que a primeira:

— Dor, não... Estou morrendo!

Não me pareceu aconselhável molestá-lo mais, e ninguém lhe perguntou coisa alguma até que o dr. F... estivesse de volta, o que se deu um pouco antes do amanhecer. Êste manifestou grande assombro ao encontrar o paciente ainda vivo. E depois de tomar-lhe o pulso e de aproximar o espelho de seus lábios, pediu-me que voltasse a falar ao doente. Então, perguntei:

— Sr. Waldemar; o senhor continua adormecido?

Como antes, passaram-se alguns minutos e a resposta não veio; durante o intervalo, o moribundo parecia estar recolhendo energia para falar. Mas, ao fazer-lhe a pergunta pela quarta vez, êle disse, quase imperceptìvelmente:

— Sim, durmo... Contudo, estou agonizante.

Então, os médicos manifestaram a opinião de que não se devia molestar mais o senhor Waldemar; achavam que era melhor deixá-lo naquela situação tranqüila até que lhe sobreviesse a morte, o que, no cálculo de todos, teria lugar dentro de alguns minutos. Não obstante, resolvi dirigir-lhe a palavra uma vez mais, repetindo a pergunta anterior.

Enquanto eu falava, operou-se uma notável mudança no aspecto do enfêrmo. Os olhos se abriram completamente, mas as pupilas desapareceram para cima; a pele adquiriu uma tonalidade cadavérica; e as manchas circulares provocadas pela febre, que até então estavam claramente definidas no centro de cada face, desapareceram de repente. Emprego esta expressão **porque a rapidez de seu desaparecimento lembrou-me o súbito apagar de uma vela quando soprada**. Ao mesmo tempo, o lábio superior recuou, descobrindo inteiramente os dentes; enquanto a mandíbula inferior relaxou, deixando a bôca amplamente aberta e permitindo ver a língua inchada e enegrecida. Suponho que todos os presentes estavam acostumados a contemplar os horrores do leito de morte; porém, o aspecto do sr. Waldemar era tão terrível que todos retrocederam, afastando-se da cama.

Compreendo que esta narração chegou ao ponto de fazer todo leitor sentir inclinação para a incredulidade positiva. Mas. apesar de tudo, sou obrigado a continuar

O sr. Waldemar já não apresentava o menor sinal de vida; e, pensando que se achava morto, íamos entregá-lo aos enfermeiros, quando, num dado momento, observamos um movimento vibratório na língua Não durou mais que um minuto. Passado o qual, dentre as distendidas e imóveis mandíbulas, saiu uma voz tão estranha, que eu seria um louco se tentasse descrevê-la Na verdade, existem dois ou três epítetos que, em parte, podem defini-la; seria possível dizer, por exemplo, que o som era **rouco, quebrado e profundo**; mas, o espanto total é indescritível, pela simples razão de que tais sons nunca foram ouvidos por sêres humanos. Contudo, havia duas peculiaridades que, a meu ver, poderiam ser indicadas como características da entonação Em primeiro lugar, aquela voz parecia chegar aos nossos ouvidos — pelo menos aos meus — de uma enorme distância ou de alguma profunda caverna dentro da terra. E, em segundo lugar, impressionou-me (na verdade, receio não me fazer compreender) **da mesma maneira que o sentido**

do tato é impressionado pelas matérias gelatinosas ou aglutinantes.

Falei de "som" e de "voz". Quero dizer que o som era distante... quase maravilhoso, e emocionantemente articulado em sílabas. O sr. Waldemar falou em resposta à pergunta que eu lhe havia feito alguns minutos antes. O leitor deve recordar que perguntei se êle **ainda dormia**. Então êle disse:

— Sim... não; estive dormindo... Mas agora... agora estou morto.

Nenhum dos presentes tentou dissimular ou reprimir o indizível estremecimento de horror que aquelas palavras, pronunciadas daquela maneira, produziam. O estudante de medicina desmaiou. O enfermeiro e a enfermeira saíram imediatamente do quarto. Não pretendo que as minhas impressões se tornem intelegíveis ao leitor. Durante quase uma hora nos ocupamos em tentativas para reanimar o desmaiado. Quando êste voltou a si, resolvemos investigar novamente o estado do sr. Waldemar.

Permanecia exatamente como antes, com a exceção de que o espelho não mais acusava a existência de respiração. Uma tentativa de tirar sangue do braço fracassou. E devo assinalar que o braço não obedecia à minha vontade. Foi em vão que procurei fazer com que êle seguisse a direção de minha mão. A única indicação real de influência hipnótica era a vibração da língua no momento em que lhe dirigia uma pergunta. Parecia estar fazendo um esfôrço para responder, porém, já não tinha a suficiente fôrça de vontade. E era completamente insensível às perguntas que os demais lhe faziam. Creio que já disse o quanto é necessário para que o leitor compreenda o estado do paciente naquele momento. Mandamos chamar outros enfermeiros; e, às dez horas da manhã, saí da casa em companhia dos dois médicos e do estudante de medicina.

A tarde, voltamos todos para ver o **doente**. Não se operara qualquer alteração. Então discutimos sôbre se seria correto e possível despertá-lo; e não tivemos grandes dificuldades em chegar à conclusão de que não havia razão para tal, uma vez que não trazia vantagem alguma. Era evidente, até o momento, que a morte havia sido detida graças ao processo hipnótico, e, em conseqüência, estava claro que o fato de **despertar** o sr. Waldemar não determinaria outra coisa que a sua rapidíssima dissolução.

Desde êste momento até o fim da semana passada — um intervalo de quase sete meses — continuamos a ir diàriamente à casa do sr. Waldemar, acompanhados, às vêzes, por amigos, alguns dos quais eram médicos. Durante todo êste tempo o paciente permaneceu exatamente como se encontrava quando o descrevi pela última vez. Os enfermeiros o atendiam contìnuamente.

Quinta-feira passada decidimos, finalmente, fazê-lo despertar, ou melhor, tentar despertá-lo; e o resultado infeliz desta última experiência foi que deu margem a tantas discussões e despertou um sentimento popular que não posso deixar de considerar injustificável. Para livrar o sr. Waldemar do transe hipnótico, empreguei os lances de costume. Por algum tempo não deram resultado. A primeira indicação de volta à vida foi um abaixamento parcial do íris. Observamos, com especial interêsse, que esta descida da pupila foi acompanhada pelo abundante escorrer de um líquido amarelado (que saía do interior das pálpebras) e cujo cheiro era desagradável.

Alguém sugeriu que eu tentasse exercer minha influência sôbre o braço do paciente, como o fizera antes. Tentei e fracassei. Então, o dr. F... expressou o desejo de que lhe fizesse uma pergunta. E assim falei:

— Sr. Waldemar; pode dizer-nos o que sente ou deseja neste momento?

Os círculos febris reapareceram instantâneamente em suas faces; a língua começou a girar violentamente dentro da bôca (ainda que as mandíbulas e os lábios permanecessem rígidos como antes); e, finalmente, a mesma voz espantosa que já descrevi, falou:

— Pelo amor de Deus!... Depressa!... Façam-me dormir!... Depressa!... Já lhes disse que estou morto!

Eu estava nervosíssimo, e durante um instante não soube o que fazer. A princípio, tentei reanimar o paciente, mas não o consegui por causa de minha absoluta ausência de fôrça de vontade, voltei a pro-

ceder como de costume e, com tôda a minha alma, procurei despertá-lo.

Em tal tentativa, senti que ia obter êxito; parecia-me, mesmo, que o êxito ia ser completo... E estou absolutamente certo de que todos os presentes esperavam ver o paciente despertar.

Mas é impossível que algum ser humano pudesse estar preparado para o que, na realidade, ocorreu.

Enquanto eu fazia, com rapidez, os lances hipnóticos, entre exclamações de "Morto!", "Morto!", que saíam de seus lábios, todo o seu corpo, no espaço de um minuto ou menos ainda, encolheu-se e esvaiu-se sob minhas mãos, absolutamente desfeito.

E sôbre o leito, diante de todos os que ali se achavam, o corpo do sr. Waldemar transformou-se numa massa quase líquida e repugnante.

★ ★

PROVA DE CULPA...

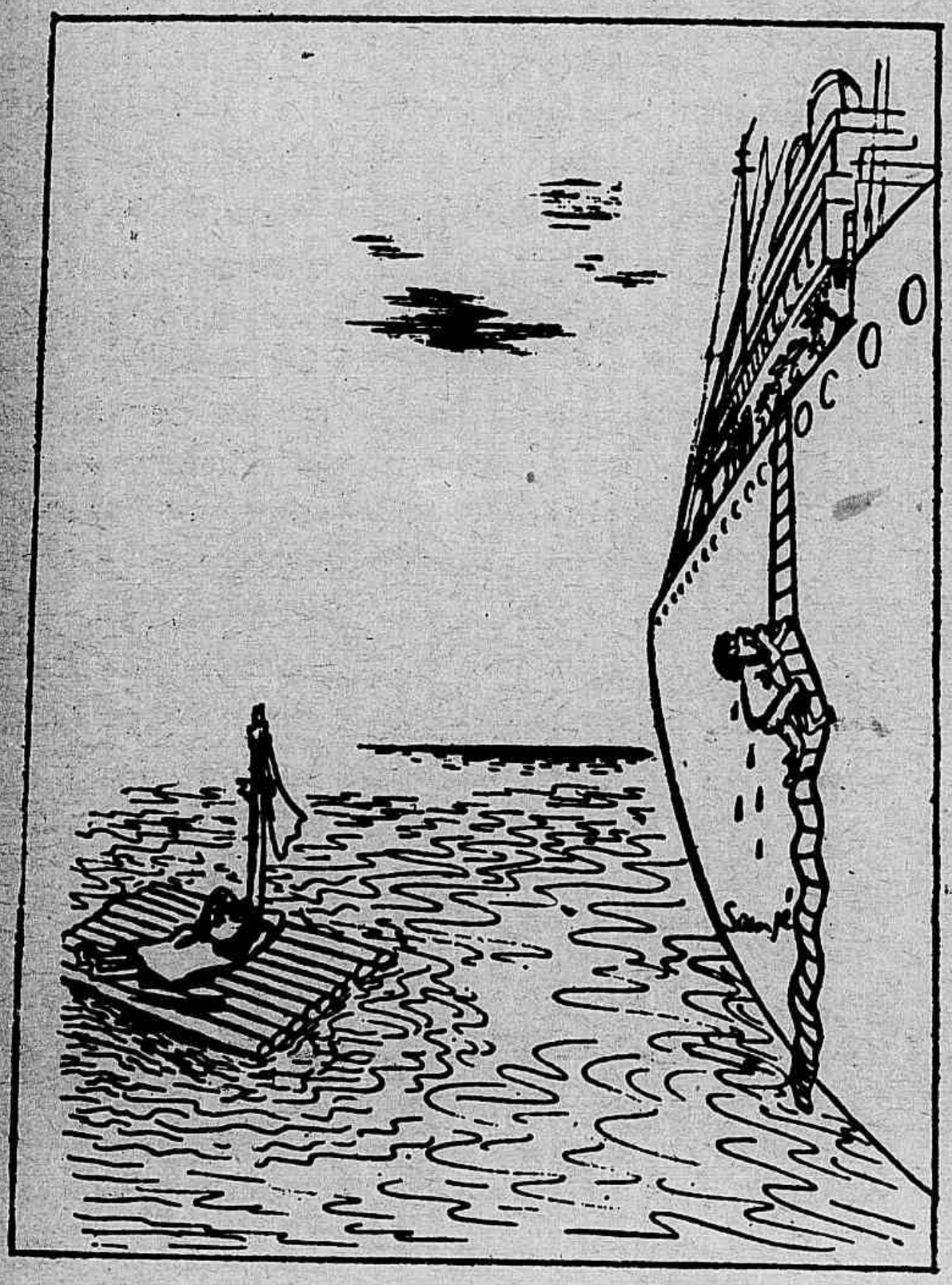
AS bactérias já foram condenadas pelos médicos e cientistas por uma série de crimes praticados contra a humanidade. Pneumonia, tuberculose, difteria, febre tifóide, são apenas alguns dos flagelos em que a culpa dos micróbios está provada. Nos últimos anos acumularam-se provas de que as bactérias são também a causa de uma doença que, embora menos perigosa, não é menos aflitiva — **a cárie dentária**.

A fim de esclarecer melhor o papel dos germes na cárie dentária, cientistas num hospital norte-americano iniciaram uma experiência bastante engenhosa e complicada. Um grupo de ratos, nascidos de mães inteiramente livres de bactérias, foi isolado em compartimentos a prova de germes e alimentado com produtos esterilizados no vapor.

Outro grupo foi criado em compartimentos comuns, dando-se a êle a mesma alimentação do primeiro grupo.

Ao fim do período de experimentação, procedeu-se ao exame dos dentes dos ratos dos dois grupos.

Nenhum dos ratos do primeiro grupo apresentava cavidades nos dentes, ao passo que os ratos expostos às bactérias mostravam, todos, cáries.



— Psiu! Não a acordem!

DESCANSO NOCIVO...

O descanso — na opinião de um cientista médico inglês — pode causar mais danos ao corpo humano que o trabalho pesado. Segundo declara, nenhum dos efeitos conhecidos do trabalho **normal** pode danificar os tecidos sãos.

Ao contrário, todos êsses efeitos são bons, **porque desenvolvem e fortalecem a estrutura orgânica**. Em contraste — diz o mesmo cientista, o descanso **demasiado**, depois de uma doença, pode causar danos à circulação, aos vasos sanguíneos e aos rins.

Os músculos perdem sua tonicidade, os tendões se disteńdem e as articulações ficam **fora de suas posições**.

Além disso, desenvolvem-se na pele feridas chamadas "de cama", quando certo indivíduo fica acamado por tempo demasiado. Embora os médicos estejam, de um modo geral, abandonando a idéia de que uma pessoa tem que ficar na cama — exceto quando se encontra em doença aguda — a autoridade inglêsa acima citada ainda é de opinião que se está dando importância exagerada ao descanso.

Segundo afirma, **"quanto mais ràpidamente o paciente se levanta, mais depressa se restabelece"**.

NEBLINAS DA HISTÓRIA

(Continuação da página 60)

tramente, na preocupação constante dos seus planos diabólicos, para as sombrias tôrres da Cidade Eterna, que êles governavam. Os três cardeais a quem êles tinham sentenciado a morrer naquela mesma noite, já os cercavam ansiosos, as faces pálidas e com dolorosa opressão no coração. Pouco depois, chegado o vinho pedido, Alexandre VI e César Bórgia estendiam a mão, seguravam o copo que continha o veneno preparado para outros e bebiam-no até à última gôta.

Nenhum dêles mostrou a menor apreensão ao pousar o copo esvaziado. Diz-se ter sido o veneno usado por esta célebre família um pó branco semelhando açúcar na aparência e no gôsto| Julga-se ter por base o acônito, que Ovídio já apontava como planta muito usada por Medéia nos seus venefícios. Qualquer que fôsse a sua natureza, não podia ser prontamente descoberto. Nem tão pouco fazia efeito imediato.

O cardeal Corneto ia na frente do grupo para fazer as honras da sua vila, e conduzia os seus hóspedes de quarto para quarto, apontando-lhes as decorações e os objetos dignos de atenção. Durante esta visita aos aposentos o papa ia empalidecendo extraordinàriamente.

Anunciou-se, afinal, a ceia; e os convivas preparavam-se para sentar à mesa, quando o cardeal Caraffa apareceu, de volta do Vaticano.

Quanto ao despenseiro, não tinha de certo regressado. Se o tivesse, outra deveria ser a situação. O seu primeiro cuidado, como homem de inteira confiança, teria sido assegurar-se de que as duas garrafas pelas quais êle deveria ter sobejos motivos de estar inquieto, continuavam intactas. Num momento teria reconhecido que duma delas já algum vinho tido sido tirado durante a sua ausência e não podemos supor que não tivesse perguntado ansiosamente quem tinha tomado o vinho, cujo destino verdadeiro adivinhara sem dúvida, se o não conhecia. Portanto, ter-se-ia informado logo do sucedido e deveria — ainda que o vinho não tivesse sido envenenado e dadas as expressas ordens recebidas — ter prevenido seu amo; e os dois Bórgias em vez de visitar demoradamente os aposentos da vila, apressar-se-iam, sem dúvida, em tomar os necessários antídotos. E nada disto sucedeu.

O papa ficou na **vila Corneto**, sem a menor suspeita de que o veneno lhe corria nas veias. Vendo entrar Caraffa com o seu precioso talismã, sua santidade ansiosamente estendeu a mão para o receber; porém, antes que seus dedos pudessem segurar o medalhão, deixou escapar um grito de dor e caiu no chão em convulsões.

César Bórgia ouviu o grito de seu pai e correu para junto dêle, e em seguida, sem que tivesse tempo de dar quaisquer ordens, caiu também prostrado.

Logo que os amedrontados cardeais recuperaram a presença de espírito, o papa e o duque foram levantados do chão e transportados para o Vaticano. Durante uma semana Alexandre VI sofreu as maiores agonias, e, ao fim dêsse tempo, Roma teve notícia de que a igreja de Cristo estava sem cabeça visível na terra.

Assim morreu o homem cuja vida criminosa, dissoluta e tristemente célebre, os próprios historiadores da Igreja severamente estigmatizaram.

O nome de Bórgia ficou nefando; contudo, Alexandre VI alguma coisa de bom ordenou sob o seu papado. Hábil, inteligente, protegeu as artes e a literatura. Estêve em Lisboa, quando cardeal, como legado junto dos reis de Portugal e de Aragão, enviado pelo então papa Sixto IV, nas boas graças do qual se insinuara, para regular as desinteligências que existiam entre aquêles dois soberanos relativamente às suas pretensões sôbre Castela. Não foi feliz na missão, incorrendo no desagrado de D. João II; como também, mais tarde, quando papa, promulgou a célebre bula **Inter coetera**, dada sob o anel do pescador no primeiro ano do seu pontificado, a 4 de maio de 1493, na qual dividiu o mundo em dois hemisférios por uma linha imaginária, tirada do pólo ártico ao pólo antártico e passada a cem léguas para o ocidente das ilhas dos Açores e de Cabo Verde.

De tôdas as ilhas e terras firmes, já achadas e que se houvessem de achar, descobertas ou a descobrir, para as bandas do ocidente e meio-dia, fazia mercê e doa-

ção perpétua à Hespanha. As terras do Oriente pertenceriam a Portugal.

É bem conhecida a discussão que desta bula se derivou e que concluiu pelo tratado de Tordesillas, em 7 de junho de 1494, na qual se marcou 370 léguas a ocidente de Cabo Verde a passagem da linha divisória do mundo, convenção que só foi aprovada por bula de 24 de janeiro de 1506, dada pelo papa Júlio II, em tempo de D. Manuel, depois do descobrimento do Brasil.

Alexandre VI limpou os estados papais dos bandidos — exceto do maior de todos que era o duque seu filho, em quem Machiavelli, o célebre sábio florentino, seu professor, depositava, erradamente, as melhores esperanças. Alexandre VI, lutando contra a nobreza poderosa, cativou as benemerências do povo de Roma, como Ricardo III as do de Londres. Contudo, o senso moral sobreleva sempre e tanto, na própria multidão, ao senso interesseiro que à morte do papa correspondeu um quase rugido de execração que ecoou em tôda a cristandade. O seu próprio cadáver foi abandonado nos degraus do átrio de São Pedro.

César Bórgia sobreviveu. A sua constituição atlética opôs resistência eficaz aos estragos do veneno, contra o qual tomou um antídoto, logo que chegou ao Vaticano.

O seu poder, porém, a sua terrível ambição encontraram, finalmente, limite e fim. Um novo papa, encarniçado inimigo da casa dos Bórgias, tomou posse de todos os territórios na conquista dos quais o duque dispendera tanto trabalho e fizera derramar tanto sangue. Prêso e exilado pereceu, finalmente, numa obscura escaramuça nos Pirineus.

O episódio do cêsto de pêssegos e da taça de vinho envenenado, como explicação da morte de Alexandre VI e da queda dos Bórgias, tem sido pôsto em dúvida pela crítica histórica, que não confia inteiramente na justiça dos acasos providenciais; todavia êle, na sua própria inverossimilhança e na contraditória exposição das circunstâncias miúdas que o revestem, desnuda e revela a trama verdadeira dos sucessos e permite formular hipótese aceitável para iluminar o mistério que envolve aquêle trágico fim do papa e da poderosa casa que deixaram na história nome tão desgraçadamente célebre. Examine-se com cuidado a narrativa.

O despenseiro, um criado de íntima confiança, encarregado de guardar o vinho envenenado, e com certeza informado, ou pôsto de sobreaviso, do fim para que era destinado, deixa-o sôbre um aparador, sem resguardo e entregue ao cuidado de um subalterno, ignorante do caso, e retira-se da vila. E para quê? Para buscar uns frutos que apareceram no Vaticano muito oportunamente, de que êle **mais oportunamente ainda** se esqueceu, e pelos quais poderia ir qualquer dos outros criados.

Tendo partido em busca do famoso cêsto de pêssegos não mais volta! Durante a sua ausência o papa chega à vila, pede de beber para refrêsco da violência do passeio, bebe do determinado vinho, fica inconsciente de que o tinha tomado, e espera impaciente que o cardeal Caraffa vá ao Vaticano, e volte trazendo o esquecido talismã.

Quanto mais se examinam êstes fatos, tanto mais claramente êles próprios revelam uma premeditada conspiração.

Aquêle medalhão que era considerado uma proteção para Alexandre VI contra os envenenamentos não foi "esquecido" **por acaso**. Houve alguém que, adrede, desviou dêle o pensamento do seu possuidor, ou talvez mão habilidosa o retirou do seu pescoço sem ser notado. É sabido que nas superstições da época o valor dos talismãs residia no temor que inspiravam e por isso era condição prévia imprescindível eliminá-los para o bom êxito dos atentados.

A mesma influência se exerceu sôbre o procedimento do despenseiro, como igualmente teria influído no criado do papa que o serviu.

Assim, tudo se explica na narrativa coeva do sucedido; e até à circunstância do vinho bebido pelo papa ter sido envenenado por êle próprio sendo inverossímil, ou improvável, assume um significado imaterial, abstrato ou simbólico. Demonstrava-se que a sua morte era originada pelo seu proceder.

O envenenamento dos Bórgias foi, sem dúvida, considerado um **remédio desesperado, mas necessário** pelos homens que viam em perigo as suas próprias vidas. Era tempo já do Sacro Colégio se defender. Êle

tinha visto os seus membros caírem, uns após outros. Até onde chegaria a dizimação? O mais tímido resistiria, vendo a impossibilidade de escapar à sorte fatal. Os Bórgias cometeram o êrro de assustar demasiadamente as suas vítimas.

Não é difícil, assim, preencher as lacunas da história. Vê-se para concentrar numa defesa comum a secreta reunião dos cardeais ameaçados, pressente a resolução de se anteciparem ao seu executor. Concebe-se a peita possível do despenseiro, confidente do papa, para que apenas abandonasse a **vila Corneto**, durante algum tempo, sem intervenção ativa no plano, sem responsabilidade direta no que viesse a suceder, ignorante do que se preparava, podendo garantir a sua inocência na hipótese dum malôgro; era possível assim a sua aquiescência. Forneceram-lhe um pretexto — o cêsto de pêssegos.

Deve atender-se que, mesmo para a época, matar um papa, ainda que fôsse o pior dos papas, era um crime nefando e de inaudita audácia. O direito de legítima defesa não podia ser alegado em semelhante evento.

Era impossível prever como êste desenlace seria recebido pelo povo romano, pelos Estados italianos, pela Europa inteira, na qual Alexandre VI tinha amigos poderosos.

Semelhante feito devia ser disfarçado de forma a poder ser considerado como interferência divina, e por isso se apresentou a morte do assassino astucioso vítima do seu próprio intuito. Por esta forma se explica a urdidura da tragédia cuidadosamente preparada e representada nos jardins da vila do cardeal Corneto naquela tarde de agôsto de 1503.

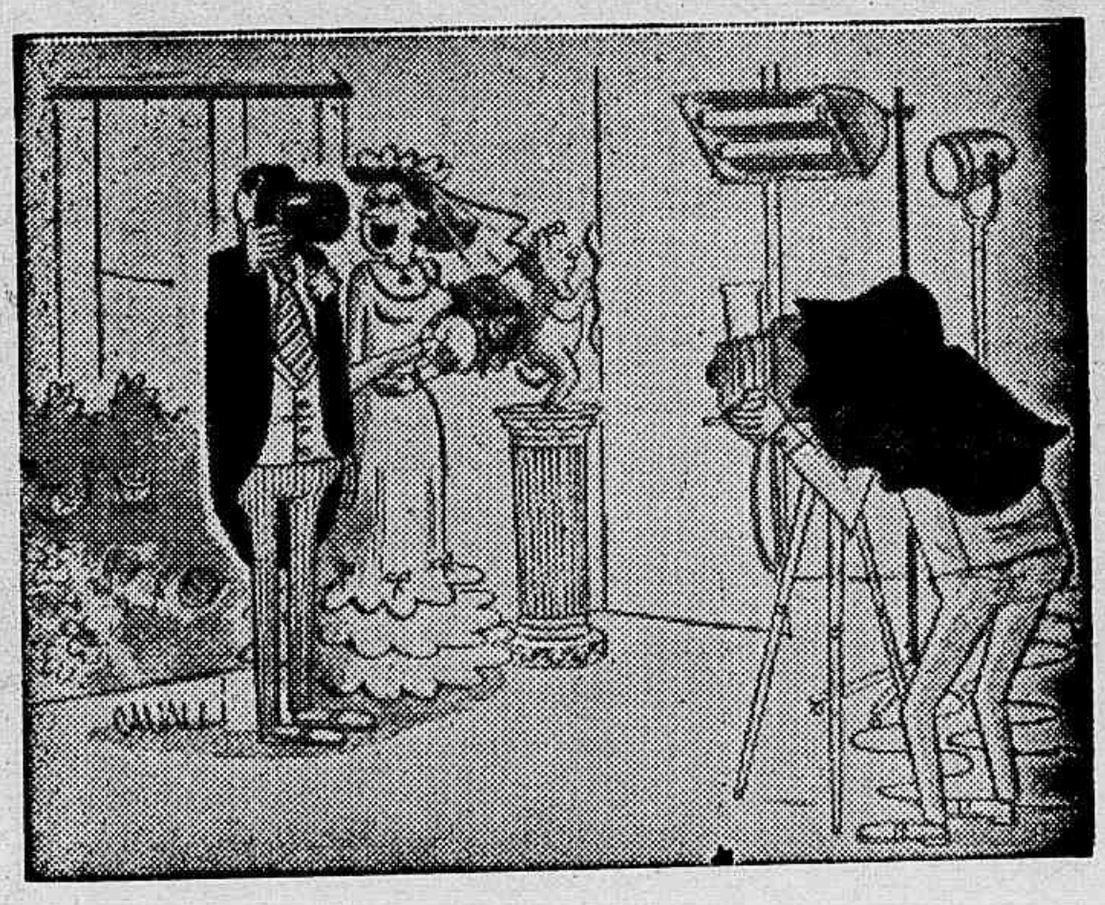
Todavia o mistério, implacável, sinistro, subsiste sempre; e as narrativas do tempo continuarão a ser postas em dúvida, trabalhadas pela crítica na atenta investigação dos documentos e dos testemunhos da história.

★ ★

CURIOSIDADES BRASILEIRAS

AFIRMAM técnicos do Ministério da Agricultura que, com oitenta milhões de animais, a avicultura brasileira é a sexta do mundo, depois das dos Estados Unidos, China, França, Canadá e Inglaterra.

Entretanto, a importância numérica não está em relação com a economia, porquanto os animais, de origem principalmente nacional, são de baixa postura. Os técnicos do Ministério reconhecem que um dos fatôres que retardam a produção avícola brasileira é a falta de alimentos concentrados.



— A propósito, querido, você nunca me disse onde trabalha!

▭ **"Ninguém ignora que o desflorestamento, crescente de um ano para outro, é um dos mais sérios agentes das sêcas prolongadas que açoitam o nordeste do Brasil" — declarou o engenheiro Horácio Peres, referindo-se ao trabalho que acaba de apresentar à FAO sôbre "Política Florestal do Brasil". Infelizmente — acrescentou — não contamos com a organização educacional suscetível de difundir a mentalidade florestal entre os habitantes das zonas rurais, como acontece nos Estados Unidos, Inglaterra e outros países. O consumo de madeira para combustível atinge no Brasil a 81.289.000 metros cúbicos por ano, sendo superior a 604 mil toneladas o pêso da destinada à obtenção de carvão vegetal.**

▭ **Com a finalidade de melhorar a piscicultura, mediante a importação de espécies selecionadas, a Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura encarregou 110.000 ovas embrionadas de truta à Dinamarca. As despesas da operação foram cobertas pela Caixa de Crédito de Pesca, organismo que procura melhorar as condições de vida dos pescadores.**

▭ **No mês de abril de 1955, os embarques brasileiros de café se elevaram a 1.025.394 sacas de 60 quilos, incluindo-se nessa cifra não apenas as quantidades de café pròpriamente exportado como também as que foram embarcadas para outros portos nacionais. O número exato de sacos de café exportados elevou-se a 997.667.**

EU SEI TUDO

N.º 459 — Ano XXXIX N.º 3 — Agôsto — 1955

CORRESPONDÊNCIA

José Costa Oliveira (S. Luís, Maranhão) — A obra não foi editada em livro, sendo pouco provável que isso venha a ser feito — pelo menos nestes próximos meses.

João Fraga (Campos, Estado do Rio) — Sabemos apenas que são inúmeros, ainda hoje os praticantes da medicina hermetista, principalmente na França. Não sabemos, entretanto, da existência de qualquer «Centro Hermetista».

Um pedido e uma oferta aos nossos leitores — O sr. dr. Victor Manuel Pinto, de Arganil, Portugal, recebemos carta em que nos revela seu desejo de escrever contos baseados na vida de portuguêses no Brasil, lutando porém com falta de elementos literários sôbre motivos brasileiros (folclore, motivos regionais, tradições, etc.) e assim solicita de nossa parte a publicação do anúncio abaixo:

«BRINDE — Jovem português, que se encontra interessado em escrever alguns contos sôbre o Brasil, mas que luta com falta de literdatura brasileira para o esclarecer, pede lhe enviem revistas, livros, etc., etc., dando em troca selos para coleção de Portugal e Colônias. Dá um interessante classificador com selos à primeira pessoa que lhe escrever. — Victor Manuel Pinto — Arganil — Portugal.»

Atendemos assim, com todo prazer, ao pedido dêsse nosso distante leitor, esperando que possa êle encontrar inúmeros interessados ao seu apêlo.

SUMÁRIO:

Um já chegava (conto)	5
Curiosidades	9
Cuidado com os que andam dormindo	10
Os gatos da cidade não são bons caçadores de ratos	14
O caso do sr. Waldemar (conto de Edgard Alan Poe)	15
Curiosidades na nossa terra — O Boi Marrequeiro	19
Os mistérios da memória	20
Novas esperanças para os loucos	24
Resolvam seus problemas	25
Visão Mundial — As petrificações sociais da intocabilidade	27
Agora já fizeram isto	34
A fôrça de um juramento (continuação)	35
"Êle"... dentro e fora de casa	43
Um mau verão	43
Explosão na ciência	44
Economia doméstica	50
É a lei	51
Por que dóem as queimaduras	51
Como desenvolver os músculos	51
Dê mais encanto ao seu lar	52
S.O.S. para o seu lar	54
Nebulinas da História — O cêsto de pêssegos	55
Distraia-se com o seu cérebro	61
O maravilhoso Júlio Verne	63
Maria Felix e seu filho	71
O peixe terrível	72
Um homem de recursos (conto)	73
O cemitério violado (Episódio real)	78
O touro e seus rituais	80
Perito em mulheres (conto)	83
Por que não fazem?	86
O diário de Felix Lane (romance, continuação)	87
Memento EU SEI TUDO. — O mundo há sessenta dias	95
Charadas, quebra-cabeças	103
Assassinato previsto (Episódio real)	109
Nos domínios da gramática	110

A CAPA

Se o leitor é sonâmbulo ou tem alguém, na família, que está à mercê dêsses fenômenos, deve ter muito cuidado e procurar ouvir o médico, quanto antes. Sôbre o assunto encontrará artigo minucioso na página 10 da presente edição.